CARLOS CASTANEDA

A ARTE DO SONHAR

RECORD Nova Era - 2ª EDIÇÃO

Carlos Castaneda

A ARTE DO SONHAR

Tradução de
ALVES CALADO

2ª EDIÇÃO

Castaneda, Carlos, 1925-
C341a A arte do sonhar / Carlos Castaneda; tradução de Alves Calado. — 2ª ed. — Rio de Janeiro : Record, 1994.

(Nova Era)

Tradução de: The art of dreaming

1. Juan, Dom, 1891-1975. 2. Índios Yaqui — Religião e mitologia. 3. Sonhos. 4. Magia. 5. Feitiçaria. I. Título.

CDD — 299.792
93-1173 CDU — 299.77

Título original norte-americano
THE ART OF DREAMING

Agradecemos a permissão para reproduzir o seguinte material: "I Have Longed to Move Away", de Dylan Thomas, extraído de *Paems of Dylan Thomas*. Copyright © 1939 by New Directions Publishing Corp. Reprodução autorizada por New Directions Publishing Corp.

Ilustração de capa ISABELA HARTZ

Impresso no Brasil

ISBN 85-01-04109-2

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052 — Rio de Janeiro, RJ — 20922-970

CONTRA CAPA
A ARTE DO SONHAR

Depois de seis anos de silêncio, **Carlos Castaneda** retorna com um livro fascinante que revela o mistério mundo dos espíritos na dimensão do sonhar.

"Somos incrivelmente afortunados por termos os livros de Carlos Castaneda... formam uma obra que se situa entre as melhores já produzidas pela ciência e pela antropologia..."

NEW YORK TIMES

"Castaneda se tornou um dos padrinhos da Nova Era... Ele revela as principais questões do nosso tempo."

LOS ANGELES TIMES

"Castaneda nos obriga a acreditar que Dom Juan é uma das mais extraordinárias figuras da literatura antropológica, um sábio neolítico."

LIFE

"E impossível ver o mundo da mesma maneira após lê-lo... Se Castaneda está certo, existe outro mundo, um mundo às vezes lindo e às vezes assustador."

CHICAGO TRIBUNE

Sumário

Nota do Autor

1. Feiticeiros da Antigüidade: Uma Introdução
2. O Primeiro Portão do Sonhar
3. O Segundo Portão do Sonhar
4. Fixando o Ponto de Aglutinação
5. O Mundo dos Seres Inorgânicos
6. O Mundo das Sombras
7. O Batedor Azul
8. O Terceiro Portão do Sonhar
9. A Nova Área de Exploração
10. Espreitando os Espreitadores
11. O Inquilino
12. A Mulher na Igreja
13. Voando nas Asas do Intento

Nota do Autor

Nos últimos vinte anos escrevi uma série de livros sobre meu aprendizado com o feiticeiro mexicano Dom Juan Matus, um índio yaqui. Contei nesses livros que ele me ensinou feitiçaria, mas não feitiçaria como a entendemos a partir do contexto de nosso mundo cotidiano: usar poderes sobrenaturais sobre os outros, ou atrair espíritos através de encantamentos, rituais ou feitiços visando a produzir efeitos sobrenaturais. Para Dom Juan, feitiçaria era o ato de incorporar alguns princípios especializados, teóricos e práticos, sobre a natureza e o papel que a percepção representa em moldar o universo ao nosso redor.

Seguindo a sugestão de Dom Juan evitei usar uma categoria própria da antropologia, o xamanismo, para classificar esse conhecimento. Durante todo o tempo usei o mesmo termo que ele empregava: feitiçaria. Pensando bem, entretanto, percebi que chamá-lo de feitiçaria obscurece ainda mais o fenômeno já obscuro que ele me apresentou em seus ensinamentos.

Em obras de antropologia, o xamanismo é descrito como um sistema de crenças de alguns povos nativos do norte da Ásia — predominando também entre certas tribos de índios da América do Norte — que afirma a existência de um mundo invisível de antigas forças espirituais, boas e más, ao nosso redor; forças espirituais que podem ser invocadas ou controladas através de atos dos praticantes, que são os intermediários entre os reinos natural e sobrenatural.

Dom Juan era de fato um intermediário entre o mundo natural da vida cotidiana e um mundo invisível, que ele não chamava de sobrenatural, e sim de segunda atenção. Seu papel como professor

era tornar acessível a mim essa configuração que os feiticeiros chamam de segunda atenção. Em meus trabalhos anteriores descrevi seus métodos de ensino com relação a ela, bem como as artes de feitiçaria que ele me fez praticar. A mais importante chamava-se a arte do sonhar.

Dom Juan afirmava que nosso mundo, que acreditamos ser único e absoluto, é apenas um em meio a um conjunto de mundos consecutivos, arrumados como as camadas de uma cebola. Dizia que, apesar de sermos energeticamente condicionados a perceber apenas nosso mundo, ainda temos a capacidade de entrar nessas outras regiões — que são tão reais, únicas, absolutas e envolventes como o nosso mundo.

Dom Juan explicou que, para percebermos essas outras regiões, precisamos não apenas desejá-las. Precisamos de energia suficiente para agarrá-las. Ele dizia que sua existência é constante e independe de nosso conhecimento, mas sua inacessibilidade é totalmente conseqüência de nosso condicionamento energético. Em outras palavras: apenas por causa de nosso condicionamento somos compelidos a presumir que o mundo de nossa vida cotidiana é o único mundo possível.

Acreditando que somente nosso condicionamento energético nos impede de entrar nessas outras regiões, Dom Juan afirmava que os feiticeiros da antigüidade desenvolveram um conjunto de práticas destinadas a recondicionar nossas capacidades energéticas de perceber. Chamavam esse conjunto de práticas de *a arte do sonhar.*

Com a perspectiva proporcionada pelo tempo, percebo agora que a afirmação mais adequada que Dom Juan fez sobre o sonho foi chamá-lo de “portão para o infinito”. Observei, no momento em que ele disse, que a metáfora não tinha qualquer significado para mim.

— Então vamos deixar as metáforas de lado — ele admitiu. — Digamos que sonhar é o meio prático dos feiticeiros utilizarem os sonhos comuns.

— Mas como os sonhos comuns podem ser utilizados? —

perguntei.

— As palavras estão sempre pregando peças — disse ele. — No meu caso, meu professor tentou descrever o que era o sonhar dizendo que era o modo dos feiticeiros dizerem boa-noite ao mundo. É claro que ele estava amoldando sua descrição para que ela se adaptasse mentalmente a mim. Estou fazendo o mesmo com você.

Em outra ocasião Dom Juan me disse:

— Sonhar só pode ser experimentado. Sonhar não é apenas ter sonhos; nem devaneios ou desejos ou imaginação. Sonhando podemos perceber outros mundos, que certamente podemos descrever; mas não podemos descrever o que nos faz percebê-los. No entanto podemos sentir de que modo o sonhar abre essas outras regiões. Sonhar parece uma sensação; um processo em nossos corpos, uma percepção em nossas mentes.

No decorrer de seus ensinamentos gerais, Dom Juan me explicou por completo os princípios, os fundamentos e as práticas da arte do sonhar. Sua instrução foi dividida em duas partes. Uma era sobre os procedimentos de sonhar; a outra sobre as explicações puramente abstratas desses procedimentos. Seu método de ensino era uma interação entre estimular minha curiosidade intelectual com relação aos princípios abstratos de sonhar e guiar-me para que eu buscasse um escoadouro em suas práticas.

Já descrevi tudo isso, com máximo de detalhes de que fui capaz. E também descrevi o ambiente dos feiticeiros, onde Dom Juan me colocou com o objetivo de me ensinar suas artes. Eu tinha um interesse especial pela interação nesse ambiente de feiticeiros, porque ela ocorria totalmente na segunda atenção. Ali eu interagia com as dez mulheres e os cinco homens que eram os companheiros de feitiçaria de Dom Juan; e com os quatro homens jovens e as quatro mulheres jovens que eram seus aprendizes.

Dom Juan reuniu-os imediatamente depois de eu ter entrado em seu mundo. Deixou claro para mim que eles formavam um grupo tradicional de feiticeiros — uma réplica do grupo do qual ele fizera

parte — e que eu deveria liderá-los. Entretanto, trabalhando comigo, Dom Juan percebeu que eu era diferente do que ele esperava. Explicou essa diferença em termos de uma configuração vista apenas pelos feiticeiros: em vez de ter quatro compartimentos de energia, como ele, eu possuía apenas três. Essa configuração, que ele equivocadamente esperava ser uma falha corrigível, tornava-me tão inadequado para liderar ou interagir com aqueles oito aprendizes que se tornou imperativo para Dom Juan reunir outro grupo de pessoas diferentes, mais de acordo com minha estrutura energética.

Já escrevi muito sobre esses eventos. Entretanto nunca mencionei o segundo grupo de aprendizes; Dom Juan não me permitiu. Argumentava que eles estavam exclusivamente no meu campo, e que o acordo que eu tinha com ele era de escrever sobre o seu campo, e não sobre o meu.

O segundo grupo de aprendizes era extremamente compacto. Tinha apenas três membros: uma sonhadora, Florinda Donner; uma espreitadora, Taisha Abelar; e uma mulher nagual, Carol Tiggs.

Interagíamos apenas na segunda atenção. No mundo da vida cotidiana nem mesmo tínhamos uma vaga noção uns dos outros. No relacionamento com Dom Juan, entretanto, nada havia de vago; ele punha um enorme empenho em treinar igualmente todos nós. Mas como o tempo dele estava perto de acabar, a pressão psicológica de sua partida começou a desmoronar as fronteiras rígidas da segunda atenção. O resultado foi que nossa interação começou a escorregar para o mundo das questões cotidianas. E nos encontramos, parece, pela primeira vez.

Nenhum de nós sabia conscientemente de nossa interação árdua e profunda na segunda atenção. Como todos estávamos envolvidos em estudos acadêmicos, terminamos mais do que chocados ao descobrir que já nos havíamos encontrado antes. Claro que, intelectualmente, isso era e ainda é inadmissível para nós; e ainda assim, sabíamos, estava dentro de nossa experiência. Ficamos portanto com o conhecimento inquietante de que a psique humana é

infinitamente mais complexa do que nosso raciocínio mundano ou acadêmico nos levara a acreditar.

Uma vez pedimos a Dom Juan, em uníssono, que esclarecesse nossa situação. Ele disse que tinha duas opções para explicar. Uma era remendar nossa racionalidade ferida, dizendo que a segunda atenção era um estado perceptivo tão ilusório quanto elefantes voando no céu, e que tudo que achávamos ter experimentado naquele estado era simplesmente produto de sugestões hipnóticas. A outra opção era explicá-la de acordo com a compreensão dos feiticeiros sonhadores: como uma configuração energética da consciência.

Durante a realização de minhas tarefas de sonho, entretanto, a barreira da segunda atenção permanecia imutável. Todas as vezes em que eu entrava no sonho também entrava na segunda atenção, e acordar do sonho não significava necessariamente deixar a segunda atenção. Durante anos só podia recordar pequenos pedaços de minhas experiências nos sonhos. O cerne principal do que eu fazia não me estava disponível energeticamente. Demorei quinze anos de trabalho ininterrupto, de 1973 a 1988, até acumular energia bastante para reordenar tudo na minha mente. Então recordei seqüências e mais seqüências de acontecimentos sonhados, e pude preencher enfim alguns aparentes lapsos de memória. Desse modo capturei a continuidade intrínseca das lições de Dom Juan sobre a arte de sonhar; uma continuidade que eu havia perdido porque ele me fazia oscilar entre a consciência de nossa vida cotidiana e a consciência da segunda atenção. Este trabalho é o resultado desse reordenamento.

Tudo isso me traz de volta ao final de minha declaração: o motivo de escrever este livro. Estando de posse da maioria das lições de Dom Juan sobre a arte de sonhar, gostaria de explicar, num trabalho futuro, a posição e o interesse atual de seus quatro últimos alunos: Florinda Donner, Taisha Abelar, Carol Tiggs e eu. Mas antes de descrever e explicar o resultado da liderança e da influência de

Dom Juan sobre nós, devo revisar — à luz do que sei agora — as partes das lições sobre sonhos às quais não tive acesso antes.

Entretanto, o verdadeiro motivo deste trabalho foi dado por Carol Tiggs. Ela acredita que explicar o mundo que Dom Juan nos deixou de herança é a expressão definitiva de nossa gratidão e de nosso compromisso com sua busca.

A ARTE
DO SONHAR

1

FEITICEIROS DA ANTIGÜIDADE: UMA INTRODUÇÃO

Dom Juan enfatizava repetidamente que tudo que estava me ensinando fora imaginado e elaborado por homens aos quais se referia como feiticeiros da antigüidade. Deixou muito claro que havia uma diferença profunda entre aqueles feiticeiros e os feiticeiros dos tempos modernos. Ele categorizava os feiticeiros da antigüidade como homens que existiram no México há talvez milhares de anos antes da conquista espanhola; homens cuja maior realização fora construir as estruturas da feitiçaria, enfatizando o aspecto prático e a concretude. Apresentava-os como homens brilhantes mas que careciam de sabedoria. Os feiticeiros modernos, por outro lado, eram retratados por Dom Juan como homens conhecidos pela mente sadia e pela capacidade de retificar o curso da feitiçaria, caso achem necessário.

Dom Juan explicou que os princípios da feitiçaria relativos ao sonhar haviam sido naturalmente imaginados e desenvolvidos pelos feiticeiros da antigüidade. Como essas premissas são fundamentais na explicação e na compreensão do que é sonhar, preciso escrever sobre elas e discuti-las de novo. A maior parte deste livro, portanto, é uma reintrodução e uma ampliação do que já apresentei em meus trabalhos anteriores.

Durante uma de nossas conversas Dom Juan afirmou que, com o objetivo de avaliar a posição dos sonhadores e do ato de

sonhar, precisamos compreender a luta dos feiticeiros modernos para afastar a feitiçaria da concretude, levando-a em direção ao abstrato.

— O que você chama de concretude, Dom Juan?

— A parte prática da feitiçaria — disse ele. — A fixação obsessiva da mente nas práticas e nas técnicas; a influência desautorizada sobre as pessoas. Tudo que estava no âmbito dos feiticeiros do passado.

— E o que você chama de abstrato?

— A busca de liberdade; liberdade de perceber, sem obsessões, tudo que é humanamente possível. Digo que os feiticeiros de hoje em dia buscam o abstrato porque buscam a liberdade; eles não têm interesse nos ganhos concretos. Não existem funções sociais para eles, como havia para os feiticeiros do passado. De modo que você nunca os verá como os videntes oficiais ou os feiticeiros residentes.

— Quer dizer, Dom Juan, que o passado não tem valor para os feiticeiros modernos?

— Claro que tem valor. É do sabor daquele passado que não gosto. Pessoalmente detesto a escuridão e a morbidez da mente. Gosto da imensidão do pensamento. Entretanto, a despeito do que gosto e do que não gosto, tenho de dar crédito aos feiticeiros da antigüidade, porque foram os primeiros a descobrir e a fazer tudo que conhecemos e fazemos hoje em dia.

Dom Juan explicou que o feito mais importante deles foi perceber a essência energética das coisas. Foi tão importante que se tornou a premissa básica da feitiçaria. Atualmente, depois de toda uma vida de disciplina e exercícios, os feiticeiros adquirem a capacidade de perceber a essência das coisas; uma capacidade que chamam de *ver.*

— O que significaria para mim perceber a essência energética das coisas? — perguntei um dia a Dom Juan.

— Significaria que você percebe a energia diretamente. Separando a parte social da percepção, você perceberá a essência de

tudo. Tudo que percebemos é energia, mas como não podemos perceber energia diretamente, processamos nossa percepção para que ela se adapte a um molde. Esse molde é a parte social da percepção, que você precisa separar.

— Por que preciso separá-la?

— Porque ela reduz deliberadamente o âmbito do que pode ser percebido, e faz com que acreditemos que o molde em que enquadramos nossa percepção é tudo o que existe. Estou convencido de que, para o homem sobreviver agora, a base social de sua percepção deve mudar.

— O que é essa base social da percepção, Dom Juan?

— A certeza física de que o mundo é feito de objetos concretos. Chamo isso de base social porque todo mundo empenha um grande esforço em levar-nos a perceber o mundo do jeito que percebemos.

— Então como deveríamos perceber o mundo?

— Tudo é energia. Todo o universo é energia. A base social de nossa percepção deveria ser a certeza física de que a energia é tudo que existe. Deveria ser realizado um esforço gigantesco para levar-nos a perceber energia como energia. Então teríamos as duas alternativas à mão.

— É possível treinar as pessoas a fazer isso? — perguntei.

Dom Juan respondeu que era possível. E que era precisamente isso que ele estava fazendo comigo e com seus outros aprendizes. Estava nos ensinando um novo modo de perceber; primeiramente fazendo com que notássemos que processamos nossa percepção para adaptá-la a um molde e, em segundo lugar, empurrando-nos para que percebêssemos diretamente a energia. Assegurou-me que esse método era muito parecido com o que é usado para ensinar a perceber o mundo cotidiano.

Dom Juan achava que a armadilha de processar nossa percepção para que se adapte a um molde perde sua força quando percebemos que aceitamos esse molde, como herança de nossos ancestrais, sem nos preocuparmos em examiná-lo.

— Para a sobrevivência de nossos ancestrais deve ter sido absolutamente necessário perceber um mundo de objetos duros, com valores positivos ou negativos — disse Dom Juan. — Depois de eras percebendo as coisas desse modo, somos agora forçados a acreditar que o mundo é feito de objetos.

— Não posso conceber o mundo de outro modo, Dom Juan — reclamei. — Esse é inquestionavelmente um mundo de objetos. Para provar só precisamos tropeçar neles.

— Claro que é um mundo de objetos. Não estamos discutindo isso.

— Então, o que você está dizendo?

— Estou dizendo que em primeiro lugar este é um mundo de energia, e depois um mundo de objetos. Se não partirmos da premissa de que este é um mundo de energia, nunca poderemos perceber a energia diretamente. Seremos sempre impedidos pela certeza física do que acabamos de mostrar: a dureza dos objetos.

Para mim seu argumento era mistificador demais. Naqueles dias minha mente se recusava por completo a considerar qualquer alternativa à compreensão do mundo com a qual eu era familiarizado. As afirmações de Dom Juan e as questões que ele formulava eram propostas exóticas que eu não conseguia aceitar, mas que tampouco podia recusar.

— Nosso modo de perceber é o modo do predador — ele me disse uma ocasião. — Um jeito muito eficiente de avaliar e classificar a comida e o perigo. Mas não é o único jeito que temos de perceber. Há outro modo, aquele com o qual estou familiarizando você; o ato de perceber diretamente a essência de tudo, da própria energia.

"Perceber a essência de tudo irá nos fazer compreender, classificar e descrever o mundo em termos completamente novos, mais emocionantes e mais sofisticados." Isso era o que Dom Juan dizia. E os termos mais sofisticados aos quais aludia eram os que havia aprendido com seus predecessores; termos que correspondiam a verdades da feitiçaria, que não têm fundamento racional nem

qualquer relação com os fatos de nosso mundo cotidiano, mas que são verdades auto-evidentes para os feiticeiros que percebem diretamente a energia, e que *vêem* a essência de tudo.

Para esses feiticeiros o ato mais significativo da feitiçaria é *ver* a essência do universo. A versão de Dom Juan é que os feiticeiros da antigüidade, os primeiros a *ver* a essência do universo, descreveram-na da melhor maneira. Disseram que a essência do universo lembra fios incandescentes, esticados até o infinito em todas as direções concebíveis; filamentos luminosos com uma consciência de si próprios impossível de ser compreendida pela mente humana.

Depois de *ver* a essência do universo, os feiticeiros da antigüidade passaram a *ver* a essência energética dos seres humanos. Dom Juan afirmou que eles descreviam os seres humanos como formas cheias de brilho que lembravam ovos gigantes, e chamavam-nos de ovos luminosos.

— Quando os feiticeiros *vêem* os seres humanos — disse Dom Juan — *vêem* uma gigantesca forma luminosa que flutua fazendo, enquanto se move, um sulco profundo na energia da terra; exatamente como se a forma luminosa tivesse uma raiz que fosse sendo arrastada.

Dom Juan tinha a impressão de que nossa forma energética muda com o correr do tempo. Disse que todo vidente que conhecia, inclusive ele próprio, *via* que os seres humanos tinham mais a forma de bolas ou mesmo de lápides do que de ovos. Mas, de vez em quando, e por algum motivo que desconhecem, os feiticeiros *vêem* uma pessoa cuja energia tem a forma de um ovo. Talvez as pessoas que hoje em dia têm a forma de ovo sejam mais parecidas com as pessoas da antigüidade, foi o que Dom Juan sugeriu.

No transcorrer de seus ensinamentos, Dom Juan discutiu e explicou repetidamente o que ele considerava a descoberta decisiva dos feiticeiros da antigüidade. Chamou-a de característica crucial dos seres humanos, como bolas luminosas: um ponto esférico de brilho intenso, do tamanho de uma bola de tênis, permanentemente

alojado dentro da bola luminosa, emparelhada com sua superfície, cerca de sessenta centímetros atrás da omoplata direita da pessoa.

Como eu tinha dificuldade em visualizar na primeira vez em que Dom Juan descreveu aquilo, ele me explicou que a bola luminosa é muito maior do que o corpo humano; que o ponto de brilho intenso faz parte dessa bola de energia; e que está localizado na altura das omoplatas, à distância de um braço a partir das costas da pessoa. Disse que os antigos feiticeiros deram-lhe o nome de ponto de aglutinação, depois de *ver* o que ele faz.

— O que faz o ponto de aglutinação? — perguntei.

— Faz com que percebamos. Os antigos feiticeiros *viram* que, nos seres humanos, a percepção é aglutinada ali, naquele ponto. Ao *ver* que todos os seres humanos têm um ponto brilhante como esse, os feiticeiros antigos conjecturaram que a percepção em geral deve acontecer naquele ponto, de algum modo pertinente.

— O que os antigos feiticeiros *viram,* fazendo-os concluir que a percepção acontece no ponto de aglutinação?

Ele respondeu que, primeiro, eles *viram* que dos milhões de filamentos de energia do universo que passam pela bola luminosa, apenas um pequeno número passa diretamente através do ponto de aglutinação, como é de se esperar devido ao seu pequeno tamanho em relação ao todo.

Em seguida eles *viram* que um brilho esférico extra, ligeiramente maior do que o ponto de aglutinação, estava sempre rodeando-o, intensificando grandemente a luminosidade dos filamentos que passavam diretamente por aquele brilho.

E finalmente eles *viram* duas coisas. Uma, que o ponto de aglutinação dos seres humanos pode se deslocar do ponto onde está geralmente localizado. E duas, que quando está em sua posição habitual, a percepção e a consciência parecem ser normais, julgando-se pelo comportamento normal dos indivíduos que estão sendo observados. Mas quando seu ponto de aglutinação e a esfera de brilho ao redor estão numa posição diferente da habitual, seu

comportamento incomum parece ser a prova de que sua consciência é diferente, e de que estão percebendo de modo não-familiar.

A conclusão a que os feiticeiros antigos chegaram é que, quanto maior o deslocamento do ponto de aglutinação, mais incomum será o comportamento conseqüente e, claro, a consciência e a percepção conseqüentes.

— Observe que quando falo de *ver,* sempre digo "tendo a aparência de", ou "parecia" — alertou-me Dom Juan. — Tudo que vemos é tão especial que não há como falar a respeito, a não ser comparando com algo que nos seja familiar.

Ele disse que o exemplo mais adequado dessa dificuldade é o modo como os feiticeiros falam do ponto de aglutinação e do brilho que o rodeia. Descrevem-nos como brilho, e no entanto não pode ser brilho, porque são *vistos* sem os olhos. Eles têm de descontar a diferença e dizer que o ponto de aglutinação é um núcleo de luz, e ao redor dele existe um halo, um brilho. Dom Juan lembrou que somos tão visuais, tão regulados por nossa percepção de predador que tudo que *vemos* deve ser descrito em termos do que o olho do predador normalmente vê.

Dom Juan disse que, depois de *verem* o que o ponto de aglutinação e o seu brilho parecem estar fazendo, os feiticeiros antigos tentaram uma explicação. Propuseram que o ponto de aglutinação nos seres humanos, ao concentrar sua esfera brilhante nos filamentos de energia que passam diretamente através dele, automaticamente e sem qualquer premeditação aglutina esses filamentos de energia numa percepção fixa do mundo.

— Como esses filamentos de que você fala são aglutinados numa percepção fixa do mundo? — perguntei.

— É possível que ninguém saiba — ele respondeu enfaticamente. — Os feiticeiros *vêem* o movimento da energia, mas apenas *ver* o movimento da energia não lhes diz como ou por que a energia se move.

Dom Juan afirmou que, ao *ver* que milhões de filamentos de

energia consciente passam através do ponto de aglutinação, os feiticeiros antigos postularam que, ao passar através do mesmo, eles se juntam, reunidos pelo brilho que o rodeia. Depois de *ver* que o brilho é extremamente fraco em pessoas que foram deixadas inconscientes ou que estão em vias de morrer, e totalmente ausentes nos cadáveres, eles se convenceram de que esse brilho é a consciência.

— E quanto ao ponto de aglutinação? Ele está ausente nos cadáveres?

Ele respondeu que não há qualquer traço de um ponto de aglutinação nos mortos, porque o ponto de aglutinação e o brilho ao redor são a marca da vida e da consciência. A conclusão inevitável dos feiticeiros antigos foi que a consciência e a percepção estão juntas e que estão ligadas ao ponto de aglutinação e ao brilho que o rodeia.

— Existe uma chance de que aqueles feiticeiros poderiam estar enganados sobre o que *viam?* — perguntei.

— Não posso explicar por que, mas não há como os feiticeiros se enganarem sobre o que *vêem* — disse Dom Juan num tom que não admitia contestação. — Agora, as conclusões a que eles podem chegar a partir de sua *visão* podem estar erradas, mas isso acontecerá porque eles são ingênuos, não-cultivados. Para evitar esse desastre, os feiticeiros têm de cultivar suas mentes, do jeito que puderem.

Em seguida ele suavizou a voz e disse que, sem dúvida, seria infinitamente mais seguro para os feiticeiros permanecer apenas no nível de descrever o que *vêem,* mas que a tentação de concluir e explicar, ainda que apenas para si próprio, é grande demais para se resistir.

Os efeitos do deslocamento do ponto de aglutinação eram outra configuração energética que os feiticeiros da antigüidade podiam *ver* e estudar. Dom Juan disse que, quando o ponto de aglutinação é deslocado para outra posição, um novo conglomerado de milhões de

filamentos luminosos de energia junta-se naquele ponto. Os feiticeiros antigos *viam* isso e concluíram que, como o brilho da consciência está sempre presente onde quer que esteja o ponto de aglutinação, a percepção é automaticamente aglutinada ali. Entretanto, devido à posição diferente do ponto de aglutinação, o mundo resultante não pode ser o nosso mundo cotidiano. Será outro.

Dom Juan explicou que os feiticeiros antigos eram capazes de distinguir dois tipos de deslocamento do ponto de aglutinação. Um era um deslocamento para qualquer posição na superfície ou no interior da bola luminosa; um deslocamento que chamavam de *mudança* no ponto de aglutinação. O outro era um deslocamento para posições fora da bola luminosa; chamavam-no de *movimento* do ponto de aglutinação. Eles descobriram que a diferença entre uma mudança e um movimento era a natureza da percepção que cada um deles permite.

Como as mudanças do ponto de aglutinação são deslocamentos dentro da bola luminosa, os mundos que eles engendram, não importando o quão bizarros, maravilhosos ou inacreditáveis pudessem ser, ainda eram mundos pertencentes ao domínio humano. O domínio humano são os filamentos que passam através de toda a bola luminosa. Os movimentos do ponto de aglutinação, por outro lado, já que são deslocamentos para posições fora da bola luminosa, captam filamentos de energia que estão além da compreensão; mundos inconcebíveis sem nenhum traço de antecedentes humanos.

Naqueles dias o problema da confirmação representava sempre um papel fundamental em minha mente

— Desculpe, Dom Juan — falei numa ocasião —, mas essa coisa do ponto de aglutinação é uma idéia tão distante, tão inadmissível que não sei como lidar com ela nem o que pensar a respeito.

— Só há uma coisa para você fazer — ele retorquiu. — *Veja* o ponto de aglutinação! Não é tão difícil de ver. A dificuldade está em

romper o muro retentor que todos temos em nossas mentes e que nos mantém no lugar. Para rompê-lo, tudo que precisamos é de energia. Assim que temos a energia, *ver* acontece por si. O truque é abandonar nossa fortaleza de autocomplacência e falsa segurança.

— Para mim é óbvio, Dom Juan, que é preciso de muito conhecimento para *ver*. Não é apenas questão de ter energia.

— É apenas questão de ter energia, pode acreditar. A parte difícil é se convencer de que pode ser feito. Para isso você precisa de confiar no "Nagual". A maravilha da feitiçaria é que todo feiticeiro tem de provar tudo dentro de sua própria experiência. Estou falando sobre os princípios da feitiçaria não com a esperança de que você os memorize, mas com a esperança de que você os pratique.

Sem dúvida Dom Juan estava certo sobre a necessidade de confiar. Nos primeiros estágios dos meus treze longos anos de aprendizado com ele, a coisa mais difícil para mim foi me afiliar ao seu mundo e à sua pessoa. Para mim essa afiliação significava aprender a confiar nele implicitamente e aceitá-lo sem preconceitos como o "Nagual".

O papel de Dom Juan no mundo dos feiticeiros era sintetizado no título que lhe foi concedido pelos seus pares. Ele era chamado de o "Nagual". Foi-me explicado que esse conceito refere-se a qualquer pessoa, homem ou mulher, que possua um tipo específico de configuração energética, que para um vidente aparece como uma bola luminosa dupla. Os videntes acreditam que quando uma dessas pessoas entra no mundo dos feiticeiros aquela carga extra de energia transforma-se numa medida da força e da capacidade de liderança. Assim, o Nagual é o guia natural, o líder de um grupo de feiticeiros.

A princípio, sentir essa confiança por Dom Juan era algo bastante perturbador para mim, quando não completamente odioso. Quando discuti isso com ele, ele me assegurou que para ele também fora igualmente difícil confiar em seu professor.

— Eu disse ao meu professor a mesma coisa que você está me dizendo agora. Ele respondeu que sem confiar no Nagual não há

possibilidade de alívio e, portanto, não há possibilidade de tirar os escombros de nossas vidas para sermos livres.

Dom Juan reiterou o quanto seu professor estivera certo. E eu reiterei meu profundo desacordo. Falei que o fato de ter sido criado num ambiente religioso opressor resultara em efeitos pavorosos em mim. Que as afirmações de seu professor e sua própria concordância me fizeram lembrar do dogma que tive de aprender quando criança, e que eu abominava.

— Parece que você está exprimindo uma crença religiosa quando fala do Nagual — eu disse.

— Você pode acreditar no que quiser — Dom Juan respondeu impávido. — O fato é que sem o Nagual não há jogo. Sei disso, e é o que digo. O mesmo fizeram todos os naguais que vieram antes de mim. Mas eles não o dizem do ponto de vista da auto-importância, nem eu. Dizer que não existe caminho sem o Nagual refere-se totalmente ao fato de que o homem é um Nagual porque pode refletir o abstrato, o espírito, melhor do que os outros. Mas isso é tudo. Nosso elo é com o próprio espírito, e apenas incidentalmente com o homem que nos traz sua mensagem.

Eu aprendi a confiar implicitamente em Dom Juan como o Nagual, e isso, como ele afirmara, trouxe-me uma imensa sensação de alívio, e uma capacidade maior de aceitar o que ele lutava para me ensinar.

Em seus ensinamentos ele colocava grande ênfase em explicar e discutir o ponto de aglutinação. Uma vez perguntei se o ponto de aglutinação tinha alguma coisa a ver com o corpo físico.

— Não tem nada a ver com o que normalmente percebemos como o corpo — disse ele. — Faz parte do ovo luminoso, que é nosso Eu energético.

— Como é que ele se desloca?

— Através de correntes de energia. Golpes de energia, originados fora ou dentro de nossa forma energética. São em geral correntes imprevisíveis que acontecem aleatoriamente, mas no caso

dos feiticeiros são correntes muito previsíveis que obedecem ao seu intento.

— Você pode sentir essas correntes?

— Todo feiticeiro sente. Todo ser humano sente, mas o ser humano médio vive muito preocupado com seus afazeres, para prestar atenção a esse tipo de sentimento.

— Como é a sensação dessas correntes?

— Como um pequeno desconforto; uma sensação vaga de tristeza seguida imediatamente por euforia. Como nem a tristeza nem a euforia têm um fundamento real, nunca as vemos como verdadeiros golpes do desconhecido, e sim como uma melancolia inexplicável e sem fundamento.

— O que acontece quando o ponto de aglutinação move-se para fora da forma energética? Fica pairando do lado de fora? Ou grudado na bola luminosa?

— Ele empurra o contorno da forma energética, sem quebrar as fronteiras de energia.

Dom Juan explicou que o resultado final de um movimento do ponto de aglutinação é uma mudança total na forma energética dos seres humanos. Em vez de uma bola ou um ovo, eles se tornam algo parecido com um cachimbo. A extremidade do cabo é o ponto de aglutinação, e o fornilho do cachimbo é o que sobra da bola luminosa. Se o ponto de aglutinação continuar se movendo, chega um momento em que a bola luminosa torna-se uma fina linha de energia.

Dom Juan prosseguiu explicando que os feiticeiros antigos eram os únicos que realizavam esse feito da transformação da forma energética. E eu perguntei se, em sua nova forma energética, aqueles feiticeiros continuavam sendo homens.

— Claro que continuavam sendo homens. Mas acho que o que você quer saber é se eles ainda eram homens racionais, pessoas confiáveis. Bem, não muito.

— Em que sentido eles eram diferentes?

— Em suas preocupações. Os desejos e as preocupações humanas não tinham qualquer significado para eles. E também tinham uma aparência nova.

— Quer dizer que eles não pareciam homens?

— É muito difícil dizer o que acontecia com aqueles feiticeiros. Eles certamente pareciam homens. Com o quê iriam parecer? Mas não eram o que você ou eu esperaríamos. No entanto, se você me pressionar para dizer em que eram diferentes, vou ficar andando em círculos, como um cachorro caçando o rabo.

— Você já conheceu um desses homens, Dom Juan?

— Conheci um.

— Como ele era?

— Na aparência, uma pessoa normal. O seu comportamento é que era incomum.

— Incomum em que sentido?

— Tudo que posso dizer é que o comportamento do feiticeiro que conheci é algo que desafia a imaginação. Mas colocar como uma questão meramente de comportamento é um equívoco. Na verdade é uma coisa que você precisa ver para avaliar.

— E todos aqueles feiticeiros eram como esse que você conheceu?

— Certamente que não. Não sei como eram os outros, a não ser por histórias de feiticeiros passadas de geração em geração. E essas histórias colocam-nos como bastante esquisitos.

— Você quer dizer monstruosos?

— Não de todo. Dizem que eles eram agradáveis mas extremamente assustadores. Eram mais como criaturas desconhecidas. O que faz a humanidade ser homogênea é o fato de todos sermos bolas luminosas. E aqueles feiticeiros não eram mais bolas de energia, e sim linhas de energia que tentavam curvar-se num círculo fechado, o que eles não conseguiam fazer.

— O que finalmente aconteceu com eles, Dom Juan? Morreram?

— As histórias dos feiticeiros dizem que, como eles conseguiram esticar sua forma, também conseguiram esticar a duração de suas consciências. De modo que estão vivos e conscientes até hoje. Há histórias sobre aparecimentos periódicos na terra.

— O que você acha disso tudo, Dom Juan?

— Para mim é esquisito demais. Eu quero liberdade. Liberdade para manter minha consciência e ainda assim desaparecer na vastidão. Em minha opinião pessoal esses feiticeiros antigos eram homens extravagantes, obsessivos e caprichosos, que se tornaram presa de suas próprias maquinações.

"Mas não deixe que meus sentimentos pessoais o influenciem. Os feitos dos feiticeiros antigos não têm paralelos. No mínimo eles nos provaram que o potencial do homem não é coisa de se menosprezar.

Outro tópico das explicações de Dom Juan era que a uniformidade e a coesão energética eram indispensáveis para o objetivo de perceber. Ele dizia que a humanidade só percebe o mundo do jeito que o percebemos porque compartilhamos a uniformidade e a coesão energética. Dizia que conseguimos automaticamente essas duas condições da energia enquanto somos criados; e que elas são um ponto tão pacífico que não notamos sua importância vital enquanto não ficamos diante da possibilidade de perceber outros mundos diferentes. Nesses momentos torna-se claro que precisamos de uma nova uniformidade e uma nova coesão energética adequadas, para podermos perceber com coerência e totalidade.

Perguntei o que era uniformidade e coesão, e ele explicou que a forma energética do homem tinha uniformidade no sentido de que todo ser humano na terra tem a forma de uma bola ou um ovo. E o fato de que a energia humana aglutina-se na forma de uma bola ou de um ovo prova que ela tem coesão. Ele disse que um exemplo de uma nova uniformidade e uma nova coesão acontecia quando a

forma energética dos feiticeiros antigos se tornava uma linha: cada um deles tornou-se uniformemente uma linha, e coesivamente permaneceu como uma linha. Uniformidade e coesão, num nível linear, permitiu que aqueles feiticeiros antigos percebessem um novo mundo homogêneo.

— Como se adquire a uniformidade e a coesão? — perguntei.

— A chave para isso é a posição do ponto de aglutinação, ou melhor, a fixação do ponto de aglutinação.

Ele não quis prosseguir. Então perguntei se aqueles feiticeiros antigos poderiam ter revertido sua forma linear, para que ela voltasse a ser um ovo. Ele respondeu que até um determinado ponto poderiam, mas que não o fizeram. E então a coesão linear se estabeleceu, e tornou a volta impossível. Ele acreditava que o que realmente cristalizou aquela linha de coesão e impediu que fizessem o caminho de volta foi uma questão de escolha e cobiça. O âmbito das coisas que aqueles feiticeiros podiam perceber e fazer, na forma de linhas de energia, era astronomicamente maior do que um homem comum ou um feiticeiro comum podia fazer ou perceber.

Explicou que o domínio do homem que tem a forma de uma bola de energia abrange os filamentos energéticos que atravessam o espaço contido nas fronteiras da bola. Normalmente não percebemos todo o domínio humano, mas talvez apenas um milésimo. Ele achava que, se levamos isso em consideração, torna-se aparente a enormidade do que os feiticeiros antigos faziam; eles se esticavam numa linha mil vezes maior do que o tamanho de um homem com a forma de bola de energia, e percebiam todos os filamentos de energia que passavam através daquela linha.

Seguindo sua insistência, fiz um esforço gigantesco para compreender o novo modelo de configuração energética que ele me delineava. Finalmente, depois de muito pensar, pude acompanhar a idéia de filamentos de energia dentro e ao redor da bola luminosa. Mas se eu pensasse numa multidão de bolas luminosas o modelo se desmoronava em minha mente. Numa multidão de bolas luminosas,

pensei, os filamentos de energia que estão fora de uma delas estarão por força dentro da que estiver ao lado. De modo que, numa multidão, não poderia haver qualquer filamento de energia fora de alguma bola luminosa.

— Compreender isso tudo não é um exercício racional — ele respondeu depois de ouvir atentamente meus argumentos. — Não tenho como explicar o que os feiticeiros querem dizer com filamentos dentro e fora da forma humana. Quando *vêem* a forma energética humana, eles *vêem* uma única bola de energia. Se há outra bola por perto, ela é *vista* de novo como uma única bola de energia. A idéia de uma multidão de bolas de energia vem de seu conhecimento das multidões humanas. No universo da energia existem apenas indivíduos separados, sozinhos, rodeados pelo ilimitado.

"Você deve *ver* por si mesmo!"

Argumentei então que era inútil me dizer para *ver* por mim mesmo, porque ele sabia que eu não podia. E ele propôs que eu pegasse emprestada sua energia e a usasse para *ver.*

— Como posso fazer isso? Pegar sua energia emprestada?

— Muito simples. Posso fazer seu ponto de aglutinação mudar para outra posição mais adequada para perceber diretamente a energia.

Foi a primeira vez, pelo que me lembro, que ele falou deliberadamente sobre algo que estava fazendo o tempo todo: levando-me a entrar em algum estado de percepção incompreensível, um estado que desafiava minha idéia do mundo e de mim; um estado que ele chamava de segunda atenção. E para fazer com que meu ponto de aglutinação mudasse para uma posição mais adequada a perceber energia diretamente, Dom Juan bateu em minhas costas, entre as omoplatas, com tanta força que me fez perder o fôlego. Pensei que devia ter desmaiado ou que talvez o soco tenha me feito dormir. De súbito eu estava olhando, ou sonhava que estava olhando para algo literalmente além dos mundos. Fios brilhantes de luz vinham de todos os lugares, indo para todos os lugares; fios de luz

que não se pareciam com nada que já tivesse penetrado em meus pensamentos.

Quando recuperei o fôlego, ou quando acordei, Dom Juan me perguntou ansioso:

— O que você *viu?*

E quando respondi, sincero: — Seu soco me fez ver estrelas — ele se dobrou de rir.

Observou que eu ainda não estava pronto para compreender qualquer percepção incomum que pudesse ter tido.

— Fiz seu ponto de aglutinação mudar — ele prosseguiu. — E por um instante você sonhou com os filamentos do universo. Mas você ainda não tem a disciplina ou a energia para rearrumar sua uniformidade e coesão. Os feiticeiros antigos eram mestres consumados nesse rearranjo. Era assim que viam tudo que pode ser *visto* pelo homem.

— O que significa rearranjar a uniformidade e a coesão?

— Significa entrar na segunda atenção mantendo o ponto de aglutinação em seu novo posicionamento, e impedi-lo de voltar à posição original.

Então Dom Juan me deu uma definição tradicional da segunda atenção. Disse que os feiticeiros antigos chamavam de segunda atenção o resultado de fixar o ponto de aglutinação em outros posicionamentos. E tratavam a segunda atenção como uma área de toda atividade inclusiva, do mesmo modo que a atenção do mundo cotidiano é uma área de toda atividade inclusiva. Afirmou que os feiticeiros têm, na verdade, duas áreas completas para suas atividades. Uma pequena, chamada de primeira atenção, ou de consciência de nosso mundo cotidiano ou de fixação do ponto de aglutinação dentro de seu posicionamento habitual. E uma área muito maior, a segunda atenção, ou a consciência de outros mundos, a fixação do ponto de aglutinação em cada um dos incontáveis novos posicionamentos.

Dom Juan me ajudou a explicar coisas inexplicáveis na

segunda atenção através do que ele chamou de manobra do feiticeiro: batendo em minhas costas suavemente ou dando um forte soco na altura de minhas omoplatas. Explicou que com seus golpes ele deslocava meu ponto de aglutinação. A partir de meu ponto de experimentação, esses deslocamentos significavam que minha consciência costumava entrar num estado extremamente perturbador de clareza sem igual; um estado de superconsciência, do qual eu desfrutava por pequenos espaços de tempo, e onde eu podia compreender tudo com preâmbulos mínimos. Não era exatamente um estado agradável. Na maior parte das vezes era como um sonho estranho, tão intenso que a consciência normal empalidecia em comparação.

Dom Juan justificou a indispensabilidade dessa manobra dizendo que na consciência normal um feiticeiro ensina aos seus aprendizes conceitos e procedimentos básicos, e que na segunda atenção ele dá explicações abstratas e detalhadas.

Geralmente os aprendizes não se recordam dessas explicações, ainda que, de algum modo, guardem-nas intactas na memória. Parece que os feiticeiros vêm usando essa aparente peculiaridade da memória, e transformaram a lembrança de tudo que lhes acontece na segunda atenção em uma das tarefas tradicionais mais difíceis e complexas da feitiçaria.

Os feiticeiros explicam essa aparente peculiaridade da memória — e a tarefa de recordá-la — dizendo que toda vez que alguém entra na segunda atenção o ponto de aglutinação está num posicionamento diferente. Lembrar, então, significa recolocar o ponto de aglutinação no posicionamento exato que ele ocupava quando ocorreram aquelas entradas na segunda atenção. Dom Juan me assegurou que os feiticeiros não apenas têm lembrança total e absoluta: através desse ato de levar de volta seu ponto de aglutinação para aqueles posicionamentos específicos eles revivem cada experiência que tiveram na segunda atenção. Também me assegurou que os feiticeiros dedicam toda uma vida a essa tarefa de

recordar.

Na segunda atenção Dom Juan me deu explicações muito detalhadas sobre feitiçaria, sabendo que a precisão e a fidelidade desse ensino permaneceriam comigo, fielmente intactas, por toda a vida.

Sobre essa fidelidade ele disse:

— Aprender alguma coisa na segunda atenção é mais ou menos como o que aprendemos na infância. Permanece por toda a vida. "É minha segunda natureza", dizemos sobre as coisas que aprendemos muito cedo na vida.

Julgando a partir de minha posição atual, percebo que Dom Juan me fez entrar na segunda atenção, o máximo de vezes que pôde, para me forçar a manter, por longos períodos, novos posicionamentos de meu ponto de aglutinação e perceber coerentemente estando neles; isto é, ele buscava forçar-me a rearranjar minha uniformidade e minha coesão.

Vezes incontáveis consegui perceber tudo com tanta exatidão quanto percebo no mundo cotidiano. Meu problema era a incapacidade de fazer uma ponte entre meus atos na segunda atenção e minha consciência do mundo cotidiano. Custou-me muito esforço e muito tempo compreender o que é a segunda atenção. Não tanto por sua complexidade e complicação, que são realmente extremas, mas porque, assim que voltava à consciência normal, eu achava impossível não somente lembrar que havia entrado na segunda atenção: eu nem mesmo recordava que esse estado existia.

Outro feito monumental dos feiticeiros antigos, segundo Dom Juan, foi descobrir que o ponto de aglutinação se desloca facilmente durante o sono. Essa descoberta levou a outra: que os sonhos estão totalmente associados a esse deslocamento. Os feiticeiros antigos *viram* que, quanto maior o deslocamento, mais incomum o sonho, e vice-versa: quanto mais incomum o sonho, maior o deslocamento. Dom Juan disse que essa observação levou-os a criar técnicas extravagantes para forçar o deslocamento do ponto de aglutinação,

como ingerir plantas que produziam estados alterados de consciência; ou submetendo-se a situações de fome, cansaço ou tensão; e especialmente controlando os sonhos. Desse modo, e talvez sem nem mesmo saber, eles criaram a arte de sonhar.

Um dia, enquanto caminhávamos pela praça da cidade de Oaxaca, Dom Juan me deu a definição mais coerente do sonhar, segundo o ponto de vista de um feiticeiro.

— Os feiticeiros vêem o sonhar como uma arte extremamente sofisticada. A arte de deslocar à vontade o ponto de aglutinação com o objetivo de ampliar o âmbito do que pode ser percebido.

Disse que os feiticeiros antigos ancoraram a arte de sonhar em cinco condições que eles *viram* no fluxo de energia dos seres humanos.

Um, eles *viram* que apenas os filamentos de energia que passam diretamente através do ponto de aglutinação podem ser aglutinados em percepções coerentes.

Dois, *viram* que, se o ponto de aglutinação é deslocado para outro posicionamento — não importando que fossem deslocamentos minúsculos — filamentos de energia diferentes e estranhos começaram a passar através dele, envolvendo a consciência e forçando a aglutinação desses campos de energia estranhos numa percepção fixa e coerente.

Três, eles *viram* que, no decorrer dos sonhos comuns, o ponto de aglutinação facilmente se desloca sozinho para outro posicionamento na superfície ou no interior do ovo luminoso.

Quatro, *viram* que o ponto de aglutinação pode ser movimentado para posicionamentos fora do ovo luminoso, para os filamentos de energia do universo exterior.

E cinco, eles *viram* que, através de disciplina, é possível cultivar e realizar, no decorrer do sono e dos sonhos comuns, um deslocamento sistemático do ponto de aglutinação.

2

O PRIMEIRO PORTÃO DO SONHAR

Como preâmbulo à sua primeira lição sobre sonhar, Dom Juan falou sobre a segunda atenção como um desenvolvimento. Começa com a idéia que nos vem mais como uma curiosidade do que como uma possibilidade real; transforma-se em algo que só pode ser sentido, como uma sensação; e finalmente evolui para um estado de ser, ou uma região de praticalidades, ou uma força superior que nos abre mundos além de nossas fantasias mais desvairadas.

Os feiticeiros têm duas opções para explicar a feitiçaria. Uma é falar em termos metafóricos, e contar sobre um mundo de dimensões mágicas. Outra é explicar suas atividades em termos abstratos, próprios da feitiçaria. Eu sempre preferi a última, apesar de nenhuma das duas opções jamais satisfazer a mente racional de um ocidental.

Dom Juan me disse que, ao descrever metaforicamente a segunda atenção como um desenvolvimento, ele queria dizer que, sendo um subproduto do deslocamento do ponto de aglutinação, a segunda atenção não é algo que aconteça naturalmente: deve ser intencional, vendo-a de início como uma idéia e terminando por percebê-la como uma consciência fixa e controlada do deslocamento do ponto de aglutinação.

— Vou ensinar a você o primeiro passo para o poder — disse Dom Juan, iniciando sua instrução sobre a arte de sonhar. — Vou

ensinar como estabelecer o sonhar.

— O que significa estabelecer o sonhar?

— Significa ter um comando preciso e prático sobre a situação geral de um sonho. Por exemplo, você pode sonhar que está em sua sala de aula. Estabelecer o sonhar significa que você não deixa o sonho virar outra coisa. Você não salta da sala de aula para as montanhas, por exemplo. Em outras palavras, você controla a visão da sala de aula, e não deixa que ela desapareça enquanto você quiser.

— Mas é possível fazer isso?

— Claro que é possível. Esse controle não é diferente do controle que temos sobre qualquer situação em nossas vidas cotidianas. Os feiticeiros estão acostumados com ele e conseguem-no sempre que desejem ou precisem. Para se acostumar com ele você deve começar a fazer uma coisa bastante simples. Esta noite, em seus sonhos, você deve olhar para as mãos.

Não falamos muito mais sobre isso na consciência de nosso mundo cotidiano. Em minhas recordações das experiências na segunda atenção, entretanto, descobri que tivemos uma troca mais do que extensiva. Por exemplo, eu expressei meus sentimentos sobre o absurdo da tarefa, e Dom Juan sugeriu que eu deveria encará-la em termos de uma busca divertida, em vez de solene e mórbida.

— Seja tão pesado quanto quiser ao falarmos sobre sonhar — disse ele. — As explicações sempre pedem pensamentos profundos. Mas quando estiver sonhando, seja tão leve quanto uma pena. Sonhar tem de ser feito com integridade e seriedade, mas no meio de risos e com a confiança de quem não tem qualquer preocupação. Somente nessas condições nossos sonhos podem se transformar no sonhar.

Dom Juan me assegurou que havia escolhido aleatoriamente minhas mãos para que eu olhasse nos sonhos, e que seria válido olhar para qualquer outra coisa. O objetivo do exercício não era descobrir uma coisa específica, mas empenhar minha atenção sonhadora.

Dom Juan descreveu a atenção sonhadora como o controle que adquirimos sobre nossos sonhos depois de fixar o ponto de aglutinação em qualquer posicionamento novo para o qual ele tenha se deslocado durante os sonhos. Em termos mais gerais, ele chamava a atenção sonhadora de uma faceta incompreensível da consciência, que existe por si, esperando o momento de atraí-la, um momento em que lhe daremos um objetivo, uma faculdade oculta que todos nós temos em reserva, mas que nunca temos a oportunidade de usar.

As primeiras tentativas de procurar minhas mãos no sonho foram um fiasco. Depois de meses de esforços malsucedidos desisti e reclamei de novo com Dom Juan sobre o absurdo dessa tarefa.

— Existem sete portões — ele disse em resposta. — E os sonhadores precisam abrir todos eles, um de cada vez. Você está diante do primeiro portão que precisa ser aberto caso deseje sonhar.

— Por que você não me disse isso antes?

— Teria sido inútil falar sobre os portões do sonhar antes de você bater de cabeça contra o primeiro. Agora você sabe que há um obstáculo e que precisa superá-lo.

Dom Juan explicou que há entradas e saídas no fluxo de energia do universo, e que no caso específico do sonhar há sete entradas experimentadas como obstáculos, que os feiticeiros chamam de sete portões do sonhar.

— O primeiro portão é o limiar que precisamos atravessar tornando-nos conscientes de uma sensação particular antes do sono profundo. Uma sensação como um peso agradável que não nos deixa abrir os olhos. Chegamos a esse portão no instante em que nos conscientizamos de que estamos caindo no sono, suspensos na escuridão e na sensação de peso.

— Como me conscientizo de que estou caindo no sono? Existem etapas a seguir?

— Não. Não existem etapas a seguir. Só precisamos intentar que temos consciência de estar caindo no sono.

— Mas, como se intenta que estamos conscientes disso?

— É muito difícil se falar a respeito do intento. Eu, ou qualquer outra pessoa, pareceria idiota tentando explicar. Pense nisso quando ouvir o que tenho a dizer em seguida: simplesmente intentando, os feiticeiros intentam alguma coisa que os coloca no intento.

— Isso não significa nada, Dom Juan.

— Preste muita atenção. Algum dia vai ser sua vez de explicar. A afirmação parece sem sentido porque você não a está colocando no contexto adequado. Como qualquer pessoa racional, você pensa que compreender está unicamente no âmbito da razão, de sua mente.

"Para os feiticeiros, como a afirmação que fiz tem a ver com o intento e com intentar, compreendê-la está no âmbito da energia. Os feiticeiros acreditam que, se intentarmos essa afirmação para o corpo energético, o corpo energético irá entendê-la em termos inteiramente diferentes dos termos da mente. O truque é buscar o corpo energético. Para isso você precisa de energia.

— Em que termos o corpo energético entenderia essa afirmação, Dom Juan?

— Em termos de um sentimento corporal, o que é difícil de descrever. Você precisa experimentar, para saber o que estou dizendo.

Pedi uma explicação mais precisa, mas Dom Juan bateu nas minhas costas e me fez entrar na segunda atenção. Aquilo ainda era algo totalmente misterioso para mim. Eu poderia ter jurado que seu toque me hipnotizou. Acreditei que ele tinha instantaneamente me colocado para dormir, e sonhei que me vi andando com ele numa avenida larga, ladeada por árvores, em alguma cidade desconhecida. Foi um sonho tão nítido, e eu estava tão consciente de tudo, que imediatamente tentei me orientar lendo os letreiros e olhando as pessoas. Definitivamente não era uma cidade onde se falava inglês ou espanhol, mas era uma cidade ocidental. As pessoas pareciam ser do norte da Europa, talvez lituanas. Fiquei absorvido tentando ler cartazes e sinalizações de trânsito.

Dom Juan me cutucou levemente.

— Não se preocupe com isso. Não estamos em nenhum lugar

identificável. Só emprestei minha energia para que você alcançasse seu corpo energético, e com isso atravessamos para outro mundo. Isso não vai durar, então use seu tempo com sabedoria. Olhe para tudo, mas sem ser óbvio. Não deixe que ninguém o perceba.

Andamos em silêncio. Foi uma caminhada de um quarteirão, e que teve um efeito notável sobre mim. Quanto mais andávamos, maior minha sensação de ansiedade visceral. Minha mente estava curiosa, meu corpo alarmado. Tinha a compreensão claríssima de não estar neste mundo. Quando chegamos a uma esquina e paramos de andar, vi que as árvores da rua haviam sido cuidadosamente podadas. Eram árvores baixas com folhas enroladas e de aparência dura. Cada árvore tinha um grande espaço quadrado para receber água. Não havia ervas daninhas nem lixo naqueles espaços, como se vê ao redor das árvores nas cidades. Somente uma terra fofa, preta como carvão.

No momento em que focalizei os olhos na esquina, antes de dar o passo para atravessar a rua, percebi que não havia carros. Tentei desesperadamente olhar as pessoas ao redor, para descobrir alguma coisa que explicasse minha ansiedade. Elas me olharam de volta. Num instante um círculo de olhos duros, azuis e castanhos, havia-se formado ao nosso redor.

Uma certeza me golpeou como um soco: isso não era absolutamente um sonho; estávamos numa realidade além do que conheço como real. Virei-me para encarar Dom Juan. Naquele momento eu estava para perceber o que havia de diferente com aquelas pessoas, mas um vento estranho e seco que veio direto às minhas narinas bateu em meu rosto, borrou minha visão e me fez esquecer o que queria dizer a Dom Juan. No instante seguinte voltei ao lugar onde tudo começara: a casa de Dom Juan. Estava deitado num colchão de palha, encolhido de lado.

— Emprestei minha energia e você alcançou seu corpo energético — Dom Juan disse num tom casual.

Ouvi que ele estava falando, mas eu me sentia tonto. Uma coceira estranha em meu plexo solar fazia com que eu respirasse

entrecortado. Eu sabia que estivera em vias de descobrir alguma coisa transcendental sobre o sonhar e sobre as pessoas que vira, e no entanto não conseguia colocar em foco o que quer que soubesse.

— Onde nós estávamos, Dom Juan? — perguntei. — Foi um sonho? Um estado hipnótico?

— Não foi um sonho — ele respondeu. — Foi o sonhar. Ajudei-o a alcançar a segunda atenção, para que você compreendesse o intento, não como um tema para o seu raciocínio, mas para seu corpo energético.

"Nesse ponto você ainda não pode compreender a importância disso tudo, não só porque não tem energia suficiente, mas também porque não está intentando nada. Se estivesse, seu corpo energético compreenderia de imediato que o único modo de intentar é concentrando seu intento naquilo que você deseja intentar. Dessa vez concentrei-o, para você, em alcançar seu corpo energético.

— O objetivo de sonhar é intentar o corpo energético? — perguntei, subitamente com o poder de um raciocínio estranho.

— Pode-se colocar desse modo — ele disse. — Neste caso em especial, já que estamos falando sobre o primeiro portão do sonhar, o objetivo de sonhar é intentar que o seu corpo energético torne-se consciente de que você está caindo no sono. Deixe seu corpo energético fazê-lo. Intentar é desejar sem desejar, fazer sem fazer.

"Aceite o desafio de intentar — prosseguiu ele. — Empenhe sua determinação silenciosa, sem qualquer pensamento, em convencer-se de que alcançou o corpo energético e de que é um sonhador. Isso irá automaticamente colocá-lo na posição de estar consciente de que está caindo no sono.

— Como posso me convencer de que sou um sonhador, quando não sou?

— Quando você ouve que precisa se convencer, imediatamente se torna mais racional. Como pode se convencer de que é um sonhador quando sabe que não é? Intentar é as duas coisas: o ato de convencer a si próprio de que é de fato um sonhador, apesar de nunca ter sonhado antes, e o ato de ficar convencido.

— Então eu tenho de dizer a mim mesmo que sou um sonhador e tentar o máximo possível acreditar nisso?

— Não. Intentar é muito mais simples e, ao mesmo tempo, infinitamente mais complexo do que isso. Exige imaginação, disciplina e objetivo. Neste caso, intentar significa que você obtém um conhecimento inquestionavelmente corporal de que é um sonhador. Você sente que é um sonhador com todas as células do corpo.

Dom Juan acrescentou num tom jocoso que ele não tinha energia suficiente para me fazer outro empréstimo para o intento, e que a coisa a fazer era buscar sozinho meu corpo energético. Assegurou-me que intentar o primeiro portão do sonhar era um dos meios descobertos pelos feiticeiros da antigüidade para chegar à segunda atenção e ao corpo energético.

Depois de dizer isso ele praticamente me expulsou de sua casa, ordenando que eu não voltasse até ter intentado o primeiro portão do sonhar.

Voltei para casa. E todas as noites, durante meses, fui dormir intentando com toda a força me conscientizar de que estava caindo no sono e ver minhas mãos nos sonhos. A outra parte da tarefa, convencer-me de que era um sonhador e que havia alcançado o corpo energético, era totalmente impossível.

Então, numa tarde enquanto cochilava, sonhei que estava olhando para minhas mãos. O choque bastou para me acordar. Aquele se mostrou um sonho especial que não pôde ser repetido. Passaram-se semanas e fui incapaz de me conscientizar de que estava caindo no sono ou de encontrar minhas mãos. Comecei a perceber, entretanto, que estava tendo em meus sonhos um vago sentimento de algo que eu deveria ter feito, mas que não conseguia recordar o que fosse. Esse sentimento ficou tão forte a ponto de me acordar constantemente durante a noite.

Quando contei a Dom Juan sobre minhas tentativas fúteis de atravessar o primeiro portão do sonhar, ele me deu algumas diretrizes.

— Pedir que um sonhador encontre um determinado item em seus sonhos é um subterfúgio — disse ele. — A verdadeira questão é conscientizar-se de que está caindo no sono. E, por mais estranho que possa parecer, isso não acontece ordenando-se a ficar consciente de estar caindo no sono, e sim mantendo a visão da coisa que se está procurando no sono.

Disse-me que os sonhadores olham rápida e deliberadamente tudo que está no sonho. Se concentram sua atenção em algo específico, é apenas como um ponto de partida. A partir dali, os sonhadores passam a olhar outros itens do conteúdo do sonho, voltando ao ponto de partida quantas vezes for possível.

Depois de grande esforço realmente encontrei mãos em meu sonho, mas nunca eram minhas. Eram mãos que apenas pareciam me pertencer; mãos que mudavam de forma, tornando-se às vezes quase um pesadelo. Mas o resto do conteúdo dos sonhos estava sempre agradavelmente fixo. Eu quase podia sustentar a visão de qualquer coisa em que focalizasse minha atenção.

A coisa prosseguiu assim durante quatro meses, até um dia em que minha capacidade de sonhar mudou aparentemente por si própria. Eu não tinha feito nada de especial, apesar da determinação constante de me conscientizar de que estava caindo no sono e de encontrar minhas mãos.

Sonhei que estava visitando a cidade onde nasci. Não que a cidade com a qual sonhava se parecesse com aquela onde nasci, mas de algum modo eu tinha a convicção de que era. Tudo começou como um sonho comum, porém bastante vivido. Então a luz do sonho mudou. As imagens tornaram-se mais nítidas. A rua onde eu andava tornou-se notavelmente mais real do que um momento antes. Meus pés começaram a doer. Pude sentir que as coisas eram absurdamente duras. Por exemplo, ao bater contra uma porta, não somente experimentei a dor no joelho que bateu como também fiquei furioso por minha falta de jeito.

Caminhei realisticamente por aquela cidade até ficar exausto. Vi tudo que poderia ver se fosse um turista andando pelas ruas de

uma cidade. E não havia qualquer diferença entre aquela caminhada onírica e as caminhadas que eu dava numa cidade que visitava pela primeira vez.

— Acho que você foi um pouquinho longe demais — Dom Juan disse depois de ouvir meu relato. — Só era necessária a sua consciência de estar caindo no sono. O que você fez é equivalente a derrubar uma parede só para esmagar um mosquito pousado nela.

— Quer dizer, Dom Juan, que eu fiz besteira?

— Não. Mas aparentemente você está tentando repetir algo que fez antes. Quando fiz seu ponto de aglutinação mudar, e nós terminamos naquela cidade misteriosa, você não estava dormindo. Estava sonhando, mas não dormindo. Isso quer dizer que seu ponto de aglutinação não alcançou aquele posicionamento através de um sonho normal. Eu forcei-o a se deslocar.

"Você certamente pode alcançar a mesma posição através de um sonho, mas eu não aconselharia isso, por enquanto.

— É perigoso?

— E como! Sonhar tem que ser uma coisa muito sóbria. Não é possível se dar ao luxo de qualquer movimento em falso. Sonhar é um processo de despertar, de obter controle. Nossa atenção sonhadora deve ser sistematicamente exercitada, porque ela é a porta para a segunda atenção.

— Qual é a diferença entre a atenção sonhadora e a segunda atenção?

— A segunda atenção é como um oceano, e a atenção sonhadora é como um rio que deságua nela. A segunda atenção é estar consciente de mundos inteiros, tão totais quanto o nosso, ao passo que a atenção sonhadora é estar consciente dos itens de nossos sonhos.

Ele enfatizou que a atenção sonhadora é a chave para cada movimento no mundo dos feiticeiros. Disse que entre a imensidão de itens de nossos sonhos existem interferências energéticas reais; coisas que foram postas em nossos sonhos por uma força estranha. Poder encontrá-las e segui-las é feitiçaria.

A ênfase que ele pôs naquelas afirmações foi tamanha que tive de pedir-lhe para explicar. Ele hesitou por um instante antes de responder.

— Os sonhos são, se não uma porta, um alçapão para outros mundos. Assim, os sonhos são vias de duas mãos. Por esse alçapão nossa consciência atravessa para outros reinos; e esses outros reinos mandam batedores para nossos sonhos.

— O que são esses batedores?

— Cargas de energia que se misturam aos itens de nossos sonhos normais. São fluxos de energia estranha que entram em nossos sonhos, e que nós interpretamos como itens familiares ou desconhecidos.

— Desculpe, Dom Juan, mas não consigo achar pé nem cabeça na sua explicação.

— Não consegue porque insiste em pensar nos sonhos em termos que você conhece: como aquilo que acontece conosco durante o sono. E estou insistindo em dar outra versão: o sonho é uma abertura para outras esferas de percepção. Através desse alçapão entram correntes de energias estranhas. A mente — ou o cérebro — capta essas correntes de energias e transforma em partes dos nossos sonhos.

Parou, obviamente para dar à minha mente tempo de absorver o que dizia.

— Os feiticeiros têm consciência dessas correntes de energia estranha — continuou. — Eles percebem-nas e tentam isolá-las dos itens normais de seus sonhos.

— Por que eles as isolam, Dom Juan?

— Porque elas vêm de outras esferas. Se as seguirmos até suas fontes, elas servirão como guias para áreas de um mistério tão grande que os feiticeiros estremecem à simples menção dessa possibilidade.

— Como os feiticeiros as isolam dos itens normais dos seus sonhos?

— Através do exercício e do controle de sua atenção sonhadora.

Num momento, nossa atenção sonhadora as descobre entre os itens de um sonho, concentra-se nelas e então todo o sonho se desmorona, deixando apenas a energia estranha.

Dom Juan se recusou a levar o tema adiante. Voltou a discutir minha experiência e disse que, no todo, tinha de ver meu sonho como minha primeira tentativa genuína, e que isso significava que eu conseguira alcançar o primeiro portão do sonhar.

Em outra discussão, numa outra época, ele trouxe abruptamente o assunto de volta. Disse:

— Vou repetir o que você deve fazer em seu sonho para atravessar o primeiro portão do sonhar. Primeiro deve focalizar sua vista em qualquer coisa que você escolha como ponto de partida. Em seguida vire-se para outros itens e dê olhadas breves. Focalize seu olhar no máximo de coisas que puder. Lembre-se de que, se você olhar rapidamente, as imagens não mudam. Em seguida volte para o item original, o primeiro para o qual você olhou.

— O que significa passar o primeiro portão do sonhar?

— Alcançamos o primeiro portão do sonhar ficando conscientes de que estamos caindo no sono ou tendo, como você teve, um sonho gigantescamente real. Depois de termos alcançado o portão, devemos atravessá-lo podendo manter a visão de qualquer item do sonho.

— Eu quase posso olhar fixo para os itens de meus sonhos, mas eles se dissipam muito rápido.

— É precisamente isso que estou tentando dizer. Para compensar a qualidade evanescente dos sonhos, os feiticeiros inventaram o uso do item ponto de partida. Toda vez que você o isola e olha para ele, recebe um jorro de energia, de modo que no princípio não olhe muitas coisas em seus sonhos. Quatro itens já bastam. Mais tarde você pode alargar o alcance até poder abarcar tudo que quiser, mas assim que as imagens começarem a mudar e você sentir que está perdendo o controle, volte para o item ponto de partida e comece tudo de novo.

— Você acredita que eu realmente cheguei ao primeiro portão do sonhar Dom Juan?

— Chegou, e isso já é muito. Você vai descobrir, enquanto prossegue, como vai ser fácil sonhar agora.

Achei que Dom Juan estava exagerando ou me dando incentivo. Mas ele me assegurou que não.

— A coisa mais espantosa que acontece com os sonhadores — disse ele — é que, ao chegar ao primeiro portão, também chegam ao corpo energético.

— O que, exatamente, é o corpo energético?

— É a contrapartida do corpo físico. Uma configuração fantasmagórica feita de pura energia.

— Mas o corpo físico não é feito também de energia?

— Claro que é. A diferença é que o corpo energético tem apenas aparência, não tem massa. Como é energia pura, ele pode realizar atos além das possibilidades do corpo físico.

— Como o que, por exemplo?

— Como se transportar num instante até os confins do universo. E sonhar é a arte de afinar o corpo energético, de torná-lo flexível e coerente através do exercício gradual.

“Através do sonhar condensamos o corpo energético até que ele se torne uma unidade capaz de perceber. Sua percepção, apesar de afetada por nosso modo normal de perceber o mundo cotidiano, é independente. Tem sua própria esfera.

— O que é essa esfera, Dom Juan?

— Essa esfera é a energia. O corpo energético lida com energia em termos de energia. Existem três modos através dos quais ele lida com a energia nos sonhos. Ele pode perceber a energia enquanto ela flui, pode usar a energia para lançar-se como um foguete até áreas inesperadas, ou pode perceber como percebemos comumente o mundo.

— O que significa perceber a energia enquanto ela flui?

— Significa *ver.* Significa que o corpo energético *vê* a energia diretamente como uma luz, como uma espécie de corrente vibratória ou como uma perturbação. Ou então sente-a como um tranco ou uma sensação que pode ser até dolorosa.

— E quanto ao outro modo do qual você falou, Dom Juan? O corpo energético usando energia como um combustível de foguete.

— Como a energia é a sua esfera, não há problema para o corpo energético usar correntes de energia que existem no universo para impulsioná-lo. Tudo que precisa é isolar essas correntes, e lá se vai ele.

Parou de falar e pareceu indeciso, como se desejasse acrescentar alguma coisa mas não tivesse certeza. Sorriu e, justo quando eu ia começar a fazer uma pergunta, continuou a explicação.

— Já disse antes que, em seus sonhos, os feiticeiros isolam batedores de outras esferas. Seu corpo energético faz isso. Reconhece a energia e vai atrás dela. Mas não é desejável que os feiticeiros fiquem procurando batedores. Eu estava relutando em dizer isso a você, por causa da facilidade com que podemos ficar envolvidos nessa busca.

Em seguida Dom Juan passou rapidamente para outro assunto. Delineou cuidadosamente todo um conjunto de práticas. Na época achei que num determinado nível era tudo incompreensível. Mas em outro era perfeitamente lógico e compreensível. Ele reiterou que alcançar, com controle deliberado, o primeiro portão do sonho é um modo de chegar ao corpo energético. Mas manter esse ganho é uma questão que implicava apenas energia. Os feiticeiros obtêm essa energia reestruturando de modo mais inteligente a energia que possuem e que usam para perceber o mundo cotidiano.

Quando insisti para que Dom Juan explicasse com mais clareza, ele acrescentou que todos nós temos uma determinada quantidade de energia básica. Essa quantidade é toda a energia que possuímos, e usamos toda ela para perceber e lidar com nosso mundo envolvente. Repetiu várias vezes, para enfatizar, que em nenhum lugar existe mais energia para nós, e que, já que nossa energia disponível está ocupada, não sobra nem um pouquinho para qualquer percepção extraordinária como, por exemplo, sonhar.

— Em que ponto isso nos deixa? — perguntei.

— Isso nos deixa tendo que arranjar energia por conta própria,

onde quer que possamos encontrá-la.

Dom Juan explicou que os feiticeiros têm um método de arranjá-la. Eles redistribuem inteligentemente sua energia cortando tudo que considerem supérfluo em suas vidas. Chamam esse método de caminho dos feiticeiros. Em essência o caminho dos feiticeiros, segundo Dom Juan, é uma cadeia de escolhas de comportamento ao lidar com o mundo, escolhas muito mais inteligentes do que aquelas que nossos pais nos ensinaram. Essas escolhas dos feiticeiros destinam-se a recompor nossas vidas alterando nossas reações básicas com relação a estarmos vivos.

— Quais são essas reações básicas?

— Existem dois meios de enfrentar o fato de estarmos vivos — disse ele. — Um é render-se a ele, seja concordando com suas exigências, seja lutando contra elas. Outro é moldando nossa situação particular de vida para que ela se adapte a nossas próprias configurações.

— Podemos realmente moldar nossa situação de vida, Dom Juan?

— Nossa situação particular de vida pode ser moldada para se ajustar às nossas especificações — insistiu Dom Juan. — Os sonhadores fazem isso. Acha uma afirmativa doida? Não é, se você considerar como nós conhecemos pouco nós mesmos.

Disse que seu interesse, como professor, era envolver-se por inteiro com os temas da vida e de estar vivo; isto é, com a diferença entre a vida — como conseqüência de forças biológicas — e o ato de estar vivo — como uma questão cognitiva.

— Quando os feiticeiros falam de moldar nossa situação de vida estão falando de moldar a consciência de estar vivo. Moldando essa consciência podemos conseguir energia suficiente para alcançar e manter o corpo energético, e com ele certamente podemos moldar a direção total e as conseqüências de nossas vidas.

Dom Juan terminou nossa conversa sobre sonhar insistindo para que eu não pensasse meramente no que ele me disse, mas que transformasse seus conceitos num modo factível de vida através de

um processo de repetição. Afirmou que tudo que é novo em nossas vidas, como os conceitos dos feiticeiros que ele estava me ensinando, deve ser repetido até a exaustão, antes que possamos nos abrir para eles. Observou que a repetição é o modo pelo qual nossos progenitores nos socializaram para funcionar no mundo cotidiano.

Enquanto prosseguia meus exercícios de sonhar, consegui a capacidade de ficar completamente consciente de que estava caindo no sono, bem como a capacidade de parar em meio a um sonho para examinar à vontade tudo que fazia parte do conteúdo daquele sonho. Para mim, experimentar aquilo foi nada menos do que um ato miraculoso.

Dom Juan afirmou que, à medida que ganhamos maior controle sobre nossos sonhos, também aumentamos o controle sobre nossa atenção sonhadora. Ele estava certo ao dizer que a atenção sonhadora entra em ação ao ser chamada, quando recebe um objetivo. Ela entrar em ação não é realmente um processo, como normalmente compreendemos um processo: um sistema contínuo de operações ou uma série de ações ou funções que produzem um resultado. É mais parecido com acordar. Uma coisa adormecida que se torna subitamente funcional

3

O SEGUNDO PORTÃO DO SONHAR

Descobri, através de meus exercícios, que um professor do sonhar deve criar uma síntese didática para enfatizar um determinado ponto. Em essência, o que Dom Juan desejava com a primeira tarefa que me deu era exercitar minha atenção sonhadora, concentrando-a nos itens de meus sonhos. Com esse objetivo usou, como ponta de lança, a idéia de ficar consciente de que estava caindo no sono. Seu subterfúgio foi dizer que o único modo de ficar consciente de estar caindo no sono era examinar os elementos dos sonhos.

Percebi, praticamente assim que iniciei meus exercícios de sonhar, que exercitar a atenção sonhadora é o ponto essencial no sonhar. Para a mente, entretanto, parece impossível podermos nos exercitar para ficar conscientes no nível dos sonhos. Dom Juan disse que o elemento ativo desse treinamento é a persistência, e que a mente e todas as suas defesas racionais não podem enfrentar a persistência. Cedo ou tarde, disse ele, as barreiras da mente desmoronam sob seu impacto, e a atenção sonhadora floresce.

Enquanto eu treinava concentrar e manter minha atenção sonhadora nos itens de meus sonhos, comecei a sentir uma auto-confiança peculiar, tão notável que pedi a Dom Juan para comentá-la.

— É o fato de você estar entrando na segunda atenção que lhe dá essa sensação de autoconfiança. Isso pede ainda mais sobriedade

de sua parte. Vá devagar, mas não pare. E, acima de tudo, não fale a respeito. Apenas faça!

Falei que, na prática, eu já havia confirmado o que ele me dissera, que se desse olhadas rápidas para tudo que houvesse num sonho as imagens não se dissolviam. Comentei que a parte difícil é romper a barreira inicial que nos impede de trazer o sonho à atenção consciente. Pedi a Dom Juan que desse sua opinião sobre esse assunto, já que eu acreditava seriamente que essa é uma barreira psicológica criada por nossa socialização, que valoriza o fato de desconsiderarmos os sonhos.

— A barreira é mais do que socialização — ele respondeu. — É o primeiro portão do sonhar. Agora que o ultrapassou, você acha estúpido não podermos parar à vontade e prestar atenção aos itens de nossos sonhos. Essa é uma falsa certeza. O primeiro portão do sonhar tem a ver com o fluxo de energia no universo. É um obstáculo natural.

Dom Juan fez com que eu concordasse que falaríamos sobre sonhar apenas na segunda atenção, e do jeito que ele achasse adequado. Encorajou-me a exercitar, enquanto isso, e prometeu não interferir.

Enquanto adquiria prática em estabelecer o sonho, experimentei repetidamente sensações que eu pessoalmente achei de grande importância, como a sensação de estar rolando para um fosso exatamente na hora em que caía no sono. Dom Juan nunca me disse que essas fossem sensações absurdas, e deixou que as registrasse em minhas anotações. Agora percebo o quanto devo ter parecido absurdo para ele. Hoje, se eu estivesse ensinando a sonhar, desencorajaria totalmente esse comportamento. Dom Juan meramente zombava de mim, chamando-me de egomaníaco disfarçado, que professava estar lutando contra a auto-importância e mesmo assim mantinha um diário meticuloso e superpessoal chamado de “Meus Sonhos”.

Sempre que tinha oportunidade Dom Juan afirmava que a

energia necessária para liberar a atenção sonhadora de sua prisão socializante vinha de redistribuir nossa energia existente. Nada poderia ser mais verdadeiro. O surgimento da atenção sonhadora é um corolário direto da remodelação de nossas vidas. Já que, como disse Dom Juan, não temos como buscar uma fonte externa para reforçar nossa energia, devemos redistribuir nossa energia existente através de qualquer meio disponível.

Dom Juan insistia em que o caminho dos feiticeiros era o melhor jeito de lubrificar, por assim dizer, as engrenagens da redistribuição da energia, e que de todos os itens do caminho dos feiticeiros o mais eficaz é "perder a auto-importância". Ele estava totalmente convencido de que isso é indispensável para tudo que os feiticeiros fazem, e por isso fazia um esforço enorme em guiar todos os seus alunos a cumprir essa exigência. Era de opinião que a auto-importância não é apenas o inimigo supremo dos feiticeiros, mas a nêmesis da humanidade.

O argumento de Dom Juan era que a maior parte de nossa energia vai para o sustento de nossa importância. Isso fica mais óbvio em nossa infinita preocupação com a apresentação do Eu; com o fato de sermos ou não admirados ou amados ou reconhecidos. Ele dizia que, se formos capazes de perder parte dessa importância, duas coisas extraordinárias nos aconteceriam. Uma, libertaríamos nossa energia da tentativa de manter a idéia ilusória de grandeza; e duas, danamos a nós mesmos energia suficiente Para entrar na segunda atenção e vislumbrar a grandeza real do universo.

Demorei mais de dois anos até conseguir focalizar minha atenção sonhadora em qualquer coisa que desejasse. E fiquei tão hábil que sentia como se viesse fazendo aquilo durante toda a vida. O mais misterioso é que eu não podia conceber que um dia não tivera essa capacidade. No entanto, podia lembrar como fora difícil até mesmo pensar nela como uma coisa possível. Ocorreu-me que a capacidade de examinar o conteúdo dos sonhos deveria ser o produto de uma configuração natural de nossos seres, talvez semelhante à

capacidade de andar. Estamos fisicamente condicionados a andar apenas de um modo, com os dois pés. No entanto, precisamos fazer um esforço monumental para aprender a andar.

Essa nova capacidade de olhar rapidamente para os itens de meus sonhos vinha junto com uma insistência irritante em me lembrar para que olhasse os elementos dos sonhos. Eu conhecia minha tendência compulsiva, mas nos sonhos essa compulsividade era tremendamente aumentada. Tornou-se tão evidente que eu não apenas me ressentia de me ouvir insistindo comigo mesmo: comecei a questionar se era realmente compulsividade ou alguma outra coisa. Cheguei a pensar que estava ficando doido.

— Nos meus sonhos eu falo comigo mesmo sem parar, lembrando-me de olhar para as coisas — disse a Dom Juan.

Eu vinha respeitando nosso acordo de só falarmos sobre sonhar quando ele puxasse o assunto. Entretanto achei que aquela era uma emergência.

— Soa como se não fosse você, e sim outra pessoa? — ele perguntou.

— Pensando bem, sim. Nessas horas não pareço ser eu.

— Então não é você. Ainda não é hora de explicar isso. Mas digamos que nós não estamos sozinhos neste mundo. Digamos que existem outros mundos disponíveis para os sonhadores; mundos inteiros. Algumas vezes entidades energéticas vêm desses mundos até nós. Da próxima vez em que se ouvir resmungando consigo mesmo nos sonhos, fique com raiva e grite uma ordem. Diga: Pára com isso!

Entrei em outra arena desafiante: lembrar, em meus sonhos, de gritar aquela ordem. Acho que talvez por ter-me irritado tanto ao me ouvir resmungando, realmente me lembrei de gritar: pára com isso! Os resmungos terminaram instantaneamente e nunca mais se repetiram.

— Todo sonhador experimenta isso? — perguntei a Dom Juan quando o vi de novo.

— Alguns sim — ele respondeu desinteressado.

Comecei uma arenga, dizendo como aquilo tudo tinha sido estranho. Ele me interrompeu, dizendo:

— Agora você está pronto para entrar no segundo portão do sonhar.

Avaliei a oportunidade de buscar respostas para perguntas que eu não pudera fazer. O que experimentei na primeira vez em que ele me fizera sonhar continuava em minha mente. Disse a Dom Juan que eu observava à vontade os elementos de meus sonhos e nunca sentira qualquer coisa nem de longe semelhante, em termos de clareza e detalhe.

— Quando mais penso a respeito — falei — mais intrigante fica. Olhando aquelas pessoas naquele sonho eu senti um medo e uma repulsa impossível de esquecer. O que era aquele sentimento, Dom Juan?

— Em minha opinião, seu corpo energético se agarrou à energia estranha daquele lugar e deitou e rolou. Naturalmente você sentiu medo e repulsa: estava examinando pela primeira vez na vida uma energia alienígena.

“Você tem uma propensão para se comportar como os feiticeiros da antigüidade. No momento em que tem uma chance, deixa seu ponto de aglutinação ir embora. Daquela vez seu ponto de aglutinação se deslocou uma boa distância. O resultado foi que você viajou, como os feiticeiros antigos, para além do mundo que conhecemos. Uma jornada real, mas perigosa.

Deixei de lado o significado de sua afirmação, em nome de meu próprio interesse, e perguntei:

— Será que aquela cidade ficava em outro planeta?

— Você não pode explicar o sonhar através de coisas que sabe ou que suspeita saber. Só posso dizer que a cidade que você visitou não fica neste mundo.

— Onde fica, então?

— Fora deste mundo, claro. Você não é tão estúpido. Essa foi a

primeira coisa que você percebeu. O que o faz andar em círculos é que você não imagina nada fora deste mundo.

— Onde é *fora deste mundo,* Dom Juan?

— Acredite, a característica mais extravagante da feitiçaria é a configuração chamada *fora deste mundo.* Por exemplo, você presumiu que eu estava vendo as mesmas coisas que você. Prova disso é que nunca me perguntou o que eu vi. Você, e apenas você, viu uma cidade e pessoas naquela cidade. Eu não vi nada do tipo. Eu vi energia. De modo que *fora deste mundo* foi uma cidade apenas para você, naquela ocasião.

— Mas então, Dom Juan, não era uma cidade real. Existiu apenas para mim, na minha mente.

— Não. Não é esse o caso. Agora você quer reduzir uma coisa transcendental a uma coisa mundana. Não pode fazer isso. Aquela viagem foi real. Você a viu como uma cidade. Eu vi como energia. Nenhum de nós dois está certo nem errado.

— Minha confusão vem quando você fala das coisas serem reais. Você disse antes que chegamos a um lugar real. Mas, se era real, como podemos ter duas versões dele?

— Simples. Temos duas versões porque tivemos, naquele momento, dois níveis diferentes de uniformidade e coesão. Eu já expliquei que esses dois atributos são fundamentais para a percepção.

— Você acha que eu posso voltar àquela cidade em particular?

— Agora você me pegou. Não sei. Ou talvez saiba mas não possa explicar. Ou talvez possa explicar mas não queira. Você vai ter de esperar e descobrir sozinho qual é o caso.

Recusou-se a continuar discutindo.

— Vamos continuar com nossos negócios — falou. — Você alcança o segundo portão do sonhar quando acorda de um sonho em outro sonho. Você pode ter quantos sonhos queira ou quantos seja capaz de ter, mas deve exercer um controle adequado e não acordar no mundo que conhecemos.

Tive um choque de pânico.

— Está dizendo que eu nunca deveria acordar neste mundo?

— Não, não quis dizer isso. Mas agora que você falou, preciso dizer que é uma alternativa. Os feiticeiros da antigüidade costumavam fazer isso, nunca acordar no mundo que conhecemos. Alguns dos feiticeiros de minha linha também fizeram isso. Certamente que pode ser feito, mas não recomendo. O que desejo é que você acorde naturalmente quando terminar de sonhar. Mas, enquanto está sonhando, quero que sonhe que acordou em outro sonho.

Ouvi-me fazendo a mesma pergunta que fizera na primeira vez em que ele me falou sobre estabelecer o sonhar.

— Mas é possível fazer isso?

Dom Juan obviamente aproveitou minha estupidez e, rindo, repetiu a mesma resposta que havia dado antes:

— Claro que é possível. Esse controle não é diferente do controle que temos sobre qualquer situação de nossas vidas cotidianas.

Rapidamente superei meu embaraço e estava pronto a fazer mais perguntas, mas Dom Juan antecipou-se e começou a explicar características do segundo portão do sonhar; uma explicação que me deixou ainda mais inquieto.

— Existe um problema com o segundo portão — disse ele. — É um problema que pode ser sério, dependendo da tendência do caráter de cada um. Se nossa tendência for para nos entregarmos às coisas ou às situações,poderemos levar um soco no queixo.

— Em que sentido, Dom Juan?

— Pense por um instante. Você já experimentou a alegria exótica de examinar o conteúdo dos seus sonhos. Imagine-se indo de sonho em sonho, olhando tudo, examinando cada detalhe. É muito fácil perceber que podemos afundar em profundezas mortais. Especialmente se somos dados a nos entregar.

— O corpo ou o cérebro não poria um ponto final nisso?

— Se fosse uma situação de sono natural, ou seja, normal, sim. Mas essa não é uma situação normal. Isso é o sonhar. Um sonhador, ao cruzar o primeiro portão, já chegou ao corpo energético. O que realmente atravessa o segundo portão, saltando de sonho em sonho, é o corpo energético.

— Qual é a implicação disso tudo, Dom Juan?

— A implicação é que, ao cruzar o segundo portão, você deve intentar um controle maior e mais sóbrio de sua atenção sonhadora: a única válvula de segurança para os sonhadores.

— O que é essa válvula de segurança?

— Você vai descobrir sozinho que o verdadeiro objetivo do sonhar é aperfeiçoar o corpo energético. Um corpo energético perfeito — entre outras coisas, claro — tem um controle tão grande sobre a atenção sonhadora a ponto de fazer com que o sonho pare quando for preciso. Essa é a válvula de segurança que os sonhadores têm. Não importa o quanto eles se entreguem num determinado momento, sua atenção sonhadora deve fazer com que possam emergir.

Comecei tudo de novo, em outra busca nos sonhos. Dessa vez o objetivo era mais escorregadio do que da primeira, e a dificuldade era ainda maior. Exatamente como acontecera na primeira tarefa, eu não conseguia ter idéia do que fazer. Sentia a suspeita desencorajante de que toda a prática que eu tivera não me ajudaria dessa vez. Depois de incontáveis fracassos desisti e decidi simplesmente continuar a fixar minha atenção sonhadora em todos os itens dos sonhos. A aceitação dessa incapacidade pareceu me dar um impulso, e tornei-me ainda mais capaz de manter a visão de qualquer item de meus sonhos.

Um ano se passou sem qualquer alteração, até que um dia alguma coisa mudou. Enquanto eu olhava uma janela em meu sonho, tentando descobrir se poderia vislumbrar a paisagem fora da sala, alguma força que parecia um vento — que eu senti como um zumbido nos ouvidos — empurrou-me pela janela até o outro lado. Imediatamente antes minha atenção sonhadora tinha sido captada

por uma estrutura estranha ao longe. Parecia um trator. A próxima coisa que eu soube é que estava ao lado dele, examinando-o.

Eu tinha perfeita consciência de estar no sonho. Olhei ao redor para descobrir se poderia dizer de qual janela estivera olhando. A cena era uma fazenda no interior. Não havia qualquer construção à vista. Quis pensar a respeito. Mas a quantidade de máquinas agrícolas ao redor, como se estivessem abandonadas, atraiu toda a minha atenção. Examinei ceifadeiras, tratores, colheitadeiras, arados de disco, debulhadoras. Havia tantas que esqueci meu sonho original. O que eu desejava era me orientar olhando a paisagem ao redor. Havia alguma coisa a distância que parecia um quadro de anúncios perto de alguns postes de telefone.

No instante em que fixei minha atenção no quadro de anúncios passei a estar perto dele. A estrutura de aço do quadro me amedrontou. Era ameaçadora. No quadro havia a figura de um prédio. Li o texto: era o anúncio de um motel. Senti uma certeza peculiar de que estava no Oregon ou no norte da Califórnia.

Procurei outras características do ambiente de meu sonho. Vi montanhas, muito distantes, e alguns morros verdes e arredondados não muito longe. Naqueles morros havia agrupamentos do que, segundo pensei, eram carvalhos da Califórnia. Desejei ser puxado pelos morros verdes, mas o que me puxou foram as montanhas distantes. Fiquei convencido de que eram as Sierras.

Naquelas montanhas minha energia sonhadora me abandonou. Mas antes disso fui puxado por todas as características possíveis. Meu sonho deixou de ser um sonho. Até o ponto em que conseguia perceber, eu estava verdadeiramente nas Sierras, voando sobre ravinas, pedras, árvores, cavernas. Ia das escarpas aos picos das montanhas, até não ter mais impulso e não poder focalizar a atenção sonhadora em nada. Senti que perdia o controle. Finalmente não houve mais paisagem. Apenas escuridão.

— Você chegou ao segundo portão do sonhar — disse Dom Juan quando narrei meu sonho. — Em seguida você deve atravessá-

lo. Atravessar o segundo portão é uma coisa muito séria; requer um esforço extremamente disciplinado.

Eu não tinha certeza se havia realizado a tarefa que ele me propusera, porque na verdade não havia acordado em outro sonho. Perguntei a Dom Juan sobre essa irregularidade.

— O erro foi meu — disse ele. — Eu falei que era preciso acordar em outro sonho, mas queria dizer que é preciso mudar de sonhos de um modo ordenado e preciso, como você fez.

"Com o primeiro portão você gastou um tempo enorme olhando exclusivamente para as mãos. Dessa vez você foi direto para a solução sem se importar em seguir o comando: acordar em outro sonho.

Dom Juan disse que existem dois modos de cruzar o segundo portão do sonhar. Um é acordarem outro sonho, isto é, sonhar que está tendo um sonho e em seguida sonhar que está acordando dele. A outra alternativa é usar os itens de um sonho para disparar outro sonho, exatamente como eu fizera.

Como vinha fazendo o tempo todo, Dom Juan me deixou treinar sem qualquer interferência. E eu corroborei as duas alternativas que ele descrevera. Sonhava que tinha um sonho do qual sonhava que havia acordado. Ou fazia um *zoom,* indo de um item definido, acessível à minha atenção sonhadora imediata, até outro, não tão acessível. Ou entrava numa ligeira variação do segundo processo: olhava para qualquer item de um sonho, mantendo o olhar até que o item mudava de forma e, mudando, puxava-me para outro sonho através de um vórtice cheio de zumbidos. Mas nunca fui capaz de decidir antecipadamente qual dos três processos utilizaria. Meus exercícios de sonhar terminavam sempre quando eu ficava sem energia e finalmente acordava ou caía num sono escuro e profundo.

Tudo corria bem em meus exercícios. A única perturbação era uma interferência peculiar; um choque de medo ou desconforto que comecei a sentir com freqüência cada vez maior. O modo de

descartá-lo era acreditar que tinha a ver com meus horríveis hábitos alimentares ou com o fato de que, naqueles dias, Dom Juan estava me dando uma profusão de plantas alucinógenas, como parte do treinamento. Mas aqueles choques tornaram-se tão freqüentes que precisei pedir o conselho de Dom Juan.

— Agora você entrou na faceta mais perigosa do conhecimento dos feiticeiros — começou ele. — É o puro pavor; um verdadeiro pesadelo. Eu poderia brincar com você e dizer que não mencionei essa hipótese em consideração à sua racionalidade adorada, mas não posso. Nesse ponto temo que você possa achar que está indo às últimas conseqüências.

Dom Juan me explicou solenemente que a vida e a consciência, por serem exclusivamente questão de energia, não são propriedade única dos organismos. Disse que os feiticeiros *viram* que existem dois tipos de seres conscientes perambulando na terra, os orgânicos e os inorgânicos; e que, ao comparar um com o outro, viram que ambos são massas luminosas atravessadas, de todos os ângulos imagináveis, por milhões dos filamentos de energia do universo. São diferentes entre si na forma e no brilho. Os seres inorgânicos são longos, parecidos com velas, porém opacos, enquanto os seres orgânicos são redondos e muito mais brilhantes. Outra diferença digna de nota — que, segundo Dom Juan, os feiticeiros *viram* — é que a vida e a consciência dos seres orgânicos são curtas, porque eles são feitos para o movimento rápido e a pressa, enquanto a vida dos seres inorgânicos é infinitamente mais longa, e sua consciência infinitamente mais calma e profunda.

— Os feiticeiros não tiveram qualquer problema em interagir com eles — prosseguiu Dom Juan. — Os seres inorgânicos possuem o ingrediente crucial para a interação: a consciência.

— Mas esses seres inorgânicos realmente existem? Como você e eu?

— Claro que sim. Acredite, os feiticeiros são criaturas muito inteligentes; sob nenhuma condição brincariam com aberrações da

mente e em seguida achariam que elas fossem reais.

— Por que você diz que eles são vivos?

— Para os feiticeiros, ter vida significa ter consciência. Significa ter um ponto de aglutinação e o brilho de consciência ao redor; essa condição mostra aos feiticeiros que o ser que está à sua frente, orgânico ou inorgânico, é totalmente capaz de perceber. A percepção é vista pelos feiticeiros como a precondição para estar vivo.

— Então os seres inorgânicos também devem morrer. Isso é verdade, Dom Juan?

— Naturalmente. Eles perdem sua consciência exatamente como nós, só que a duração de sua consciência é estonteante.

— Esses seres inorgânicos aparecem para os feiticeiros?

— Com eles, é muito difícil dizer o que é o quê. Digamos que esses seres são atraídos por nós, ou melhor, são compelidos a interagir conosco.

Dom Juan encarou-me atentamente.

— Você não está captando nada — disse no tom de quem estivesse chegando a uma conclusão.

— Para mim é quase impossível pensar nisso racionalmente — falei.

— Eu disse que o assunto iria pôr sua razão à prova. O melhor é suspender o julgamento e deixar que as coisas sigam seu curso, ou seja, que os seres inorgânicos venham até você.

— Está falando sério, Dom Juan?

— Mortalmente sério. A dificuldade com os seres inorgânicos é que sua consciência é muito lenta em comparação com a nossa. Leva anos até um feiticeiro ser percebido pelos seres inorgânicos. De modo que é aconselhável ter paciência e esperar. Cedo ou tarde eles aparecem. Mas não como você ou eu. Eles têm um jeito muito especial de se mostrar.

— Como os feiticeiros os atraem? Eles têm um ritual?

— Bom, certamente não ficam no meio da estrada chamando por eles com voz trêmula à meia-noite, se é o que você quer dizer.

— Então o que fazem?

— Eles os atraem nos sonhos. Eu disse que o que estava envolvido era mais do que atraí-los; através do ato de sonhar os feiticeiros obrigam esses seres a interagir com eles.

— Como os feiticeiros os obrigam através do ato de sonhar?

— Sonhar é manter o posicionamento para o qual o ponto de aglutinação mudou nos sonhos. Esse ato cria uma carga energética especial que atrai a atenção deles. É como isca para peixe; eles vão atrás. Os feiticeiros, ao atravessar os dois primeiros portões do sonhar, lançam a isca para esses seres e obrigam-nos a aparecer.

"Atravessando os dois portões você fez com que eles notassem sua isca. Agora precisa esperar um sinal.

— Que sinal vai ser, Dom Juan?

— Possivelmente o aparecimento de um deles, se bem que parece cedo demais. Sou de opinião que o sinal deles será simplesmente alguma interferência em seu sonhar. Acredito que os choques de medo que você está experimentando atualmente não sejam indigestão, e sim choques de energia mandados pelos seres inorgânicos.

— O que devo fazer?

— Deve medir suas expectativas.

Não entendi o que ele quis dizer, e ele explicou cuidadosa mente que nossa expectativa normal, ao entrarmos em interação com os humanos ou com outros seres orgânicos, é receber uma resposta imediata à nossa solicitação. Os seres inorgânicos, entretanto, são separados de nós por uma barreira gigantesca: a energia que se move a diferentes velocidades. Os feiticeiros devem levar em conta essa diferença, medir suas expectativas e manter a solicitação pelo tempo necessário para que ela seja confirmada.

— Quer dizer, Dom Juan, que a solicitação é a mesma coisa que o treinamento do sonhar?

— Sim. Mas para um resultado perfeito você deve acrescentar ao seu treino o intento de alcançar esses seres inorgânicos. Mandar

para eles um sentimento de poder e de confiança, um sentimento de força, de desprendimento. Evitar a todo custo mandar um sentimento de medo ou de morbidez. Eles já são bastante mórbidos; é desnecessário acrescentar a sua morbidez, para dizer o mínimo.

— Para mim ainda não está claro o modo como eles aparecem aos feiticeiros. Qual é o modo especial como eles se dão a conhecer?

— Algumas vezes eles se materializam no mundo cotidiano, bem na nossa frente. Na maioria das vezes, entretanto, sua presença invisível é marcada por um choque físico; uma espécie de tremor que vem do tutano dos ossos.

— E no sonhar, Dom Juan?

— No sonhar temos o oposto total. Às vezes nós os sentimos como você está sentindo, como um choque de medo. Na maioria das vezes eles se materializam na nossa frente. Como no início do sonhar não temos qualquer experiência, eles podem nos provocar um medo sem tamanho. Um verdadeiro perigo para nós. Através do canal do medo eles podem nos seguir até o mundo cotidiano, com resultados desastrosos.

— Em que sentido, Dom Juan?

— O medo pode se estabelecer em nossas vidas e teríamos de nos desgarrar de tudo para poder lidar com ele. Os seres inorgânicos podem ser piores do que uma peste. Através do medo eles podem facilmente levar-nos à loucura total.

— O que os feiticeiros fazem com os seres inorgânicos?

— Unem-se a eles. Transformam-nos em aliados. Formam associações, criam amizades extraordinárias. Eu as chamo de vastos empreendimentos, onde a percepção representa o papel principal. Somos seres sociais. Buscamos inevitavelmente a companhia da consciência.

"O segredo, com os seres inorgânicos, é não ter medo. E isso deve ser feito desde o início. Temos de mandar para eles um intento de poder e desapego. Nesse intento podemos codificar a mensagem: 'Não tenho medo de você. Venha me ver. Se vier, dou as boas-vindas.

Se não quiser vir, vou sentir sua falta.' Com uma mensagem assim, eles ficarão tão curiosos que certamente irão aparecer.

— Por que eles viriam me procurar, ou por que diabo eu deveria procurá-los?

— Os sonhadores, querendo ou não, buscam em seus sonhos associações com outros seres. Isso pode ser um choque para você, mas os sonhadores automaticamente buscam grupos de seres; nexos de seres inorgânicos, neste caso. Os sonhadores procuram-nos avidamente.

— Isso é muito estranho, Dom Juan. Por que os sonhadores fazem isso?

— Para nós a novidade são os seres inorgânicos. E a novidade para eles é a nossa maneira de cruzar as fronteiras até o seu reino. De agora em diante você deve ter em mente que os seres inorgânicos, com sua consciência soberba, exercem uma tremenda atração sobre os sonhadores e podem facilmente transportá-los para mundos além de qualquer descrição.

"Os feiticeiros da antigüidade usavam-nos, e foram eles que cunharam o nome: aliados. Seus aliados lhes ensinaram a mover o ponto de aglutinação para fora dos limites do ovo, para o universo não-humano. Quando transportam um feiticeiro, eles transportam-no para mundos além do domínio humano.

Enquanto ouvia fui assolado por estranhos medos e dúvidas, que ele captou de imediato.

— Você é um homem religioso até não poder mais — e riu. — Bom, está sentindo o bafo do diabo na nuca. Pense nesses termos sobre o sonhar: sonhar é perceber mais do que acreditamos que é possível perceber.

Enquanto estava acordado eu me preocupava com a possibilidade de os seres inorgânicos realmente existirem. Quando sonhava, entretanto, minhas preocupações conscientes não tinham muita importância. Os choques de medo físico prosseguiram, mas vinham sempre seguidos por uma estranha calma; uma calma que

assumia o controle sobre mim e deixava que eu procedesse como se não tivesse qualquer medo.

Naquela época parecia que todas as viradas na arte de sonhar me aconteciam de súbito, sem aviso. A presença de seres inorgânicos em meus sonhos não foi exceção. Aconteceu enquanto eu sonhava com um circo que conheci na infância. O cenário parecia uma cidade nas montanhas do Arizona. Comecei a olhar as pessoas com a vaga esperança, que sempre sentia, de encontrar de novo as pessoas que vira na primeira vez em que Dom Juan me fizera entrar na segunda atenção.

Enquanto olhava senti um grande choque de nervosismo na boca do estômago; foi como um soco. O choque me distraiu e perdi de vista as pessoas, o circo e a cidade nas montanhas do Arizona. No lugar estavam duas figuras de aparência estranha. Eram finas; menos de trinta centímetros de largura, mas compridas, talvez com dois metros e trinta de altura. Estavam curvadas sobre mim, como duas minhocas gigantes.

Eu sabia que era um sonho, mas também sabia que estava *vendo.* Dom Juan havia discutido o ato de ver em minha consciência normal e na segunda atenção. Apesar de minha incapacidade de fazer a experiência, achava que compreendia a idéia de perceber a energia diretamente. Naquele sonho, olhando as duas aparições estranhas, percebi que estava *vendo* a essência energética de algo inacreditável.

Fiquei bastante calmo. Não me mexi. Para mim a coisa mais notável foi que eles não se dissolveram nem se transformaram em outra coisa. Eram seres coesos, que mantinham sua forma de vela. Alguma coisa neles estava forçando alguma coisa em mim a manter a visão de sua forma. Eu sabia, porque algo estava me dizendo que, se não me mexesse, eles também não se mexeriam.

Tudo terminou num determinado momento, quando acordei assustado. Fui imediatamente envolvido por medos. Uma preocupação profunda tomou conta de mim. Não era uma

preocupação psicológica, mas uma sensação física de angústia, de tristeza sem motivo aparente.

A partir de então as duas formas estranhas apareciam em todas as minhas sessões de sonhar. Chegou a ser como se eu sonhasse apenas para encontrá-los. Eles nunca tentavam se mover em minha direção ou interferir comigo de qualquer modo. Apenas ficavam ali, imóveis, na minha frente, pelo tempo que o sonho durasse. Nunca fiz qualquer esforço de mudar os sonhos, e até mesmo esqueci a busca original de meus exercícios.

Quando finalmente discuti com Dom Juan o que estava acontecendo eu já havia passado meses apenas olhando as duas formas.

— Você está preso numa encruzilhada perigosa — disse Dom Juan. — Não é certo expulsar esses seres, mas também não é certo deixar que eles fiquem. Por enquanto a presença deles é um entrave para o seu sonhar.

— O que devo fazer, Dom Juan?

— Enfrente-os, agora mesmo, no mundo da vida cotidiana, e diga para voltarem mais tarde, quando você tiver mais poder de sonhar.

— Como posso enfrentá-los?

— Não é simples, mas pode ser feito. Basta que você tenha coragem suficiente, o que você tem, claro.

Sem esperar que eu dissesse a ele que não tinha a menor coragem, ele me levou para os morros. Na época ele morava no norte do México e me dera a total impressão de ser um feiticeiro solitário; um velho esquecido por todos e completamente fora da corrente principal das questões humanas. No entanto eu deduzira que ele era inteligente além da conta. E por causa disso estava disposto a ceder ao que acreditava que fossem simples excentricidades.

A esperteza dos feiticeiros, cultivada através de eras, era a marca registrada de Dom Juan. Ele certificava-se de que eu compreendesse tudo que pudesse em minha consciência normal e,

ao mesmo tempo, também se certificava de que eu entrasse na segunda atenção, onde eu compreendia ou pelo menos ouvia apaixonadamente tudo que ele ensinava. Desse modo ele me dividia em dois. Em minha consciência normal eu não podia compreender por que, ou como, estava sempre disposto a levar a sério suas excentricidades. Na segunda atenção tudo fazia sentido.

Ele dizia que a segunda atenção está disponível a todos, mas que o fato de nos agarramos à nossa racionalidade capenga — alguns com mais força do que outros — mantém a segunda atenção fora do alcance. Sua idéia era que o sonhar derruba os muros que rodeiam e isolam a segunda atenção.

No dia em que ele me levou ao deserto de Sonora para encontrar os seres inorgânicos eu estava em minha consciência normal. De algum modo, entretanto, eu sabia que teria de fazer alguma coisa inacreditável.

Caíra uma chuva leve no deserto. A terra vermelha ainda estava úmida e se grudava às solas de borracha dos meus sapatos. Eu tinha de pisar em pedras para limpar os pesados bolos de terra. Andávamos para o leste, subindo em direção aos montes. Quando chegamos a uma estreita ravina entre dois morros, Dom Juan parou.

— Sem qualquer dúvida esse é um lugar ideal para invocar os seus amigos — falou.

— Por que você diz que são meus amigos?

— Eles próprios o escolheram. Quando fazem isso, significa que estão buscando uma associação. Já falei que os feiticeiros formam laços de amizade com eles. Seu caso parece ser um exemplo. E você nem mesmo precisa solicitar.

— Em que consiste essa amizade, Dom Juan?

— Consiste numa troca mútua de energia. Os seres inorgânicos dão sua alta consciência, e os feiticeiros lhes dão sua alta energia. O resultado positivo é uma troca eqüitativa. O resultado negativo é a dependência de ambas as partes.

“Os feiticeiros antigos costumavam amar seus aliados. Na

verdade, eles amavam seus aliados mais do que amavam sua própria espécie. Posso imaginar perigos terríveis nisso.

— O que recomenda que eu faça, Dom Juan?

— Invoque-os. Avalie-os e decida você mesmo o que fazer.

— O que devo fazer para invocá-los?

— Visualize a imagem deles nos sonhos. Eles o saturaram com a presença nos sonhos porque desejam criar na sua mente uma lembrança da forma que possuem. E este é o momento de usar essa lembrança.

Dom Juan me ordenou que fechasse os olhos e os mantivesse fechados. Em seguida guiou-me para que eu sentasse numa pedra. Senti a dureza e o frio da pedra, que era inclinada. Ficou difícil manter o equilíbrio.

— Sente-se aí e visualize a forma deles, até que fique exatamente como eles são nos sonhos — Dom Juan disse em meu ouvido. — Diga quando tiver colocado em foco.

Custou muito pouco tempo e esforço conseguir uma imagem mental completa, como nos sonhos. Não me surpreendeu em absoluto o fato de poder fazê-lo. O que me chocou foi que, mesmo tentando desesperadamente dizer a Dom Juan que os havia visualizado, não conseguia verbalizar as palavras nem abrir os olhos. Eu estava definitivamente acordado. Podia escutar tudo.

Ouvi Dom Juan dizer:

— Agora você pode abrir os olhos.

Abri sem qualquer dificuldade. Eu estava sentado de pernas cruzadas, sobre algumas pedras que não eram as mesmas que sentira ao me sentar. Dom Juan se encontrava logo atrás de mim, à direita. Tentei me virar para encará-lo, mas ele forçou minha cabeça a continuar olhando em frente. E em seguida vi duas figuras escuras, como dois finos troncos de árvore diante de mim.

Fiquei olhando, boquiaberto. Não eram tão altos quanto nos sonhos. Tinham encolhido até metade do seu tamanho. Em vez de formas de luminosidade opaca, eram agora duas hastes

ameaçadoras, condensadas, escuras, quase negras.

— Levante-se e agarre um deles — Dom Juan me ordenou. — E não largue, não importa o quanto ele o sacudir.

Eu definitivamente não queria fazer uma coisa daquelas, mas algum impulso desconhecido me fez levantar contra a vontade. Naquele momento percebi claramente que terminaria fazendo o que ele me ordenara, mesmo não tendo a intenção consciente.

Avancei mecanicamente na direção das duas figuras; meu coração bombeava quase fora do peito. Agarrei a da direita. O que senti foi uma descarga elétrica que quase me fez largar aquela coisa escura.

A voz de Dom Juan chegou como se ele estivesse gritando de uma longa distância:

— Se largar, você está perdido.

Agarrei a figura, que se retorceu e sacudiu-se. Não como um animal maciço, mas como algo fofo e leve, mas fortemente elétrico. Durante um bom tempo rolamos e giramos na areia da ravina. Ela me deu choque após choque de uma corrente elétrica enjoativa. Achei enjoativa porque percebi que era diferente da energia que eu sempre encontrara em nosso mundo cotidiano. Quando batia em meu corpo, a energia cutucava e me fazia gritar e rugir como um animal; não de angústia, mas de uma estranha raiva.

Finalmente aquilo tornou-se uma forma parada, quase sólida, debaixo de mim. Ficou inerte. Perguntei a Dom Juan se o ser inorgânico estava morto, mas não ouvi minha voz.

— Não há a menor chance — disse alguém rindo, alguém que não era Dom Juan. — Você apenas esgotou a carga energética dele. Mas não se levante ainda. Fique aí só mais um instante.

Olhei para Dom Juan com uma pergunta nos olhos. Ele estava me examinando com grande curiosidade. Em seguida ajudou-me a ficar de pé. A coisa escura continuou no chão. Quis perguntar a Dom Juan se aquela figura estava bem. De novo não consegui verbalizar a pergunta. Então fiz uma coisa extravagante. Assumi aquilo tudo

como real. Até aquele momento alguma coisa em minha mente preservava a racionalidade tomando aquilo como um sonho; um sonho induzido pelas maquinações de Dom Juan.

Fui até a figura no chão e tentei levantá-la. Não pude colocar os braços ao redor, porque ela não tinha massa. Fiquei desorientado. A mesma voz, que não era a de Dom Juan, disse-me para deitar sobre o ser inorgânico. Fiz isso, e nós dois nos levantamos num único movimento; o ser inorgânico veio como uma sombra negra agarrada a mim. Ele separou-se gentilmente e desapareceu, deixando-me com um sentimento agradável de completude.

Demorei mais de vinte e quatro horas para recuperar todo o controle sobre minhas faculdades. Dormi a maior parte do tempo. Dom Juan me checava de vez em quando, fazendo a mesma pergunta:

— A energia do ser inorgânico era como fogo ou como água?

Minha garganta parecia ressecada. Não conseguia dizer que os choques de energia que sentira eram como jatos de água eletrificada. Nunca senti jatos de água eletrificada na vida. Não tenho certeza se é possível produzi-los ou senti-los, mas essa era a imagem em meu pensamento sempre que Dom Juan fazia sua pergunta fundamental.

Dom Juan ainda estava dormindo quando eu percebi que estava totalmente recuperado. Sabendo que sua pergunta tinha enorme importância, acordei-o e disse o que sentira.

— Você não vai ter amigos prestativos entre os seres inorgânicos, e sim relacionamentos de dependência incômoda — afirmou. — Seja extremamente cuidadoso. Os seres inorgânicos aquosos são mais dados a excessos. Os feiticeiros antigos acreditavam que eles eram mais amáveis; mais capazes de imitar, ou talvez até mesmo de ter sentimentos. Em oposição aos de fogo que, segundo se achava, eram mais sérios; mais contidos do que os outros, mas também mais pomposos.

— Qual o significado disso tudo para mim, Dom Juan?

— O significado é vasto demais para ser discutido nesse

momento. Minha recomendação é que você expulse o medo dos sonhos e da vida, para salvaguardar sua unidade. O ser inorgânico, do qual você esgotou a energia e em seguida recarregou, quase saiu de sua forma de vela, de tanta emoção. Ele vai voltar pedindo mais.

— Por que não me fez parar, Dom Juan?

— Você não me deu tempo. Além disso, você nem mesmo me ouviu gritando para deixar o ser inorgânico no chão.

— Você deveria ter-me preparado antes para todas as possibilidades, como sempre faz.

— Eu não conhecia todas as possibilidades. Nas questões dos seres inorgânicos sou praticamente um principiante. Recusei essa parte do conhecimento dos feiticeiros porque é muito confusa e caprichosa. Não desejo ficar à mercê de qualquer entidade, orgânica ou inorgânica.

Esse foi o fim de nossa conversa. Eu deveria ter-me preocupado com sua reação claramente negativa, mas não me preocupei. De algum modo tinha certeza de que, o que quer que tivesse feito, estava certo.

Continuei meus exercícios de sonhar sem qualquer interferência por parte dos seres inorgânicos.

4

FIXANDO O PONTO DE AGLUTINAÇÃO

Como nosso acordo era discutir o sonhar apenas quando Dom Juan achasse necessário, eu raramente perguntava a respeito e nunca insistia em continuar minhas perguntas além de um determinado ponto. De modo que estava sempre ansioso para ouvi-lo quando ele decidia entrar no assunto. Seus comentários ou discussões sobre o sonhar invariavelmente se apoiavam em outros tópicos de seus ensinamentos, e surgiam sempre de modo súbito e abrupto.

Um dia estávamos tendo uma conversa sem qualquer relação, enquanto eu o visitava em sua casa, quando sem qualquer preâmbulo ele disse que, através dos contatos de sonho com os seres inorgânicos, os feiticeiros antigos tornaram-se enormemente versados na manipulação do ponto de aglutinação; um tema vasto e soturno.

Imediatamente agarrei a oportunidade e pedi a Dom Juan uma estimativa sobre a época em que os feiticeiros antigos teriam vivido. Eu já fizera a mesma pergunta em várias oportunidades anteriores, mas ele nunca dera uma resposta satisfatória. No entanto eu tinha confiança de que naquele momento, talvez porque ele mesmo puxara o assunto, ele estivesse disposto a me esclarecer.

— Esse é um assunto muito árduo. — O modo como falou me fez acreditar que estava descartando a pergunta. Fiquei bastante surpreso quando ele continuou, dizendo: — Isso vai abalar tanto sua

racionalidade quanto o tópico dos seres inorgânicos. A propósito, o que você acha deles agora?

— Deixei minhas opiniões de lado — falei. — Não consigo ter qualquer idéia.

Minha resposta deliciou-o. Ele riu e comentou sobre seus medos e suas aversões pelos seres inorgânicos.

— Eles nunca foram a minha preferência. Claro, o motivo principal para isso é o meu medo. Não fui capaz de superá-lo quando era preciso, e virou uma coisa fixa.

— Você tem medo deles agora, Dom Juan?

— Não é propriamente medo, e sim repulsa. Não quero nada com eles.

— Existe algum motivo particular para essa repulsa?

— O melhor motivo do mundo: nós somos antíteses. Eles amam a escravidão e eu amo a liberdade. Eles adoram comprar, e eu não vendo.

Fiquei inexplicavelmente agitado e disse bruscamente que o assunto era tão disparatado que não poderia levá-lo a sério. Ele me olhou sorrindo e disse:

— A melhor coisa a fazer com os seres inorgânicos é o que você faz: negar sua existência, mas visitá-los com regularidade e afirmar que está sonhando, e que nos sonhos tudo é possível. Desse modo você não se compromete.

Senti-me estranhamente culpado, mas não poderia imaginar por quê. Fui obrigado a perguntar:

— Do que está falando, Dom Juan?

— De suas visitas aos seres inorgânicos — ele respondeu secamente.

— Está brincando? Que visitas?

— Eu não queria discutir isso, mas acho que está na hora de dizer que a voz que você ouvia, lembrando-o para fixar sua atenção sonhadora nos itens dos sonhos, era a voz de um ser inorgânico.

Achei que Dom Juan estava sendo completamente irracional.

Fiquei tão irritado que gritei com ele. Ele riu e pediu que eu falasse sobre minhas sessões de sonhos incomuns. Esse pedido me surpreendeu. Eu nunca mencionara a ninguém que de vez em quando eu costumava fazer um *zoom,* saindo de um sonho atraído por um determinado item. Mas em vez de mudar de sonho, como deveria, todo o clima do sonho se alterava e eu me via numa dimensão desconhecida. Pairava ali, dirigido por algum guia invisível que me fazia rodar e rodar. Eu sempre acordava desses sonhos ainda girando, e continuava rodando e rodando durante longo tempo até acordar por completo.

— São encontros genuínos que você está tendo com seus amigos inorgânicos — disse Dom Juan.

Não quis discutir com ele, mas também não quis concordar. Fiquei quieto. Havia esquecido minha pergunta sobre os feiticeiros antigos, mas Dom Juan retomou o assunto.

— Pelo que sei os feiticeiros antigos remontam talvez a uns dez mil anos atrás — falou sorrindo e observando minha reação.

Baseando-me nos dados arqueológicos existentes sobre a migração das tribos nômades asiáticas até as Américas, falei que achava que sua datação estava incorreta. Dez mil anos era tempo demais.

— Você tem o seu conhecimento e eu tenho o meu — disse ele. — Meu conhecimento é que os feiticeiros antigos reinaram durante quatro mil anos, de sete mil a três mil anos atrás. Há três mil anos eles foram para o nada. E a partir daí os feiticeiros vêm se reagrupando, reestruturando o que foi deixado pelos antigos.

— Como pode ter tanta certeza sobre as suas datas? — perguntei.

— Como pode ter tanta certeza sobre as suas? — ele retrucou.

Falei que os arqueólogos têm métodos infalíveis para estabelecer a data de culturas antigas. E novamente ele retrucou que os feiticeiros também têm métodos infalíveis.

— Não estou tentando contrariá-lo ou desmenti-lo —

continuou. — Mas algum dia você poderá perguntar a alguém que sabe com certeza.

— Ninguém pode ter certeza disso, Dom Juan.

— Esta é outra coisa impossível de acreditar, mas existe alguém que pode verificar tudo isso. Um dia você vai encontrar essa pessoa.

— Ora, Dom Juan, você tem que estar brincando. Quem pode verificar o que aconteceu há sete mil anos?

— Muito simples: um dos feiticeiros antigos de quem estivemos falando. O feiticeiro que eu conheci. Foi ele quem me contou tudo sobre os feiticeiros antigos. Espero que você se lembre do que vou dizer sobre esse homem. Ele é a chave para muitas das nossas buscas, e você terá de encontrá-lo.

Falei a Dom Juan que estava ligado a cada palavra que ele dizia, ainda que não compreendesse. Ele me acusou de não levá-lo a sério, e de não acreditar numa palavra sobre os feiticeiros antigos. Admiti que em meu estado de consciência cotidiana, claro, eu não acreditava naquelas histórias disparatadas sobre os feiticeiros antigos. Tampouco acreditava quando estava na segunda atenção. Ainda que, lá, eu tivesse uma reação diferente.

— Só fica uma história disparatada quando você avalia o que eu disse — ele observou. — Se você não envolver o seu senso comum, permanece apenas uma questão de energia.

— Por que você disse, Dom Juan, que vou encontrar um dos feiticeiros antigos?

— Porque vai. É fundamental que vocês dois se encontrem algum dia. Mas por enquanto deixe-me contar outra história disparatada sobre um dos naguals da minha linha, o Nagual Sebastian.

Contou que o Nagual Sebastian fora sacristão numa igreja no sul do México, em princípios do século XVIII. Em seu relato Dom Juan enfatizou que os feiticeiros, do passado ou do presente, buscam e encontram refúgio em instituições estabelecidas, como a Igreja. Ele

achava que, devido ao seu superior senso de disciplina, os feiticeiros são empregados de confiança, e que são procurados avidamente por instituições que estão sempre em extrema necessidade desse tipo de pessoa. Dom Juan disse que, enquanto ninguém souber das atividades dos feiticeiros, sua falta de simpatias ideológicas faz com que pareçam trabalhadores exemplares.

Dom Juan continuou sua história e disse que um dia, enquanto Sebastian realizava seus deveres de sacristão, um estranho entrou na igreja, um velho índio que parecia doente. Em voz fraca disse a Sebastian que precisava de ajuda. O Nagual pensou que o índio queria o pároco, mas o homem, num grande esforço, dirigiu-se a ele. Num tom áspero e direto, disse que sabia que Sebastian era não apenas um feiticeiro, mas também um Nagual.

Alarmado pela súbita ocorrência, Sebastian empurrou o índio para o lado e exigiu desculpas. O homem respondeu que não estava ali para se desculpar, e sim para conseguir ajuda especializada. Disse que precisava receber a energia do Nagual para manter sua vida que, segundo assegurou a Sebastian, cobria milhares de anos, mas que no momento estava se desfazendo.

Sebastian, que era um homem inteligente e não estava disposto a prestar atenção àquele absurdo, insistiu que o velho índio parasse de bancar o palhaço. O velho ficou irado e ameaçou expor Sebastian e seu grupo às autoridades eclesiásticas, caso não atendesse à sua exigência.

Dom Juan lembrou que naquela época as autoridades eclesiásticas estavam erradicando brutal e sistematicamente as práticas heréticas entre os índios do Novo Mundo. E a ameaça do homem não poderia ser descartada. O Nagual e seu grupo estavam correndo perigo mortal. Sebastian perguntou ao índio como poderia lhe dar energia. O homem explicou que os naguals, através da disciplina, obtêm uma energia peculiar, que eles guardam nos corpos, e que ele iria captá-la de modo indolor, do centro de energia no umbigo de Sebastian. Em troca Sebastian teria não só a

oportunidade de continuar seus afazeres sem perturbação, mas também receberia um dom de poder.

A consciência de estar sendo manipulado pelo velho índio não foi do agrado do Nagual, mas o homem continuou inflexível e não deixou outra alternativa a não ser concordar com a exigência.

Dom Juan me assegurou que o índio velho não estava exagerando em seus pedidos. Ele era um dos feiticeiros da antigüidade, um dos conhecidos como *desafiadores da morte.* Parece que havia sobrevivido até o presente manipulando seu ponto de aglutinação de um modo que apenas ele sabia.

Dom Juan disse que o que foi trocado entre o sacristão e aquele homem tornou-se mais tarde a base de um acordo unindo todos os seis naguals que seguiam Sebastian. O desafiador da morte manteve a palavra. Em troca da energia de cada um daqueles homens fez uma doação, uma doação de poder. Sebastian teve de aceitar o dom, ainda que com relutância; fora encostado contra a parede e não teve outra escolha. Entretanto os outros naguals que o seguiam aceitaram felizes e orgulhosos os seus dons.

Dom Juan concluiu sua história dizendo que, com o correr do tempo, o desafiador da morte veio a ser conhecido como o *inquilino.* E por mais de duzentos anos os naguals da linha de Dom Juan honraram aquele acordo, criando uma relação simbiótica que mudou o curso e o objetivo final de sua linhagem.

Dom Juan não se preocupou em explicar mais a história, e fiquei com uma estranha sensação de verdade, mais perturbadora do que eu poderia imaginar.

— Como ele pôde viver tanto? — perguntei.

— Ninguém sabe. Tudo que sabemos a seu respeito, durante gerações, é o que ele conta. O desafiador da morte foi a pessoa a quem perguntei sobre os feiticeiros antigos, e ele me disse que chegaram ao auge há três mil anos

— Como sabe que ele estava dizendo a verdade? — perguntei.

Dom Juan balançou a cabeça com espanto, se é que não com

repulsa.

— Quando você está encarando aquele inconcebível desconhecido lá fora — falou apontando para tudo ao redor — não se enrola com mentiras mesquinhas. As mentiras são apenas para pessoas que não testemunharam o que está lá fora, esperando por elas.

— O que nos espera lá fora, Dom Juan?

Sua resposta, aparentemente uma frase inócua, me aterrorizou mais do que se ele houvesse descrito a coisa mais horrenda.

— Algo absolutamente impessoal — falou.

Ele deve ter percebido que eu estava desmoronando. Fez com que eu mudasse os níveis de consciência para que meu medo desvanecesse.

Alguns meses mais tarde minha prática de sonhar deu uma estranha reviravolta. Comecei a obter nos sonhos respostas a perguntas que estava planejando fazer a Dom Juan. A parte mais impressionante dessa esquisitice é que aquilo rapidamente passou a ocorrer nos períodos em que estava acordado. E um dia, sentado à escrivaninha, recebi a resposta a uma pergunta não-verbalizada sobre a realidade dos seres inorgânicos. Eu *vira* tantas vezes os seres inorgânicos em sonhos que começara a pensar neles como coisas reais. Lembrei-me de que havia até mesmo tocado um deles, num estado de consciência seminormal no deserto de Sonora. E meus sonhos haviam sido periodicamente desviados para visões de mundos que eu seriamente duvidava que fossem produtos de minha mentalidade. Queria fazer a Dom Juan uma pergunta absolutamente concisa. De modo que moldei uma questão em pensamento: se aceitarmos que os seres inorgânicos são tão reais quanto as pessoas, onde — na estrutura física do universo — fica o lugar onde eles existem?

Depois de formular a pergunta a mim mesmo ouvi um riso estranho, como o que escutara no dia da luta com o ser inorgânico. Em seguida uma voz de homem me respondeu:

— Esse lugar existe numa posição específica do ponto de aglutinação. Exatamente como o seu mundo existe na posição habitual do ponto de aglutinação.

A última coisa que eu desejava era um diálogo com uma voz sem corpo, de modo que levantei-me da cadeira e saí correndo de casa. Pensei que estava ficando louco. Outro tormento para adicionar à minha coleção.

A voz tinha sido tão clara e autoritária que não somente me intrigou: me aterrorizou. Esperei, trepidando por dentro, que viessem jorros e mais jorros daquela voz, mas aquilo não se repetiu. Na primeira oportunidade consultei-me com Dom Juan.

Ele não ficou nem um pouco impressionado.

— Você deve entender de uma vez por todas que essas são coisas normais na vida de um feiticeiro. Você não está ficando louco; está simplesmente ouvindo a voz do emissário do sonhar. Depois de atravessar o primeiro ou o segundo portão do sonhar, os feiticeiros chegam a uma fronteira de energia e começam a ver coisas ou a ouvir vozes. Na verdade não são vozes, e sim uma única voz. Os feiticeiros chamam-na de voz do emissário do sonho.

— O que é o emissário do sonho?

— Energia alienígena consciente. Energia alienígena que procura ajudar os sonhadores dizendo coisas. O problema com o emissário do sonho é que ele só pode dizer o que os feiticeiros já sabem ou deveriam saber, se valessem o que comem

— Dizer que é uma energia alienígena consciente não me ajuda em nada, Dom Juan. Que tipo de energia? Benigna, maligna, certa, errada, o quê?

— É exatamente o que eu disse: energia alienígena. Uma força impessoal que transformamos em muito pessoal, porque tem uma voz. Alguns feiticeiros têm confiança absoluta nela. Até mesmo a vêem. Ou, como aconteceu com você, simplesmente ouvem-na como voz de homem ou de mulher. E a voz pode falar com eles sobre o estado das coisas, o que na maior parte das vezes é visto como um

conselho sagrado.

— Por que alguns de nós ouvimos essa energia como se fosse uma voz?

— Nós vemos ou ouvimos porque mantemos o ponto de aglutinação fixo num determinado posicionamento; quanto mais intensa a fixação, mais intensa nossa percepção do emissário. Cuidado! Você pode vê-lo e senti-lo como uma mulher nua.

Dom Juan riu do que disse, mas eu estava assustado demais para levar na brincadeira.

— Essa força é capaz de se materializar?

— Certamente. E tudo depende de como o ponto de aglutinação está fixo. Mas fique tranqüilo, se você for capaz de manter um grau de desapego, nada acontece. O emissário continua sendo o que é: uma força impessoal que age em nós por causa da fixação do ponto de aglutinação.

— E o conselho dele é garantido?

— Não pode ser um conselho. Ele só diz o que é o quê, e nós tiramos as conclusões.

Contei a Dom Juan o que a voz me havia dito.

— É como eu falei — Dom Juan observou. — O emissário não disse nada de novo. Sua afirmação estava correta, mas só na aparência era uma coisa reveladora. O que o emissário fez foi meramente repetir o que você já sabia.

— Acho que não posso dizer que já sabia aquilo, Dom Juan.

— Pode sim. Agora você sabe infinitamente mais sobre o mistério do universo do que suspeita em termos racionais. Mas esse é o mal dos seres humanos: sabemos mais sobre o mistério do universo do que suspeitamos.

Ter experimentado sozinho esse fenômeno incrível, sem o apoio de Dom Juan, fez com que eu me sentisse exaltado. Queria mais informações sobre o emissário. Comecei a perguntar a Dom Juan se ele também ouvia a voz do emissário.

Ele me interrompeu e disse com um sorriso largo:

— Sim, sim. O emissário também fala comigo. Quando eu era jovem costumava vê-lo como um frade vestindo um capuz preto. Um frade falador que me deixava apavorado todas as vezes em que surgia. Depois, quando meu medo ficou mais manobrável, ele tornou-se uma voz sem corpo, que até hoje me diz coisas.

— Que tipo de coisas, Dom Juan?

— Qualquer coisa em que eu focalize meu intento; coisas que não quero ter o problema de rastrear sozinho. Como, por exemplo, detalhes sobre o comportamento de meus aprendizes. O que eles fazem quando não estou por perto. Ele me diz coisas sobre você, em particular. O emissário me diz tudo que você faz.

Naquele ponto eu realmente não me preocupava com a direção que nossa conversa tomara. Revirei freneticamente o pensamento em busca de perguntas sobre outros tópicos, enquanto ele gargalhava.

— O emissário do sonho é um ser inorgânico? — perguntei.

— Digamos que o emissário do sonho é uma força que vem das esferas dos seres inorgânicos. É por isso que os sonhadores sempre o encontram.

— Quer dizer, Dom Juan, que todo sonhador ouve ou enxerga o emissário do sonho?

— Todos ouvem o emissário; muito poucos o vêem ou sentem-no.

— Você tem alguma explicação para isso?

— Não. Mas realmente não me preocupo com o emissário. Num determinado ponto de minha vida precisei decidir se me concentrava nos seres inorgânicos e seguia as pegadas dos feiticeiros antigos ou se recusava isso tudo. Meu professor, o Nagual Julian, me ajudou a decidir pela recusa. Nunca me arrependi dessa decisão.

— Você acha que eu deveria recusar os seres inorgânicos, Dom Juan?

Ele não respondeu. Em vez disso explicou que toda a esfera dos seres inorgânicos tem sempre uma postura de ensinar. Talvez porque tenham uma consciência mais profunda do que a nossa, os seres

inorgânicos sentem-se compelidos a nos manter debaixo de suas asas.

— E eu não vejo nenhum sentido em virar aluno deles — acrescentou. — O preço é alto demais.

— Qual é o preço?

— Nossas vidas, nossa energia, nossa devoção a eles. Em outras palavras, nossa liberdade.

— Mas o que eles ensinam?

— Coisas pertinentes ao seu mundo. O mesmo que nós ensinaríamos se fôssemos capazes de ensinar-lhes: coisas pertinentes ao nosso mundo. O método deles, entretanto, é tomar nosso Eu básico como um medidor para o que precisamos, e em seguida nos ensinar de acordo com isso. Uma coisa tremendamente perigosa!

— Não vejo por que seja perigosa.

— Se alguém vai usar seu Eu básico como um medidor, com todos os seus medos, suas ganâncias e sua inveja etc. etc., e ensinar coisas que preencham esse estado de ser, qual você acha que seria o resultado?

Era um beco sem saída. Pensei ter compreendido perfeitamente os motivos de sua rejeição.

— O problema com os feiticeiros antigos é que eles aprenderam coisas maravilhosas, mas isso foi feito a partir de seu Eu inferior não-adulterado. Os seres inorgânicos tornaram-se seus aliados, e através de exemplos intencionais ensinaram maravilhas aos feiticeiros antigos. Os aliados executavam as ações e os feiticeiros eram guiados passo a passo para copiar essas ações, sem mudar em nada com relação à sua natureza básica.

— Esses relacionamentos com os seres inorgânicos ainda existem hoje em dia?

— Não posso responder com certeza. Só digo que não posso me conceber tendo um relacionamento assim. Os envolvimentos dessa natureza interrompem nossa busca de liberdade ao consumir toda a

nossa energia disponível. Com o objetivo de realmente seguir o exemplo de seus aliados, os feiticeiros antigos passaram suas vidas na região dos seres inorgânicos. É uma coisa assombrosa a quantidade de energia necessária para se realizar uma jornada ininterrupta como essa.

— Quer dizer, Dom Juan, que os feiticeiros antigos podiam existir naquelas regiões do mesmo modo como existimos aqui?

— Não exatamente como existimos aqui, mas eles certamente viviam lá: mantinham sua consciência, sua individualidade. O emissário do sonho tornava-se a entidade mais vital para aqueles feiticeiros. Se um feiticeiro deseja viver na esfera dos seres inorgânicos, o emissário é a ponte perfeita; ele fala, e sua tendência é ensinar, guiar.

— Você já esteve naquelas regiões, Dom Juan?

— Vezes sem conta. E você também. Mas não faz sentido falar sobre isso agora. Você ainda não tirou todo o entulho de sua atenção sonhadora. Outro dia falamos sobre esse lugar.

— Pelo que estou percebendo, Dom Juan, você não aprova o emissário nem gosta dele. É isso?

— Nem o aprovo nem gosto dele. Ele pertence a outro reino. Além disso, seus ensinamentos e sua liderança em nosso mundo são um absurdo. E por esse absurdo o emissário nos cobra uma enormidade em termos de energia. Um dia você concordará comigo. Você vai ver.

Pelo tom de sua voz percebi a crença velada de que discordava com relação ao emissário. Eu estava em vias de cobrar isso dele quando ouvi a voz do emissário em meus ouvidos.

— Ele está certo — disse a voz. — Você gosta de mim porque não vê nada de errado em explorar todas as possibilidades. Você quer conhecimento; conhecimento é poder. Você não quer ficar seguro nas rotinas e nas crenças de seu mundo cotidiano.

O emissário falou isso em inglês, com um tom carregado da costa do Pacífico. Em seguida passou para o espanhol. Percebi um

leve sotaque argentino. Eu nunca antes ouvira o emissário falar assim. Aquilo me fascinou. O emissário falou sobre realização, conhecimento; sobre como eu estava longe do lugar onde nascera; sobre meu anseio por aventuras e minha quase-obsessão por coisas novas, novos horizontes. A voz falou até mesmo em português, com uma inflexão clara dos pampas.

Ouvir aquela voz jorrando essa quantidade de elogios não somente me apavorou: me deixou nauseado. Falei com Dom Juan, no ato, que tinha de interromper meus exercícios de sonhar. Ele me olhou, apanhado de surpresa; mas quando repeti o que ouvira, ele concordou que eu deveria parar, apesar de eu sentir que ele fazia isso só para me deixar tranqüilo.

Algumas semanas mais tarde achei que minha reação havia sido um tanto histérica, e que minha decisão de desistir era infundada. E voltei aos exercícios de sonhar. Tinha certeza de que Dom Juan sabia que eu havia cancelado minha desistência.

Em uma das visitas que lhe fiz ele falou bastante abruptamente sobre sonhos.

— Só porque não nos ensinaram a enfatizar os sonhos como um genuíno campo de exploração não significa que eles não o sejam. Os sonhos são analisados em busca de seu sentido ou vistos como indicações de portentos, mas nunca são encarados como uma esfera onde ocorrem eventos reais.

“Que eu saiba, só os feiticeiros antigos fizeram isso — continuou Dom Juan. — Mas no final eles estragaram tudo. Picaram cheios de cobiça e, quando chegaram a uma encruzilhada crucial, pegaram o caminho errado. Puseram todos os ovos numa única cesta: a fixação do ponto de aglutinação nos milhares de posicionamento que ele pode adotar.

Dom Juan mostrou seu espanto com o fato de, dentre todas as coisas maravilhosas que os feiticeiros antigos aprenderam explorando esses milhares de posicionamentos, somente a arte de sonhar e a arte de espreitar permanecem hoje em dia. Reiterou que a

arte de sonhar tem a ver com o deslocamento do ponto de aglutinação. E então definiu a espreita como a arte que lida com a fixação do ponto de aglutinação em qualquer posicionamento para o qual ele foi deslocado.

— Fixar o ponto de aglutinação em qualquer novo posicionamento para o qual foi deslocado significa adquirir coesão — falou. — Você esteve fazendo exatamente isso em seus exercícios de sonhar.

— Achei que estava aperfeiçoando minha atenção sonhadora — falei, um tanto surpreso com sua afirmação.

— Você está fazendo isso e muito mais; está aprendendo a ter coesão. Sonhar faz isso forçando os sonhadores a fixar o ponto de aglutinação. A atenção sonhadora, o corpo energético, a segunda atenção, o relacionamento com seres inorgânicos, o emissário do sonho, são apenas subprodutos do processo de adquirir coesão; em outras palavras, são todos subprodutos de fixar o ponto de aglutinação em várias posições do sonhar.

— O que é uma posição do sonhar, Dom Juan?

— Qualquer novo posicionamento para onde o ponto de aglutinação tenha se deslocado durante o sono.

— Como é que nós fixamos o ponto de aglutinação numa posição do sonhar?

— Sustentando a visão de qualquer item dos sonhos, ou mudando os sonhos à vontade. Através de seus exercícios de sonhar você na verdade está exercitando sua capacidade de manter uma nova forma energética, sustentando o ponto de aglutinação no posicionamento de qualquer sonho específico que esteja tendo.

— Eu realmente mantenho uma nova forma energética?

— Não exatamente, e não porque não possa, mas somente porque está deslocando o ponto de aglutinação, em vez de movê-lo. Os deslocamentos do ponto de aglutinação produzem mudanças minúsculas, que são praticamente imperceptíveis. O desafio dos deslocamentos é que eles são tão pequenos e tão numerosos que

manter a coesão em todos eles é um triunfo.

— Como podemos saber que estamos mantendo coesão?

— Sabemos por causa da clareza de nossa percepção. Quanto mais clara a visão dos sonhos, maior nossa coesão.

Em seguida ele disse que era hora de eu ter uma aplicação prática para o que aprendera no sonhar. Sem me dar tempo de perguntar nada, insistiu para que eu concentrasse minha atenção, como se estivesse num sonho, na folhagem de uma árvore do deserto que havia ali perto: uma algarobeira.

— Quer que eu simplesmente olhe para ela? — perguntei.

— Não quero que simplesmente olhe; quero que você faça algo muito especial com aquela folhagem. Lembre-se de que em seus sonhos, sempre que você consegue manter a visão de qualquer item, está na verdade sustentando o ponto de aglutinação no posicionamento do sonho. Agora olhe para aquelas folhas, como se estivesse num sonho. Mas com uma variação ligeira, ainda que tremendamente significativa: você vai manter sua atenção sonhadora nas folhas da algarobeira enquanto permanece na consciência de nosso mundo cotidiano.

Meu nervosismo tornou impossível seguir sua linha de pensamento. Ele explicou pacientemente que, ao olhar para a folhagem, eu realizaria um deslocamento minúsculo do ponto de aglutinação. Em seguida, invocando minha atenção sonhadora ao olhar para algumas folhas individualmente, eu fixaria aquele deslocamento minúsculo, e minha coesão faria com que eu percebesse nos termos da segunda atenção. Acrescentou com um risinho que o processo, de tão simples, era ridículo.

Dom Juan estava certo. Só precisei focalizar a vista nas folhas, mantê-la e, num instante, eu era levado por uma sensação de redemoinho, extremamente parecida com os vórtices em meus sonhos. A folhagem da algarobeira transformou-se num universo de dados sensoriais. Era como se a folhagem tivesse me engolido, mas não somente minha visão estava envolvida; eu tocava as folhas,

podia senti-las. Também podia sentir o seu cheiro. Minha atenção sonhadora era multissensorial, em vez de apenas visual, como no sonhar comum.

O que iniciara quando eu simplesmente olhei para a algarobeira havia-se transformado num sonho. Eu acreditava estar numa árvore de sonho, como estivera em árvores de incontáveis sonhos. E, naturalmente, me comportava nessa árvore de sonho como aprendera a me comportar nos sonhos; passava de item para item, puxado pela força de um vórtice que tomava forma em qualquer parte da árvore em que eu focalizasse minha atenção sonhadora multissensorial. Os redemoinhos se formavam não apenas ao olhar, mas também ao tocar qualquer coisa com qualquer parte do corpo.

No meio dessa visão, ou desse sonho, tive um ataque de dúvidas racionais. Comecei a me perguntar se não teria realmente subido na árvore, em meio a um atordoamento, e não estaria de verdade abraçando as folhas, perdido na copa, sem saber o que fazia. Ou se não teria caído no sono, talvez hipnotizado pelo balanço das folhas ao vento, e estaria sonhando. Mas, exatamente como no sonhar, eu não tinha energia para ponderar muito tempo. Meus pensamentos voavam. Duravam um instante e em seguida a força da experiência direta encobria-os por completo.

Um súbito movimento ao redor sacudiu tudo e terminou por fazer com que eu emergisse do puxão magnético da árvore. Eu estava sobre uma elevação, olhando para um horizonte imenso. Montanhas escuras e vegetação verdejante me rodeavam. Outro choque de energia fez com que eu saltasse e em seguida estava em outro lugar. Havia árvores enormes por todo lado. Maiores do que os pinheiros Douglas, do Oregon e do Estado de Washington. Eu nunca vira uma floresta daquelas. A paisagem fazia um contraste tão grande com a aridez do deserto de Sonora que não tive qualquer dúvida de que estava tendo um sonho.

Agarrei-me àquela visão extraordinária, com medo de deixar

que ela se fosse, sabendo que era mesmo um sonho e que desapareceria assim que eu saísse da atenção sonhadora. Mas as imagens continuaram, mesmo quando pensei que deveria ter esgotado a atenção sonhadora. Um pensamento horrível me atravessou a mente: e se isso não fosse um sonho nem a vida real?

Apavorado, como um animal deve experimentar o pavor, recolhi-me para o amontoado de folhas de onde eu emergira. O ímpeto do recuo me fez continuar através da folhagem, passando ao redor dos galhos duros. Arrancou-me da árvore e num segundo eu estava sentado perto de Dom Juan, à porta de sua casa no deserto de Sonora.

Num instante percebi que reentrara num estado em que podia pensar coerentemente, mas não conseguia falar. Dom Juan disse que eu não me preocupasse. Falou que nossa faculdade da fala é extremamente débil, e que os ataques de mudez são comuns entre feiticeiros que se aventuram além da percepção normal.

Por dentro eu sentia que Dom Juan estava com pena de mim, e que decidira me enrolar. Mas a voz do emissário do sonho, que ouvi claramente naquele instante, disse que dentro de algumas horas e depois de um descanso eu ficaria completamente bem.

Depois de acordar fiz, a pedido de Dom Juan, um relato completo do que vira e fizera. Ele me avisou que não era possível contar com a racionalidade para compreender minha experiência, não porque minha racionalidade estivesse danificada, mas porque o que acontecera fora um fenômeno fora dos parâmetros da razão.

Naturalmente argumentei que nada pode estar fora dos limites da razão; as coisas podem ser obscuras, mas cedo ou tarde a razão descobre um meio de lançar luzes sobre tudo. E eu realmente acreditava nisso.

Dom Juan, com paciência extrema, observou que a razão é apenas um subproduto do posicionamento habitual do ponto de aglutinação; assim, saber o que está acontecendo, ter a mente sadia, ter os pés no chão — fontes de grande orgulho para nós e coisas

vistas como conseqüência natural de nosso valor — são meramente resultado da fixação do ponto de aglutinação em seu lugar habitual. Quanto mais rígido e estacionário, maior nosso sentimento de autoconfiança, maior nosso sentimento de conhecer o mundo, de poder prever.

Acrescentou que o sonhar nos dá a fluidez para entrar em outros universos, destruindo nossa sensação de conhecer este mundo. Disse que sonhar era uma jornada de dimensões impensáveis, uma jornada que, depois de nos fazer perceber tudo que podemos perceber humanamente, faz com que o ponto de aglutinação salte para fora do domínio humano e perceba o inconcebível.

— Estamos de volta — prosseguiu ele. — Abordando o tópico mais importante do mundo dos feiticeiros: o posicionamento do ponto de aglutinação. A maldição dos feiticeiros antigos e a espinha atravessada na garganta da humanidade.

— Por que diz isso, Dom Juan?

— Porque ambos, a humanidade em geral e os feiticeiros antigos, caíram presas do posicionamento do ponto de aglutinação. A humanidade, por não saber que o ponto de aglutinação existe, é obrigada a tomar o subproduto de seu posicionamento habitual como algo definitivo e indiscutível. E os feiticeiros antigos porque, apesar de saberem tudo sobre o ponto de aglutinação, caíram por causa da facilidade dele ser manipulado.

“Você deve evitar essas armadilhas — continuou. — Seria realmente abominável se você se alinhasse com a humanidade, como se não soubesse da existência do ponto de aglutinação. Mas seria ainda mais insidioso se você se alinhasse com os feiticeiros antigos e manipulasse cinicamente o ponto de aglutinação em busca de ganhos pessoais.

— Ainda não compreendo qual é a conexão disso tudo com o que experimentei ontem.

— Ontem você esteve num mundo diferente. Mas se me

perguntar onde fica aquele mundo, e se eu disser que ele fica no posicionamento de seu ponto de aglutinação, minha resposta não fará sentido para você.

O argumento de Dom Juan era que eu tinha duas escolhas. Uma era seguir o racionalismo da humanidade e enfrentar uma situação difícil; minha experiência diria que existem outros mundos, mas minha razão diria que esses mundos não existem nem podem existir. A outra escolha era seguir o racionalismo dos feiticeiros antigos, e nesse caso eu aceitaria automaticamente a existência de outros mundos, e a cobiça faria com que meu ponto de aglutinação se mantivesse no posicionamento que criava esses mundos. O resultado seria outra situação difícil: a de ter de ir fisicamente para reinos visionários, levado por expectativas de poder e ganho pessoal.

Eu estava muito embotado para seguir sua argumentação, mas logo percebi que não precisava segui-la, porque concordava totalmente com ele — a despeito de não ter uma imagem total daquilo com que estava concordando. A concordância era um sentimento que vinha de longe; uma certeza antiga que eu perdera, e que agora encontrava pouco a pouco seu caminho de volta.

Depois de meses ouvindo-a diariamente, a voz do emissário do sonho deixou de ser uma irritação ou um assombro. Tornou-se natural. E cometi tantos erros influenciado pelo que ele dizia que quase compreendi a relutância de Dom Juan em levá-lo a sério. Um psicanalista teria um trabalho enorme interpretando o emissário de acordo com todas as permutações possíveis da dinâmica de minha personalidade.

Dom Juan mantinha uma opinião fixa a respeito: é uma força impessoal mas constante, vinda da região dos seres inorgânicos, e assim todo sonhador a experimenta mais ou menos nos mesmos termos. E se escolhemos tomar sua voz como um conselho, é porque somos idiotas incuráveis.

Eu era definitivamente um deles. Não havia como permanecer impassível estando em contato direto com aquele evento

extraordinário: uma voz que me dizia clara e concisamente, em três línguas, coisas ocultas sobre tudo ou sobre qualquer pessoa em que eu concentrasse minha atenção. Seu único defeito, que para mim não tinha qualquer conseqüência, é que nós não estávamos sincronizados. O emissário costumava me dizer coisas sobre pessoas e sobre eventos quando eu honestamente já havia esquecido que eles me interessavam.

Perguntei a Dom Juan sobre essa esquisitice, e ele disse que tinha a ver com a rigidez de meu ponto de aglutinação. Explicou que eu fora criado por adultos velhos, e que eles me haviam imbuído das visões das pessoas idosas, de modo que eu era perigosamente cheio de certezas. Sua ânsia em me dar plantas alucinógenas era apenas um esforço, segundo ele, de sacudir meu ponto de aglutinação e permitir que eu tivesse um mínimo de fluidez.

— Se você não desenvolver essa margem — ele prosseguiu — vai ficar ainda mais cheio de certezas, ou então vai se tornar um feiticeiro histérico. Meu interesse em falar dos feiticeiros antigos não é para caluniá-los, mas para criar uma oposição entre vocês. Cedo ou tarde seu ponto de aglutinação ficará mais fluido, mas não o bastante para impedir sua facilidade de ser como eles: cheio de certezas e histérico.

— Como posso evitar isso, Dom Juan?

— Só há um meio. Os feiticeiros chamam-no de compreensão total. Eu chamo de um romance com conhecimento. É o impulso que os feiticeiros usam para conhecer, para descobrir, para se espantar.

Dom Juan mudou de assunto e continuou a explicar a fixação do ponto de aglutinação. Disse que ao *ver* os pontos de aglutinação das crianças flutuando constantemente, como se movimentados por um tremor, mudando de lugar com facilidade, os feiticeiros antigos concluíram que o posicionamento habitual do ponto de aglutinação não era inato, e sim estabelecido a partir do hábito. *Vendo* que somente nos adultos eles eram fixados num posicionamento, deduziram que a localização específica do ponto de aglutinação

permite um modo específico de perceber. Através do uso, esse modo específico de perceber torna-se um sistema para interpretar dados sensoriais.

Dom Juan observou que, por nascermos nesse sistema, desde o instante do nascimento lutamos imperativamente para ajustar nossa percepção às exigências dele; um sistema que nos governa durante toda a vida. Portanto os feiticeiros antigos estavam totalmente certos em acreditar que o ato de contrariá-lo e perceber a energia diretamente é o que transforma uma pessoa num feiticeiro.

Dom Juan mostrou espanto pelo que chamou de maior realização de nosso desenvolvimento humano: travar o ponto de aglutinação em seu posicionamento habitual. Já que, assim que ele se imobiliza ali, nossa percepção pode ser ensinada e levada a interpretar o que percebemos. Em outras palavras, podemos ser levados a perceber mais em termos do nosso sistema do que em termos de nossos sentidos. Ele garantiu que a percepção humana é universalmente homogênea porque o ponto de aglutinação de toda a raça humana é fixado no mesmo local.

Prosseguiu dizendo que os feiticeiros provaram tudo isso a si próprios quando *viram* que, no momento em que o ponto de aglutinação é deslocado além de um certo limite, e novos filamentos de energia universal começam a ser captados, o que percebemos não faz sentido. A causa imediata é que os novos dados sensoriais tornaram nosso sistema inoperante, e ele não pode mais ser usado para interpretar o que estamos percebendo.

— Perceber sem o nosso sistema, claro, é uma coisa caótica —, Dom Juan continuou. — Mas, estranhamente, quando achamos que perdemos a cabeça, nosso velho sistema vem nos resgatar e transforma a percepção incompreensível num mundo novo totalmente compreensível. Como aconteceu quando você olhou as folhas da algarobeira.

— O que, exatamente, aconteceu comigo, Dom Juan?

— Sua percepção ficou caótica por um instante; veio tudo ao

mesmo tempo e seu sistema de interpretação do mundo não funcionou. Em seguida o caos se clareou e você estava diante de um mundo novo.

— Voltamos ao mesmo ponto de antes, Dom Juan. Aquele mundo realmente existe ou é apenas minha mente que o inventou?

— Realmente voltamos, e a resposta continua a mesma. Ele existe no posicionamento preciso em que seu ponto de aglutinação se encontrava naquele momento. Para percebê-lo você precisava de coesão, isto é, você precisava manter seu ponto de aglutinação fixo naquele posicionamento; e fez isso. O resultado foi perceber totalmente um mundo novo, durante algum tempo.

— Mas outras pessoas perceberiam aquele mesmo mundo?

— Se tiverem uniformidade e coesão, sim. Uniformidade é manter em uníssono o mesmo posicionamento do ponto de aglutinação. Os feiticeiros antigos chamavam de percepção espreitadora o ato de adquirir uniformidade e coesão fora do mundo normal.

"A arte de espreitar, como já disse, tem a ver com a fixação do ponto de aglutinação. Através da prática os feiticeiros antigos descobriram que ainda mais importante do que deslocar o ponto de aglutinação é fazer com que ele fique no novo posicionamento, onde quer que seja.

Explicou que, se o ponto de aglutinação não ficar estacionário, não há possibilidade de percebermos coerentemente. O que perceberíamos seria um caleidoscópio de imagens desassociadas. Por isso os feiticeiros antigos punham tanta ênfase no sonhar quanto na espreita. Uma arte não pode existir sem a outra, especialmente para o tipo de atividade em que eles estavam envolvidos.

— Quais eram essas atividades?

— Os feiticeiros antigos chamavam-nas de complexidades da segunda atenção e de grande aventura do desconhecido.

Dom Juan disse que essas atividades eram resultantes dos deslocamentos do ponto de aglutinação. Os feiticeiros antigos

aprenderam não somente a deslocar seu ponto de aglutinação para milhares de posicionamentos na superfície ou no interior de sua massa energética, como também a fixar o ponto de aglutinação nessas posições, e assim manter indefinidamente a coesão.

— Qual é o benefício disso, Dom Juan?

— Não podemos falar sobre benefícios. Só podemos falar sobre resultados finais.

Explicou que a coesão dos feiticeiros antigos era tamanha a ponto de permitir que se tornasse perceptivo e fisicamente tudo que fosse ditado pelo posicionamento específico de seu ponto de aglutinação. Podiam transformar-se em qualquer coisa para a qual tivessem um inventário específico. Segundo ele um inventário era a relação de todos os detalhes de percepção envolvidos em tornar-se, por exemplo, jaguares, pássaros, insetos etc. etc.

— Para mim é muito difícil acreditar que isso possa ser possível — falei.

— É possível — ele me assegurou. — Não tanto para mim e para você, mas para eles. Para eles isso era nada.

Disse que os feiticeiros antigos tinham uma fluidez soberba. Tudo de que precisavam era um deslocamento mínimo de seu ponto de aglutinação, uma minúscula pista perceptiva vinda do sonhar, e instantaneamente espreitavam aquela percepção; rearranjavam sua coesividade para se ajustar ao novo estado de consciência e tornar-se um animal, outra pessoa, um pássaro ou qualquer coisa.

— Mas não é isso o que os doentes mentais fazem? Criar sua realidade enquanto vivem? — perguntei.

— Não, não é o mesmo. Os doentes mentais imaginam uma realidade pessoal porque não têm nenhum objetivo preconcebido. Os loucos trazem o caos para dentro do caos. Os feiticeiros, ao contrário, trazem a ordem para o caos. Seu objetivo preconcebido e transcendental é libertar a percepção. Os feiticeiros não criam o mundo que estão percebendo; eles percebem a energia diretamente, e em seguida descobrem que o que estão percebendo é um mundo

novo e desconhecido, que os pode engolir porque é tão real quanto qualquer coisa que sabemos ser real.

Em seguida Dom Juan me deu uma versão nova do que me acontecera enquanto eu olhava a algarobeira. Disse que eu comecei a perceber a energia da árvore. No nível subjetivo, entretanto, eu acreditei que estava sonhando porque empreguei técnicas do sonhar para perceber energia. Afirmou que usar técnicas do sonhar no mundo da vida cotidiana era uma das ferramentas mais eficazes dos feiticeiros antigos. Ela tornava a percepção direta da energia uma coisa onírica, em vez de totalmente caótica, até um momento em que alguma coisa rearranjasse a percepção e os feiticeiros se vissem diante de um mundo novo. Exatamente o que me acontecera.

Falei sobre o pensamento que eu tivera, e no qual mal ousava pensar, de que a paisagem que eu estava vendo não era um sonho; nem era nosso mundo cotidiano.

— Não era — disse ele. — Venho falando e falando isso, e você acha que estou meramente me repetindo. Sei como é difícil a mente permitir que possibilidades irracionais se tornem reais. Mas existem mundos novos! Estão envoltos uns sobre os outros, como as camadas de uma cebola. O mundo onde existimos é apenas uma dessas camadas.

— Quer dizer, Dom Juan, que o objetivo de seus ensinamentos é me preparar para ir até esses mundos?

— Não. Não quis dizer isso. Só vamos até esses mundos como um exercício. Essas jornadas são os antecedentes dos feiticeiros de hoje em dia. Fazemos o mesmo tipo de sonhar que os feiticeiros antigos faziam, mas num determinado momento nos desviamos para um novo terreno. Os feiticeiros antigos preferiam os deslocamentos do ponto de aglutinação, de modo a estar sempre em terrenos mais ou menos previsíveis. Nós preferimos os movimentos do ponto de aglutinação. Os feiticeiros estavam atrás do desconhecido humano. Nós estamos atrás do desconhecido não-humano.

— Em que ponto, então, eu vou começar a aprender o tipo de

sonhar dos novos feiticeiros?

— Você ainda tem um território enorme a percorrer. Anos, talvez. Mas, em seu caso, tenho de ser extraordinariamente cauteloso. Em termos de caráter você é definitivamente ligado aos feiticeiros antigos. Já falei isso antes, mas você sempre consegue evitar minhas sondagens. Algumas vezes chego a pensar que existe alguma energia alienígena aconselhando-o, mas em seguida descarto a idéia. Você não é um desgarrado.

— Do que está falando, Dom Juan?

— Você fez, sem querer, duas coisas que me deixaram infernalmente preocupado. Viajou com seu corpo energético para um lugar fora deste mundo na primeira vez em que sonhou. E caminhou lá! E você viajou com seu corpo energético para outro lugar fora deste mundo, mas separando-se da consciência do mundo cotidiano.

— Por que isso o preocupa, Dom Juan?

— Sonhar é muito fácil para você. E se não tomarmos cuidado isso pode ser uma danação. Leva ao desconhecido humano. Como falei, os feiticeiros modernos lutam para chegar ao desconhecido não-humano.

— O que pode ser o não-humano?

— Libertar-se de ser humano. Mundos inconcebíveis que estão fora do âmbito humano, mas que podem ser percebidos. É aí que os feiticeiros modernos pegam a outra estrada. Eles preferem o que está fora do domínio humano. E o que está fora do domínio humano são todos os mundos, não apenas a esfera dos pássaros, dos animais ou dos homens, ainda que seja de um homem desconhecido. Estou falando de mundos como esse em que vivemos; mundos totais com incontáveis esferas.

— Onde ficam esses mundos, Dom Juan? Em posicionamentos diferentes do ponto de aglutinação?

— Certo. Em posicionamentos diferentes do ponto de aglutinação, mas posicionamentos aos quais os feiticeiros chegam com um movimento do ponto de aglutinação, não com um

deslocamento. Entrar nesses mundos é o tipo de sonhar que apenas os feiticeiros de hoje em dia fazem. Os feiticeiros antigos ficaram longe dele, porque é necessário um grande desprendimento e nenhuma auto-importância. Um preço que eles não podiam se dar ao luxo de pagar.

"Para os feiticeiros que o praticam atualmente, o sonhar é a liberdade de perceber mundos além da imaginação.

— Mas qual é o sentido de perceber isso tudo?

— Hoje você já fez essa mesma pergunta. Você fala como um legítimo mercador. Qual é o risco?, você pergunta. Qual é a percentagem de lucro para meu investimento? Isso vai me tornar melhor?

"Não há como responder a isso. A mente mercadora faz comércio. Mas a liberdade não pode ser um investimento. Liberdade é uma aventura sem fim, onde arriscamos nossas vidas e muito mais por alguns momentos e alguma coisa além dos mundos, além de pensamentos ou sentimentos.

— Não fiz essa pergunta com esse espírito, Dom Juan. O que desejo saber é qual pode ser a força capaz de impulsionar um vagabundo preguiçoso como eu na direção disso tudo.

— A busca da liberdade é a única força que eu conheço. Liberdade de voar até aquele infinito lá fora. Liberdade para se dissolver; para decolar; para ser como a chama de uma vela que, mesmo diante da luz de um bilhão de estrelas, permanece intacta, porque jamais pretendeu ser mais do que é: uma simples vela.

5

O MUNDO DOS SERES INORGÂNICOS

Cumprindo meu acordo de esperar que Dom Juan iniciasse qualquer comentário sobre o sonhar, apenas em casos de necessidade eu pedia conselho. Mas em geral ele não somente parecia relutante em tocar no assunto: parecia ficar descontente comigo. No meu entender a confirmação de que ele estava desaprovando era o fato de sempre minimizar a importância de qualquer coisa que eu tivesse realizado.

Para mim, naquela época, a existência animada dos seres inorgânicos havia-se tornado a parte mais crucial dos exercícios de sonhar. Depois de encontrá-los nos sonhos, e especialmente depois de minha luta no deserto, nas proximidades da casa de Dom Juan, eu deveria estar mais disposto a ver sua existência como uma coisa séria. Mas todos aqueles acontecimentos tiveram o efeito oposto. Fiquei inflexível e usava de subterfúgios para negar sua existência.

Então tive uma mudança de disposição e decidi conduzir uma pesquisa objetiva sobre eles. O método dessa pesquisa exigia que eu primeiro compilasse um registro meticuloso de tudo que transpirasse em minhas sessões de sonhar e, em seguida, que usasse esse registro como uma estrutura para descobrir se meus sonhos provavam ou negavam alguma coisa sobre os seres inorgânicos. Cheguei a escrever centenas de páginas de detalhes meticulosos porém sem sentido, quando deveria estar claro para mim que existiam evidências de sua existência praticamente a partir do início

da pesquisa.

Demorei apenas algumas sessões para descobrir o que pensara ter sido a recomendação de Dom Juan: o ato de suspender o julgamento e deixar que os seres inorgânicos viessem até mim era o mesmo processo usado pelos feiticeiros da antigüidade para atraí-los. Ao deixar que eu descobrisse isso sozinho, Dom Juan estava simplesmente seguindo seu treinamento de feitiçaria. Ele havia observado repetidamente que era muito difícil para o Eu abrir mão de suas muralhas, mesmo através de treino. Uma das maiores linhas de defesa do Eu é a racionalidade; e esta é não apenas a linha de defesa mais durável, como também a mais ameaçada quando se trata dos atos e das explicações da feitiçaria. Dom Juan acreditava que a existência dos seres inorgânicos é uma das maiores ameaças à nossa racionalidade.

Em meus exercícios de sonhar eu tinha um método estabelecido, que seguia todos os dias sem qualquer desvio. Primeiro buscava observar cada item concebível de meus sonhos, e em seguida procurava mudá-los. Posso dizer sinceramente que observava universos de detalhes em sonhos após sonhos. Normalmente chegava um momento em que minha atenção sonhadora começava a se desvanecer, e a sessão de sonhar terminava com eu caindo no sono e tendo sonhos comuns, sem nenhuma atenção sonhadora, ou acordando e ficando sem qualquer condição de dormir.

Mas de vez em quando, como Dom Juan havia descrito, uma corrente de energia estranha, um batedor — como ele o chamara — era injetado em meus sonhos. Ter sido alertado ajudou-me a ajustar minha atenção sonhadora e a ficar alerta. Na primeira vez em que percebi uma energia estranha, eu estava sonhando que fazia compras numa loja de departamentos. Ia de balcão em balcão procurando antigüidades. Finalmente encontrei uma. A incongruência de procurar antigüidades numa loja de departamentos era tão óbvia que me fez rir, mas, assim que encontrei uma, esqueci

disso. A antigüidade era o castão de uma bengala. O vendedor disse quer era feito de irídio, e disse também que era uma das substâncias mais duras do mundo. Era uma peça esculpida: a cabeça e os ombros de um macaco. Para mim parecia jade. O vendedor mostrou-se insultado quando insinuei que poderia ser jade, e para provar o que dizia jogou o objeto, com toda a força, no chão cimentado. Ele não se quebrou, mas ricocheteou como uma bola e em seguida saiu voando como um disco de *frisbee.* Segui-o. O objeto desapareceu atrás de algumas árvores. Corri para procurá-lo e encontrei, agarrado no chão. Havia-se transformado numa bengala inteira, extraordinariamente linda, negra e de um verde profundo.

Desejei-a, e quis ficar com ela. Agarrei-a e lutei para arrancá-la do chão antes que aparecesse outra pessoa. Mas, por mais que tentasse, não conseguia soltá-la. Fiquei com medo de parti-la se tentasse arrancá-la sacudindo de um lado para o outro. Então comecei a cavar ao redor com as mãos. Enquanto eu cavava, ela começou a se derreter, até sobrar apenas uma poça de água esverdeada. Fiquei olhando. De súbito a água pareceu explodir; transformou-se numa bolha branca e em seguida desapareceu. Meu sonho continuou com outras imagens e outros detalhes que não eram tão notáveis, mesmo sendo claros como cristal.

Quando contei a Dom Juan sobre esse sonho ele disse:

— Você isolou um batedor. Os batedores são mais numerosos quando nossos sonhos estão na média normal. Os sonhos dos feiticeiros são estranhamente livres de batedores. Quando aparecem, eles são identificáveis pela estranheza e pela incongruência.

— Que tipo de incongruência, Dom Juan?

— A presença deles não faz nenhum sentido.

— Muito poucas coisas fazem sentido num sonho.

— Apenas nos sonhos comuns as coisas são absurdas. Eu diria que é assim porque mais batedores são injetados neles, devido ao fato de as pessoas comuns estarem sujeitas a um maior ataque por parte do desconhecido.

— Sabe por que, Dom Juan?

— Na minha opinião o que acontece é um equilíbrio de forças. As pessoas comuns têm barreiras estupendamente fortes para proteger-se desses ataques. Barreiras como as preocupações quanto ao Eu. Quanto mais barreiras, maior o ataque.

"Os sonhadores, por outro lado, têm menos barreiras e menos batedores em seus sonhos. Parece que as coisas absurdas desaparecem dos sonhos dos sonhadores, talvez para assegurar que eles captem a presença dos batedores.

Dom Juan me aconselhou a prestar atenção e a lembrar cada detalhe possível do sonho que eu tivera. Chegou a pedir que eu repetisse o que havia contado.

— Você me desconcerta — falei. — Num momento não quer ouvir nada sobre o meu sonhar, no outro quer. Existe alguma ordem nas suas recusas e aceitações?

— Pode apostar que existe uma ordem por trás disso tudo — disse ele. — É provável que um dia você faça o mesmo com outro sonhador. Alguns itens são de importância vital porque se associam ao espírito. Outros são totalmente sem importância por estarem associados a nossa personalidade condescendente.

"O primeiro batedor que você isola estará sempre presente, sob qualquer forma, até mesmo do irídio. A propósito, o que é irídio?

— Não sei bem — falei com total sinceridade.

— Era só o que faltava! E o que você vai dizer se descobrir que é uma das substâncias mais duras do mundo?

Os olhos de Dom Juan brilhavam de prazer, enquanto eu ria nervoso com aquela possibilidade absurda que, como descobri depois, era verdadeira.

A partir de então comecei a perceber a presença de itens incongruentes em meus sonhos. Assim que aceitei o esquema de categorização que Dom Juan fizera sobre a energia estranha nos sonhos, concordei totalmente com ele que os itens incongruentes eram invasores estranhos em meus sonhos. Depois de isolá-los,

minha atenção sonhadora sempre se concentrava neles com uma intensidade que não ocorria sob nenhuma outra circunstância.

Outra coisa que percebi era que, sempre que uma energia estranha invadia meus sonhos, minha atenção sonhadora precisava trabalhar duro para transformá-la num objeto conhecido. A falha de minha atenção sonhadora era sua incapacidade de realizar totalmente essa transformação; e o resultado era um item degradado, praticamente desconhecido para mim. Então a energia estranha dissipava facilmente; e o item degradado desaparecia, transformando-se numa bolha de luz que era rapidamente absorvida por outros detalhes prementes do sonho.

Quando pedi que Dom Juan comentasse o que estava acontecendo, ele disse:

— Nesse ponto do seu sonhar, os batedores são espias mandados pelo reino inorgânico. Eles são muito rápidos, ou seja: não ficam por muito tempo.

— Por que diz que eles são espias, Dom Juan?

— Eles vêm em busca de consciência potencial. Eles têm consciência e objetivo, ainda que incompreensíveis para nossas mentes; comparáveis talvez à consciência e ao objetivo das árvores. A velocidade interna das árvores e dos seres inorgânicos é incompreensível para nós porque é infinitamente mais lenta, em comparação com a nossa.

— O que o leva a dizer isso, Dom Juan?

— As árvores e os seres inorgânicos duram mais do que nós. São feitos para permanecer fixos. São imóveis, e no entanto fazem tudo se mover ao seu redor.

— Quer dizer, Dom Juan, que os seres inorgânicos são estacionários como as árvores?

— Certamente. O que você vê nos sonhos como hastes brilhantes ou escuras são sua projeção. O que ouve como a voz do emissário do sonho é igualmente sua projeção. O mesmo ocorre com os seus batedores.

Por algum motivo insondável senti-me avassalado por aquelas afirmações. Fiquei subitamente cheio de ansiedade. Perguntei a Dom Juan se as árvores também tinham projeções como aquelas.

— Têm — disse ele. — Mas suas projeções são ainda menos amistosas com relação a nós do que os seres inorgânicos. Os sonhadores nunca as procuram, a não ser que estejam num estado de profunda afabilidade com as árvores; um estado muito difícil de se alcançar. Nós não temos amigos nesta terra, você sabe. — Riu e em seguida acrescentou: — Não é nenhum mistério.

— Pode não ser mistério para você, Dom Juan, mas para mim é, sem dúvida.

— Nós somos destrutivos. Antagonizamos cada ser vivo nesta terra. Por isso não temos amigos.

Senti-me tão mal que desejei interromper totalmente a conversa. Mas uma compulsão me fez voltar ao tema dos seres inorgânicos:

— O que você acha que eu deveria fazer para seguir os batedores?

— Por que diabo você iria querer segui-los?

— Estou fazendo uma pesquisa objetiva sobre os seres inorgânicos.

— Você está brincando com a minha cara, não é? Achei que estivesse irremovível em seu ponto de vista de que os seres inorgânicos não existem.

Seu tom de zombaria e sua gargalhada deixaram claro o que achava e sentia sobre minha pesquisa objetiva.

— Mudei de idéia, Dom Juan. Agora quero explorar todas essas possibilidades.

— Lembre-se, a espreita dos seres inorgânicos era o campo dos feiticeiros antigos. Para chegar lá eles fixaram com toda a tenacidade sua atenção sonhadora nos itens dos sonhos. Desse modo podiam isolar os batedores. E quando estavam com os batedores em foco, gritavam o intento de segui-los. No instante em que verbalizavam

esse intento, eles iam, puxados pela energia estranha.

— É simples assim, Dom Juan?

Ele não respondeu. Somente riu, como se me desafiasse a fazê-lo.

Em casa fiquei cansado de tanto buscar o que Dom Juan realmente queria dizer. Eu estava totalmente relutante em considerar que ele poderia ter descrito um procedimento real. Um dia, depois de ficar sem idéias e sem paciência, baixei a guarda. Num sonho tive a atenção desviada por um peixe que subitamente saltou de um lago junto ao qual eu andava. O peixe sacudiu-se junto aos meus pés e em seguida voou como um pássaro de asas coloridas e pousou num galho, mas continuava sendo um peixe. A cena era tão absurda que galvanizou minha atenção sonhadora. Soube instantaneamente que aquilo era um batedor. Um segundo depois, quando o peixe-pássaro transformou-se num ponto de luz, gritei meu intento de segui-lo. E aconteceu exatamente o que Dom Juan dissera: saí para outro mundo.

Voei por um túnel aparentemente escuro como se fosse um inseto sem peso. A sensação do túnel terminou de súbito. Era exatamente como se eu tivesse sido espremido de um tubo e o impulso me fizesse bater contra uma imensa massa física; eu estava quase tocando-a. Não conseguia ver seu fim em qualquer direção para onde olhasse. A coisa lembrava tanto os filmes de ficção científica que fiquei absolutamente convencido de ter construído aquela visão, do modo como construímos um sonho. Por que não? Meu pensamento era que, afinal de contas, eu estava dormindo, sonhando.

Parei para observar os detalhes do sonho. O que eu estava vendo parecia uma esponja gigantesca. Era porosa e cheia de cavernas. Não conseguia sentir sua textura, mas parecia áspera e fibrosa. Tinha uma cor marrom escura. Então senti um choque de dúvida sobre se aquela massa silenciosa era apenas um sonho. Ela não mudou de forma enquanto eu olhava. Também não se moveu.

Enquanto eu olhava fixamente, tive a impressão completa de uma coisa real, mas estacionária. Estava plantada em algum lugar, e tinha uma atração tão poderosa que eu era incapaz de desviar a atenção sonhadora para examinar qualquer outra coisa, inclusive eu mesmo. Uma força estranha, que eu nunca antes encontrara no sonhar, me havia agarrado.

Em seguida senti claramente que a massa havia liberado minha atenção sonhadora; de súbito toda a minha consciência concentrou-se no batedor que me havia trazido para ali. Parecia um vaga-lume na escuridão, pairando acima de mim. Em seu reino ele era uma bolha de pura energia. Eu conseguia *ver* seu crepitar energético. Parecia estar cônscio de minha presença. Subitamente ele mergulhou e tocou-me, ou me picou. Não senti seu toque, mas sabia que ele estava me tocando. Era uma sensação espantosa e nova; como se uma parte minha que não estivesse ali houvesse sido eletrificada pelo toque; ondas de energia me atravessaram, uma depois da outra.

Daquele momento em diante tudo em meu sonhar ficou muito mais real do que antes. Achava difícil manter a idéia de que estava sonhando dentro de um sonho. E a essa dificuldade precisei acrescentar a certeza de que, com seu toque, o batedor fizera uma conexão energética comigo. Eu sabia o que ele queria que eu fizesse no momento em que ele parecia me puxar ou empurrar.

A primeira coisa que fez foi me empurrar através de uma enorme caverna ou abertura na massa física diante de mim. Assim que entrei naquela massa percebi que o interior era tão homogeneamente poroso quanto o lado de fora, porém com uma aparência muito mais lisa, como se a aspereza houvesse sido lixada. O que eu olhava era uma estrutura parecendo a imagem ampliada de uma colméia. Havia incontáveis túneis geométricos indo em todas as direções. Alguns subiam ou desciam verticalmente, outros iam para a direita ou a esquerda; faziam ângulos uns com os outros, ou subiam ou desciam em rampas de ângulos variados.

A luz era fraca ali dentro, mas tudo era perfeitamente visível. Os túneis pareciam vivos e conscientes; eles tremulavam. Eu olhava, e a percepção de que estava *vendo* me chocou. Aqueles eram túneis de energia. No instante dessa percepção a voz do emissário do sonho rugiu em meus ouvidos, tão alto que não pude entender o que ele dizia.

— Mais baixo! — gritei com impaciência incomum, e percebi que, se falasse, eu bloqueava a visão dos túneis e entrava num vácuo onde só conseguia escutar.

O emissário modulou sua voz e disse:

— Você está dentro de um ser inorgânico. Escolha um túnel e poderá até mesmo viver nele. — A voz parou por um instante e em seguida acrescentou: — Isto é, se você quiser.

Não consegui me obrigar a dizer nada. Estava com medo de que qualquer afirmação pudesse dizer o oposto do que eu pretendia.

— Existem vantagens infinitas para você — prosseguiu a voz do emissário. — Pode viver em quantos túneis quiser. E cada um deles irá ensinar uma coisa diferente. Os feiticeiros da antigüidade viveram assim e aprenderam coisas maravilhosas.

Senti, sem qualquer sensação, que o batedor me empurrava por trás. Parecia que desejava me fazer andar. Peguei o primeiro túnel à direita. Assim que entrei, alguma coisa me fez perceber que não estava andando naqueles túneis; estava pairando, voando. Eu era uma bolha de energia parecida com o batedor.

A voz do emissário soou em meus ouvidos de novo.

— Sim, você é apenas uma bolha de energia — falou reafirmando o que eu já sabia. Mas sua redundância me trouxe um alívio imenso. — E está flutuando dentro de um ser inorgânico. E assim que o batedor deseja que você se movimente neste mundo. Quando o tocou, ele mudou-o para sempre. Agora você é praticamente um de nós. Se quiser ficar aqui, basta verbalizar seu intento.

O emissário parou de falar e a visão do túnel retornou. Mas

quando falou de novo alguma coisa fora ajustada; não perdi a visão daquele mundo e continuava podendo escutar a voz do emissário.

— Os feiticeiros antigos aprenderam tudo que podiam sobre sonhar ficando aqui, conosco — disse ele.

Eu ia perguntar se eles aprenderam tudo que sabiam apenas vivendo naqueles túneis, mas antes de verbalizar minha pergunta o emissário respondeu:

— Sim, eles aprenderam tudo apenas vivendo dentro dos seres inorgânicos. Para viver dentro deles, tudo que os feiticeiros antigos precisavam era dizer isso; do mesmo modo que para chegar aqui bastou você verbalizar o seu intento, alto e claro.

O batedor me empurrou, sinalizando para que eu continuasse em movimento. Hesitei e ele fez alguma coisa equivalente a me empurrar com tanta força que voei como uma bala através de túneis infinitos. Finalmente parei porque o batedor parou. Flutuamos por um instante e em seguida caímos num túnel vertical. Não senti a mudança drástica de direção. No que tangia à minha consciência, eu continuava seguindo paralelo ao chão.

Mudamos várias vezes de direção, com o mesmo efeito perceptivo. Comecei a formular um pensamento sobre minha incapacidade de sentir que estava me movendo para cima ou para baixo quando ouvi a voz do emissário.

— Acho que você vai se sentir mais confortável se engatinhar, em vez de voar. Você também pode se mover como uma aranha ou uma mosca, para cima, para baixo, ou de cabeça para baixo.

Parei instantaneamente. Era como se estivesse flutuando e de súbito ganhasse algum peso que me puxou para o chão. Não pude sentir as paredes do túnel, mas o emissário estava certo quanto a me sentir mais confortável engatinhando.

— Neste mundo você não precisa ficar preso pela gravidade — ele disse o que, claro, eu estava em condições de perceber sozinho. — Também não precisa respirar. E, só para sua conveniência, pode manter a visão e ver como vê em seu mundo. — O emissário parecia

estar decidindo se deveria acrescentar mais coisas. Tossiu, como alguém limpando a garganta, e disse: — A visão nunca é prejudicada, de modo que o sonhador sempre fala sobre o sonhar em termos do que vê.

O batedor me empurrou para um túnel à direita. Era um tanto mais escuro do que os outros. Para mim, num nível absurdo, parecia mais aconchegante do que os outros, mais amigável ou até mesmo conhecido. Passou por meu pensamento a idéia de que eu era parecido com aquele túnel ou que o túnel era parecido comigo.

— Vocês dois já se encontraram antes — disse a voz do emissário.

— Perdão? — falei. Eu tinha entendido o que ele dissera, mas a afirmação era incompreensível.

— Vocês dois lutaram, e por causa disso agora um carrega a energia do outro.

Pensei que a voz do emissário guardava um toque de malícia ou de sarcasmo.

— Não, não é sarcasmo — disse ele. — Estou feliz que você tenha parentes entre nós.

— O que quer dizer com parentes? — perguntei.

— A energia compartilhada cria a afinidade. A energia é como o sangue.

Fiquei incapacitado de dizer qualquer coisa. Senti claramente choques de medo.

— Medo é uma coisa ausente deste mundo — disse o emissário. E essa foi a única afirmativa inverídica.

Meu sonhar terminou ali. Fiquei tão chocado com a nitidez de tudo, e com a impressionante clareza e continuidade das afirmações do emissário, que não pude esperar para contar a Dom Juan. Fiquei surpreso e perturbado quando ele não quis ouvir minha narrativa. Não falou, mas tive a impressão de que ele acreditava que tudo fora produto de minha personalidade condescendente.

— Por que está agindo assim comigo? — perguntei. — Está

desgostoso?

— Não. Não estou desgostoso com você. O problema é que não posso falar sobre essa parte do seu sonhar. Você está completamente sozinho neste caso. Eu disse que os seres inorgânicos são reais. Você está descobrindo o quanto são reais. Mas o que fizer com essa descoberta é coisa sua, somente sua. Algum dia verá o motivo de minha distância.

— Mas não existe alguma coisa que você possa falar sobre esse sonho? — insisti.

— Só posso dizer que não foi um sonho. Foi uma jornada ao desconhecido. Uma jornada necessária, devo dizer; e ultrapessoal.

Mudou de assunto e começou a falar sobre outros aspectos de seus ensinamentos.

Daquele dia em diante, a despeito de meu medo e da relutância de Dom Juan em me aconselhar, tornei-me um viajante regular àquele mundo esponjoso. Descobri de imediato que, quanto maior minha capacidade de observar os detalhes dos sonhos, maior a facilidade de isolar os batedores. Se eu escolhesse reconhecer os batedores como uma energia estranha, eles permaneciam algum tempo em meu campo perceptivo. Se escolhesse transformar os batedores em objetos semiconhecidos, eles ficavam ainda mais tempo, mudando erraticamente de forma. Mas se eu os seguisse, revelando em voz alta meu intento de ir, os batedores realmente transportavam minha atenção sonhadora para um mundo além do que eu posso normalmente imaginar.

Dom Juan dissera que os seres inorgânicos estão sempre propensos a ensinar. Mas não tinha dito que eles estão propensos a ensinar apenas sobre o sonhar. Havia afirmado que o emissário do sonho, por ter uma voz, é a ponte perfeita entre aquele mundo e o nosso. Descobri que o emissário não era apenas a voz de um professor, e sim a voz de um vendedor extremamente sutil. Ele repetia sempre e sempre, no momento adequado, as vantagens de seu mundo. Ainda assim me ensinava coisas valiosíssimas sobre o

sonhar. Ouvindo-o eu compreendia a preferência dos feiticeiros antigos pelas práticas precisas.

— Para o sonhar perfeito, a primeira coisa a fazer é calar todo o diálogo interno — ele me disse uma vez. — Para obter melhores resultados em calar o diálogo, ponha entre os dedos cristais de quartzo com cinco a sete centímetros de comprimento ou algumas pedras de rio finas e lisas. Dobre ligeiramente os dedos e aperte os cristais ou as pedras.

O emissário disse que pinos de metal, se fossem do tamanho e da grossura dos dedos, eram igualmente eficazes. O procedimento consistia em apertar pelo menos três objetos finos entres os dedos de cada mão e criar uma pressão quase dolorosa nas mãos. Uma pressão que tinha a estranha propriedade de calar o diálogo interno. A preferência expressa do emissário eram os cristais de quartzo; disse que eles davam o melhor resultado, ainda que, com a prática, qualquer coisa servisse.

— Cair no sono num momento de silêncio total garante uma entrada perfeita no sonhar — disse a voz do emissário. — E também garante o estímulo da atenção sonhadora.

— Os sonhadores devem usar um anel de ouro — o emissário disse uma outra vez. — De preferência um pouquinho apertado.

A explicação do emissário foi que um anel assim serve como ponte para os sonhadores voltarem à superfície do mundo cotidiano ou para afundar, de nossa consciência cotidiana, no reino dos seres inorgânicos.

— Como funciona essa ponte? — perguntei. Não tinha entendido qual era a relação.

— O contato dos dedos com o anel estabelece a ponte — disse o emissário. — Se um sonhador vem ao meu mundo usando um anel, esse anel atrai e prende a energia de meu mundo; e quando for necessário, essa energia transporta o sonhador de volta ao seu mundo. Ele provoca uma constante sensação familiar em seu dedo.

Durante outra sessão do sonhar, o emissário disse que nossa

pele é o órgão perfeito para transportar ondas de energia, da modalidade do mundo cotidiano para a modalidade dos seres inorgânicos, e vice-versa. Recomendou manter a pele fresca e livre de pigmentos ou óleos. Também recomendou que os sonhadores usassem um cinto apertado, uma faixa na cabeça ou um colar, criando um ponto de pressão que atua como um centro de troca de energia na pele. O emissário explicou que a pele automaticamente filtra a energia, e o que precisávamos fazer para que a pele não somente filtrasse, mas também trocasse energia de uma modalidade para outra, era expressar o intento em voz alta, durante o sonhar.

Um dia a voz do emissário me deu um bônus fabuloso. Disse que, para assegurar a agudeza e a precisão de nossa atenção sonhadora, devemos tirá-la de trás do céu da boca, onde um enorme reservatório de atenção está localizado em todos os seres humanos. A sugestão específica do emissário era treinar e aprender a disciplina e o controle necessário para apertar a ponta da língua no céu da boca durante o sonhar. Uma tarefa tão difícil e desgastante, disse o emissário, quanto encontrar a própria mão num sonho. Mas uma tarefa que, depois de realizada, dava os resultados mais espantosos, em termos de controlar a atenção sonhadora.

Recebi uma profusão de instruções sobre todos os temas imagináveis; instruções que eu prontamente esquecia se não me fossem infinitamente repetidas. Pedi conselho a Dom Juan para resolver esse problema de esquecer.

Seu comentário foi tão breve quanto eu esperava.

— Concentre-se apenas no que o emissário diz sobre o sonhar.

Eu agarrava com tremendo fervor qualquer coisa que o emissário repetisse vezes suficientes. Fiel à recomendação de Dom Juan, somente segui seus conselhos quando se referiam ao sonhar, e pessoalmente corroborrei o valor de sua instrução. A informação mais vital para mim foi que a atenção sonhadora vem de trás do céu da boca. Custou um esforço enorme sentir, enquanto sonhava, que estava apertando o céu da boca com a ponta da língua. Assim que

consegui, minha atenção sonhadora assumiu vida própria e tornou-se, devo dizer, mais aguda do que minha atenção normal do mundo cotidiano.

Não precisei de muito tempo para deduzir como deve ter sido profundo o envolvimento dos feiticeiros antigos com os seres inorgânicos. Os comentários e os avisos de Dom Juan sobre o perigo desse envolvimento tornaram-se mais vitais do que nunca. Tentei ao máximo atender aos seus padrões de auto-exame e nenhuma indulgência. Assim, a voz do emissário e o que ela dizia tornou-se para mim um enorme desafio. Precisava evitar, a todo custo, sucumbir à tentação implícita na promessa de conhecimento dada pelo emissário; e tive de fazer tudo sozinho, já que Dom Juan continuava se recusando a ouvir meus relatos.

— Você precisa me dar pelo menos uma pista do que devo fazer — insisti numa ocasião, quando tive coragem suficiente para pedir.

— Não posso — ele disse com um tom definitivo. — E não peça outra vez. Já disse, nesse caso os sonhadores devem ser deixados a sós.

— Mas você nem mesmo sabe o que desejo perguntar.

— Ah, sei sim. Você quer que eu diga se está certo viver num daqueles túneis; nem que seja só para saber o que a voz do emissário está falando.

Admiti que esse era exatamente o meu dilema. No mínimo eu queria saber o que estava implícito na afirmação de que alguém poderia viver num daqueles túneis.

— Eu próprio passei pelo mesmo problema — prosseguiu Dom Juan. — E ninguém pôde me ajudar, porque essa é uma decisão extremamente pessoal e definitiva, uma decisão definitiva tomada no momento em que você verbaliza o desejo de viver naquele mundo. Para conseguir que você verbalize esse desejo, os seres inorgânicos vão atender aos seus desejos mais secretos.

— Isso é realmente diabólico, Dom Juan.

— Pode dizer isso de novo. Mas não somente com relação ao

que está pensando. Para você, a parte diabólica é a tentação de ceder, especialmente quando existem tantas recompensas enormes em jogo. Para mim, a natureza diabólica do reino dos seres inorgânicos é que ele pode muito bem ser o único santuário que os sonhadores têm num universo hostil.

— Ele é realmente um porto seguro para os sonhadores, Dom Juan?

— Ele é definitivamente um porto seguro para alguns sonhadores. Não para mim. Não preciso de escoras nem de corrimãos. Sei quem sou. Estou sozinho num universo hostil e aprendi a dizer: que seja!

Esse foi o fim da conversa. Ele não dissera o que eu desejava ouvir, mas eu sabia que até mesmo o desejo de saber o que seria viver num túnel quase significava escolher aquele modo de vida. Eu não estava interessado numa coisa dessas. Tomei nesse momento a decisão de continuar os exercícios de sonhar, sem mais nenhuma implicação. Rapidamente contei a Dom Juan.

— Não diga nada — ele aconselhou. — Mas compreenda que, se decidir ficar, sua decisão é definitiva. Vai ficar aqui para sempre.

Para mim é impossível julgar objetivamente o que aconteceu nas incontáveis vezes em que sonhei com aquele mundo. Posso dizer que parecia um mundo tão real quanto qualquer sonho pode ser real. Ou posso também dizer que parecia tão real quanto o nosso mundo cotidiano. Sonhando com aquele mundo fiquei consciente do que Dom Juan me dissera muitas vezes: que sob a influência do sonhar a realidade sofre uma metamorfose. Vi-me então diante das duas opções que, de acordo com Dom Juan, são enfrentadas por todos os sonhadores: ou remodelamos cuidadosamente nosso sistema de interpretação dos dados sensoriais ou o deixamos completamente de lado.

Para Dom Juan, remodelar nosso sistema de interpretação significa intentar seu recondicionamento. Significa tentar deliberada e cuidadosamente alargar suas capacidades. Vivendo de acordo com

o caminho dos feiticeiros, os sonhadores economizam e acumulam a energia necessária para suspender o julgamento e, assim, facilitar essa remodelação pretendida. Ele explicou que, se escolhermos o recondicionamento de nossos sistemas de interpretação, a realidade se torna fluida, e o âmbito do que pode ser real é ampliado sem colocar em perigo a integridade da realidade. Sonhar, então, abre de fato as portas para outros aspectos do que é real.

Se escolhermos deixar de lado nosso sistema, o âmbito do que pode ser percebido sem interpretação cresce imensuravelmente. A expansão de nossa percepção é tão gigantesca que ficamos com muito poucas ferramentas para a interpretação sensorial. Resta-nos, assim, uma sensação de infinita realidade, que é irreal, ou de infinita irrealidade que pode muito bem ser real, mas não é.

Para mim, a única opção aceitável era reconstruir e alargar meu sistema de interpretação. Sonhando no reino dos seres inorgânicos eu me via, de sonho para sonho, diante da consistência daquele mundo, começando com o isolamento dos batedores, em seguida ouvindo a voz do emissário e atravessando os túneis. Passava através deles sem sentir nada, e mesmo assim permanecendo consciente de que o espaço e o tempo eram constantes, ainda que não em termos discerníveis através da racionalidade, sob condições normais. Entretanto, ao noticiar a diferença ou a ausência ou profusão de detalhes em cada túnel, ou ao perceber a sensação de distância entre os túneis, ou ao perceber o tamanho ou a largura aparentes de cada túnel, eu chegava a um senso de observação objetiva.

As áreas onde essa reconstrução de meu sistema interpretativo tiveram efeito mais dramático foram no conhecimento de como me relacionava com o mundo dos seres inorgânicos. Naquele mundo, que era real para mim, eu era uma bolha de energia. Podia disparar pelos túneis como uma luz movendo-se rápida ou podia engatinhar pelas paredes, como um inseto. Se voasse, uma voz me dava informações consistentes, não arbitrárias, sobre detalhes das

paredes onde havia focalizado a atenção sonhadora. Esses detalhes eram protuberâncias intrincadas, como o sistema braile de escrita. Quando me arrastava nas paredes podia ver os mesmos detalhes com maior precisão, e ouvir a voz dando descrições mais complexas.

A conseqüência inevitável foi o desenvolvimento de um ponto de vista dual. Por um lado eu sabia que estava tendo um sonho; por outro, sabia que estava envolvido numa jornada pragmática, tão real quanto qualquer jornada no mundo. Esse corte genuíno era uma corroboração do que Dom Juan dissera: a existência dos seres inorgânicos é o maior desafio à nossa racionalidade.

Só depois de realmente suspender meu julgamento senti algum alívio. Num determinado momento, quando a tensão de minha postura insustentável estava quase me destruindo — acreditando seriamente na existência atestável dos seres inorgânicos e ao mesmo tempo acreditando seriamente que tudo era apenas um sonho —, alguma coisa em minha atitude mudou drasticamente, mas sem qualquer solicitação de minha parte.

Dom Juan afirmou que meu nível de energia, que vinha crescendo continuamente, chegou a um limite que me permitia deixar de lado suposições e prejulgamentos sobre a natureza do homem, da realidade e da percepção. Naquele dia me enamorei do conhecimento, independente da lógica ou do valor funcional e, acima de tudo, independente da conveniência pessoal.

Quando minha pesquisa objetiva sobre o tema dos seres inorgânicos passou a não importar mais, o próprio Dom Juan puxou o assunto de minha jornada de sonho naquele mundo. Disse:

— Não creio que você esteja consciente da regularidade de seus encontros com os seres inorgânicos.

Ele estava certo. Eu nunca me preocupara em pensar naquilo. Comentei a estranheza de minha desatenção.

— Não é uma desatenção — disse ele. — É a natureza daquele reino, estimular o segredo. Os seres inorgânicos se escondem em mistério, na escuridão. Pense naquele mundo: estacionário, com o

objetivo fixo de atrair-nos como moscas em direção ao fogo.

"Há uma coisa que, até agora, o emissário não ousou lhe contar: que os seres inorgânicos estão atrás de nossa consciência, ou da consciência de qualquer ser que caia em suas redes. Eles dão conhecimento, mas cobram um preço: nosso ser total.

— Quer dizer, Dom Juan, que os seres inorgânicos são como pescadores?

— Exatamente. Em algum momento o emissário vai lhe mostrar pessoas que ficaram presas lá, ou outros seres que não são humanos e que também ficaram presos.

Repulsa e medo devem ter sido minha resposta. As revelações de Dom Juan me afetaram profundamente, mas no sentido de criar uma curiosidade incontida. Eu estava praticamente arquejando.

— Os seres inorgânicos não podem forçar ninguém a ficar com eles — prosseguiu Dom Juan. — Viver no mundo deles é uma questão voluntária. Mas eles são capazes de aprisionar qualquer um atendendo aos nossos desejos, mimando-nos e cedendo às nossas vontades. Cuidado com a consciência, que é imóvel. Consciências assim precisam buscar movimento, e fazem isso, como eu disse, criando projeções; projeções fantasmagóricas, às vezes.

Pedi a Dom Juan para explicar o que queria dizer com projeções fantasmagóricas. Ele disse que os seres inorgânicos prendem-se aos sentimentos mais íntimos dos sonhadores e jogam impiedosamente com eles. Criam fantasmas para agradar ou apavorar os sonhadores. Lembrou-me de que eu lutara com um daqueles fantasmas. Explicou que os seres inorgânicos são soberbos projecionistas que se deliciam em se projetar como imagens na parede.

— Os feiticeiros antigos foram derrubados por sua confiança vazia naquelas projeções — continuou. — Os feiticeiros antigos acreditavam que seus aliados tinham poder. Não percebiam que seus aliados eram energias tênues projetadas através de mundos, como num filme cósmico.

— Está se contradizendo, Dom Juan. Você mesmo disse que os seres inorgânicos são reais. Agora diz que são apenas imagens.

— Quero dizer que, em nosso mundo, os seres inorgânicos são como imagens de cinema projetadas numa tela; e posso até mesmo acrescentar que são como imagens móveis de energia rarefeita projetada através das fronteiras de dois mundos.

— Mas, e quanto aos seres inorgânicos no mundo deles? Também são como imagens móveis?

— De jeito nenhum. Aquele mundo é tão real quanto o nosso. Os feiticeiros antigos descreviam o mundo dos seres inorgânicos como uma bolha de cavernas e poros flutuando num espaço escuro. E descreviam os seres inorgânicos como tubos ocos colados juntos, como as células de nosso corpo. Os feiticeiros antigos chamavam-no de cacho imenso, de labirinto de penumbra.

— Então todo sonhador vê aquele mundo do mesmo jeito, certo?

— Claro. Todo sonhador o vê como ele é. Você pensa que é especial?

Confessei que alguma coisa naquele mundo me dava o tempo todo a sensação de que eu era especial. O que criava esse sentimento agradável e nítido de ser exclusivo não era a voz do emissário do sonho, ou qualquer coisa na qual pudesse pensar conscientemente.

— Foi exatamente isso que derrubou os feiticeiros antigos — disse Dom Juan. — Os seres inorgânicos fizeram com eles o que estão fazendo agora com você; criaram o sentimento de que eram especiais, exclusivos; e um sentimento ainda mais pernicioso: o sentimento de poder. O poder e a sensação de ser especial são forças corruptoras insuportáveis. Cuidado!

— Como foi que você evitou o perigo, Dom Juan?

— Fui àquele mundo algumas vezes e nunca mais voltei.

Dom Juan explicou que, na opinião dos feiticeiros, o universo é predador, e que os feiticeiros, melhor do que qualquer pessoa, precisam levar isso em conta em suas atividades diárias de feitiçaria.

Ele achava que a consciência é intrinsecamente compelida a crescer, e o único modo de crescer é através de lutas, de confrontações de vida ou morte.

— A consciência dos feiticeiros cresce enquanto eles sonham — prosseguiu. — E no momento em que ela cresce, alguma coisa lá fora reconhece o crescimento, reconhece e faz uma oferta. Os seres inorgânicos são os compradores dessa consciência nova e aumentada. Os sonhadores precisam estar alerta o tempo inteiro. São a presa, no momento em que se aventuram naquele universo predador.

— O que você me sugere, para ficar seguro, Dom Juan?

— Estar alerta a cada segundo! Não deixar que nada nem ninguém decida por você. Só vá ao mundo dos seres inorgânicos quando quiser.

— Honestamente, Dom Juan, eu não saberia como fazer isso. Assim que isolo um batedor, sinto uma pressão tremenda para ir. Não tenho a menor chance de mudar de idéia.

— Qual é, com quem você acha que está brincando? Você pode definitivamente parar. Só não tentou.

Insisti, sério, que para mim era impossível. Ele não prosseguiu com o assunto, e agradeci por isso. Um sentimento perturbador de culpa começara a me atacar. Por algum motivo desconhecido, o pensamento de interromper conscientemente o puxão dos batedores jamais me ocorrera.

Como sempre, Dom Juan estava certo. Descobri que podia mudar o curso do sonhar intentando esse curso. Afinal de contas, eu realmente intentava que os batedores me levassem para o seu mundo. Era viável que, se eu deliberadamente intentasse o oposto, meu sonhar seguisse o caminho oposto.

Com a prática, minha capacidade de intentar as jornadas até o mundo dos seres inorgânicos tornou-se extraordinariamente aguçada. Uma capacidade cada vez maior de intentar trouxe um controle cada vez maior sobre minha atenção sonhadora. Esse

controle adicional me deixou mais ousado. Senti que podia viajar com impunidade, porque conseguia interromper a jornada a qualquer momento que desejasse.

— Sua confiança é muito assustadora — foi o comentário de Dom Juan quando contei, a seu pedido, sobre o novo aspecto do controle da atenção sonhadora.

— Por que deveria ser assustadora? — perguntei. Eu estava realmente convicto do valor prático do que descobrira.

— Por que a sua confiança é a confiança de um idiota. Vou contar uma história de feiticeiro, que vem bem a propósito. Não fui eu quem testemunhou, e sim o professor do meu professor, o Nagual Elias.

Dom Juan disse que o Nagual Elias e o amor de sua vida, uma feiticeira chamada Amália, perderam-se na juventude, no mundo dos seres inorgânicos.

Nunca antes eu ouvira Dom Juan falar sobre feiticeiros que fossem o amor da vida de qualquer pessoa. Sua afirmação me espantou. Perguntei sobre essa inconsistência.

— Não é uma inconsistência. Simplesmente evitei o tempo todo contar histórias sobre a afeição dos feiticeiros. Você vive tão supersaturado com amor que desejei dar uma folga.

"Bom, o Nagual Elias e o amor de sua vida, a feiticeira Amália, perderam-se no mundo dos seres inorgânicos. Eles não foram lá sonhando, e sim com seus corpos físicos.

— Como isso aconteceu, Dom Juan?

— Seu professor, o Nagual Rosendo, tinha temperamento e práticas muito próximas às dos feiticeiros antigos. Ele pretendia ajudar Elias e Amália, mas em vez disso empurrou-os para além de algumas fronteiras mortais. O Nagual Rosendo não pretendia provocar essa passagem. O que desejava era colocar os dois discípulos na segunda atenção, mas o que obteve foi o seu desaparecimento.

Dom Juan disse que não iria entrar nos detalhes daquela

história longa e complicada. Só iria contar como eles se perderam naquele mundo. Afirmou que o erro de cálculo do Nagual Rosendo foi presumir que os seres inorgânicos não têm o menor interesse em mulheres. Seu raciocínio era correto e foi guiado pelo conhecimento dos feiticeiros de que o universo é marcadamente feminino e que a masculinidade, sendo o oposto da feminilidade, é bastante escassa e, portanto, desejada.

Dom Juan fez uma digressão e comentou que talvez a escassez de elementos masculinos seja o motivo do domínio injustificado dos homens em nosso planeta. Desejei permanecer nesse tópico, mas ele prosseguiu com sua história. Disse que o plano do Nagual Rosendo era dar instruções a Elias e a Amália exclusivamente na segunda atenção. E para isso seguiu a técnica dos feiticeiros antigos. Atraiu um batedor, durante o sonhar, e comandou que ele transportasse seus discípulos para a segunda atenção deslocando seus pontos de aglutinação para o posicionamento adequado.

Teoricamente, um batedor poderoso poderia deslocar sem qualquer esforço seus pontos de aglutinação para o posicionamento adequado. O que o Nagual Rosendo não levou em consideração foi a velhacaria dos seres inorgânicos. O batedor deslocou o ponto de aglutinação dos discípulos, más deslocou-os para um posicionamento no qual seria fácil transportá-los fisicamente para o reino dos seres inorgânicos.

— Isso é possível, transportar fisicamente? — perguntei.

— É possível — ele me assegurou. — Nós somos energia mantida numa forma e numa posição específica pela fixação do ponto de aglutinação num determinado posicionamento. Se esse posicionamento é modificado, a forma e a posição dessa energia irá mudar de acordo. Tudo que os seres inorgânicos precisam fazer é colocar nosso ponto de aglutinação no posicionamento exato, e lá vamos nós, como uma bola: levando sapatos, chapéu, tudo.

— Isso pode acontecer com qualquer um de nós, Dom Juan?

— Com toda certeza. Especialmente se a soma total de nossa

energia for correta. Obviamente a soma total das energias combinadas de Elias e Amália era uma coisa que os seres inorgânicos não poderiam desprezar. É absurdo confiar nos seres inorgânicos. Eles têm seu próprio ritmo, que não é humano.

Perguntei a Dom Juan o que, exatamente, o Nagual Rosendo fez para mandar os discípulos até aquele mundo. Sabia que era estupidez perguntar, que ele forçosamente ignoraria a pergunta. Minha surpresa foi genuína quando ele começou a contar.

— O processo é de uma simplicidade total. Ele fechou os discípulos num espaço muito pequeno; como um armário. Em seguida entrou no sonhar, chamou um batedor dos seres inorgânicos verbalizando seu intento, e em seguida verbalizou o intento de oferecer os discípulos ao batedor.

“O batedor, naturalmente, aceitou a oferta e levou-os num momento em que eles estavam com a guarda baixa, fazendo amor dentro do cubículo. Quando o Nagual abriu o cubículo eles não se encontravam mais lá.

Dom Juan explicou que doar pessoas aos seres inorgânicos era exatamente o que os feiticeiros antigos costumavam fazer com os discípulos. O Nagual Rosendo não pretendia isso, mas foi levado pela crença absurda de que os seres inorgânicos estavam sob seu controle.

— As manobras dos feiticeiros são mortais — prosseguiu Dom Juan. — Insisto que você seja extraordinariamente consciente. Não se envolva no pensamento de que tem alguma confiança idiota em si próprio.

— Mas o que aconteceu finalmente com o Nagual Elias e Amália? — perguntei.

— O Nagual Rosendo precisou ir fisicamente àquele mundo, procurar por eles.

— E encontrou?

— Encontrou, depois de lutas enormes. Mas não pôde trazê-los totalmente. De modo que os dois jovens permaneceram para sempre

semiprisioneiros daquele reino.

— Você os conheceu, Dom Juan?

— Claro, conheci e posso assegurar que eles eram bastante estranhos.

6

O MUNDO DAS SOMBRAS

— Você deve ser extremamente cuidadoso, porque está em vias de cair nas mãos dos seres inorgânicos — Dom Juan disse inesperadamente, depois de conversarmos sobre alguma coisa sem qualquer relação com o sonhar. Sua afirmação me pegou de surpresa. Como sempre, tentei me defender.

— Não precisa me alertar. Sou muito cuidadoso.

— Os seres inorgânicos estão tramando — disse ele. — Eu sinto isso, e não posso me consolar dizendo que eles colocam as armadilhas desde o início e que, desse modo, os sonhadores indesejáveis são efetiva e permanentemente descobertos.

Seu tom de voz era tão ansioso que imediatamente precisei assegurar que não iria cair em nenhuma armadilha.

— Você deve considerar seriamente que os seres inorgânicos têm meios espantosos à disposição. Sua consciência é soberba. Em comparação, nós somos crianças; crianças com muita energia, que os seres inorgânicos cobiçam.

Desejei dizer que, num nível abstrato, eu compreendera sua posição e sua preocupação, mas que num plano concreto não via motivo para o aviso, porque estava no controle de minhas práticas de sonhar.

Seguiram-se alguns minutos de silêncio inquieto, antes de Dom Juan falar de novo. Mudou de assunto e disse que precisava mostrar um ponto muito importante de seu ensinamento sobre o

sonhar: um tema que, até ali, escapara à minha percepção.

— Você já compreende que os portões do sonhar são obstáculos específicos — disse ele — mas ainda não compreendeu que o exercício para alcançar e atravessar um portão não é o que realmente diz respeito a esse portão.

— Isso não é nem um pouco claro para mim, Dom Juan.

— Quero dizer que não é verdadeiro falar, por exemplo, que o segundo portão é alcançado e atravessado quando um sonhador aprende a acordar em outro sonho, ou quando um sonhador aprende a mudar de sonhos sem acordar no mundo da vida cotidiana.

— Por que não é verdadeiro, Dom Juan?

— Porque o segundo portão do sonhar é alcançado e atravessado somente quando o sonhador aprende a isolar e a seguir os batedores da energia estranha.

— Então por que se dá a idéia de mudar de sonhos?

— Acordar em outro sonho ou mudar de sonho é o exercício imaginado pelos feiticeiros antigos para treinar a capacidade do sonhador isolar e seguir um batedor.

Dom Juan afirmou que a capacidade de seguir um batedor era uma grande realização, e que quando os sonhadores conseguem fazê-lo, o segundo portão é escancarado e o universo que existe por trás dele torna-se acessível. Enfatizou que esse universo está lá todo o tempo, mas que não podemos chegar a ele porque não temos habilidade energética e que, em essência, o segundo portão do sonhar é a porta para o mundo dos seres inorgânicos, e o sonhar é a chave que abre essa porta.

— Um sonhador pode isolar um batedor diretamente, sem precisar passar pelos exercícios de mudar sonhos? — perguntei.

— De jeito nenhum. O exercício é essencial. A pergunta é se esse é o único exercício que existe. Ou se um sonhador pode fazer outro tipo de exercício.

Dom Juan me olhou irônico. Parecia esperar que eu respondesse à pergunta.

— É muito difícil inventar um exercício tão completo quanto o imaginado pelos feiticeiros antigos — falei sem saber por que, mas com irrefutável autoridade.

Dom Juan admitiu que eu estava completamente certo, e disse que os feiticeiros antigos haviam criado uma série de exercícios perfeitos para atravessar os portões do sonhar e ir até os mundos que existem atrás de cada um deles. Reiterou que o sonhar, sendo invenção dos feiticeiros antigos, deve ser jogado segundo suas regras. Descreveu a regra do segundo portão como tendo três etapas: primeiro, através do exercício de mudar os sonhos os sonhadores descobrem os batedores; segundo, ao seguir os batedores eles entram em outro universo verídico; e terceiro, lá, através de seus atos, os feiticeiros descobrem sozinhos as leis e os regulamentos daquele universo.

Dom Juan disse que ao lidar com os seres inorgânicos eu seguira tão bem as regras que ele temera conseqüências devastadoras. Pensou que a reação inevitável por parte dos seres inorgânicos seria a tentativa de manter-me em seu mundo.

— Não acha que está exagerando, Dom Juan? — Eu não podia acreditar que o quadro fosse tão negro quanto ele pintava.

— Não estou exagerando nem um pouco — disse ele num tom seco e sério. — Você verá, os seres inorgânicos não abrem mão de ninguém; não sem uma verdadeira luta.

— Mas o que o faz pensar que eles me querem?

— Eles já mostraram muitas coisas a você. Realmente acredita que eles passam por tudo isso só para se divertir?

Dom Juan riu da própria observação. Eu não achei graça. Um medo estranho me fez perguntar se ele achava que eu deveria interromper ou até mesmo acabar totalmente com meus exercícios de sonhar.

— Você precisa continuar até chegar ao universo que há por trás do segundo portão. Quero dizer que você sozinho deve aceitar ou rejeitar o chamariz dos seres inorgânicos. Por isso me mantenho

distante e praticamente não comento suas práticas de sonhar.

Confessei que não conseguia explicar por que ele era tão generoso em elucidar outros aspectos de seu conhecimento e tão avarento com o sonhar.

— Fui forçado a ensiná-lo a sonhar somente porque esse é o padrão determinado pelos feiticeiros antigos — disse ele. — O caminho do sonhar é cheio de armadilhas, e evitar essas armadilhas ou cair nelas é o problema pessoal e individual de cada sonhador, e devo acrescentar que é um problema definitivo.

— E essas armadilhas são o resultado de sucumbir à adulação ou às promessas de poder?

— Não somente de sucumbir a isso, mas de sucumbir a qualquer coisa oferecida por eles, além de um determinado ponto.

— E qual é esse certo ponto, Dom Juan?

— O ponto depende de nós como indivíduos. O desafio é cada um de nós pegar apenas o que for necessário naquele mundo, e nada mais. Saber o que é necessário é a virtude dos feiticeiros; mas pegar apenas o necessário é sua maior realização. Deixar de compreender essa regra simples é o meio mais seguro de despencar numa armadilha.

— O que acontece quando se cai, Dom Juan?

— Se você cair, você paga o preço, e o preço depende das circunstâncias e do tamanho da queda. Mas realmente não há meio de falar de uma eventualidade dessas, porque não estamos enfrentando um problema de punição. Aqui o que está em jogo são correntes energéticas; correntes energéticas que criam circunstâncias mais apavorantes do que a morte. Tudo no caminho dos feiticeiros é questão de vida ou morte, mas no caminho do sonhar essa questão é multiplicada por cem.

Garanti a Dom Juan que eu sempre tivera o maior cuidado em minhas práticas do sonhar, e que era extremamente disciplinado e consciencioso.

— Você sabe que é — disse ele. — Mas quero que seja ainda

mais disciplinado e que trate com luvas de pelica tudo que for relacionado ao sonhar. Seja vigilante, acima de tudo. Não posso prever de onde virá o ataque.

— Está *vendo* um perigo iminente para mim, Dom Juan?

— Eu vi perigo iminente para você desde o dia em que andou naquela cidade misteriosa, na primeira vez em que ajudei-o a usar seu corpo energético.

— Mas você sabe especificamente o que eu deveria fazer e o que deveria evitar?

— Não, não sei. Só sei que o universo por trás do segundo portão é o mais próximo do nosso; e o nosso próprio universo é bastante malicioso e desprovido de sentimentos. De modo que os dois não podem ser tão diferentes.

Insisti em que me dissesse o que me aguardava. E ele insistiu que, como feiticeiro, sentia um estado de perigo geral, mas não poderia ser mais específico.

— O universo dos seres inorgânicos está sempre pronto a atacar — prosseguiu ele. — Mas o nosso também. Por isso você precisa chegar ao reino deles exatamente como se estivesse entrando numa zona de guerra.

— Quer dizer, Dom Juan, que os sonhadores devem estar sempre com medo daquele mundo?

— Não. Não quis dizer isso. Uma vez que o sonhador passar para o universo atrás do segundo portão, ou assim que se recusar a considerá-lo uma opção viável, não há mais dor de cabeça.

Dom Juan afirmou que somente então os sonhadores ficam livres para prosseguir. Não tive certeza do que ele queria dizer. Ele explicou que o universo atrás do segundo portão é tão agressivo que serve como filtro natural ou como um campo de provas onde a fraqueza dos sonhadores é testada. Se sobreviverem aos testes, eles podem ir para o portão seguinte; caso contrário, permanecem presos para sempre naquele universo.

Fiquei louco de ansiedade mas, a despeito de toda a minha

insistência, isso foi tudo que ele disse. Quando voltei para casa continuei minhas jornadas para o reino dos seres inorgânicos, tendo enorme cuidado. Minha cautela só pareceu aumentar a sensação de prazer nas viagens. Cheguei ao ponto em que a mera contemplação do mundo dos seres inorgânicos bastava para criar um júbilo impossível de ser descrito. Temi que meu prazer terminasse cedo ou tarde, mas não foi assim. Uma coisa inesperada tornou-o ainda mais intenso.

Numa ocasião um batedor me guiou apressadamente através de túneis incontáveis, como se procurasse alguma coisa, ou como se tentasse me retirar toda a energia e me esgotar. Quando finalmente parou eu sentia como se houvesse corrido uma maratona. Parecia estar na extremidade daquele mundo. Não havia mais túneis. Apenas uma escuridão ao redor. Então alguma coisa iluminou a área diante de mim; a luz brilhava de uma fonte indireta. Era uma luz baça que deixava tudo de um cinza ou marrom difuso. Quando me acostumei à luz distingui vagamente algumas formas escuras se movimentando. Depois de um tempo parecia que focalizar minha atenção sonhadora naquelas formas móveis tornava-as mais substanciais. Percebi três tipos diferentes: algumas eram redondas, como bolas; outras eram como sinos, e outras como gigantescas chamas ondulantes. Todas eram basicamente arredondadas e do mesmo tamanho. Julguei que medissem entre noventa centímetros e um metro e vinte. Havia centenas, ou até mesmo milhares delas.

Soube que estava tendo uma visão estranha e sofisticada; e no entanto aquelas formas eram tão reais que me vi reagindo com mal-estar. Tive a sensação nauseante de um ninho de insetos gigantescos, redondos, marrons-acinzentados. Entretanto, de algum modo, sentia-me seguro pairando acima deles; um sentimento que descartei de imediato. Percebi que era idiotice ficar tranqüilo, como se meu sonho fosse uma situação da vida real. Mas enquanto observava aquelas formas insetóides se contorcendo, comecei a me sentir ainda mais perturbado com a idéia de que elas iriam me tocar.

— Somos a unidade móvel de nosso mundo — disse de súbito a voz do emissário. — Não tenha medo. Somos energia, e certamente não pretendemos tocá-lo. De qualquer modo seria impossível. Estamos separados por fronteiras reais.

Depois de uma longa pausa a voz acrescentou:

— Queremos que você se junte a nós. Venha até onde estamos. E não fique tão constrangido. Você não fica constrangido com os batedores nem comigo. Os batedores e eu somos exatamente como os outros. Eu tenho forma de sino, e os batedores são como chamas de velas.

A última afirmação foi definitivamente uma espécie de pista para o meu corpo energético. Ao ouvi-la minha náusea e meu medo desapareceram. Desci até o nível deles, e as bolas, os sinos e as chamas de vela me rodearam. Chegaram tão perto que teriam me tocado, caso eu tivesse um corpo físico. Em vez disso passamos uns através dos outros, como sopros de ar encapsulado.

Nesse ponto tive uma sensação incrível. Apesar de não sentir nada com meu corpo energético ou dentro dele, estava sentindo e registrando uma coceira incomum em outro lugar; havia coisas tênues, parecendo ar, me atravessando, mas não ali. A sensação foi vaga e rápida, e não me deu tempo de captá-la totalmente. Em vez de focalizar nela a minha atenção sonhadora, fiquei totalmente absorvido em observar aqueles gigantescos insetos de energia.

No nível em que estávamos me parecia que talvez houvesse um elo comum entre mim e as entidades de sombras: o tamanho. Talvez porque eu julgasse que tinham o mesmo tamanho de meu corpo energético, eu me sentia quase confortável com elas. Ao examiná-las, minha conclusão foi de que não me importava com elas. Eram impessoais, frias, distantes; e gostei imensamente disso. Por um instante me perguntei se o fato de desgostar delas num minuto e gostar no outro fosse uma conseqüência natural do sonhar, ou um produto de alguma influência energética que aquelas entidades estivessem exercendo sobre mim.

— Elas são extremamente agradáveis — falei ao emissário no momento em que me senti atravessado por uma onda de profunda amizade ou até mesmo de afeição por elas.

Nem bem havia falado em pensamento quando as formas escuras se afastaram apressadas, como grandes porquinhos-da-índia, deixando-me sozinho na semi-escuridão.

— Você projetou sentimento demais e assustou-os — disse a voz do emissário. — Sentir é muito difícil para eles, ou para mim. — O emissário chegou dar um riso tímido.

A sessão de sonhar terminou ali. Ao acordar, minha primeira reação foi fazer a mala para ir ao México ver Dom Juan. Entretanto, um acontecimento inesperado em minha vida pessoal tornou impossível que eu viajasse, a despeito das preparações frenéticas. A ansiedade resultante desse revés interrompeu totalmente minhas práticas do sonhar. Não envolvi minha atenção consciente nessa parada; sem querer eu pusera tanta ênfase nesse sonho específico a ponto de simplesmente saber que, se não pudesse encontrar Dom Juan, não havia sentido em continuar a sonhar.

Depois de uma interrupção que durou mais de meio ano, fiquei cada vez mais desorientado pelo que ocorrera. Não tinha idéia de que meus sentimentos, sozinhos, interromperiam a prática do sonhar. Perguntei-me então se o desejo de renová-la seria suficiente para recomeçar. Era! Assim que reformulei o pensamento de voltar a sonhar, meu treinamento continuou como se não tivesse sido interrompido. O batedor me pegou onde havíamos parado e levou-me diretamente à mesma visão que eu tivera na última sessão.

— Este é o mundo das sombras — disse a voz do emissário, assim que cheguei. — Mas, apesar de sermos sombras, espalhamos luz. Não somos apenas móveis, mas somos a luz nos túneis. Somos outro tipo de ser inorgânico que existe aqui. Existem três tipos: um é como um túnel imóvel, o outro como uma sombra móvel. Nós somos as sombras móveis. Os túneis nos dão sua energia, e nós cumprimos as ordens deles.

O emissário parou de falar. Senti que estava me instigando a perguntar sobre o terceiro tipo de ser inorgânico. Também senti que, se não perguntasse, o emissário não diria.

— Qual é o terceiro tipo de ser inorgânico? — perguntei.

O emissário tossiu e deu um risinho. Para mim ele pareceu aliviado com a pergunta.

— Ah, esse é o tipo mais misterioso. O terceiro tipo só é revelado aos nossos visitantes quando eles decidem ficar conosco.

— Por quê?

— Porque é necessária uma grande quantidade de energia para vê-los. E nós teríamos de dar essa energia.

Eu sabia que o emissário estava dizendo a verdade. Também sabia que um perigo enorme espreitava; mesmo assim fui levado por uma curiosidade sem limites. Queria ver aquele terceiro tipo.

O emissário pareceu perceber meu sentimento.

— Gostaria de vê-los? — perguntou num tom casual.

— Sem dúvida — falei.

— Tudo que precisa é dizer em voz alta que deseja ficar conosco — o emissário falou com uma entonação indiferente.

— Mas, se eu disser isso, terei de ficar, certo?

— Naturalmente — o tom do emissário era de uma convicção definitiva. — Tudo que você diz em voz alta neste mundo é para valer.

Não pude deixar de pensar que, se o emissário quisesse me enganar para que eu ficasse, só teria de mentir. Eu não teria sabido a diferença.

— Não posso mentir para você porque a mentira não existe — disse o emissário intrometendo-se em meus pensamentos. — Só posso falar do que existe. Em meu mundo só existe o intento; uma mentira não tem intento por trás, portanto não existe.

Quis argumentar que existe intento mesmo por trás das mentiras. Antes de poder verbalizar meu argumento o emissário disse que por trás das mentiras há intenção, mas que a intenção não

é o intento.

Não pude manter a atenção sonhadora concentrada no argumento que o emissário colocava. Ela deslocou-se para os seres de sombra. De súbito percebi que eles pareciam um rebanho de estranhos animais de aparência infantil. A voz do emissário me avisou para conter os sentimentos, já que jorros súbitos de sentimento tinham a capacidade de fazê-los se dispersar, como uma revoada de pássaros.

— O que você deseja que eu faça? — perguntei.

— Venha para perto de nós e tente puxar-nos ou empurrar-nos — instou a voz do emissário. — Quanto mais depressa aprender a fazer isso, mais depressa você poderá mover coisas em seu mundo apenas olhando para elas.

Minha mente de mercador ficou frenética de expectativa. Instantaneamente eu estava entre eles, tentando em desespero puxá-los ou empurrá-los. Depois de um tempo exauri por completo minha energia. Tive a impressão de que tentara fazer algo equivalente a levantar uma casa com a força dos dentes.

Outra impressão foi de que quanto mais me esforçava, maior o número de sombras. Era como se estivessem vindo de todo canto para me olhar, ou para se alimentar de mim. No momento em que tive essa idéia as sombras debandaram outra vez.

— Não estamos nos alimentando de você — disse o emissário. — Nós viemos sentir sua energia; como você faz com a luz do sol, num dia frio.

O emissário insistiu para que eu me abrisse com relação a eles cancelando os pensamentos de suspeita. Enquanto ouvia, percebi que estava escutando, sentindo e pensando exatamente como acontecia no mundo cotidiano. Lentamente girei para olhar ao redor. Usando como referência a clareza de minha percepção, concluí que me encontrava num mundo real.

A voz do emissário soou em meus ouvidos. Disse que, para mim, a única diferença entre perceber meu mundo e o deles era que

perceber o mundo deles começava e terminava num piscar de olhos; perceber o meu, não, porque minha percepção estava fixa em meu mundo juntamente com a percepção de um número imenso de seres como eu, que com o seu intento mantinham o meu mundo no lugar. O emissário acrescentou que para os seres inorgânicos a percepção de meu mundo começava e terminava do mesmo modo: num piscar de olhos, mas perceber o mundo deles, não, porque havia um número imenso deles mantendo-o no lugar com o seu intento.

Naquele instante a cena começou a se dissolver. Eu era como um mergulhador; e acordar daquele mundo era como nadar até a superfície.

Na sessão seguinte o emissário começou seu diálogo reafirmando que existia um relacionamento totalmente coordenado e coercitivo entre as sombras móveis e os túneis estacionários. Terminou dizendo:

— Não podemos existir uns sem os outros.

— Compreendo o que quer dizer — falei.

Houve um toque de escárnio na voz do emissário quando ele retorquiu que eu não poderia compreender o que era ser relacionado daquele jeito, que era infinitamente mais do que ser dependente. Minha intenção era pedir ao emissário que explicasse o que queria dizer com isso, mas no instante seguinte eu estava dentro do que só posso descrever como o próprio tecido de um túnel. Vi algumas protuberâncias grotescamente misturadas, parecendo glândulas, que emitiam uma luz opaca. Passou pela minha mente o pensamento de que aquelas eram as mesmas protuberâncias que me haviam dado a impressão de uma escrita braile. Considerando que eram bolhas de energia medindo entre noventa centímetros e um metro e vinte de diâmetro, comecei a imaginar o tamanho real daqueles túneis.

— Aqui, o tamanho não é como no seu mundo — disse o emissário. — A energia deste mundo é de um tipo diferente; suas características não coincidem com as características da energia de seu mundo. Mesmo assim ele é tão real quanto o seu.

O emissário prosseguiu falando que me dissera tudo sobre os seres de sombra quando descreveu e explicou as protuberâncias nas paredes dos túneis. Respondi que eu ouvira as explicações, mas que não prestara atenção porque acreditava que não tivessem relação direta com o sonhar.

— Tudo nesta região relaciona-se diretamente com o sonhar — afirmou o emissário.

Quis pensar sobre o motivo de meu julgamento errôneo, mas minha mente ficou vazia. Minha atenção sonhadora estava desvanecendo. Eu tinha dificuldade em concentrá-la no mundo ao redor. Debati-me para acordar. O emissário começou a falar de novo e o som de sua voz me deu um empurrão. Minha atenção sonhadora reanimou-se consideravelmente.

— O sonhar é o veículo que traz os sonhadores até este mundo — disse o emissário. — E tudo que os feiticeiros sabem sobre o sonhar foi ensinado por nós. Nosso mundo é conectado ao seu por uma porta chamada de sonho. Nós sabemos como atravessar essa porta, mas os homens não. Eles precisam aprender.

A voz do emissário continuou explicando o que já me explicara antes.

— As protuberâncias nas paredes dos túneis são seres de sombra. Eu sou um deles. Nós nos movemos dentro dos túneis, em suas paredes, recarregando-nos com a energia dos túneis, que é nossa energia.

Um pensamento me cruzou a mente: eu era de fato incapaz de conceber um relacionamento simbiótico como o que estava testemunhando.

— E se você ficar conosco, certamente aprenderá a sentir o que é estar conectado como estamos — disse o emissário.

O emissário parecia estar esperando que eu respondesse. Eu tinha a sensação de que ele realmente queria era que eu decidisse ficar.

— Quantos seres de sombra existem em cada túnel? —

perguntei para mudar o clima, e imediatamente me arrependi, porque o emissário começou a fazer um relato detalhado dos números e das funções dos seres de sombra em cada túnel. Disse que cada túnel tinha um número específico de entidades dependentes, que realizavam funções específicas que tinham a ver com as necessidades e expectativas dos túneis que as sustentavam.

Não queria que o emissário entrasse em mais detalhes. Pensei que quanto menos eu soubesse sobre os túneis e os seres de sombra, melhor para mim. No instante em que formulei o pensamento o emissário parou, e meu corpo de energia sacudiu-se como se estivesse preso a uma corda. No momento seguinte eu estava totalmente desperto em minha cama.

Daí em diante não tive mais medo de que meus exercícios pudessem ser interrompidos. Uma outra idéia começou a me guiar: a idéia de que eu descobrira uma excitação sem paralelos. Mal podia esperar cada dia até a hora de sonhar e fazer com que o batedor me levasse ao mundo das sombras. A atração a mais era que minhas visões do mundo das sombras ficavam cada vez mais vivas. Julgadas a partir dos padrões subjetivos dos pensamentos ordenados, das sensações visuais e auditivas ordenadas, e das respostas ordenadas de minha parte, minhas experiências — enquanto duravam — eram tão reais quanto qualquer outra situação em nosso mundo cotidiano. Eu nunca tivera experiências perceptivas em que a única diferença entre minhas visões e meu mundo cotidiano fosse a velocidade com que minhas visões terminavam. Num instante eu estava num mundo estranho e real, e no instante seguinte estava em minha cama.

Fiquei louco pelos comentários e pelas explicações de Dom Juan, mas continuava preso em Los Angeles. Quanto mais considerava minha situação, maior minha ansiedade; comecei até mesmo a sentir que alguma coisa no reino dos seres inorgânicos estava sendo preparada com tremenda velocidade.

Enquanto minha ansiedade crescia, meu corpo entrava num estado de medo profundo, apesar da mente continuar em êxtase na

contemplação do mundo das sombras. Para piorar as coisas, a voz do emissário do sonhar passou para minha consciência cotidiana. Um dia, enquanto assistia a uma aula na universidade, ouvi a voz dizer repetidamente que qualquer tentativa de minha parte para interromper meus exercícios de sonhar seria deletéria para meus objetivos totais. Argumentou que os guerreiros não se intimidam com desafios, e que eu não tinha um motivo válido para interromper os exercícios. Concordei com o emissário. Eu não tinha intenção de parar nada, e a voz estava meramente reafirmando o que eu sentia.

Mas não somente o emissário mudou, como também um novo batedor entrou em cena. Uma ocasião, antes de eu começar a examinar os itens de meu sonho, um batedor literalmente saltou em minha frente e agressivamente capturou minha atenção sonhadora. A característica notável desse batedor era que ele não precisava passar por qualquer metamorfose energética; era desde o início uma bolha de energia. Num piscar de olhos o batedor me transportou, sem que eu precisasse verbalizar o intento de ir com ele, para outra parte do reino dos seres inorgânicos: o mundo dos tigres de dente de sabre.

Em outros trabalhos já descrevi alguns vislumbres daquelas visões. Digo vislumbres porque na época eu não tinha energia suficiente para tornar esses mundos compreensíveis à minha mente linear.

Minhas visões noturnas dos tigres de dente de sabre ocorreram regularmente por um longo período, até uma noite em que o mesmo batedor agressivo que me levara pela primeira vez àquela região reapareceu de súbito. Sem esperar meu consentimento levou-me para os túneis.

Ouvi a voz do emissário. Imediatamente ele entrou no mais longo e pungente papo de vendedor que eu já ouvira até então. Falou das vantagens extraordinárias do mundo dos seres inorgânicos. Falou de adquirir conhecimentos que desconcertariam por completo a mente, e de adquiri-los com o simples ato de ficar naqueles túneis

maravilhosos. Falou de uma mobilidade incrível, de um tempo infinito para descobrir coisas e, acima de tudo, falou de ser mimado por serviçais cósmicos que atenderiam aos meus menores desejos.

— Seres conscientes, dos cantos mais incríveis do cosmos, ficam conosco — disse o emissário terminando o discurso. — E eles adoram ficar conosco. Na verdade, ninguém quer ir embora.

O pensamento que me atravessou a mente naquele instante foi de que a servidão era definitivamente antiética para mim. Eu nunca ficara à vontade com serviçais e com o fato de ser servido.

O batedor tomou a dianteira e me fez deslizar através de muitos túneis. Parou num que parecia maior do que os outros. Minha atenção sonhadora cravou-se no tamanho e na configuração daquele túnel; e ficaria grudada ali, se eu não me obrigasse a girar. Minha atenção sonhadora concentrou-se numa bolha de energia um pouco maior do que as entidades de sombra. Era azul, como o azul no centro de uma chama de vela. Eu soube que aquela configuração de energia não era uma entidade de sombra, e que não pertencia àquele lugar.

Absorvi-me em senti-la. O batedor fez um sinal para que eu fosse embora, mas alguma coisa me deixava impermeável a suas sugestões. Fiquei, inquieto, onde estava. Mas os sinais do batedor romperam minha concentração e perdi de vista a forma azul.

De súbito uma força considerável me fez girar, colocando-me direto na frente da forma azul. Enquanto eu olhava, ela transformou-se na figura de uma pessoa; muito pequena, esguia, delicada, quase transparente. Tentei em desespero determinar se era homem ou mulher, mas não pude, por mais que tentasse.

Minhas tentativas de perguntar ao emissário fracassaram. Ele voou para longe abruptamente, deixando-me suspenso naquele túnel, encarando uma pessoa desconhecida. Tentei falar com aquela pessoa, do jeito que falava com o emissário. Não tive resposta. Senti uma onda de frustração por não poder romper a barreira que nos separava. Então fui tomado pelo medo de ficar sozinho com alguém

que poderia ser um inimigo.

Tive uma variedade de reações disparadas pela presença daquele estranho. Cheguei a sentir exaltação porque sabia que o batedor finalmente me mostrara outro ser humano preso naquele mundo. Só desesperei com a possibilidade de não podermos nos comunicar, talvez porque o estranho fosse um dos feiticeiros da antigüidade e pertencesse a um tempo diferente do meu.

Quanto maior minha exaltação e minha curiosidade, mais pesado eu me tornava, até um momento em que fiquei tão maciço que voltei ao corpo, e ao mundo. Vi-me em Los Angeles, num parque perto da Universidade da Califórnia. Estava de pé no gramado, no meio de um grupo de pessoas jogando golfe.

A pessoa à minha frente também se solidificara na mesma proporção. Olhamos um para o outro por um instante fugaz. Era uma menina, talvez com seis ou sete anos. Achei que a conhecia. Ao vê-la, meu entusiasmo e minha curiosidade cresceram tanto que dispararam o efeito inverso. Perdi massa com tanta velocidade que em mais um instante era de novo uma bolha de energia no mundo dos seres inorgânicos. O batedor voltou e rapidamente me tirou de lá.

Acordei com um choque de medo. No processo de emergir no mundo cotidiano alguma coisa deixara uma mensagem escapar. Minha mente entrou num frenesi tentando juntar o que sabia ou o que pensava saber. Passei mais de quarenta e oito horas contínuas tentando captar um sentimento ou um conhecimento escondido que ficara grudado em mim. O único sucesso que tive foi o de sentir uma força, que imaginei ser externa à minha mente ou ao meu corpo, que me dizia para não confiar mais no sonhar.

Depois de alguns dias uma certeza escura e misteriosa começou a me dominar; uma certeza que cresceu pouco a pouco até eu não ter qualquer dúvida de sua autenticidade: estava certo de que a bolha azul de energia era um prisioneiro no reino dos seres inorgânicos.

Precisava mais desesperadamente do que nunca dos conselhos de Dom Juan. Sabia que estava jogando pela janela anos de trabalho, mas não pude evitar; larguei tudo que estava fazendo e corri para o México.

— O que você realmente quer? — Dom Juan perguntou para conter minha algaravia histérica.

Não pude explicar, porque eu mesmo não sabia.

— Seu problema deve ser muito sério, para fazê-lo correr desse modo — Dom Juan disse com expressão pensativa.

— É, a despeito do fato de eu não conseguir imaginar qual seja realmente o meu problema.

Ele pediu que eu descrevesse minhas práticas de sonhar e todos os detalhes pertinentes. Contei sobre a visão da garotinha, e como ela me afetara ao nível emocional. Ele instantaneamente me aconselhou a ignorar o evento e vê-lo como uma tentativa espalhafatosa, por parte dos seres inorgânicos, de servir de instrumento às minhas fantasias. Observou que, se for superenfatizado, o sonhar torna-se o que era para os feiticeiros antigos: uma fonte de auto-entrega inexaurível.

Por algum motivo inexplicável eu não estava disposto a falar a Dom Juan sobre a região das entidades de sombra. Somente quando ele descartou minha visão da garotinha me senti obrigado a descrever as visitas àquele mundo. Ele ficou em silêncio por longo tempo, como se estivesse acabrunhado.

Quando finalmente falou, ele disse:

— Você está mais sozinho do que eu pensava, porque não posso absolutamente discutir suas práticas de sonhar. Você está na posição dos feiticeiros antigos. E só posso repetir que você deve ter todo o cuidado possível.

— Por que diz que estou na posição dos feiticeiros antigos?

— Já disse e repeti que seu jeito é perigosamente parecido com o dos feiticeiros antigos. Eles eram seres muito capazes; sua falha foi entrar no reino dos seres inorgânicos como um peixe na água. Você

está no mesmo barco. Sabe coisas sobre ele que nenhum de nós sequer concebe. Por exemplo, eu nunca soube a respeito do mundo das sombras; nem o Nagual Julian ou o Nagual Elias, a despeito do fato dele ter passado um longo tempo no mundo dos seres inorgânicos.

— Mas que diferença faz conhecer o mundo das sombras?

— Uma diferença enorme. Os sonhadores só são levados até lá quando os seres inorgânicos têm certeza de que eles ficarão naquele mundo. Sabemos disso através das histórias dos feiticeiros antigos.

— Posso assegurar, Dom Juan, que não tenho a menor intenção de ficar lá. Você fala como se eu estivesse em vias de ser atraído por promessas de serviçais e de poder. Não estou interessado em nenhuma das duas coisas; e isso é tudo.

— No nível atual a coisa não é mais tão simples. Você passou do ponto em que podia simplesmente desistir. Além do mais, teve o azar de ter sido escolhido por um ser inorgânico de água. Lembra-se de como brigou com ele? E de como ele se sentiu? Na época eu disse que os seres inorgânicos aquosos são os mais inoportunos. São dependentes e possessivos; e depois de jogar os anzóis eles não desistem.

— E o que isso significa em meu caso, Dom Juan?

— Significa um problema de fato. O ser inorgânico que está comandando o espetáculo é o mesmo que você agarrou naquele dia fatal. Com o passar dos anos ele se familiarizou com você. Ele o conhece intimamente.

Observei com sinceridade que a simples idéia de um ser inorgânico me conhecer intimamente me deixava nauseado.

— Quando os sonhadores percebem que os seres inorgânicos não têm atrativo — disse ele — geralmente é tarde demais, porque nesse ponto os seres inorgânicos já os têm na palma da mão.

Senti, no fundo, que ele estava falando de modo abstrato sobre perigos que poderiam existir em teoria, mas não na prática. Secretamente estava convicto de que não havia qualquer tipo de

perigo.

— Não vou permitir que os seres inorgânicos me seduzam, se é isso que você está pensando — falei.

— Estou pensando que eles vão enganá-lo. Como enganaram o Nagual Rosendo. Eles vão te agarrar, e você nem vai ver a armadilha, não vai nem mesmo suspeitar de que ela existe. Eles trabalham direito. Chegaram até mesmo a inventar uma garotinha.

— Mas na minha mente não há qualquer dúvida de que a garotinha existe — insisti.

— Não existe nenhuma garotinha — ele respondeu rispidamente. — Aquela bolha de luz azulada é um batedor. Um explorador preso no mundo dos seres inorgânicos. Eu disse que os seres inorgânicos são como pescadores; eles atraem e agarram a consciência.

Dom Juan disse acreditar, sem qualquer dúvida, que a bolha de energia azulada vinha de uma dimensão totalmente diferente da nossa; um batetor que se perdera e fora apanhado como uma mosca numa teia de aranha.

Não gostei da analogia. Ela me preocupou a ponto de provocar um desconforto físico. Mencionei isso a Dom Juan, e ele disse que minha preocupação com o batedor prisioneiro estava deixando-o próximo ao desespero.

— Por que isso o incomoda? — perguntei.

— Alguma coisa está sendo preparada naquele mundo amaldiçoado. E não consigo imaginar o que seja.

Enquanto permaneci na companhia de Dom Juan e de seus companheiros não sonhei com o mundo dos seres inorgânicos. Como sempre, meus exercícios de sonhar eram feitos concentrando a atenção sonhadora nos itens do sonho e mudando os sonhos. Para afastar minhas preocupações, Dom Juan me fazia olhar para nuvens e montanhas distantes. O resultado era uma sensação imediata de ser levado para junto das nuvens, ou de estar nos picos distantes.

— Estou muito satisfeito, mas muito preocupado — disse Dom

Juan como um comentário aos meus esforços. — Você está aprendendo maravilhas, e nem mesmo sabe disso. E não quero dizer que esteja aprendendo comigo.

— Está falando dos seres inorgânicos, certo?

— Sim, dos seres inorgânicos. Recomendo que você não olhe fixamente para nada. Olhar fixo era a técnica dos feiticeiros antigos. Eles podiam chegar aos seus corpos energéticos num piscar de olhos, simplesmente olhando fixo para os seus objetos preferidos. Uma técnica muito impressionante, mas inútil para os feiticeiros atuais. Ela não faz nada para aumentar nossa sobriedade ou nossa capacidade de nos libertarmos. Tudo o que faz é nos prender à concretude; um estado dos mais indesejáveis.

Dom Juan acrescentou que, a não ser que me mantivesse alerta, no momento em que fundisse a segunda atenção com a atenção de minha vida cotidiana eu seria um homem insuportável. Segundo ele havia um hiato perigoso entre minha mobilidade na segunda atenção e minha insistência na imobilidade em minha consciência do mundo cotidiano. Observou que o hiato entre as duas coisas era tão grande que em meu estado cotidiano eu era quase um idiota; e na segunda atenção era um lunático.

Antes de voltar para casa tomei a liberdade de discutir minhas visões do mundo das sombras com Carol Tiggs, apesar de Dom Juan ter-me aconselhado a não discuti-las com ninguém. Ela mostrou-se compreensiva e interessada demais, já que era meu oposto total. Dom Juan ficou definitivamente aborrecido comigo Por ter revelado a ela meus problemas. Senti-me pior do que nunca. A autopiedade tomou conta de mim e comecei a reclamar do fato de estar sempre fazendo a coisa errada.

— Você ainda não fez nada — Dom Juan falou rispidamente. — Pelo menos disso eu sei.

E como ele estava certo! Em minha próxima sessão de sonhar, em casa, o inferno despencou. Cheguei ao mundo das sombras, como fizera vezes incontáveis; a diferença dessa vez foi a presença da

forma energética azul. Ela estava entre os outros seres de sombra. Senti que era possível que a bolha de energia azul tivesse estado ali antes, e que eu não houvesse percebido. Assim que a localizei, minha atenção sonhadora foi inevitavelmente atraída por ela. Numa questão de segundos eu havia me aproximado. As outras sombras vieram até mim, como sempre, mas não lhes prestei nenhuma atenção.

De súbito a forma azul e arredondada transformou-se na garotinha que eu vira antes. Ela inclinou o pescoço longo, fino e delicado para um lado e disse num sussurro quase inaudível:

— Me ajude!

Não sei se ela falou aquilo ou se eu fantasiei. O resultado foi o mesmo: fiquei congelado, galvanizado por um sentimento de preocupação genuína. Experimentei um calafrio, mas não em minha massa energética. Senti um calafrio em outra parte de mim. Essa foi a primeira vez em que tive total consciência de estar completamente separado de minhas sensações. Estava vivenciando o mundo das sombras, com todas as implicações do que normalmente considero vivenciar: podia pensar, avaliar, tomar decisões; tinha continuidade psicológica. Em outras palavras, eu era eu mesmo. A única parte de mim que estava faltando era meu Eu sensorial. Não tinha sensações corporais. Todos os dados vinham da visão e da audição. Minha racionalidade considerou então um dilema estranho: a visão e a audição não eram faculdades físicas, e sim qualidades das visões que eu estava tendo.

— Você está realmente vendo e ouvindo — disse a voz do emissário, irrompendo em meus pensamentos. — Esta é a beleza daqui. Você pode vivenciar tudo através da visão e da audição, sem precisar respirar. Pense nisso! Você não precisa respirar! Pode ir a qualquer ponto do universo sem respirar.

Uma onda de emoção tremendamente inquietante me atravessou, e outra vez ela não foi sentida lá, no mundo das sombras. Senti-a em outro lugar. Fiquei enormemente agitado com a percepção óbvia, ainda que oculta, de que havia uma conexão viva

entre o Eu que estava vivenciando e uma fonte de energia; uma fonte de sensações localizada em outro lugar. Ocorreu-me que esse outro lugar era meu corpo físico, que estava dormindo em minha cama.

No instante desse pensamento os seres de sombra se afastaram correndo, e a garotinha ficou só, em meu campo de visão. Olhei-a e me convenci de que a conhecia. Ela pareceu balançar, como se fosse ter um desmaio. Fui envolvido por uma gigantesca onda de afeição.

Tentei falar, mas fui incapaz de emitir sons. Ficou claro que todos os meus diálogos com o emissário haviam sido possibilitados e realizados através da energia do emissário. Deixado por conta própria, eu estava impotente. Tentei em seguida direcionar meus pensamentos para ela. Foi inútil. Estávamos separados por uma membrana de energia que eu não conseguia romper.

A garotinha pareceu compreender meu desespero e comunicou-se comigo, diretamente em meus pensamentos. Disse, em essência, o que Dom Juan já dissera: era um batedor preso nas teias daquele mundo. Em seguida acrescentou que adotara a forma de uma garotinha porque era uma forma familiar para mim e para ela, e que precisava de minha ajuda tanto quanto eu precisava da dela. Disse tudo isso num bloco de sentimento energético que parecia formado por palavras que chegavam todas ao mesmo tempo. Não tive qualquer dificuldade de compreendê-la, apesar daquela ser a primeira vez que aquilo me acontecia.

Não sabia o que fazer. Tentei passar a ela minha sensação de incapacidade. Ela pareceu compreender de imediato. Silenciosamente apelou para mim com um olhar em chamas. Chegou até mesmo a sorrir, como se desejando que eu soubesse que deixava por minha conta a tarefa de libertá-la de suas amarras. Quando respondi em pensamento que não possuía qualquer habilidade, ela me deu a impressão de uma criança histérica presa nas garras do desespero.

Tentei freneticamente falar com ela. A garotinha chorou, como

choraria uma criança de sua idade, cheia de desespero e medo. Não pude suportar. Tentei segurá-la, mas sem qualquer resultado. Minha massa energética atravessava-a. Minha idéia era pegá-la no colo e levá-la comigo.

Tentei a mesma manobra repetidamente até me sentir exausto. Parei para avaliar o próximo passo. Estava com medo de que minha atenção sonhadora se desvanecesse e que eu pudesse perdê-la de vista. Duvidei de que os seres inorgânicos me trouxessem de novo para aquela parte específica de seu mundo. Pareceu-me que aquela seria minha última visita: a visita que contava.

Então fiz uma coisa impensável. Antes de minha atenção sonhadora se desvanecer, gritei alto e claro meu intento de fundir minha energia com a energia daquele batedor prisioneiro, e de libertá-lo.

7

O BATEDOR AZUL

Eu estava tendo um sonho completamente absurdo. Carol Tiggs estava ao meu lado. Falando comigo, apesar de eu não entender o que ela dizia. Dom Juan também estava no sonho, bem como todos os membros de seu grupo. Eles pareciam estar tentando me arrastar para fora de um mundo nebuloso e amarelado.

Depois de um grande esforço, durante o qual perdia-os de vista e voltava a revê-los várias vezes, eles puderam me desprender daquele lugar. Como eu não podia conceber o sentido de todo aquele empenho, imaginei enfim que estava tendo um sonho normal, incoerente.

Minha surpresa foi estonteante quando acordei e me vi numa cama na casa de Dom Juan. Estava incapaz de me mover. Não tinha nenhuma energia. Não sabia o que pensar a respeito, apesar de sentir imediatamente a gravidade da situação. Tinha o sentimento vago de que perdera a energia por causa da fadiga resultante do sonhar.

Mas os companheiros de Dom Juan pareciam extremamente afetados pelo que acontecia comigo. Ficavam entrando no quatro, um de cada vez. Permaneciam por um instante, em completo silêncio, até que outra pessoa viesse. Parecia que estavam me vigiando em turnos. Eu estava cansado demais para pedir que explicassem seu comportamento.

Durante os dias seguintes passei a me sentir melhor, e eles começaram a falar sobre o meu sonhar. A princípio eu não sabia o que eles queriam. Depois percebi, devido às perguntas, que estavam obcecados com os seres de sombra. Todos pareciam apavorados e diziam mais ou menos a mesma coisa. Insistiam em que nunca haviam estado no mundo das sombras. Alguns até mesmo afirmavam não saber de sua existência. Suas declarações e reações aumentaram meu sentimento de espanto e medo.

As perguntas que todos faziam eram: "Quem o levou para aquele mundo?" ou "Como você começou a saber o modo de ir até lá?" Quando contei que os batedores me haviam mostrado aquele mundo, eles não puderam acreditar. Obviamente haviam suspeitado de que eu estivera lá, mas como não podiam usar sua experiência pessoal para avaliar, eram incapazes de medir o que eu estava dizendo. Mas mesmo assim queriam saber tudo que eu pudesse contar sobre os seres de sombra e seu mundo. Atendi ao seu desejo. Todos eles, com a exceção de Dom Juan, sentavam-se à minha cama, ligados em cada palavra que eu dizia. Entretanto, a cada vez que eu perguntava sobre minha situação, eles se afastavam apressados, exatamente como os seres de sombra.

Outra reação perturbadora que nunca haviam mostrado antes era que evitavam freneticamente qualquer contato físico comigo. Mantinham distância, como se eu estivesse empesteado. Sua reação me preocupou tanto que me senti obrigado a perguntar a respeito. Eles negaram. Pareceram insultados e até mesmo chegaram a insistir em provar que eu estava errado. Ri cordialmente da situação tensa que se formou. Seus corpos ficavam rígidos a cada vez que tentavam me abraçar.

Florinda, a amiga mais íntima de Dom Juan, era o único membro de seu grupo a me dar atenção física e a tentar explicar o que estava acontecendo. Disse que eu fora descarregado de energia no mundo dos seres inorgânicos e em seguida recarregado, mas que minha nova carga energética era um tanto perturbadora para a maioria deles.

Florinda me punha na cama toda noite, como se eu fosse um inválido. Até mesmo falava tatibitate comigo; uma coisa que todos os outros celebravam com gargalhadas. Mas, independente dela estar zombando ou não de mim, eu apreciava sua preocupação, que parecia real.

Já escrevi antes sobre Florinda, sobre quando a conheci. Era de longe a mulher mais linda que eu já encontrara. Uma vez eu lhe disse, a sério, que ela poderia ter sido manequim de revista de moda.

— De uma revista de mil novecentos e dez — ela retrucou.

Florinda, apesar de idosa, não era absolutamente velha. Era jovem e vibrante. Quando perguntei a Dom Juan sobre sua juventude incomum, ele respondeu que a feitiçaria a mantinha num estado de vitalidade. A energia dos feiticeiros, observou ele, era vista pelos olhos como juventude e vigor.

Depois de satisfazer sua curiosidade inicial sobre o mundo das sombras, os companheiros de Dom Juan não voltaram mais ao meu quarto, e sua conversa permaneceu apenas no nível de perguntas casuais sobre minha saúde. A cada vez que eu tentava me levantar, entretanto, havia sempre alguém por perto que gentilmente me recolocava na cama. Eu não queria seus cuidados, mas parecia que precisava deles. Estava fraco, e aceitava. Mas o que realmente me incomodava era ninguém explicar o que eu estava fazendo no México, quando eu fora para a cama em Los Angeles. Eu perguntava repetidamente. E todos eles me davam a mesma resposta: “Pergunte ao Nagual. Ele é o único que pode explicar.”

Finalmente Florinda quebrou o gelo.

— Você foi atraído para uma armadilha; foi o que aconteceu.

— Onde é que fui atraído para uma armadilha?

— No mundo dos seres inorgânicos, claro. É o mundo com o qual você vem lidando há anos, não é?

— Sem a menor dúvida, Florinda. Mas você pode dizer que tipo de armadilha foi?

— Não. Só posso dizer que você perdeu toda a energia lá. Mas lutou muito bem.

— Por que estou doente, Florinda?

— Você não tem nenhuma doença. Está energeticamente ferido. Esteve em situação crítica, mas agora está apenas gravemente ferido.

— Como isso tudo aconteceu?

— Você entrou em combate mortal com os seres inorgânicos, e foi derrotado.

— Não me lembro de lutar com ninguém, Florinda.

— É irrelevante você lembrar ou não. Você lutou e foi derrotado. Não tinha a menor chance contra aqueles manipuladores magistrais.

— Lutei contra os seres inorgânicos?

— Sim. Você teve um combate mortal com eles. Realmente não sei como sobreviveu ao golpe mortal que eles lhe deram.

Ela se recusou a contar mais qualquer coisa, e deu a entender que o Nagual viria me ver qualquer dia.

No dia seguinte Dom Juan apareceu. Estava muito jovial e protetor. Anunciou em tom de brincadeira que estava me fazendo uma visita em sua especialidade de médico de energia; me examinou olhando da cabeça aos pés.

— Você está quase curado — concluiu.

— O que aconteceu comigo, Dom Juan?

— Você caiu numa armadilha que os seres inorgânicos haviam preparado.

— Como acabei chegando aqui?

— Este é o grande mistério, sem dúvida — ele disse e deu um sorriso jovial, obviamente tentando tornar leve um assunto sério. — Os seres inorgânicos o seqüestraram, com corpo e tudo. Primeiro levaram seu corpo energético, quando você seguiu um de seus batedores, e em seguida pegaram seu corpo físico.

Os companheiros de Dom Juan pareceram em estado de choque. Um deles perguntou se os seres inorgânicos poderiam raptar qualquer pessoa. Dom Juan respondeu que certamente podiam. Lembrou-lhes de que o Nagual Elias fora levado para aquele

universo, e ele definitivamente não tivera o intento de ir até lá.

Todos assentiram. Dom Juan continuou falando com eles, referindo-se a mim na terceira pessoa. Disse que a consciência combinada de um grupo de seres inorgânicos havia em primeiro lugar consumido meu corpo energético forçando-me a um jorro emocional: a vontade de libertar o batedor azul. Em seguida a consciência combinada do mesmo grupo de seres inorgânicos havia puxado minha massa inerte para o seu mundo. Dom Juan acrescentou que, sem o corpo energético, somos apenas um bocado de matéria orgânica que pode ser facilmente manipulada pela consciência.

— Os seres inorgânicos são colados entre si, como as células do corpo — prosseguiu Dom Juan. — Quando reúnem suas consciências, são imbatíveis. Para eles não é nada arrancar-nos de nossas amarras e fazer-nos mergulhar em seu mundo. Especialmente se nos tornamos visíveis e disponíveis, como ele fez.

Os suspiros e os arquejos ecoaram nas paredes. Todos pareciam genuinamente apavorados e preocupados.

Quis me queixar e recriminar Dom Juan por não me ter impedido, mas recordei como ele repetidamente tentara me alertar, me desviar, sem resultado. Dom Juan estava definitivamente consciente do que se passava em meu pensamento. Deu um sorriso que demonstrava isso.

— O motivo de você pensar que está doente — disse ele dirigindo-se a mim — é que os seres inorgânicos descarregaram sua energia e lhe deram a deles. Isso deveria ser o bastante para matar qualquer um. Como o Nagual, você tem energia extra, e sobreviveu por pouco.

Mencionei a Dom Juan que lembrava pequenos trechos de um sonho bastante incoerente, no qual eu estava num mundo nebuloso e amarelo. Ele, Carol Tiggs e seus companheiros tentavam me arrancar de lá.

— O mundo dos seres inorgânicos parece um mundo de névoa amarela para o olho físico — disse ele. — Quando você pensou que

estava tendo um sonho incoerente, estava na verdade olhando com os olhos físicos, pela primeira vez, o universo dos seres inorgânicos. E por mais estranho que possa parecer, também foi a primeira vez para nós. Só sabíamos da névoa através das histórias dos feiticeiros, mas não através da experiência.

Nada do que ele dizia estava fazendo sentido para mim. Dom Juan me assegurou que, devido à minha falta de energia, uma explicação mais ampla seria impossível. Disse que eu precisaria me satisfazer com o que ele estava dizendo e com o modo como eu compreendia.

— Não compreendo nem um pouco — insisti.

— Então não perdeu nada — disse ele. — Quando ficar mais forte, você mesmo responderá às suas perguntas.

Confessei que estava tendo surtos esporádicos de calor. Minha temperatura aumentava de súbito e, enquanto eu estava quente e suarento, tinha idéias extraordinárias, porém surpreendentes, sobre minha situação.

Dom Juan examinou todo o meu corpo com seu olhar penetrante. Disse que eu estava num estado de choque energético. A perda de energia me afetara temporariamente; e o que eu interpretava como surtos de calor eram, em essência, jorros de energia, e durante eles eu recuperava por alguns momentos o controle de meu corpo energético e ficava sabendo de tudo que me acontecera.

— Faça um esforço e diga-me você mesmo o que lhe aconteceu no mundo dos seres inorgânicos — ele me ordenou.

Falei que a sensação nítida que eu tinha, de vez em quando, era de que ele e seus companheiros haviam ido àquele mundo com seus corpos físicos e me arrancado das garras dos seres inorgânicos.

— Certo! — ele exclamou. — Está se saindo muito bem. Agora, transforme essa sensação na visão do que aconteceu.

Fui incapaz de fazer o que ele pedia, por mais que tentasse. O fracasso me fez sentir uma fadiga incomum, que pareceu ressecar o interior de meu corpo. Antes de Dom Juan sair do quarto falei que eu

estava sofrendo de ansiedade.

— Isso não quer dizer nada — ele disse despreocupado. — Recupere sua energia e não se preocupe com absurdos.

Mais de duas semanas se passaram, tempo em que pouco a pouco recuperei minha energia. Mas eu continuava preocupado. Acima de tudo por me desconhecer; especialmente com relação a uma frieza que eu não percebera antes, uma espécie de fria indiferença, um desligamento que eu a princípio atribuíra à falta de energia, até que a recuperei. Então percebi que era uma nova característica minha; uma característica que me mantinha permanentemente fora de sincronização. Para ter os sentimentos aos quais estava acostumado eu precisava invocá-los, e até mesmo esperar um instante até que eles surgissem em minha mente.

Outra característica nova e desconhecida era uma estranha saudade que me pegava de tempos em tempos. Sentia saudade de alguém que não conhecia; era um sentimento tão forte e devastador que, quando ele surgia, eu precisava ficar andando pelo quarto para aliviá-lo. A saudade permaneceu até que eu pude usar outro recém-chegado em minha vida: um rígido controle sobre mim mesmo, tão novo e poderoso que só fez acrescentar combustível à minha preocupação.

No fim da quarta semana todos sentiram que eu estava finalmente curado. Cortaram drasticamente as visitas. Eu passava boa parte do tempo sozinho, dormindo. O descanso e o relaxamento eram tão completos que minha energia começou a crescer notavelmente. Sentia-me de novo como meu Eu antigo. Comecei até mesmo a fazer exercícios físicos.

Um dia, por volta do meio-dia, depois de um almoço leve, voltei ao quarto para tirar um cochilo. Logo antes de afundar num sono profundo estava me revirando na cama, tentando encontrar uma posição mais confortável, quando uma estranha pressão nas têmporas fez com que eu abrisse os olhos. A garotinha do mundo dos seres inorgânicos estava sentada ao pé da cama, fitando-me com seus olhos frios e azuis como aço.

Saltei da cama e gritei tão alto que três dos companheiros de Dom Juan entraram no quarto antes mesmo de eu interromper o grito. Ficaram estupefatos. Olhavam com horror enquanto a garotinha vinha até mim e parava junto aos limites de meu luminoso Ser físico. Olhamos um para o outro por uma eternidade. Ela estava dizendo alguma coisa, que não pude compreender a princípio, mas que no momento seguinte ficou claro como um sino. Disse que, para eu entender o que ela estava falando, minha consciência teria de ser transferida do meu corpo físico para meu corpo energético.

Naquele momento Dom Juan entrou no quarto. A garotinha e Dom Juan se entreolharam. Sem qualquer palavra, Dom Juan virou-se e saiu do quarto. A garotinha passou zunindo pela porta, atrás dele.

A comoção que a cena criou entre os companheiros de Dom Juan foi indescritível. Perderam toda a compostura. Aparentemente todos tinham visto a garotinha saindo do quarto com o Nagual.

Eu mesmo parecia em vias de explodir. Senti que desmaiaria, e precisei me sentar. Havia experimentado a presença da garotinha como um soco no peito. Ela tinha uma semelhança assombrosa com meu pai. Ondas de sentimento me assolaram. Fiquei pensando no significado daquilo até me sentir doente de fato.

Quando Dom Juan voltou ao quarto eu havia recuperado um mínimo de autocontrole. A expectativa de ouvir o que ele tinha a dizer sobre a garotinha estava me causando dificuldade para respirar. Todo mundo estava tão excitado quanto eu. Todos falaram ao mesmo tempo com Dom Juan, e riram ao perceber o que estavam fazendo. Seu interesse principal era descobrir se havia uma uniformidade no modo como haviam percebido o aparecimento do batedor. Todos concordaram que tinham visto uma garotinha de seis ou sete anos, muito magra, com feições angulares, lindas. Também concordaram que seus olhos tinham um azul de aço, queimando com uma expressão muda; seus olhos, segundo eles, expressavam gratidão e lealdade.

Eu havia corroborado cada detalhe do que descreveram sobre a

garotinha. Seus olhos eram tão brilhantes e poderosos que chegaram a me causar uma espécie de dor. Eu sentira no peito o peso de seu olhar.

Uma dúvida séria dos companheiros de Dom Juan, e minha também, era sobre as implicações do evento. Todos concordaram que o batedor era uma porção de energia estranha que atravessara a parede separando a segunda atenção da atenção cotidiana. Concordaram que, como não estavam sonhando e todos tinham visto a energia alienígena projetada na figura de uma criança humana, aquela criança tinha existência.

Argumentaram que deveria ocorrer centenas ou milhares de casos em que energias estranhas atravessavam sem ser percebidas as barreiras naturais de nosso mundo humano, mas na história de sua linhagem não havia qualquer menção a um evento dessa natureza. O que os preocupava mais era não haver qualquer história de feiticeiros a respeito.

— Será que essa é a primeira vez na história da humanidade que isso acontece? — um deles perguntou a Dom Juan.

— Eu acho que acontece o tempo todo — respondeu ele — mas nunca de maneira tão aberta, tão evidente.

— E o que isso significa para nós? — outro deles perguntou a Dom Juan.

— Para nós, nada, mas para ele tudo — ele disse e apontou na minha direção.

Então ficaram todos num silêncio perturbador. Durante alguns momentos Dom Juan andou para um lado e para outro no quarto. Depois parou na minha frente e me olhou fixo, dando todas as indicações de alguém que não consegue encontrar palavras para expressar uma descoberta avassaladora.

— Não consigo nem mesmo começar avaliar o alcance do que você fez — finalmente falou num tom de pasmo. — Você caiu numa armadilha, mas não o tipo de armadilha que me preocupava. Sua armadilha foi projetada somente para você, e foi mais mortal do que qualquer coisa em que eu poderia pensar. Eu estava preocupado com

que você caísse presa da adulação e do prazer de ser servido. Nunca imaginei que os seres de sombra criassem uma armadilha usando sua aversão inerente às amarras.

Uma vez Dom Juan fizera uma síntese da sua reação e da minha às coisas que mais nos incomodavam. Ele disse, sem que isso parecesse uma reclamação, que, por mais que tentasse, nunca fora capaz de inspirar o tipo de afeição que seu professor, o Nagual Julian, inspirava nas pessoas.

— Minha reação imparcial, que estou colocando na mesa para você examinar, é poder dizer com sinceridade: não é meu destino evocar a afeição cega e total. Então, que seja!

"Sua reação imparcial — prosseguiu ele — é não suportar amarras, e você é capaz de dar a vida para rompê-las.

Discordei sinceramente e disse que parecia exagero. Meu ponto de vista não era tão claro.

— Não se preocupe — ele riu. — Feitiçaria é agir. Quando chegar o tempo, você vai representar sua paixão; assim como eu represento a minha. A minha é ceder ao meu destino, não passivamente, como um idiota, mas ativamente como um guerreiro. A sua é saltar sem qualquer capricho ou premeditação para cortar as amarras de outra pessoa.

Dom Juan explicou que, depois de fundir minha energia com o batedor, eu deixara de existir. Toda a minha fisicalidade fora transportada para o mundo dos seres inorgânicos e, não fora pelo batedor que o havia guiado e aos seus companheiros até onde eu estava, eu teria morrido ou continuado naquele mundo, inextricavelmente perdido.

— Por que o batedor guiou vocês até onde eu estava? — perguntei.

— O batedor é um ser consciente, vindo de outra dimensão. Agora é uma garotinha, e como tal ela me contou que, para conseguir a energia necessária para romper a barreira que a tinha aprisionado no mundo dos seres inorgânicos, ela precisou tomar toda a sua. Esta é a parte humana que ela tem agora. Alguma coisa semelhante à

gratidão guiou-a até mim. Quando a vi, soube instantaneamente que você estava perdido.

— O que você fez então, Dom Juan?

— Chamei todo mundo que pude, especialmente Carol Tiggs, e fomos até o mundo dos seres inorgânicos.

— Por que Carol Tiggs?

— Em primeiro lugar porque ela tem energia sem fim e, em segundo, porque ela precisava se familiarizar com o batedor. Todos nós ganhamos alguma coisa valiosíssima com essa experiência. Você e Carol Tiggs ganharam o batedor. E o resto de nós ganhou um motivo para reunir nossa fisicalidade e colocá-la em nossos corpos energéticos; nós nos tornamos energia.

— Como vocês fizeram isso?

— Deslocamos nossos pontos de aglutinação, em uníssono. Nosso intento impecável de salvá-lo fez o trabalho. O batedor levou-nos, num piscar de olhos, até onde você estava caído meio morto, e Carol arrastou-o para fora.

Sua explicação não fez sentido para mim. Dom Juan riu quando tentei frisar esse ponto.

— Como é que você pode entender isso quando nem mesmo tem energia para se levantar da cama?

Confessei que tinha certeza de saber infinitamente mais do que admitia racionalmente, mas que alguma coisa estava colocando uma venda na minha memória.

— A falta de energia é que está colocando uma venda em sua memória — disse ele. — Quando tiver energia suficiente, sua memória vai funcionar direito.

— Quer dizer que eu posso lembrar tudo, se quiser?

— Nem tudo. Você pode querer à vontade, mas se seu nível de energia não estiver de acordo com a importância do que você sabe, pode muito bem dar adeus ao conhecimento: ele nunca vai estar disponível.

— Então o que devo fazer?

— A energia tende a ser cumulativa; se você seguir

impecavelmente o caminho do guerreiro, chegará um momento em que sua memória vai se abrir.

Confessei que ouvi-lo falar me dava a sensação absurda de que eu estava sentindo pena de mim mesmo, de que não havia nada de errado comigo.

— Você não está simplesmente com pena de si próprio — disse ele. — Você estava energeticamente morto há quatro semanas. Agora sente-se apenas atordoado. O atordoamento e a falta de energia é que fazem você esconder o conhecimento. Você certamente sabe mais do que qualquer um de nós sobre o mundo dos seres inorgânicos. Aquele mundo era a preocupação exclusiva dos feiticeiros antigos. Todos nós dissemos que somente através das histórias dos feiticeiros sabíamos a respeito dele. Digo sinceramente que, para mim, é mais do que estranho você ter-se tornado, por direito próprio, outra fonte de histórias de feiticeiros.

Reiterei que para mim era impossível acreditar que fizera uma coisa que ele não tinha feito. Mas não podia acreditar que ele estivesse apenas sendo indulgente comigo.

— Não estou elogiando nem sendo indulgente — ele disse visivelmente aborrecido. — Estou declarando um fato da feitiçaria. Saber mais do que qualquer um de nós sobre aquele mundo não deveria ser motivo para sentir-se satisfeito. Não há qualquer vantagem nesse conhecimento; de fato a despeito de tudo que sabe, você não pôde se salvar. Nós o salvamos porque o encontramos. Mas sem a ajuda do batedor não haveria sentido nem mesmo em tentar encontrá-lo. Você estava tão infinitamente perdido naquele mundo que estremeço só de pensar.

No estado em que me encontrava não achei nem um pouco estranho ter visto uma onda de emoção atravessar todos os companheiros e aprendizes de Dom Juan. A única pessoa a permanecer inalterada foi Carol Tiggs. Ela parecia ter aceitado totalmente seu papel. Ela e eu éramos um só.

— Você salvou o batedor — prosseguiu Dom Juan — mas abriu mão de sua vida. Ou pior, abriu mão de sua liberdade. Os seres

inorgânicos deixaram o batedor ir embora trocando-o por você.

— Mal posso acreditar nisso, Dom Juan. Não que duvide, claro, mas você descreveu uma manobra tão ardilosa que estou atordoado.

— Não a considere ardilosa e você terá um resumo da coisa toda. Os seres inorgânicos estão sempre em busca de consciência e de energia. Se você lhes der a possibilidade das duas coisas, o que acha que eles farão? Jogar beijinhos do outro lado da rua?

Eu sabia que Dom Juan estava certo. Mas não conseguia manter a certeza por muito tempo; a clareza se afastava de mim.

Os companheiros de Dom Juan continuaram a fazer perguntas. Queriam saber se ele tivera alguma idéia do que fazer com o batedor.

— Tive. É um problema muito sério que o Nagual aqui precisa resolver — disse apontando para mim. — Ele e Carol Tiggs são os únicos que podem libertar o batedor. E ele também sabe disso.

Naturalmente fiz a única pergunta possível:

— Como posso libertá-lo?

— Em vez de dizer como, há um modo muito melhor e mais justo de descobrir — Dom Juan disse com um grande sorriso. — Pergunte ao emissário. Os seres inorgânicos não podem mentir, você sabe.

8

O TERCEIRO PORTÃO DO SONHAR

— O terceiro portão do sonhar é alcançado quando você se pega num sonho olhando para outra pessoa adormecida. E descobre que essa pessoa é você mesmo — disse Dom Juan.

Meu nível de energia estava tão alto, na época, que passei a trabalhar imediatamente na terceira tarefa, apesar de ele não me oferecer mais nenhuma informação além do que dissera. A primeira coisa que percebi, no treinamento de sonhar, foi que um jorro de energia imediatamente rearrumou o foco de minha atenção sonhadora. Ela estava direcionada para que eu acordasse num sonho e me visse dormindo; viajar ao mundo dos seres inorgânicos não estava mais em questão.

Logo depois me encontrei num sonho, olhando para mim mesmo adormecido. Imediatamente informei a Dom Juan. O sonho acontecera enquanto eu estava em sua casa.

— Existem duas fases em cada portão do sonhar — disse ele. — A primeira, como você sabe, é chegar ao portão; a segunda é atravessá-lo. Sonhando o que sonhou, que se viu dormindo, você chegou ao terceiro portão. A segunda fase é movimentar-se assim que vir você mesmo dormindo.

“No terceiro portão do sonhar — prosseguiu ele — você começa deliberadamente a fundir sua realidade de sonho com a realidade do mundo cotidiano. Esse é o exercício, e os feiticeiros chamam-no de

completar o corpo energético. A fusão entre as duas realidades tem de ser tão absoluta que você precisa ser mais fluido do que nunca. Examine tudo no terceiro portão com grande cuidado e curiosidade.

Reclamei, dizendo que essas recomendações eram cifradas demais, e não faziam qualquer sentido para mim.

— O que quer dizer com grande cuidado e curiosidade? — perguntei.

— No terceiro portão nossa tendência é ficarmos perdidos nos detalhes. Ver as coisas com grande cuidado e curiosidade significa resistir à tentação quase irresistível de mergulhar no detalhe.

"O exercício no terceiro portão, como eu disse, é consolidar o corpo energético. Os sonhadores começam a forjar o corpo energético fazendo os exercícios do primeiro e do segundo portão. Quando chegam ao terceiro, o corpo energético está pronto para sair, ou talvez seja melhor dizer que ele está pronto para agir. Infelizmente isso também significa que está pronto para ficar hipnotizado pelos detalhes.

— O que significa ficar hipnotizado pelos detalhes?

— O corpo energético é como uma criança que ficou presa durante toda a vida. No momento em que se liberta ela chafurda em tudo que pode encontrar, e estou falando de tudo, mesmo. Cada detalhe minúsculo e irrelevante absorve totalmente o corpo energético.

Seguiu-se um silêncio desajeitado. Eu não tinha idéia do que dizer. Tinha compreendido perfeitamente, apenas não havia nada em minha experiência que pudesse dar uma idéia do que, exatamente, aquilo significava.

— O detalhe mais idiota torna-se um mundo para o corpo energético — explicou Dom Juan. — É estonteante o esforço que os sonhadores precisam fazer para direcionar o corpo energético. Sei que parece esquisito dizer para você olhar as coisas com cuidado e curiosidade, mas é o melhor modo de descrever. No terceiro portão os sonhadores precisam evitar um impulso quase irresistível de

mergulhar em tudo; e eles evitam-no sendo tão curiosos, tão desesperados para entrar em tudo que não deixam uma coisa em particular aprisioná-los.

Dom Juan acrescentou que suas recomendações que, ele sabia, me pareciam absurdas, visavam diretamente ao meu corpo energético. Enfatizou repetidamente que meu corpo energético tinha de juntar todos os seus recursos para agir.

— Mas meu corpo energético não está agindo o tempo inteiro? — perguntei.

— Parte dele, sim. De outra forma você não teria ido até o mundo dos seres inorgânicos. Agora todo o seu corpo energético precisa ser posto em atividade para realizar o exercício do terceiro portão. Portanto, para tornar as coisas mais fáceis ao seu corpo energético, você deve prender o seu cão-de-guarda racional.

— Acho que está jogando conversa fora — falei. — Sobrou muito pouca racionalidade em mim depois de todas as experiências que você trouxe à minha vida.

— Não diga nada. No terceiro portão a racionalidade é responsável pela insistência de nosso corpo energético em se obcecar com detalhes supérfluos. No terceiro portão precisamos de fluidez irracional, de abandono irracional para contrabalançar essa insistência.

A afirmação que Dom Juan fizera, de que cada portão é um obstáculo, não poderia ser mais verdadeira. Trabalhei mais intensamente para fazer o exercício do terceiro portão do que nas duas outras tarefas juntas. Dom Juan me pressionou tremendamente. Além disso, uma outra coisa fora acrescentada à minha vida: um verdadeiro sentido do medo. Eu tivera normalmente, e até mesmo excessivamente, medo de uma coisa ou outra durante toda a vida, mas em minha experiência não houvera nada comparável ao medo que eu sentira depois de minha batalha com os seres inorgânicos. E ainda assim toda essa experiência estava inacessível à minha memória normal. Apenas na presença de Dom

Juan essas lembranças estavam disponíveis.

Num dia em que estávamos no Museu Nacional de Antropologia na Cidade do México perguntei sobre essa situação estranha. O que instigara minha pergunta foi que, naquele momento, eu tinha a estranha capacidade de lembrar tudo que acontecera durante toda a minha associação com Dom Juan. E isso me fez sentir tão livre, tão ousado e leve que praticamente saí dançando.

— É que a presença do Nagual induz um deslocamento no ponto de aglutinação — disse ele.

Então me guiou a uma das salas de exposição do museu e disse que minha pergunta tinha a ver com o que ele estava planejando contar.

— Minha intenção era explicar que o posicionamento do ponto de aglutinação é como um cofre onde os feiticeiros mantêm seus registros — disse ele. — Fiquei contentíssimo quando seu corpo energético sentiu meu intento e você perguntou isso. O corpo energético sabe uma imensidão de coisas. Deixe-me mostrar o quanto ele sabe.

Disse para eu entrar na sala em silêncio absoluto. Lembrou-me que eu já estava num estado de consciência especial, porque meu ponto de aglutinação fora deslocado em sua presença. Ele me assegurou que entrar em silêncio total permitiria que as esculturas naquela sala me fizessem ver e ouvir coisas inconcebíveis. Acrescentou, aparentemente para aumentar minha confusão, que algumas peças arqueológicas naquela sala tinham a capacidade de produzir, por si próprias, um deslocamento do ponto de aglutinação, e que se eu chegasse a um estado de silêncio total iria testemunhar cenas das vidas das pessoas que fizeram aquelas peças.

Em seguida ele deu início ao passeio mais estranho que já fiz através de um museu. Andou pela sala, descrevendo e interpretando detalhes espantosos sobre cada uma das grandes peças. De acordo com ele, cada peça arqueológica daquela sala era um registro intencional, deixado pelas pessoas da antigüidade; um registro que

Dom Juan, como feiticeiro, estava lendo para mim como leria um livro.

— Cada peça aqui foi projetada para fazer o ponto de aglutinação se deslocar — prosseguiu ele. — Fixe o olhar em qualquer uma delas, silencie a mente, e descubra se o seu ponto de aglutinação pode ser deslocado.

— Como vou saber se ele se deslocou?

— Saberá porque vai ver e sentir coisas que estão fora do seu alcance normal.

Olhei para as esculturas e vi e ouvi coisas que me deixariam perdido, caso tentasse explicar. No passado eu examinara todas aquelas peças com os preconceitos da antropologia, tendo sempre em mente as descrições dos eruditos da área. Suas descrições da função daquelas peças, enraizadas na cognição que o homem moderno tem do mundo, me pareceram pela primeira vez absolutamente preconceituosas, quando não imbecis. O que Dom Juan disse sobre as peças, e o que ouvi e vi, fixando nelas o olhar, foi a coisa mais distante possível do que eu sempre lera a respeito.

Meu desconforto foi tão grande que senti a obrigação de me desculpar com Dom Juan pelo que pensei ter sido minha sugestibilidade. Ele não riu nem zombou de mim. Explicou pacientemente que os feiticeiros eram capazes de deixar, no posicionamento do ponto de aglutinação, registros acurados sobre suas descobertas. Afirmou que quando se trata de captar a essência de um registro escrito, precisamos usar nosso sentido de participação simpática ou imaginativa para ir além da mera página escrita e chegar à própria experiência. Mas no mundo dos feiticeiros, como não existem páginas escritas, são deixados registros — que podem ser revividos, em vez de lidos — no posicionamento do ponto de aglutinação.

Para ilustrar sua afirmativa Dom Juan falou sobre os ensinamentos dos feiticeiros sobre a segunda atenção. Disse que eles são dados quando o ponto de aglutinação do aprendiz está num

lugar que não é o normal. Assim, o posicionamento do ponto de aglutinação torna-se o registro da lição. Para recuperar a lição o aprendiz precisa voltar o ponto de aglutinação ao posicionamento que ele ocupava quando a lição foi dada. Dom Juan concluiu suas observações reiterando que é um feito da maior magnitude trazer o ponto de aglutinação de volta a todos os posicionamentos que ele ocupou durante as lições.

Durante quase um ano Dom Juan não perguntou nada sobre minha terceira tarefa de sonhar. Então, um dia, ele pediu abruptamente que eu descrevesse todas as nuances de meus exercícios de sonhar.

A primeira coisa que mencionei foi uma recorrência espantosa. Durante um período de meses eu tivera sonhos em que me vira olhando para mim mesmo, dormindo na cama. A parte estranha era a regularidade daqueles sonhos; eles aconteciam uma vez a cada quatro dias, como se controlados por um relógio. Nos outros três dias meu sonhar era o que sempre havia sido: eu examinava cada item possível dos sonhos; mudava de sonhos e, ocasionalmente, levado por uma curiosidade suicida, seguia os batedores de energia estranha — apesar de me sentir extremamente culpado ao fazê-lo. Sugeri que talvez fosse como um vício secreto. A realidade daquele mundo era uma coisa irresistível.

Secretamente eu me sentia de algum modo exonerado da responsabilidade total, porque o próprio Dom Juan sugerira que eu perguntasse ao emissário do sonhar sobre o que fazer para libertar o batedor azul que estava preso entre nós. Ele disse para eu fazer a pergunta no treino diário, mas eu alterei suas afirmativas para implicar que eu teria de perguntar ao emissário enquanto estivesse em seu mundo. A pergunta que eu realmente queria fazer ao emissário era se os seres inorgânicos tinham mesmo preparado uma armadilha para mim. O emissário não somente me contou que era verdade tudo que Dom Juan dissera, como também me deu instruções sobre o que Carol Tiggs e eu tínhamos de fazer para

libertar o batedor.

— A regularidade de seus sonhos é uma coisa que eu esperava — observou Dom Juan, depois de me escutar.

— Por que esperava uma coisa assim, Dom Juan?

— Por causa de seu relacionamento com os seres inorgânicos.

— Isso está acabado, Dom Juan — menti, esperando que ele não prosseguisse com o assunto.

— Você está dizendo isso para me agradar, não é? Não precisa, eu sei a verdade. Acredite, depois que a pessoa começa a brincai com eles, fica fisgada. Eles vão estar sempre atrás de você. Ou, o que é pior ainda, você vai estar sempre atrás deles.

Encarou-me, e minha culpa deve ter sido tão óbvia que ele riu.

— A única explicação possível para essa regularidade é que os seres inorgânicos estão outra vez bajulando você — falou num tom sério.

Mudei rapidamente de assunto e disse que outra nuance de meus exercícios de sonhar que merecia ser mencionada devia-se ao fato de me ver dormindo a sono solto. Aquela visão era sempre tão espantosa que me grudava no lugar até que o sonho mudasse, ou então me assustava tão profundamente a ponto de me fazer acordar, gritando a plenos pulmões. Eu chegara ao ponto de ter medo de dormir nos dias em que sabia que teria aquele sonho.

— Você ainda não está verdadeiramente pronto para fundir sua realidade de sonho com sua realidade cotidiana. Precisa recapitular mais a sua vida.

— Mas eu já fiz toda a recapitulação possível — protestei. — Venho recapitulando há anos. Não há mais nada que eu possa lembrar sobre minha vida.

— Deve haver muito mais — ele disse, inflexível. — De outro modo não acordaria gritando.

Não gostei da idéia de ter de recapitular outra vez. Eu tinha feito isso, e acreditava que fizera tão bem que não precisaria nunca mais tocar no assunto.

— A recapitulação de nossa vida nunca termina, não importa que tenhamos recapitulado direito — disse Dom Juan. — O motivo das pessoas comuns não terem vontade própria nos sonhos é nunca terem recapitulado, e suas vidas ficam cheias até a borda de emoções como lembranças, esperanças, medos etc. etc.

"Os feiticeiros, por outro lado, são relativamente livres de emoções pesadas e opressivas, por causa da recapitulação. E se alguma coisa faz com que eles fiquem bloqueados, como está acontecendo com você, a suposição é que ainda existe alguma coisa neles que não está suficientemente clara.

— Recapitular é um negócio envolvente demais, Dom Juan, Talvez exista alguma outra coisa que eu possa fazer.

— Não, não existe. Recapitular e sonhar andam lado a lado. À medida que regurgitamos nossas vidas nós ficamos mais e mais leves.

Dom Juan me dera instruções detalhadas e explícitas sobre a recapitulação. Consistia em reviver a totalidade das experiências de vida lembrando-se de cada detalhe possível. Ele via a recapitulação como o fator essencial na redefinição e reestruturação da energia do sonhador.

— A recapitulação liberta a energia aprisionada dentro de nós, e sem essa energia liberada o sonhar não é possível.

Anos antes Dom Juan me levara a fazer uma lista de todas as pessoas que conhecera na vida, começando no presente. Ele me ajudou a arrumar a lista de modo ordenado, separando-a por áreas de atividade, como os empregos que eu tivera, as escolas onde estudara. Em seguida guiou-me para ir, sem qualquer desvio, da primeira pessoa em minha lista até a última, revivendo cada uma das interações que eu tivera com elas.

Explicou que a recapitulação de um evento começa com a mente arrumando tudo que tem a ver com o que está sendo recapitulado. Arrumar significa reconstruir o evento, peça por peça, começando pela lembrança dos detalhes físicos ao redor, e em

seguida passando à pessoa com quem compartilhamos a interação, e em seguida para nós mesmos; para o exame de nossos sentimentos.

Dom Juan me ensinou que a recapitulação é realizada junto com uma respiração natural e rítmica. São feitas longas expirações enquanto a cabeça se move devagar e suavemente da direita para a esquerda; e são tomadas longas inalações quando a cabeça se move da esquerda para a direita. Ele chamava de "arejar o evento", esse ato de mover a cabeça de um lado para o outro. A mente examina o evento do princípio ao fim, enquanto o corpo ventila tudo em que a mente se concentra.

Dom Juan disse que os feiticeiros da antigüidade, os inventores da recapitulação, viam a respiração como um ato mágico, vivificante, e usavam-na como um veículo de magia; a expiração era usada para ejetar a energia estranha deixada neles enquanto a interação era recapitulada, e a inalação servia para recuperar a energia que eles tinham deixado para trás durante a interação.

Devido ao meus estudos acadêmicos eu tomei a recapitulação como o processo de analisar a própria vida. Mas Dom Juan insistiu que havia mais coisa envolvida do que uma psicanálise intelectual. Ele postulava a recapitulação como uma manobra dos feiticeiros para induzir um deslocamento minúsculo, porém firme, do ponto de aglutinação. Disse que, sob o impacto de rever sentimentos e ações do passado, o ponto de aglutinação fica indo e voltando do posicionamento atual para o que ele ocupava quando aconteceu o evento que está sendo recapitulado.

Dom Juan afirmava que o raciocínio dos feiticeiros antigos, para explicar a recapitulação, era sua convicção de que existe uma inconcebível força de dissolução no universo, que faz os organismos viverem emprestando-lhes consciência. A mesma força também faz os organismos morrerem, para extrair deles a mesma consciência emprestada, que os organismos aprimoraram através de suas experiências de vida. Dom Juan explicou o raciocínio dos feiticeiros antigos. Eles acreditavam que, como essa força estava atrás de nossa

experiência de vida, era de suprema importância o fato de que ela poderia se satisfazer com um fac-símile de nossa experiência de vida: a recapitulação. Ao receber o que deseja, a força de dissolução deixa os feiticeiros livres para expandir sua capacidade de perceber e de chegar com ela aos confins do tempo e do espaço.

Quando comecei a recapitular de novo tive a grande surpresa de ver meus treinamentos de sonhar suspensos automaticamente. Perguntei a Dom Juan sobre esse recesso indesejado.

— O sonhar exige toda a energia disponível — respondeu ele. — Se houver uma preocupação profunda em sua vida, não existe possibilidade de sonhar.

— Mas eu já estive profundamente preocupado antes, e meus treinamentos nunca se interromperam.

— Pode ser então que, toda vez que você achou que estava preocupado, estivesse apenas egomaniacamente perturbado — ele disse rindo. — Para os feiticeiros, estar preocupado significa que todas as nossas fontes de energia foram utilizadas. Essa é a primeira vez que você envolve a totalidade de suas fontes de energia. No resto do tempo, mesmo quando recapitulou antes, você não estava completamente absorvido.

Dessa vez Dom Juan me deu outro padrão de recapitulação. Eu deveria construir um quebra-cabeça recapitulando, sem qualquer ordem, diferentes fatos de minha vida.

— Mas vai ser uma confusão — protestei.

— Não, não vai — ele assegurou. — Será uma confusão se você deixar sua mesquinharia escolher os eventos a serem recapitulados. Em vez disso deixe o espírito decidir. Silencie, e em seguida vá até o evento que o espírito escolher.

Os resultados desse padrão de recapitulação foram chocantes em muitos níveis. Achei impressionante descobrir que, toda vez que silenciava meus pensamentos, uma força que parecia independente lançava-me de imediato numa lembrança detalhada de algum evento de minha vida. Mas foi ainda mais impressionante descobrir que

daquilo resultava uma configuração bastante ordenada. O que imaginei que seria caótico acabou mostrando-se extremamente eficaz.

Perguntei a Dom Juan por que ele não me fizera recapitular daquele jeito desde o início. Ele respondeu que existem dois ciclos básicos para a recapitulação: o primeiro era chamado de formalidade e rigidez, e o segundo de fluidez.

Eu não tinha a menor idéia de como minha recapitulação seria diferente. A capacidade de concentração, que eu adquirira através dos treinamentos de sonhar, permitiu-me examinar minha vida numa profundidade que nunca imaginaria possível. Demorei mais de um ano para ver e rever tudo que podia sobre minhas experiências. No final precisei concordar com Dom Juan: eu tinha uma imensidão de emoções escondidas tão profundamente a ponto de se tornarem virtualmente inacessíveis.

O resultado de minha nova recapitulação foi uma atitude nova e mais relaxada. No primeiro dia em que voltei aos exercícios de sonhar eu sonhei que me vi dormindo. Virei-me e saí ousadamente do quarto, descendo penosamente um lance de escadas até a rua.

Eu estava exaltado com o que fizera, e contei a Dom Juan. Meu desapontamento foi enorme quando ele não considerou esse sonho como parte de meus exercícios de sonhar. Argumentou que eu não fora para a rua com meu corpo energético porque, se fosse, teria uma sensação diferente, não a de descer um lance de escadas.

— De que tipo de sensação está falando, Dom Juan? — perguntei com curiosidade genuína.

— Você precisa estabelecer uma diretriz válida para descobrir se está ou não vendo de fato seu corpo dormindo na cama — ele disse em vez de responder à minha pergunta. — Lembre-se, você precisa se encontrar no quarto em que está dormindo, vendo o seu corpo de verdade. De outro modo, o que está tendo é um mero sonho. Se for esse o caso, controle o sonho, observando os seus detalhes ou mudando-o.

Insisti para que falasse mais sobre a diretriz válida à qual se referira, mas ele me interrompeu:

— Imagine um meio de validar o fato de que está olhando para você mesmo.

— Você tem alguma sugestão sobre o que pode ser uma diretriz válida? — insisti.

— Use seu próprio julgamento. Estamos chegando ao fim de nosso período juntos. Logo logo você terá de ficar sozinho.

Em seguida mudou de assunto e fui deixado com o gosto nítido de minha inépcia. Sentia-me incapaz de imaginar o que ele desejava, ou o que queria dizer com uma diretriz válida.

No próximo sonho em que me vi dormindo, em vez de sair do quarto e descer as escadas ou de acordar gritando, fiquei grudado por longo tempo ao ponto de onde olhava. Sem me queixar ou desesperar, observei os detalhes do sonho. Percebi então que dormia usando uma camiseta branca rasgada no ombro. Tentei chegar mais perto e observar o rasgo, mas movimentar-me estava além de minhas possibilidades. Senti um peso que parecia fazer parte do meu próprio ser. De fato, eu era um peso. Não sabendo o que fazer em seguida, entrei instantaneamente numa confusão devastadora. Tentei mudar de sonho, mas alguma força estranha fez com que eu continuasse olhando meu corpo adormecido.

Em meio à confusão, ouvi o emissário do sonho dizer que a falta de controle para me movimentar estava me apavorando ao ponto de eu talvez precisar fazer outra recapitulação. A voz do emissário, e o que ele me disse não me surpreenderam nem um pouco. Eu nunca me sentira tão nítida e terrivelmente incapacitado de me mover. Mas não me entreguei ao terror. Examinei-o, e descobri que não era um terror psicológico, e sim uma sensação física de impotência, impaciência e aborrecimento. Eu estava imensamente chateado por não poder mover os membros. Meu aborrecimento cresceu na proporção em que percebia ter sido preso brutalmente por alguma coisa externa. O esforço que eu fazia para mover os

braços ou as pernas era tão intenso e decidido que num determinado momento vi a perna de meu corpo, dormindo na cama, subir como se estivesse chutando.

Nesse momento minha consciência foi puxada para o corpo inerte e adormecido, e acordei com tamanha força que demorei mais de meia hora para ficar calmo. Meu coração batia quase que erraticamente. Eu tremia, e alguns músculos das pernas se contraíam involuntariamente. Eu sofrera uma queda tão radical na temperatura do corpo que precisei de cobertores e bolsas de água quente para fazê-la subir.

Naturalmente fui para o México pedir conselho a Dom Juan sobre a sensação de paralisia, e sobre o fato de que eu realmente estivera usando uma camiseta rasgada, de modo que vira realmente meu corpo adormecido. Além disso eu estava morto de medo da hipotermia. Ele mostrou-se relutante em discutir a situação. Tudo que obtive foi uma observação cáustica.

— Você gosta de um drama — falou num tom inexpressivo. — Claro que você se viu dormindo. O problema é que ficou nervoso, porque seu corpo energético nunca estivera antes conscientemente inteiro. Se ficar nervoso de novo, segure o seu pau. Isso vai restaurar a temperatura do corpo num instante e sem nenhuma confusão.

Senti-me um tanto ofendido por sua grosseria. Mas o conselho mostrou-se eficaz. Na próxima em que me senti apavorado, relaxei e voltei ao normal em alguns minutos fazendo o que ele prescrevera. Desse modo descobri que, se não ficasse impaciente e mantivesse o aborrecimento sob guarda, não entrava em pânico. Ficar controlado não me ajudava a me movimentar, mas certamente dava uma profunda sensação de paz e serenidade.

Após meses de esforços inúteis para andar, busquei outra vez os comentários de Dom Juan, dessa vez não tanto em busca de conselho, mas porque desejava admitir pessoalmente a derrota. Encontrava-me diante de uma barreira intransponível, e sabia com certeza absoluta que havia fracassado.

— Os sonhadores precisam ser imaginativos — Dom Juan disse com um riso malicioso. — Você não é. Eu não o avisei sobre o uso da imaginação para movimentar o corpo energético porque desejava descobrir se você resolveria sozinho a charada. Não resolveu, e seus amigos também não o ajudaram.

No passado eu me defendia arduamente sempre que ele me acusava de falta de imaginação. Eu achava que era uma pessoa imaginativa, mas ter Dom Juan como professor me ensinou, do modo mais difícil, que não era. Como não iria gastar energia numa autodefesa fútil, perguntei:

— Que charada é essa, Dom Juan?

— A charada sobre como é impossível, e ao mesmo tempo fácil, mover o corpo energético. Você está tentando movê-lo como se estivesse no mundo cotidiano. Nós gastamos tanto tempo e esforço aprendendo a andar, que acreditamos que nosso corpo energético também deva andar. Não há motivo para isso, a não ser que andar vem em primeiro lugar na nossa mente.

Fiquei maravilhado com a simplicidade da solução. Soube instantaneamente que Dom Juan estava certo. Mais uma vez eu ficara preso no nível de interpretação. Ele dissera para eu me mover assim que chegasse ao terceiro portão do sonhar, e me mover significava andar. Falei que havia compreendido sua idéia.

— Não é minha idéia — ele respondeu rapidamente. — É idéia dos feiticeiros. Os feiticeiros dizem que, no terceiro portão, todo o corpo energético pode se mover como a energia se move: rápida e diretamente. Seu corpo energético sabe exatamente como se movimentar. Ele pode se movimentar como no mundo dos seres inorgânicos.

“E isso nos traz à próxima questão — Dom Juan acrescentou pensativo. — Por que os seus amigos, os seres inorgânicos, não o ajudaram?

— Por que os chama de meus amigos, Dom Juan?

— Eles são como os clássicos amigos que não são amáveis ou

gentis conosco, mas que também não são maus. O tipo de amigo que está somente esperando que viremos as costas, para que possam enfiar a faca.

Compreendi completamente e concordei em cem por cento.

— O que me faz ir até lá? Será uma tendência suicida? — perguntei mais retoricamente do que qualquer coisa.

— Você não tem nenhuma tendência suicida. Tem uma descrença total de que esteve perto da morte. Como não sentiu dor física, não pode se convencer de que esteve em perigo mortal.

Seu argumento era razoável, só que eu acreditava que um medo profundo e desconhecido estava governando minha vida desde a batalha com os seres inorgânicos. Dom Juan ouviu em silêncio enquanto eu descrevia minha situação. Eu não podia descartar ou explicar a ânsia de ir ao mundo dos seres inorgânicos, a despeito do que sabia sobre ele.

— Eu tenho algum traço de loucura — falei. — O que faço não tem sentido.

— Tem sim. Os seres inorgânicos continuam atraindo-o, como um peixe fisgado na ponta da linha. De vez em quando eles mandam uma isca sem valor, para mantê-lo assim. Arranjar os seus sonhos para que aconteçam a cada quatro dias sem falhar é uma isca sem valor. Mas eles não ensinaram como movimentar seu corpo energético.

— Por que acha que eles não ensinaram?

— Porque quando seu corpo energético aprender a se movimentar sozinho você estará totalmente fora do alcance deles. Você está relativamente livre, mas não completamente. Eles ainda estão fazendo ofertas pela sua consciência.

Senti um arrepio na espinha. Ele tocara num ponto sensível.

— Diga-me o que fazer, Dom Juan, e eu farei.

— Seja impecável. Já falei isso dezenas de vezes. Ser impecável significa acertar sua vida, objetivando reforçar suas decisões, e em seguida dar muito mais do que o máximo de si para realizar essas

decisões. Quando a gente não está decidindo nada, está meramente jogando roleta com a vida.

Dom Juan encerrou a conversa insistindo para que eu ponderasse sobre o que ele dissera.

Na primeira oportunidade segui a sugestão de Dom Juan, testando os movimentos de meu corpo energético. Ao ver meu corpo dormindo, em vez de lutar para ir andando até ele, simplesmente desejei mover-me para perto da cama. Instantaneamente eu estava quase tocando meu corpo. Vi meu rosto. Na verdade podia ver cada poro de minha pele. Não posso dizer que gostei. A visão do meu corpo era detalhada demais para ser esteticamente agradável. Então entrou no quarto uma espécie de vento, desarrumando tudo e apagando minha visão.

Nos sonhos seguintes confirmei totalmente o fato de que as únicas maneiras do corpo inorgânico se mover são deslizando ou voando. Discuti isso com Dom Juan. Ele pareceu extraordinariamente satisfeito com o que eu fizera; o que, sem dúvida, me surpreendeu. Eu estava acostumado à sua reação fria a qualquer coisa que eu realizasse em meus exercícios de sonhar.

— Seu corpo energético só está acostumado a se mover quando alguma coisa o puxa — disse ele. — Os seres inorgânicos vêm puxando seu corpo energético para a esquerda e para a direita, e até agora você nunca o tinha movimentado por vontade própria. Para você não parece muita coisa ter-se movimentado como se movimentou, mas posso assegurar que eu estava seriamente considerando a idéia de interromper seus exercícios. Por algum tempo acreditei que você não aprenderia a se movimentar sozinho.

— Estava considerando a idéia de interromper meus exercícios de sonhar porque sou lento?

— Você não é lento. Os feiticeiros levam um tempo infinito para aprender a movimentar o corpo energético. Eu ia interromper seus exercícios porque não tenho mais tempo. Existem outros tópicos, mais prementes do que o sonhar, onde você pode usar sua energia.

— Agora que aprendi como mover sozinho o corpo energético, o que mais devo fazer, Dom Juan?

— Continue se movimentando. Mover seu corpo energético abriu uma nova área, uma área de explorações extraordinárias.

Voltou a insistir que eu tivesse uma idéia para validar a credibilidade dos meus sonhos; aquele pedido antigo não pareceu tão estranho quanto da primeira vez em que ele o fizera.

— Como você sabe, ser transportado por um batedor é a verdadeira tarefa de sonho do segundo portão — explicou ele. — É uma coisa muito séria, mas não tão séria quanto forjar e movimentar o corpo energético. Assim, você deve certificar-se, de algum modo pessoal, de que está realmente vendo você mesmo adormecido, ou se está meramente sonhando que está se vendo adormecido. Sua nova exploração extraordinária depende de realmente se ver dormindo.

Depois de muito ponderar e imaginar, acreditei ter pensado no plano certo. O fato de ter visto minha camiseta rasgada num dos sonhos me deu a idéia para uma diretriz válida. Parti do pressuposto de que, se estivesse realmente me vendo dormir, também estaria observando se eu estava com as mesmas roupas com as quais fora para a cama, roupas que eu decidira mudar radicalmente a cada quatro dias. Confiava em que, nos sonhos, não teria qualquer dificuldade de me lembrar das roupas que estava usando ao ir para a cama; a disciplina que eu adquirira com os exercícios de sonhar faziam com que eu achasse ter a capacidade de registrar coisas como essa e recordá-las nos sonhos.

Esforcei-me ao máximo para seguir essa diretriz, mas os resultados não aconteceram como eu havia pensado. Eu carecia do controle necessário sobre a atenção sonhadora, e não conseguia recordar direito os detalhes das roupas com as quais dormira. Mesmo assim havia outra coisa acontecendo; de algum modo eu sempre sabia se meus sonhos eram apenas sonhos comuns ou não. A principal dedução dos sonhos, que não eram apenas sonhos comuns, era que meu corpo ficava dormindo na cama enquanto

minha consciência o observava.

Uma característica notável desses sonhos era o quarto. Nunca era como o meu quarto no mundo cotidiano, mas um enorme cômodo aberto com minha cama num dos extremos. Eu costumava voar uma distância considerável até chegar ao lado da cama onde estava meu corpo. No momento em que eu chegava perto, uma força que parecia um vento fazia com que eu pairasse acima dele, como um beija-flor. Às vezes o quarto desaparecia aos pedaços até que sobrassem apenas meu corpo e a cama. Em outras vezes eu costumava experimentar uma completa perda de autodomínio. Minha atenção sonhadora parecia funcionar independente de mim. Era completamente absorvida pelo primeiro item que encontrava no quarto ou então parecia incapaz de decidir o que fazer. Nessas circunstâncias eu tinha a sensação de estar flutuando impotente, indo de item em item.

A voz do emissário do sonho me explicou que qualquer elemento de meus sonhos, que não eram simplesmente sonhos comuns, eram na verdade configurações energéticas diferentes daquelas do mundo normal. A voz do emissário observou que as paredes, por exemplo, eram líquidas. Insistiu em que eu mergulhasse numa delas.

Sem pensar duas vezes, mergulhei numa parede como se ela fosse num lago imenso. Não senti a parede aquosa; também não tive uma sensação física de mergulhar em água; era mais como o pensamento de mergulhar e a sensação visual de atravessar matéria líquida. Eu estava mergulhando de cabeça numa coisa que se abria como a água.

A sensação de mergulhar de cabeça era tão real que comecei a me perguntar por quanto tempo, ou até que profundidade, eu iria. De meu ponto de vista, passei uma eternidade ali. Vi nuvens e massas rochosas de matéria suspensa numa substância aquosa. Havia alguns objetos geométricos brilhantes que lembravam cristais; e bolhas das cores primárias mais profundas que eu já vira. Também

havia zonas de luzes intensas e outras de escuridão absoluta. Tudo passava por mim, devagar ou a alta velocidade. Pensei que estava vendo o cosmos. No instante desse pensamento minha velocidade aumentou tanto que tudo ficou borrado, e subitamente me vi acordado com o nariz espremido contra a parede do meu quarto.

Um medo oculto fez com que eu fosse consultar Dom Juan. Ele ouviu, atento, cada palavra.

— Nesse ponto você precisa fazer uma manobra drástica — disse ele. — O emissário do sonho não tem nada que interferir em seus exercícios. Ou melhor, você não deveria, sob qualquer condição, permitir isso.

— Como posso impedir?

— Faça uma manobra simples, porém difícil. Depois de começar a sonhar, verbalize em voz alta seu desejo de não contar mais com o emissário do sonho.

— Isso significa, Dom Juan, que nunca mais vou ouvi-lo?

— Positivamente. Você vai se livrar dele para sempre.

— Mas é aconselhável me livrar dele para sempre?

— Sem a menor dúvida, na atual conjuntura.

Com essas palavras ele me envolveu num dilema tremendamente perturbador. Eu não queria encerrar meu relacionamento com o emissário, e ao mesmo tempo queria seguir o conselho de Dom Juan. Ele percebeu minha hesitação.

— Sei que é uma coisa muito difícil. Mas se você não fizer isso, os seres inorgânicos vão tê-lo sempre na ponta da linha. Se quiser evitar isso, faça o que eu disse, e faça agora mesmo.

Enquanto me preparava para expressar meu intento, durante o próximo exercício de sonhar, a voz do emissário me interrompeu. Falou:

— Se você não fizer essa exigência, eu prometo nunca interferir em seus exercícios de sonhar, e falar apenas quando você me fizer perguntas diretas.

No mesmo instante aceitei a proposta e sinceramente achei que

era um bom acordo. Fiquei até mesmo aliviado pela coisa ter tomado esse rumo. Mas senti medo de que Dom Juan ficasse desapontado.

— Foi uma boa manobra — ele observou e riu. — Você foi sincero: realmente pretendia verbalizar a exigência. Tudo o que era necessário era ser sincero. Essencialmente não havia necessidade de você eliminar o emissário. O importante era obrigá-lo a propor um modo alternativo, conveniente para você. Tenho certeza de que o emissário não vai mais interferir.

Ele estava certo. Continuei meus exercícios de sonhar sem qualquer interferência do emissário. A conseqüência notável foi que comecei a ter sonhos onde o quarto era o mesmo quarto do mundo cotidiano, com uma diferença: nos sonhos meu quarto estava sempre tão deformado, tão distorcido, que parecia uma gigantesca pintura cubista; ângulos agudos e obtusos eram a regra, em vez dos ângulos retos normais nas paredes, no teto e no chão. Em meu quarto retorcido a própria deformação criada pelos ângulos agudos e obtusos era um dispositivo para destacar algum detalhe absurdo, supérfluo, porém real. As linhas intrincadas no chão de madeira de lei, por exemplo, ou as descolorações causadas pelo tempo na pintura das paredes, ou marcas de poeira no teto, ou impressões digitais na beirada de uma porta.

Naqueles sonhos eu inevitavelmente me perdia nos universos aquáticos do detalhe apontado pela distorção. Durante todo o exercício de sonhar a profusão de detalhes no quarto era tão imensa, e sua atração tão intensa, que instantaneamente me faziam mergulhar neles.

No primeiro momento livre fui até a casa de Dom Juan, consultá-lo sobre isso.

— Não consigo ultrapassar meu quarto — falei depois de dar os detalhes dos exercícios.

— O que faz você pensar que deve ultrapassá-lo? — Ele perguntou rindo.

— Eu sinto que preciso me mover para além do quarto, Dom

Juan.

— Mas você está se movendo para além do quarto. Talvez deva se perguntar se não está outra vez preso em interpretações. O que você acha que significa se movimentar, neste caso?

Falei que ter andado do quarto até a rua fora um sonho tão assombroso que eu sentia uma necessidade real de fazê-lo de novo.

— Mas desta vez você está fazendo coisas maiores do que isso — protestou ele. — Você está indo para regiões inacreditáveis. O que mais quer?

Tentei explicar que eu tinha uma necessidade física de me afastar da armadilha do detalhe. O que mais incomodava era a incapacidade de me libertar de qualquer coisa que me atraísse a atenção. O fundamental para mim era ter um mínimo de vontade própria.

Seguiu-se um longo silêncio. Esperei ouvir mais sobre a armadilha do detalhe. Afinal de contas, ele me alertara sobre seus perigos.

— Você está se saindo bem — finalmente ele disse. — Os sonhadores demoram muito para aperfeiçoar seus corpos energéticos. E é exatamente isso que está em jogo: aperfeiçoar seu corpo energético.

Dom Juan explicou que o motivo do meu corpo energético ser compelido a examinar o detalhe e ficar inextricavelmente preso a ele devia-se à sua inexperiência, sua incompletude. Disse que os feiticeiros passam a vida inteira completando o corpo energético, deixando que ele absorva tudo que for possível, como uma esponja.

— Até que o corpo energético esteja completo e maduro, ele é auto-absorvido — prosseguiu Dom Juan. — Ele não consegue se libertar da compulsão de ser absorvido por tudo. Mas se levarmos isso em consideração, em vez de lutar contra o corpo energético, como você está fazendo, podemos ajudá-lo.

— Como posso fazer isso?

— Direcionando o comportamento dele; isto é, espreitando-o.

Explicou que, como tudo que é relacionado ao corpo energético depende do posicionamento adequado do ponto de aglutinação, e como o sonhar nada mais é do que um meio de deslocá-lo, espreitar — conseqüentemente — é o meio de fazer o ponto de aglutinação fixar-se na posição ideal; neste caso, a posição onde o corpo energético pode ser consolidado, e da qual ele finalmente emerge.

Dom Juan disse que, no momento em que o corpo energético consegue se movimentar sozinho, os feiticeiros presumem que foi encontrado o posicionamento ideal do ponto de aglutinação. O passo seguinte é espreitá-lo, isto é, fixá-lo naquela posição para completar o corpo energético. Observou que o procedimento é de uma simplicidade total. Basta intentar espreitá-lo.

Silêncio e olhares de expectativa seguiram-se a essa afirmação. Esperei que ele dissesse mais, e ele esperou que eu tivesse compreendido o que dissera. Não tinha.

— Deixe seu corpo energético intentar a chegada ao melhor posicionamento de sonhar — ele explicou. — Em seguida, deixe seu corpo energético intentar a permanência naquele posicionamento, e você estará espreitando.

Ele parou e, com os olhos, insistiu para que eu pensasse naquilo.

— Intentar é o segredo, mas você já sabe disso — falou. — Os feiticeiros deslocam seu ponto de aglutinação através do intento, e fixam-no, igualmente, através do intento. E não existe técnica para intentar. Aprendemos a intentar através da prática.

Nesse ponto era inevitável ter outras de minhas suposições loucas sobre meu valor como feiticeiro. Eu tinha uma confiança infinita de que alguma coisa me colocaria no trilho certo para intentar a fixação de meu ponto de aglutinação no posicionamento ideal. No passado eu realizara, sem saber como, todo tipo de manobra bem-sucedida. O próprio Dom Juan ficara maravilhado com minha habilidade ou minha sorte, e eu tinha certeza de que essa seria uma situação assim. Estava completamente enganado. Não

importando o que eu fizesse, não obtive nenhum êxito em fixar o ponto de aglutinação em qualquer posicionamento, quanto menos no ideal.

Depois de meses de luta séria, porém infrutífera, desisti.

— Realmente achei que conseguiria — falei a Dom Juan no momento em que cheguei à sua casa. — Acho que atualmente estou mais egomaníaco do que nunca.

— Na verdade, não — ele disse com um sorriso. — O que acontece é que você está preso a outra de suas rotineiras interpretações equivocadas das palavras. Você deseja encontrar o posicionamento ideal como se estivesse encontrando as chaves do carro. Depois quer amarrar o ponto de aglutinação como se estivesse amarrando os sapatos. O posicionamento ideal e a fixação do ponto de aglutinação são metáforas. Não têm nada a ver com as palavras usadas para descrevê-las.

Então ele pediu que eu contasse os últimos eventos de meus exercícios de sonhar. A primeira coisa que mencionei foi que a ânsia de me absorver havia diminuído consideravelmente. Falei que, talvez porque eu me movimentasse compulsiva e incessantemente nos sonhos, o próprio movimento poderia ser o que me impedia de mergulhar no detalhe. Ser impedido desse jeito me dava a oportunidade de examinar a absorção pelo detalhe. Cheguei à conclusão de que a matéria inanimada possuía uma força imobilizadora, que eu via como um raio de luz opaca que me mantinha preso. Por exemplo: muitas vezes alguma marca minúscula nas paredes ou nos veios da madeira do piso mandava uma linha de luz que me transfixava; a partir do momento em que minha atenção sonhadora se concentrava na luz, todo o sonho girava ao redor daquela marca minúscula. Eu a via ampliada talvez até o tamanho do cosmo. Essa visão costumava durar até que eu acordasse, geralmente com o nariz pressionado contra a parede ou o chão. Minhas observações foram que, em primeiro lugar, o detalhe era verdadeiro. E, em segundo, que eu parecia ter estado

observando-o enquanto dormia.

Dom Juan sorriu e disse:

— Tudo isso está acontecendo porque o forjamento de seu corpo energético foi completado no momento em que ele se moveu sozinho. Eu não falei isso, mas insinuei. Queria saber se você era capaz de descobrir sozinho, o que, claro, você conseguiu.

Não tive idéia do que ele queria dizer. Dom Juan me escrutinizou de seu modo usual. Seu olhar penetrante fez uma varredura em meu corpo.

— O que, exatamente, eu descobri sozinho, Dom Juan? — fui forçado a perguntar.

— Descobriu que seu corpo energético foi completado.

— Posso assegurar que não descobri nada disso.

— Descobriu sim. Isso começou há algum tempo, quando você não conseguiu encontrar uma diretriz que validasse a realidade de seus sonhos, mas então alguma coisa entrou em ação e fez com que você soubesse se estava ou não tendo um sonho comum. Essa coisa era o seu corpo energético. Agora você se desespera por não conseguir encontrar o posicionamento ideal onde fixar seu ponto de aglutinação. E eu digo que já encontrou. A prova é que, ao se movimentar, seu corpo energético reduziu a obsessão pelo detalhe.

Eu estava perplexo. Nem mesmo conseguia fazer uma de minhas perguntas frágeis.

— O que vem em seguida para você é uma jóia dos feiticeiros — Dom Juan prosseguiu. — Vai exercitar *ver* a energia em seu sonhar. Você passou pela prova do terceiro portão do sonhar: movimentou sozinho o corpo energético. Agora vai realizar a verdadeira tarefa: *ver* a energia com seu corpo energético.

"Você já *viu* energia antes — prosseguiu ele. — Muitas vezes, na verdade. Mas, em todas essas vezes, *ver* foi um acaso. Agora irá fazê-lo deliberadamente.

"Os sonhadores têm um método empírico. Se o corpo energético estiver completo, eles *vêem* a energia toda vez que olham

fixo para algum item no mundo cotidiano. Nos sonhos, se *vêem* a energia de um item, eles sabem que estão lidando com um mundo real, não importa o quanto esse mundo possa parecer distorcido para sua atenção sonhadora. Se não puderem ver a energia de um determinado item, eles estão num sonho comum, e não em um mundo real.

— O que é um mundo real, Dom Juan?

— Um mundo que gera energia; o oposto de um mundo fantasmagórico de projeções, onde nada gera energia; como na maioria de nossos sonhos, onde nada tem efeito energético.

Dom Juan me deu outra definição do sonhar: é um processo através do qual os sonhadores isolam condições de sonho em que podem encontrar elementos geradores de energia. Ele deve ter percebido meu espanto. Riu e deu outra definição ainda mais enrolada: sonhar é o processo através do qual intentamos encontrar posicionamentos adequados do ponto de aglutinação, posicionamentos que permitem que percebamos itens geradores de energia em estados de aparência onírica.

Explicou que o corpo energético também é capaz de perceber energias muito diferentes da energia de nosso mundo. Como no caso dos itens do reino dos seres inorgânicos, que o corpo energético percebe como energia crepitante. Acrescentou que em nosso mundo nada crepita; aqui tudo ondula.

— De agora em diante — falou — a questão em seu sonhar será determinar se os itens nos quais você concentra sua atenção sonhadora são geradores de energia ou meras projeções fantasmagóricas, ou se são geradores de energia alienígena.

Dom Juan admitiu que havia esperado que eu tivesse a idéia de que *ver* a energia era o que determinava se eu estava ou não observando meu verdadeiro corpo adormecido. Riu de meu método espúrio de a cada quatro dias colocar roupas elaboradas para dormir. Disse que eu tivera na ponta dos dedos toda a informação necessária para deduzir qual era a verdadeira tarefa do terceiro

portão do sonhar e ter a idéia correta, mas que meu sistema de interpretação me forçara a buscar soluções arquitetadas sem a simplicidade e a objetividade da feitiçaria.

9

A NOVA ÁREA DE EXPLORAÇÃO

Dom Juan me disse que, para *ver* durante o sonhar, eu não somente precisaria do intento de *ver,* mas também teria de colocar o intento em palavras ditas em voz alta. Por motivos que se recusou a explicar, insistiu em que eu teria de falar alto. Admitiu, entretanto, que existem outros meios de chegar ao mesmo resultado, mas afirmou que verbalizar o intento é o modo mais simples e mais direto.

Na primeira vez em que verbalizei meu intento de *ver* eu estava sonhando com um bazar de igreja. Havia tantos artigos que não pude decidir para qual olhar. Um vaso gigante e espalhafatoso num canto decidiu por mim. Olhei fixo para ele, verbalizando o intento de *ver.* O vaso permaneceu em meu campo de visão por um instante, e em seguida passou a ser outro objeto.

Olhei para o máximo de coisas que pude, naquele sonho. Depois de verbalizar meu intento de *ver,* cada item que eu escolhera desaparecia ou se transformava em outra coisa, como acontecera todo o tempo durante meus exercícios de sonhar. Finalmente minha atenção sonhadora se exauriu e eu acordei tremendamente frustrado, quase com raiva.

Durante meses olhei fixo para centenas de itens em meus sonhos, e centenas de vezes verbalizei deliberadamente meu intento de *ver,* mas nada aconteceu. Cansado de esperar, finalmente tive de perguntar a Dom Juan sobre aquilo.

— Você precisa ter paciência. Está aprendendo a fazer uma coisa extraordinária — ele observou quando contei meus fracassos. — Você está aprendendo o intento de *ver* em seus sonhos. Um dia não vai precisar mais verbalizar o intento, bastará desejá-lo, em silêncio.

— Acho que não compreendi a função do que estou fazendo — falei. — Nada acontece quando eu grito meu intento de *ver.* O que isso significa?

— Significa que até agora seus sonhos foram sonhos comuns; foram projeções fantasmagóricas; imagens que vivem apenas em sua atenção sonhadora.

Ele quis saber o que exatamente acontecera aos itens nos quais eu concentrara o olhar. Falei que eles desapareciam, mudavam de forma ou até mesmo produziam vórtices que eventualmente mudavam meus sonhos.

— Foi como em todos os meus exercícios de sonhar — falei. — A única coisa extraordinária é que estou aprendendo a gritar nos sonhos, a plenos pulmões.

Minha última afirmação provocou em Dom Juan uma genuína gargalhada de segurar a barriga, que eu achei desconcertante. Não consegui descobrir o humor do que eu dissera nem o motivo de sua reação.

— Algum dia você vai ver como tudo isso é engraçado — ele disse em resposta ao meu protesto silencioso. — Enquanto isso, não desista nem se sinta desencorajado. Continue tentando. Cedo ou tarde você vai tocar a nota certa.

Como sempre, ele estava certo. Uns dois meses depois acertei no alvo. Tive um sonho extremamente incomum. Começou com o surgimento de um batedor do mundo dos seres inorgânicos. Os batedores, bem como o emissário, tinham estado estranhamente ausentes de meus sonhos. Eu não sentia falta nem pensava em seu desaparecimento. Na verdade, me sentia tão à vontade sem eles que até mesmo esquecera de perguntar a Dom Juan sobre sua ausência.

Naquele sonho o batedor fora a princípio um gigantesco topázio

amarelo que eu encontrei preso na parte de trás de uma gaveta. No momento em que verbalizei meu intento de *ver,* o topázio transformou-se numa bolha de energia crepitante. Tive medo de ser compelido a segui-lo, de modo que afastei o olhar do batedor e me concentrei num aquário com peixes tropicais. Verbalizei meu intento de *ver* e tive uma tremenda surpresa. O aquário emitiu um brilho fraco e esverdeado e transformou-se num grande retrato surrealista de uma mulher cheia de jóias. O retrato também emitiu o mesmo brilho avermelhado quando verbalizei meu intento de *ver.*

Enquanto eu olhava aquele brilho, todo o sonho mudou. Eu estava andando numa rua de uma cidade que parecia familiar; talvez fosse Tucson. Olhei para uma vitrine de roupas femininas numa loja e falei em voz alta meu intento de *ver.* Instantaneamente um manequim negro, que estava em posição de destaque, começou a brilhar. Olhei em seguida para uma vendedora que veio naquele momento arrumar a vitrine. Ela me encarou. Depois de verbalizar meu intento, *vi* a mulher brilhar. Foi uma coisa tão estupenda que tive medo de que algum detalhe em seu brilho esplendoroso me prendesse, mas a mulher entrou na loja antes que eu tivesse tempo de focalizar toda a minha atenção. Quis segui-la, mas minha atenção sonhadora foi atraída por um brilho móvel que veio contra mim, cheio de ódio. Havia desprezo e depravação naquilo. Pulei para trás. O brilho interrompeu seu ataque; uma substância negra me engoliu e eu acordei.

As imagens foram tão nítidas que acreditei firmemente ter *visto* energia, e que meu sonho fora uma daquelas condições que Dom Juan chamara de geradoras de energia. A idéia de que os sonhos podem acontecer na realidade consensual de nosso mundo cotidiano me intrigou, do mesmo modo que me haviam intrigado as imagens do reino dos seres inorgânicos.

— Dessa vez você não apenas viu energia, mas atravessou uma fronteira perigosa — Dom Juan falou depois de ouvir meu relato.

Reiterou que o exercício do terceiro portão do sonhar é fazer o corpo energético mover-se sozinho. Em minha última sessão,

segundo ele, eu involuntariamente excedera aquele exercício e entrara em outro mundo.

— Seu corpo energético se moveu. Viajou por conta própria. Esse tipo de viagem está além das suas possibilidades neste momento, e alguma coisa o atacou.

— O que acha que foi, Dom Juan?

— Este é um universo predatório. Pode ter sido uma das milhares de coisas que existem lá fora.

— Acha que aquilo me atacou por quê?

— Pelo mesmo motivo que os seres inorgânicos atacaram você: porque se tornou disponível.

— É simples assim, Dom Juan?

— Certamente. Tão simples quanto o que você faria se uma aranha aparecesse em sua mesa enquanto você está escrevendo. Você iria esmagá-la, por puro medo, em vez de admirá-la ou examiná-la.

Eu estava perplexo, e procurei palavras para fazer a pergunta adequada. Queria perguntar em que lugar acontecera meu sonho, ou em que mundo eu estava naquele sonho. Mas essas perguntas não faziam sentido; eu mesmo podia deduzir. Dom Juan foi muito compreensivo.

— Você quer saber em que sua atenção sonhadora estava concentrada, certo? — perguntou com um riso.

Era exatamente assim que eu queria fazer a pergunta. Observei que, no sonho em questão, eu devia estar olhando para algum objeto real. Do mesmo modo que ocorria quando eu observava nos sonhos os detalhes minúsculos do chão, das paredes ou das portas de meu quarto, detalhes que depois eu confirmava existirem.

Dom Juan disse que nos sonhos especiais, como o que eu tivera, nossa atenção sonhadora se concentra no mundo cotidiano, e que ela se move instantaneamente de algum objeto real para outro objeto real do mundo. O que torna possível esse movimento é que o ponto de aglutinação está na posição sonhadora adequada. A partir desse posicionamento o ponto de aglutinação dá tamanha fluidez à

atenção sonhadora que ela pode se mover num piscar de olhos através de distâncias incríveis; e ao fazer isso produz uma percepção tão rápida, tão fugidia, que parece um sonho comum.

Dom Juan explicou que no sonho eu *vira* um aquário real, e que em seguida minha atenção sonhadora atravessara distâncias para ver uma verdadeira pintura surrealista de uma mulher cheia de jóias. O resultado, com a exceção de *ver* energia, fora muito parecido com um sonho comum onde, ao olharmos os itens, estes rapidamente se transformam em outra coisa.

— Sei como isso é perturbador — ele prosseguiu, definitivamente cônscio de meu espanto. — Por algum motivo da mente, *ver* energia durante o sonhar é muito mais perturbador do que qualquer coisa em que possamos pensar.

Observei que eu *vira* energia no sonhar antes, mas que ela nunca me atacara desse jeito.

— Agora seu corpo energético está completo e funcionando — disse ele. — Portanto a implicação de *ver* no sonho é que você está percebendo um mundo real, através do véu de um sonho. Essa é a importância da viagem que você fez. Ela foi real. Envolveu itens geradores de energia que quase acabaram com sua vida.

— Foi tão sério assim, Dom Juan?

— Pode apostar! A criatura que o atacou era feita de pura consciência, e tão mortal quanto qualquer coisa pode ser. Você *viu* sua energia. Tenho certeza de que percebe agora que, a não ser que *vejamos* no sonhar, não podemos diferenciar uma coisa real, geradora de energia, de uma projeção fantasmagórica. Apesar de você ter lutado contra os seres inorgânicos e *visto* os batedores e os túneis, seu corpo energético não sabe com certeza se eles eram reais, ou seja, geradores de energia. Você tem noventa e nove, mas não cem por cento de certeza.

Dom Juan insistiu em falar sobre a viagem que eu fizera. Por motivos inexplicáveis eu estava relutante em abordar o assunto. O que ele estava dizendo produzia uma reação instantânea. Vi-me tentando enfrentar um medo profundo e estranho; era uma coisa

escura e obsessiva, incômoda. Visceral.

— Você definitivamente passou para outra pele da cebola — disse Dom Juan, terminando uma afirmativa à qual eu não prestara atenção.

— O que é essa outra pele da cebola, Dom Juan?

— O mundo é como uma cebola. Tem muitas peles. O mundo que conhecemos é apenas uma delas. Algumas vezes atravessamos fronteiras e entramos em outra pele: outro mundo, muito parecido com este, mas não o mesmo. E você entrou em outro, sozinho.

— Como é possível essa viagem?

— Essa é uma pergunta sem sentido, porque ninguém pode responder. Na visão dos feiticeiros o universo é construído em camadas que o corpo energético pode atravessar. Sabe onde os feiticeiros da antigüidade estão vivendo até hoje? Em outra camada, em outra pele da cebola.

— Para mim é muito difícil aceitar a idéia de uma viagem real, pragmática, feita nos sonhos, Dom Juan.

— Nós já discutimos exaustivamente esse tópico. Eu estava convicto de que você tinha compreendido que a viagem do corpo energético depende exclusivamente do posicionamento do ponto de aglutinação.

— Você me contou isso. E eu venho pensando e repensando a respeito; mesmo assim, dizer que a viagem está no posicionamento do ponto de aglutinação não significa nada para mim.

— Seu problema é o cinismo. Eu era exatamente igual. O cinismo não permite que façamos mudanças drásticas na compreensão que temos do mundo. Ele também nos força a sentir que estamos sempre certos.

Eu compreendia perfeitamente esse ponto, mas lembrei-lhe de minha luta contra aquilo tudo.

— Proponho que você faça uma coisa absurda que pode mudar tudo — disse ele. — Repita incessantemente para você mesmo que o ponto crucial da feitiçaria é o mistério do ponto de aglutinação. Se repetir isso para você mesmo por tempo suficiente, uma força

invisível assume o comando e faz as mudanças apropriadas em você.

Dom Juan não me deu nenhuma indicação de que estava zombando. Eu sabia que ele acreditava em cada palavra. O que me incomodou foi sua insistência em que eu teria de repetir incessantemente a fórmula para mim mesmo. Achei que aquilo tudo era uma asneira.

— Corte sua atitude cínica — ele disse ríspido. — Repita isso de boa vontade. O mistério do ponto de aglutinação é tudo na feitiçaria. Ou melhor, tudo na feitiçaria depende da manipulação do ponto de aglutinação. Você sabe disso, mas precisa repetir.

Por um instante, enquanto ouvia suas observações, pensei que eu iria morrer de angústia. Uma incrível sensação de tristeza física apertou meu peito e me fez gritar de dor. Meu estômago e meu diafragma pareciam estar forçando para cima, subindo para a cavidade do peito. O empurrão foi tão intenso que minha consciência mudou de nível e entrei em meu estado normal. O que quer que estivéssemos falando tornou-se um vago pensamento sobre algo que poderia ter acontecido, mas que na verdade não ocorrera, de acordo com o raciocínio mundano de minha consciência cotidiana.

Na próxima vez em que Dom Juan e eu falamos sobre sonhar, discutimos os motivos que me tornaram incapaz de prosseguir durante meses com meus exercícios. Dom Juan avisou que para explicar a situação ele teria de usar um meio indireto. Observou, primeiro, que existe uma diferença enorme entre os pensamentos e os feitos dos homens da antigüidade e os do homem moderno. E em seguida observou que os homens dos tempos antigos tinham uma visão muito realista da percepção e da consciência, porque seus pontos de vista decorriam das observações do universo ao redor. Os homens modernos, por outro lado, têm uma visão absurdamente irreal da percepção e da consciência, porque seus pontos de vista decorrem de sua observação da ordem social, e de suas relações com ela.

— Por que está me dizendo isso? — perguntei.

— Porque você é um homem moderno envolvido com os pontos

de vista e as observações dos homens da antigüidade. E nem essas visões nem as observações são familiares para você. Agora mais do que nunca você precisa de sobriedade e autodomínio. Estou tentando fazer uma ponte sólida, uma ponte que você possa atravessar, entre as visões dos homens da antigüidade e os homens modernos.

Reiterou que, de todas as observações transcendentais dos homens da antigüidade, a única com a qual eu estava familiarizado, porque ela fora filtrada até nossos dias, era a idéia de vender a alma ao diabo em troca da imortalidade; uma idéia que, ele admitia, soava como algo que vinha direto do relacionamento dos feiticeiros antigos com os seres inorgânicos. Lembrou-me de como o emissário do sonho tentara me induzir a ficar em seu reino ao oferecer a possibilidade de manter minha individualidade e autoconsciência durante praticamente uma eternidade.

— Como você sabe, sucumbir ao fascínio dos seres inorgânicos não é simplesmente uma idéia, é real. Mas você ainda não percebeu totalmente a implicação dessa realidade. O sonhar, do mesmo modo, é uma coisa real; é uma condição geradora de energia. Você ouve minhas afirmações e certamente entende o que quero dizer, mas sua consciência ainda não captou toda a implicação disso.

Dom Juan disse que minha racionalidade conhecia a importância de uma percepção dessa natureza, e que durante nossa última conversa ele forçara minha consciência a mudar de nível; eu terminara em minha consciência normal, antes de ter podido lidar com as nuances de meu sonho. Minha racionalidade tinha se protegido suspendendo meus exercícios de sonhar.

— Posso assegurar que estou totalmente consciente do que significa uma condição geradora de energia — falei.

— Eu posso assegurar que não está — ele retorquiu. — Se estivesse, teria mais cuidado e deliberação no sonhar. Como você acredita que está simplesmente sonhando, se arrisca cegamente. Seu raciocínio falho diz que, não importa o que aconteça, seu sonho acabará num determinado momento e você acordará.

Ele estava certo. A despeito de tudo que eu testemunhara em

meus exercícios de sonhar, de algum modo eu ainda mantinha a sensação geral de que tudo fora um sonho.

— Estou falando sobre os pontos de vista dos homens da antigüidade e dos pontos de vista dos homens modernos — Dom Juan prosseguiu — porque sua consciência, que é a consciência do homem moderno, prefere lidar com um conceito não-familiar como se fosse uma idéia vazia. Se eu deixasse por sua conta, você veria o sonhar como uma idéia. Claro que tenho certeza de que você leva o sonhar a sério, mas não acredita de fato na sua realidade.

— Compreendo o que está dizendo, Dom Juan, mas não entendo por que está dizendo.

— Estou dizendo isso tudo porque agora você está, pela primeira vez, na posição adequada para entender que o sonhar é uma condição geradora de energia. Pela primeira vez você pode entender que os sonhos comuns são os dispositivos usados para treinar o ponto de aglutinação a alcançar o posicionamento que cria essa condição geradora de energia, que chamamos de *o sonhar.*

Avisou-me que, como os sonhadores entram em mundo reais — para todos os efeitos inclusivos — eles devem ficar num estado de alerta contínuo e intenso; já que qualquer desvio do estado de alerta absoluto põe o sonhador em perigos mais do que apavorantes.

Nesse ponto comecei de novo a experimentar um movimento na cavidade torácica, exatamente como sentira no dia em que minha consciência mudara de nível sozinha. Dom Juan sacudiu meu braço com força.

— Veja o sonhar como uma coisa extremamente perigosa! — ordenou. — E comece isso agora! Não venha com nenhuma de suas manobras suspeitas.

Seu tom de voz foi tão insistente que parei o que quer que estivesse inconscientemente fazendo.

— O que está acontecendo comigo, Dom Juan?

— O que está acontecendo é que você consegue deslocar o ponto de aglutinação rápida e facilmente. Mas essa facilidade tem a tendência de tornar o deslocamento errático. Controle sua facilidade.

E não se permita nem mesmo um milímetro de folga.

Eu poderia facilmente argumentar que não sabia do que ele falava; mas sabia. E também sabia que só tinha alguns segundos para controlar a energia e mudar minha atitude. E fiz isso.

Esse foi o fim da conversa naquele dia. Fui para casa e durante praticamente um ano repeti fielmente todos os dias o que Dom Juan me pedira para dizer. Os resultados de minha invocação, que parecia uma litania, foram incríveis. Tive a firme convicção de que ela provocava o mesmo efeito sobre a consciência que os exercícios provocam nos músculos do corpo. Meu ponto de aglutinação ficou mais ágil, o que significava que *ver a* energia no sonhar tornou-se o único objetivo de meus treinamentos. Minha capacidade de ter o intento de *ver* crescia na proporção dos esforços. Chegou um momento em que podia simplesmente intentar *ver,* sem dizer nenhuma palavra, e experimentar o mesmo resultado de quando verbalizava em voz alta meu intento de ver.

Dom Juan me parabenizou pelo feito. Naturalmente presumi que estava zombando. Ele assegurou que falava sério, mas insistiu para que eu continuasse a gritar, pelo menos quando me sentisse confuso. Seu pedido não me pareceu estranho. Por conta própria eu vinha gritando nos sonhos sempre que achava necessário.

Descobri que a energia de nosso mundo ondula. Cintila. Não somente os seres vivos, mas tudo em nosso mundo brilha com uma luz interna. Dom Juan explicou que a energia de nosso mundo consiste em camadas de diferentes matizes brilhantes. A camada de cima é esbranquiçada, outra imediatamente adjacente é verde-amarelada, e outra mais distante é âmbar.

Encontrei todos esses três matizes, ou melhor, *vi* brilhos deles sempre que os itens que eu encontrava nos estados oníricos mudavam de forma. Mas um brilho esbranquiçado era sempre o impacto inicial de ver qualquer coisa que gerasse energia.

— E só existem três matizes diferentes? — perguntei a Dom Juan.

— Existe um número infinito. Mas para os objetivos de uma

ordem inicial você deve se concentrar nesses três. Mais tarde pode ficar tão sofisticado quanto quiser e isolar dezenas de matizes, se puder.

“A camada esbranquiçada é o matiz do posicionamento atual do ponto de aglutinação da humanidade — prosseguiu Dom Juan. — Digamos que é um matiz moderno. Os feiticeiros acreditam que tudo que o homem faz hoje em dia é pintado com esse matiz esbranquiçado. Em outra época o posicionamento do ponto de aglutinação da humanidade tornou verde-amarelado o matiz da energia dominante no mundo; e em outra época, ainda mais distante, tornou-o âmbar. A cor da energia dos feiticeiros é âmbar, o que significa que são energeticamente associados aos homens que existiram num passado distante.

— Você acha, Dom Juan, que o atual matiz esbranquiçado irá mudar algum dia?

— Se o homem for capaz de evoluir. A grande tarefa dos feiticeiros é trazer a idéia de que, para evoluir, o homem deve primeiro libertar sua consciência das amarras da ordem social. Uma vez que a consciência estiver livre, o intento irá redirecioná-la para um novo caminho evolucionário.

— Você acha que os feiticeiros terão sucesso nessa tarefa?

— Eles já tiveram sucesso. Eles próprios são a prova. Convencer os outros do valor e da importância de evoluir é outra coisa.

O outro tipo de energia que descobri presente em nosso mundo, mas que é estranha a ele, foi a energia dos batedores. A energia que Dom Juan chamara de crepitante. Encontrei montes de itens em meus sonhos, itens que, uma vez que eu os via, transformavam-se em bolhas de energia que pareciam estar fritando, borbulhando com alguma energia interna que parecia calor.

— Tenha em mente que nem todo batedor que você encontrar pertence ao mundo dos seres inorgânicos — observou Dom Juan. — Até agora, todo batedor que você encontrou, excetuando-se o azul, era daquele mundo, mas isso foi porque os seres inorgânicos o

estavam seduzindo. Estavam comandando o espetáculo. Agora você está por conta própria. Alguns dos batedores que irá encontrar não serão do reino dos seres inorgânicos, mas de outros níveis de consciência ainda mais distantes.

— Os batedores são conscientes de si próprios? — perguntei.

— Certamente.

— Então por que não fazem contato conosco quando estamos acordados?

— Eles fazem. Mas nosso grande azar é ter a consciência tão ocupada que não temos tempo de prestar atenção. No sono, entretanto, abre-se o alçapão: nós sonhamos. E nos sonhos fazemos contato.

— Existe algum modo de dizer se os batedores são de outro nível além do mundo dos seres inorgânicos?

— Quanto maior o crepitar, de mais longe eles vêm. Parece simplista, mas você precisa deixar seu corpo energético dizer o que é o quê. Posso assegurar que ele vai fazer excelentes distinções e julgamentos acertados quando encontrar energia estranha.

Novamente ele estava certo. Sem muito trabalho meu corpo energético distinguiu dois tipos gerais de energia alienígena. O primeiro eram os batedores do mundo dos seres inorgânicos. Sua energia crepitava medianamente. Não fazia qualquer som, mas tinha todas as aparências de uma efervescência, ou de água que começa a ferver.

A energia do segundo tipo geral de batedores me deu a impressão de um poder consideravelmente maior. Aqueles batedores pareciam em vias de queimar. Vibravam por dentro, como se estivessem cheios de gás pressurizado.

Meus encontros com a energia alienígena eram sempre rápidos, porque eu prestava total atenção ao que Dom Juan recomendara. Ele tinha dito:

— A não ser que você saiba exatamente o que está fazendo e o que quer da energia alienígena, deve se contentar com um olhar rápido. Qualquer coisa além disso é tão perigosa e estúpida quanto

brincar com uma cascavel.

— Por que é perigoso, Dom Juan?

— Os batedores são sempre muito agressivos e extremamente ousados. Precisam ser assim, para sobreviver às suas explorações. Manter nossa atenção sonhadora neles é o mesmo que solicitar que concentrem em nós sua consciência. Assim que concentram sua consciência sobre nós, somos compelidos a ir com eles. E esse, claro, é o perigo. Podemos acabar em mundos além de nossas possibilidades energéticas.

Dom Juan explicou que existem muito outros tipos de batedores além dos dois que eu classificara, mas que no meu nível atual de energia eu só podia me concentrar em três. Descreveu os dois primeiros como os mais fáceis de detectar. Seus disfarces em nossos sonhos são tão exóticos que imediatamente atraem nossa atenção sonhadora. Em seguida disse que os batedores do terceiro tipo são os mais perigosos em termos de agressividade e poder, e porque se escondem sob disfarces sutis.

— Uma das coisas mais estranhas que os sonhadores encontram, e que você mesmo descobrirá — prosseguiu Dom Juan — é esse terceiro tipo de batedor. Até agora você só descobriu exemplos dos dois primeiros tipos, mas isso foi porque não olhou para o lugar certo.

— E qual é o lugar certo, Dom Juan?

— Mais uma vez você caiu vítima das palavras; dessa vez a palavra culpada é itens, que você tomou apenas como coisas, objetos. Bem, os batedores mais ferozes se escondem atrás de pessoas, em nossos sonhos. Tive uma surpresa formidável quando concentrei o olhar na imagem de minha mãe num sonho. Depois de verbalizar meu intento de *ver,* ela se transformou uma bolha feroz e amedrontadora de energia crepitante.

Dom Juan fez uma pausa, para deixar que sua afirmação penetrasse. Senti-me estúpido por me perturbar com a possibilidade de encontrar um batedor por trás da imagem de minha mãe num sonho.

— Uma coisa desagradável é que eles sempre se associam à imagem de nossos pais ou de amigos íntimos — prosseguiu ele. — Talvez porque nos sintamos geralmente à vontade quando sonhamos com eles. — Seu riso me deu a impressão de que ele se divertia com minha confusão. — Uma regra prática para os sonhadores é presumir que o terceiro tipo de batedor está presente sempre que se sentem perturbados pelos pais ou por amigos num sonho. Um bom conselho é evitar essas imagens de sonho. São puro veneno.

— Qual é a relação do batedor azul com os outros?

— A energia azul não crepita — ele respondeu. — Ela é como a nossa; ondula, mas é azul, em vez de branca. A energia azul não existe em estado natural no nosso mundo.

“E isso nos traz a uma coisa da qual nunca falamos. De que cor eram os batedores que você *viu* até agora?

Até o momento em que ele mencionou, eu nunca havia pensado naquilo. Falei que os batedores que eu *vira* eram rosados ou avermelhados. E ele disse que os batedores mortais do terceiro tipo eram de um laranja brilhante.

Descobri sozinho que, de longe, o terceiro tipo de batedor é absolutamente apavorante. Cada vez que encontrei um deles, foi por trás da imagem de meus pais, especialmente de minha mãe. *Vê-lo* sempre me lembrava da bolha de energia que me atacara no primeiro sonho em que eu *vira* deliberadamente. Cada vez que a encontrava, a energia alienígena exploradora parecia a ponto de saltar sobre mim. Meu corpo energético costumava reagir com horror antes mesmo que eu a *visse.*

Na próxima vez em que discutimos o sonhar perguntei a Dom Juan sobre a total ausência dos seres inorgânicos em meus exercícios.

— Por que eles não aparecem mais?

— Eles só se mostram no início. Depois dos batedores nos levarem ao seu mundo, não existe necessidade das projeções dos seres inorgânicos. Se queremos ver os seres inorgânicos, um batedor nos leva até lá. Já que ninguém, e quero dizer realmente ninguém,

pode viajar sozinho até o mundo deles.

— Por que, Dom Juan?

— O mundo deles é lacrado. Ninguém pode entrar ou sair sem o consentimento dos seres inorgânicos. A única coisa que você pode fazer sozinho quanto está lá dentro é, claro, verbalizar seu intento de ficar. Dizê-lo em voz alta significa colocar em ação correntes irreversíveis de energia. Nos tempos antigos as palavras eram incrivelmente poderosas. Agora não são mais. No reino dos seres inorgânicos, por outro lado, elas não perderam o poder.

Dom Juan riu e disse que não tinha nada que falar sobre o mundo dos seres inorgânicos porque eu na verdade sabia mais do que ele e seus companheiros juntos.

— Existe uma última questão relacionada com aquele mundo e que nós ainda não discutimos. — Ele fez uma pausa longa, como se procurasse as palavras adequadas. — Em última análise, minha aversão às atividades dos feiticeiros antigos é muito pessoal. Como um nagual, detesto o que eles fizeram. Eles buscaram refúgio, covardemente, no mundo dos seres inorgânicos. Argumentaram que, num universo predatório, disposto a nos despedaçar, o único porto possível para nós é naquele lugar.

— Por que eles acreditavam nisso?

— Porque é verdade — disse ele. — Como os seres inorgânicos não podem mentir, a conversa de vendedor do emissário do sonho é totalmente verdadeira. Aquele mundo pode nos dar abrigo e prolongar nossa consciência durante quase uma eternidade.

— A conversa de vendedor do emissário, mesmo sendo verdade, não me atrai — falei.

— Quer dizer que você se arriscaria numa estrada que pode despedaçá-lo? — ele perguntou com uma nota de espanto na voz.

Assegurei a Dom Juan que não queria o mundo dos seres inorgânicos, não importa que vantagens ele oferecesse. Minha afirmação pareceu agradá-lo enormemente.

— Então você está pronto para uma última afirmação sobre aquele mundo. A afirmação mais aterrorizante que posso fazer — ele

disse e tentou rir, mas não conseguiu.

Dom Juan buscou em meus olhos, suponho, um brilho de concordância ou compreensão. Ficou quieto por um momento.

— A energia necessária para mover o ponto de aglutinação dos feiticeiros vem do mundo dos seres inorgânicos — falou, como se estivesse horrorizado por ter conseguido declará-lo.

Meu coração quase parou. Senti uma vertigem e precisei bater com os pés no chão para não desmaiar.

— Essa é a verdade — prosseguiu Dom Juan — e o legado dos feiticeiros antigos para nós. Eles nos mantêm presos até hoje. Este é o motivo pelo qual não gosto deles. Fico indignado por ter de mergulhar apenas numa fonte. Pessoalmente, me recuso a fazê-lo. E tentei afastá-lo disso. Mas não tive sucesso porque alguma coisa puxa-o para aquele mundo, como um ímã.

Compreendi melhor do que poderia pensar. Viajar para aquele mundo sempre significara para mim, num nível energético, um reforço de energia escura. Eu até mesmo pensara nesses termos, muito antes de Dom Juan fazer sua declaração.

— O que podemos fazer a respeito? — perguntei.

— Não podemos fazer negócios com eles, e mesmo assim não podemos ficar longe deles. Minha solução tem sido tomar a energia, mas não ceder à influência deles. Isso é conhecido como a espreita definitiva. É feita sustentando o firme intento de liberdade, ainda que nenhum feiticeiro saiba o que realmente é liberdade.

— Pode me explicar, Dom Juan, por que os feiticeiros precisam pegar energia do mundo dos seres inorgânicos?

— Não existe outra energia viável para os feiticeiros. Para manobrar o ponto de aglutinação do jeito que fazem, os feiticeiros precisam de uma quantidade enorme de energia.

Dom Juan disse que não existe modo de os feiticeiros terem acesso àquela quantidade de energia procurando-a apenas em si próprios. Não importa o quanto reestruturem sua energia básica e natural, ainda não basta. Lembrei-o do que ele dissera: que uma reestruturação da energia era necessária pára o sonhar.

— Está correto — ele respondeu. — Para começar a sonhar os feiticeiros precisam redefinir suas premissas e economizar a energia; mas essa redefinição só é válida para a energia destinada ao início do sonhar. Voar até outros mundos, *ver* energia, forjar o corpo energético etc. etc. é outra coisa. Para essas manobras os feiticeiros precisam de montes de energia escura, alienígena.

— Mas como eles podem retirá-la do mundo dos seres inorgânicos?

— Através do simples ato de ir àquele mundo. Todos os feiticeiros de nossa linha precisam fazer isso. Entretanto nenhum de nós é tão idiota para fazer o que você fez. Mas isso é porque nenhum de nós tem suas tendências.

Dom Juan me mandou para casa, para pensar no que ele revelara. Eu tinha um número infinito de perguntas, mas ele não quis ouvi-las.

— Todas as perguntas que você tem, você pode responder sozinho — falou enquanto acenava um adeus.

10

ESPREITANDO OS ESPREITADORES

Em casa logo percebi que era impossível responder a qualquer de minhas perguntas, como Dom Juan havia assegurado. Na verdade eu nem mesmo era capaz de as formular. Talvez isso ocorresse porque a fronteira da segunda atenção começara a se desmoronar sobre mim; foi nessa época que conheci Florinda Donner e Carol Tiggs no mundo da vida cotidiana. A confusão de não conhecê-las, e de mesmo assim conhecê-las intimamente a ponto de ser capaz de morrer por elas num piscar de olhos, foi terrível para mim. Eu conhecia Taisha Abelar há alguns anos, e estava apenas começando a me sentir acostumado ao sentimento confuso de conhecê-la sem ter a menor idéia de como isso acontecera. Acrescentar mais duas pessoas ao meu sistema sobrecarregado mostrou-se demais para mim. Fiquei doente de estafa e tive de procurar a ajuda de Dom Juan. Fui à cidade do sul do México onde viviam seus companheiros.

Dom Juan e seus amigos feiticeiros gargalharam à simples menção de meu tumulto interior. Dom Juan explicou que eles não estavam na verdade rindo de mim: riam deles mesmos. Meus problemas cognitivos lembravam-lhes os que haviam tido, na época em que a fronteira da segunda atenção havia se desmoronado sobre eles, como acontecera comigo. Suas consciências, como a minha, não estiveram preparadas para isso, disse ele.

— Todo feiticeiro passa pela mesma agonia — prosseguiu Dom

Juan. — A consciência é uma área infinita de exploração para os feiticeiros e para os homens em geral. Com o objetivo de aumentar a consciência, não existe risco que não devamos correr; nenhum meio que devamos recusar. Mas não se esqueça de que a consciência só pode ser aumentada com a mente sã.

Dom Juan reiterou que seu tempo estava terminando, e que eu teria de usar meus recursos com sabedoria, para cobrir o maior terreno possível antes que isso acontecesse. Esse tipo de conversa costumava me deixar em depressão profunda. Mas à medida que se aproximava o tempo de sua partida comecei a reagir com mais resignação. Não me sentia mais deprimido, mas continuava em pânico.

Depois disso não se falou mais nada. No dia seguinte, a seu pedido, levei Dom Juan de carro à Cidade do México. Chegamos por volta do meio-dia e fomos diretamente ao hotel El Prado, na Alameda Paseo, onde ele costumava se hospedar quando ficava na cidade. Naquele dia Dom Juan tinha um encontro com um advogado, às quatro da tarde. Como tínhamos bastante tempo, fomos almoçar no famoso Café Tacuba, um restaurante no coração do centro, onde dizia-se que eram servidas refeições de verdade.

Dom Juan não estava com fome. Só pediu dois *tamales* doces, enquanto eu me deliciava com um festim suntuoso. Ele riu de mim e fez um sinal de desespero silencioso ao ver meu apetite saudável.

— Vou propor uma linha de ação para você — falou num tom cortês, quando terminamos o almoço. — É a última tarefa do terceiro portão do sonhar, e consiste em espreitar os espreitadores; uma manobra misteriosíssima. Espreitar os espreitadores significa que você deliberadamente retira energia do mundo dos seres inorgânicos com o objetivo de realizar um ato de feitiçaria.

— Que tipo de ato de feitiçaria, Dom Juan?

— Uma viagem; uma viagem que usa a consciência como um elemento do ambiente. No mundo da vida cotidiana a água é um elemento do ambiente que usamos para viajar. Imagine a consciência

como um elemento semelhante, que pode ser usado para viajar. Através da consciência batedores de todo o universo vêm até nós. E através da consciência os feiticeiros vão aos confins do universo.

Havia alguns conceitos, dentre a enorme quantidade de conceitos que Dom Juan me fizera conhecer no decorrer de seus ensinamentos, que não precisavam de insistência para atrair meu interesse total. Esse era um deles.

— A idéia de que a consciência é um elemento físico é uma coisa revolucionária — falei espantado.

— Não falei que ela é um elemento físico — ele me corrigiu. — E um elemento energético. Você precisa fazer essa distinção. Para os feiticeiros que *vêem,* a consciência é um brilho. Eles podem atrelar seu corpo energético àquele brilho e viajar com ele.

— Qual é a diferença entre um elemento físico e um elemento energético? — perguntei.

— A diferença é que os elementos físicos são parte de nosso sistema de interpretação, mas os elementos energéticos não. Os elementos energéticos, como a consciência, existem em nosso universo. Mas nós, como pessoas comuns, só percebemos os elementos físicos porque nos ensinaram isso. Os feiticeiros percebem os elementos energéticos pelo mesmo motivo: porque lhes ensinaram a fazê-lo.

Dom Juan explicou que o uso da consciência como um elemento energético do universo era a essência da feitiçaria; que em termos práticos a trajetória da feitiçaria era, primeiro, libertar a energia existente em nós seguindo implacavelmente o caminho dos feiticeiros; segundo, usar essa energia para desenvolver o corpo energético através do sonhar; e terceiro, usar a consciência como um elemento do ambiente para entrar com o corpo energético e toda a nossa fisicalidade em outros mundos.

— Existem dois tipos de viagem energética para outros mundos — prosseguiu ele. — Uma é quando a consciência pega o corpo energético e leva-o para onde quer; e a outra é quando o feiticeiro

decide, com consciência total, usar a avenida da consciência com o objetivo de fazer uma viagem. Você já fez o primeiro tipo de viagem. O segundo exige uma disciplina enorme.

Depois de longo silêncio Dom Juan afirmou que na vida dos feiticeiros existem questões que exigem um domínio de mestre, e que lidar com a consciência, como um elemento de energia aberto ao corpo energético, é a questão mais importante, vital e perigosa.

Eu não tinha nenhum comentário. Estava cheio de dedos, pensando em cada uma de suas palavras.

— Sozinho você não tem energia suficiente para realizar a última tarefa do terceiro portão do sonhar — ele prosseguiu. — Mas se juntar-se a Carol Tiggs vocês dois certamente poderão fazer o que tenho em mente.

Parou, deliberadamente me incitando com seu silêncio a perguntar o que ele tinha em mente. Fiz isso. Seu riso apenas fez crescer o clima aziago.

— Quero que você rompa as fronteiras do mundo normal e, usando a consciência como um elemento energético, entre em outro — disse ele. — Essa quebra e essa entrada têm a ver com espreitar os espreitadores. O uso da consciência como elemento do ambiente passa ao largo da influência dos seres inorgânicos, mas mesmo assim utiliza sua energia.

Não quis me dar mais nenhuma informação, com o objetivo de não me influenciar, disse ele. Acreditava que, quanto menos eu soubesse antecipadamente, melhor seria. Discordei, mas ele assegurou que num instante meu corpo energético estaria perfeitamente capaz de cuidar de si próprio.

Fomos do restaurante para o escritório do advogado. Dom Juan terminou rapidamente o que tinha a fazer e num instante estávamos num táxi a caminho do aeroporto. Ele me informou que Carol Tiggs estava chegando num vôo de Los Angeles, e que vinha para a Cidade do México exclusivamente com o objetivo de realizar comigo aquela última tarefa.

— O Vale do México é um lugar soberbo para realizar o tipo de ato de feitiçaria que você deseja — comentou ele.

— Você ainda não me disse exatamente que passos devo dar — falei.

Ele não respondeu. Não falamos mais, mas enquanto esperávamos que o avião pousasse ele explicou o procedimento que eu deveria seguir. Tinha de ir ao quarto de Carol Tiggs no Regis Hotel, na mesma rua que o nosso; e depois de entrar num silêncio interior absoluto, junto com ela, teríamos de entrar suavemente no sonhar, verbalizando o intento de ir ao mundo dos seres inorgânicos.

Interrompi-o lembrando que eu sempre tivera de esperar o surgimento de um batedor antes de poder manifestar em voz alta meu intento de ir ao mundo dos seres inorgânicos.

Dom Juan deu um risinho e disse:

— Você ainda não sonhou junto com Carol Tiggs. Vai descobrir que é um deleite. As feiticeiras não precisam de nenhuma muleta. Simplesmente vão àquele mundo sempre que desejam; para elas existe um batedor chamando permanentemente.

Não consegui acreditar que uma feiticeira seria capaz de fazer o que ele afirmava. Eu achava que tinha um certo conhecimento sobre o mundo dos seres inorgânicos. Quando mencionei o que me passava pela cabeça ele respondeu que eu não tinha nenhum conhecimento quando se tratava do que as feiticeiras eram capazes.

— Por que você acha que eu precisei de Carol Tiggs para arrancá-lo fisicamente daquele mundo? Acha que fiz isso porque ela é linda?

— Por que, Dom Juan?

— Porque eu não poderia fazer sozinho; e para ela aquilo era nada. Ela tem jeito para lidar com aquele mundo.

— Ela é um caso excepcional, Dom Juan?

— As mulheres têm em geral uma tendência para aquele mundo; as feiticeiras, claro, são as campeãs, mas Carol Tiggs é melhor do que qualquer pessoa que conheço porque tem, como a

Mulher Nagual, uma energia soberba.

Achei que apanhara Dom Juan numa contradição séria. Ele havia me dito que os seres inorgânicos não tinham qualquer interesse nas mulheres. E agora estava dizendo o oposto.

— Não. Não estou dizendo o oposto. Eu falei que os seres inorgânicos não vão atrás das mulheres; só vão atrás dos homens, e que todo o universo é em grande parte feminino. Então, tire suas próprias conclusões.

Como eu não tinha como tirar qualquer conclusão, Dom Juan explicou que as feiticeiras, em teoria, vêm e vão ao seu bel-prazer para aquele mundo por causa de sua consciência aumentada e de sua feminilidade.

— Você sabe disso por causa de algum fato? — perguntei.

— As mulheres de meu grupo nunca fizeram isso — ele confessou. — Não porque não possam, mas porque eu as dissuadi. As mulheres de seu grupo, por outro lado, fazem isso do mesmo jeito que trocam de saias.

Senti um vácuo no estômago. Eu realmente não sabia nada sobre as mulheres do meu grupo. Dom Juan me consolou, dizendo que minhas circunstâncias eram diferentes das suas, e que o mesmo acontecia com meu papel de nagual. Assegurou-me que não poderia dissuadir nenhuma das mulheres de meu grupo, nem plantando bananeira.

Enquanto o táxi nos levava ao seu hotel, Carol Tiggs nos deliciou imitando pessoas que conhecíamos. Tentei ficar sério e questioná-la sobre nossa tarefa. Ela murmurou algumas desculpas por não conseguir me responder com a seriedade que eu merecia. Dom Juan soltou uma gargalhada quando ela imitou meu tom de voz solene.

Depois de registrar Carol no hotel nós três passeamos pelo centro da cidade, procurando lojas de livros usados. Comemos um jantar leve no restaurante Sanborns, no Palácio dos Azulejos. Por volta de dez horas andamos até o hotel Regis. Fomos direto para o

elevador. O medo aguçara minha capacidade de perceber detalhes. O prédio do hotel era velho e maciço. A mobília da recepção obviamente já vira dias melhores. Mas ao nosso redor havia uma glória antiga que sobrara dos tempos antigos e que tinha um apelo definido. Eu podia facilmente entender por que Carol Tiggs gostava tanto daquele hotel.

Antes de entrarmos no elevador minha ansiedade cresceu tanto que precisei pedir a Dom Juan instruções de último minuto.

— Fale de novo como vamos agir — implorei.

Dom Juan puxou-nos até as poltronas antigas na recepção e pacientemente explicou que, assim que estivéssemos no mundo dos seres inorgânicos, teríamos de verbalizar o intento de transferir nossa consciência normal para nossos corpos energéticos. Sugeriu que Carol e eu verbalizássemos juntos o intento, apesar disso não ser realmente importante. O importante, segundo ele, era que cada um de nós intentasse transferir a consciência total de nosso mundo cotidiano para nossos corpos energéticos.

— Como realizamos essa transferência de consciência? — perguntei.

— Transferir a consciência é puramente questão de verbalizar o intento e ter a quantidade de energia necessária — disse ele. — Carol sabe disso. Ela já fez antes. Entrou fisicamente no mundo dos seres inorgânicos quando puxou você de lá, lembra? A energia dela fará o truque. Isso vai fazer a balança pender.

— O que significa fazer a balança pender? Estou num limbo, Dom Juan.

Dom Juan explicou que fazer a balança pender significava pegar nossa corporalidade e colocá-la no corpo energético. Disse que usar a consciência como um meio no qual viajar para outro mundo não é o resultado de aplicar alguma técnica, e sim o corolário de intentar e ter energia suficiente. O volume de energia de Carol somado ao meu, ou o volume da minha energia somada à de Carol iria nos transformar em uma só entidade, energeticamente capaz de

puxar nossa fisicalidade e colocá-la no corpo energético, para fazer essa viagem.

— O que, exatamente, temos de fazer para entrar nesse outro mundo? — perguntou Carol Tiggs. Sua pergunta me fez quase morrer de medo; eu pensava que ela sabia o que estava acontecendo.

— Sua massa física total precisa ser somada ao seu corpo energético — Dom Juan respondeu olhando-a nos olhos. — A grande dificuldade dessa manobra é disciplinar o corpo energético, uma coisa que vocês dois já fizeram. A falta de disciplina é o único motivo pelo qual vocês podem falhar na realização desse ato de espreita definitiva. Algumas vezes, por acaso, uma pessoa comum acaba realizando-o e entrando em outro mundo. Mas isso é imediatamente explicado como insanidade ou alucinação.

Eu daria qualquer coisa para que Dom Juan continuasse falando. Ele colocou-nos no elevador e subimos para o segundo andar, para o quarto de Carol, a despeito de meus protestos e de minha necessidade racional de saber. Mas, no fundo, meu tumulto não era tanto porque eu queria saber. Sua base era meu medo. De algum modo, essa manobra dos feiticeiros me apavorava mais do que qualquer coisa que eu já havia feito.

As palavras de despedida de Dom Juan haviam sido:

— Esqueçam o *Eu,* e vocês não terão medo de nada. — Seu riso e o balanço de cabeça foram um convite a que pensássemos naquela afirmação.

Carol Tiggs riu e começou a fazer palhaçadas, imitando a voz de Dom Juan dando instruções crípticas. Sua voz ciciante dava um colorido especial ao que Dom Juan dissera. Algumas vezes eu achava aquele ciciar adorável. Na maioria do tempo detestava-o. Felizmente, naquela noite, seu ciciar era quase imperceptível.

Fomos para o quarto dela e Sentamo-nos na beira da cama. Meu último pensamento consciente foi de que a cama era uma relíquia do início do século. Antes de poder dizer uma palavra me vi deitado numa cama de aparência estranha. Carol Tiggs estava

comigo. Ela meio sentou-se, ao mesmo tempo que eu fazia o mesmo. Estávamos nus, cada um coberto por um lençol fino.

— O que está acontecendo? — ela perguntou numa voz frágil.

— Você está acordada? — perguntei idiotamente.

— Claro que estou acordada — disse ela com impaciência.

Houve um longo silêncio, enquanto ela obviamente tentava colocar os pensamentos em ordem.

— Acho que eu sou real, mas você não — falou enfim. — Eu sei onde eu estava antes disso. E você quer me enganar.

Achei que ela estava fazendo a mesma coisa. Ela sabia o que estava acontecendo e me testava, ou zombava de mim. Dom Juan me dissera que os demônios dela e os meus eram a astúcia e a desconfiança. Eu estava tendo um excelente exemplo disso.

— Recuso-me a fazer parte de qualquer merda que esteja sob o seu controle — disse ela. Olhou-me com veneno nos olhos. — Estou falando com você, quem quer que você seja.

Pegou um dos lençóis com os quais estávamos cobertos e enrolou-se nele.

— Vou ficar aqui e voltar para o lugar de onde vim — falou com um ar definitivo. — Vai brincar com o Nagual!

— Você precisa parar com esse absurdo — falei decidido. — Nós estamos em outro mundo.

Ela não prestou atenção e virou as costas para mim como uma criança mimada e irritada. Eu não quis desperdiçar minha atenção sonhadora em discussões fúteis sobre realidade. Comecei a examinar o espaço ao redor. A única luz do quarto era a lua brilhando através da janela diante de nós. Estávamos num quarto pequeno, numa cama alta. Percebi que a cama era construída de modo primitivo. Quatro pilares grossos haviam sido plantados no chão, e a estrutura da cama era uma treliça, feita de varas compridas, presa aos pilares. Tinha um colchão grosso, mais como uma questão de compactação do que propriamente de espessura. Não havia cobertores ou travesseiros. Sacos de aniagem, cheios, estavam empilhados contra

as paredes. Dois sacos, junto ao pé da cama e postos um sobre o outro, serviam como escada para subir nela.

Procurando um interruptor de luz, percebi que a cama alta ficava num canto, contra a parede. Nossas cabeças estavam em direção à parede; eu me encontrava na beirada e Carol do lado de dentro. Quando sentei-me na borda percebi que estava, talvez, a um metro do chão.

Carol Tiggs sentou-se de súbito, e falou ciciando:

— Isso é nojento! O Nagual não tinha me dito que eu ia acabar assim.

— Eu também não sabia — falei. Queria dizer mais alguma coisa e começar uma conversa, mas minha ansiedade crescera numa proporção extravagante.

— Fica quieto! — ela gritou com a voz áspera de raiva. — Você não existe. É um fantasma. Desapareça! Desapareça!

Seu ciciar era lindo, e me distraiu do medo obsessivo. Sacudi-a pelos ombros. Ela gritou, não tanto de dor quanto de surpresa ou desagrado.

— Eu não sou um fantasma — falei. — Nós fizemos a viagem porque juntamos nossa energia.

Carol Tiggs era famosa entre nós pela velocidade em se adaptar a qualquer situação. De imediato se convenceu da realidade de nosso apuro e começou a procurar as roupas na semi-escuridão. Fiquei maravilhado com o fato dela não ter medo. Ficou agitada, raciocinando em voz alta onde poderia ter colocado as roupas, se tivesse ido para a cama naquele quarto.

— Está vendo alguma cadeira? — perguntou.

Vislumbrei uma pilha de três sacos, que poderia ter servido como mesa ou banco alto. Ela saiu da cama, foi até lá, e descobriu nossas roupas cuidadosamente dobradas, do modo como ela sempre tratava as vestimentas. Entregou-me as minhas. Eram minhas roupas, mas não as que eu estivera usando há alguns minutos, no quarto de Carol no hotel Regis.

— Essas não são minhas roupas — ela ciciou. — Mas ainda assim são minhas. Que coisa estranha!

Vestimo-nos em silêncio. Eu quis dizer que estava em vias de explodir de ansiedade. Também desejei comentar a velocidade de nossa viagem, mas, no tempo que levei para me vestir, o pensamento da viagem tinha-se tornado muito vago. Mal podia recordar onde havíamos estado antes de acordar naquele quarto. Fiz um esforço supremo para lembrar, para afastar a incerteza que começara a me envolver. Consegui afastar a névoa, mas esse ato exauriu toda a minha energia. Acabei ofegante e suando.

— Alguma coisa quase me pegou — disse Carol. Olhei para ela. Estava como eu, coberta de suor. — E quase pegou você também. O que você acha que é?

— O posicionamento do ponto de aglutinação — falei com certeza absoluta.

Ela não concordou comigo.

— São os seres inorgânicos cobrando suas dívidas — falou estremecendo. — O Nagual me disse que ia ser horrível, mas nunca imaginei nada tão horrível.

Eu concordava totalmente com ela; estávamos numa confusão horrenda, e mesmo assim eu não conseguia conceber qual era o horror da situação. Carol e eu não éramos marinheiros de primeira viagem. Tínhamos visto e feito coisas sem fim; algumas delas absolutamente aterrorizantes. Mas havia alguma coisa naquele quarto de sonho que me fazia arrepiar além do que eu acreditava.

— Estamos sonhando, não estamos? — Carol perguntou. Sem hesitar, tranqüilizei-a, dizendo que estávamos; mas eu daria tudo para ter Dom Juan ali, tranqüilizando-me do mesmo modo.

— Por que é que estou tão apavorada? — ela perguntou como se eu fosse capaz de explicar racionalmente seu medo.

Antes que eu pudesse formular qualquer pensamento a respeito, ela mesma respondeu à pergunta. Disse que o que a apavorava era perceber, a um nível corporal, que a percepção

tornava-se um ato totalmente inclusivo quando o ponto de aglutinação era imobilizado num posicionamento. Lembrou-me de Dom Juan dizendo que o poder que o mundo cotidiano tem sobre nós deve-se ao fato de nosso ponto de aglutinação estar imobilizado em seu posicionamento habitual. É essa imobilidade que torna nossa percepção do mundo tão envolvente e poderosa a ponto de não podermos escapar dele. Carol também me lembrou de outra coisa que o Nagual dissera: se quisermos romper essa força totalmente inclusiva tudo que precisamos fazer é afastar a névoa; isto é, deslocar o ponto de aglutinação intentando seu deslocamento.

Eu nunca entendera de fato o que Dom Juan queria dizer, até o momento em que precisei levar o ponto de aglutinação para outro posicionamento, para afastar a névoa daquele mundo que começara a me engolir.

Sem dizer qualquer palavra, Carol e eu fomos até a janela e olhamos para fora. Estávamos no campo. A luz da lua revelava as formas de algumas casas baixas e escuras. Por todas as indicações estávamos no quarto de ferramentas ou de suprimentos de uma grande casa de fazenda.

— Você se lembra de ter vindo para a cama aqui? — Carol perguntou.

— Quase consigo lembrar — falei sério. Disse que precisava lutar para manter na mente a imagem de seu quarto de hotel, como um ponto de referência.

— Eu preciso fazer o mesmo — ela disse num sussurro apavorado. — Sei que se deixarmos essa memória se apagar teremos ido embora para sempre.

Então ela perguntou se eu queria que saíssemos daquele cômodo e nos aventurássemos do lado de fora. Não queria. Minha apreensão era tão aguda que eu estava incapaz de verbalizar as palavras. Só podia fazer um sinal de cabeça.

— Você está muito certo em não querer sair — disse ela. — Tenho a sensação de que, se sairmos desse cômodo, nunca

voltaremos.

Eu ia abrir a porta e dar uma olhada para fora, mas ela me impediu.

— Não faça isso. Você pode deixar o que está lá fora entrar.

O pensamento que tive naquele momento foi o de que havíamos sido postos dentro de uma gaiola frágil. Qualquer coisa, como abrir a porta, poderia perturbar o equilíbrio precário da gaiola. No momento em que tive esse pensamento nós dois sentimos a mesma ânsia. Tiramos as roupas, como se nossas vidas dependessem disso; em seguida saltamos na cama alta, sem usar os dois degraus de sacos, somente para pular dela de novo, no instante seguinte.

Era evidente que Carol e eu havíamos tido a mesma idéia ao mesmo tempo. Ela confirmou minha suposição quando disse:

— Qualquer coisa que usarmos, pertencente a esse mundo, só irá nos enfraquecer. Ficando aqui, nua e longe da cama e da janela, não tenho qualquer problema em lembrar de onde vim. Mas se eu ficar deitada na cama ou usar aquelas roupas ou olhar pela janela, estou perdida.

Ficamos de pé no centro do quarto por longo tempo, abraçados. Uma suspeita estranha começou a infestar minha mente.

— Como vamos voltar ao nosso mundo? — perguntei esperando que ela soubesse.

— A reentrada em nosso mundo é automática, se não deixarmos a névoa tomar conta — ela disse com o ar de autoridade absoluta que era sua marca registrada.

E estava certa. Carol e eu acordamos ao mesmo tempo na cama de seu quarto no hotel Regis. Era tão óbvio que estávamos de volta ao mundo da vida cotidiana que não fizemos perguntas nem comentários. A luz do sol era quase cegante.

— Como foi que voltamos? — Carol perguntou. — Ou melhor, quando foi que voltamos?

Eu não tinha nenhuma idéia do que pensar ou dizer. Estava atordoado demais para especular; porque isso era tudo que eu

poderia ter feito.

— Você acha que nós acabamos de voltar? — Carol insistiu. — Ou será que dormimos a noite toda? Olha! Nós estamos nus. Quando foi que tiramos as roupas?

— Nós as tiramos naquele outro mundo — falei e me surpreendi com o som de minha voz.

Minha resposta pareceu confundir Carol. Ela me olhou sem compreender, e em seguida olhou para o seu próprio corpo nu.

Ficamos ali, sentados e imóveis, por um tempo enorme. Parecíamos desprovidos de vontade própria. Mas então, abruptamente, tivemos o mesmo pensamento exatamente no mesmo instante. Vestimo-nos em tempo recorde, saímos correndo do quarto, descemos dois lances de escadas, fomos para a rua e corremos até o hotel de Dom Juan.

Inexplicável e excessivamente sem fôlego, já que não nos havíamos cansado fisicamente, revezamo-nos explicando o que tínhamos feito.

Ele confirmou nossas conjecturas.

— O que vocês fizeram foi praticamente a coisa mais perigosa que se pode imaginar.

Virou-se para Carol e disse que nossa tentativa fora, ao mesmo tempo, um sucesso total e um fiasco. Tínhamos conseguido transferir a consciência do mundo cotidiano para nossos corpos energéticos, fazendo assim a viagem com toda a nossa fisicalidade, mas havíamos falhado em evitar a influência dos seres inorgânicos. Falou que comumente os sonhadores experimentam toda a manobra como uma série de transições lentas, e que precisam verbalizar o intento de usar a consciência como um elemento. Em nosso caso todas essas etapas foram dispensadas. Devido à intervenção dos seres inorgânicos nós dois havíamos sido lançados num mundo mortal, a uma velocidade aterrorizante.

— Não foi a energia combinada de vocês dois que tornou possível a viagem — prosseguiu ele. — Foi outra coisa. Que até

mesmo escolheu roupas adequadas para vocês.

— Quer dizer, Nagual, que as roupas e a cama e o quarto só aconteceram porque fomos comandados pelos seres inorgânicos? — Carol perguntou.

— Pode apostar. Em geral os sonhadores são meramente *voyeurs.* Do jeito que a viagem de vocês aconteceu, vocês dois pegaram o lugar do carona e viveram a danação dos feiticeiros antigos. O que aconteceu com eles foi precisamente o que aconteceu com vocês. Os seres inorgânicos levaram-nos para mundos de onde não puderam retornar. Eu devia ter sabido, mas nem me passou pela cabeça que os seres inorgânicos iriam assumir o controle e tentar lançar a mesma armadilha contra vocês.

— Quer dizer que eles queriam nos manter lá? — Carol perguntou.

— Se vocês tivessem saído daquele cômodo, estariam agora vagando naquele mundo sem qualquer esperança.

Explicou que, como entramos naquele mundo com toda a nossa fisicalidade, a fixação de nossos pontos de aglutinação no posicionamento escolhido pelos seres inorgânicos era tão poderosa que criava uma espécie de névoa obliterando qualquer lembrança do mundo de onde tínhamos vindo. Acrescentou que a conseqüência natural dessa imobilização, como no caso dos feiticeiros da antigüidade, é que o ponto de aglutinação do sonhador não pode voltar ao seu posicionamento habitual.

— Pensem nisso — ele insistiu. — Talvez seja exatamente isso que aconteça com todos nós no mundo da vida cotidiana. Estamos aqui, e a fixação do ponto de aglutinação é tão poderosa que nos fez esquecer de onde viemos, e qual é o objetivo de estarmos aqui.

Dom Juan não quis falar mais sobre nossa viagem. Senti que estava nos poupando mais medo e desconforto. Levou-nos para um almoço tardio. Quando chegamos ao restaurante, a dois quarteirões da Avenida Francisco Madero, eram seis da tarde. Carol e eu havíamos dormido — se foi isso que fizemos — cerca de dezoito

horas.

Somente Dom Juan tinha fome. Carol observou, com um toque de raiva, que ele estava comendo como um porco. Várias cabeças viraram-se em nossa direção ouvindo o riso de Dom Juan.

Era uma noite quente, de céu claro. Havia uma brisa suave e despreocupada quando nos sentamos num banco da Alameda Paseo.

— Há uma pergunta que está me queimando por dentro — Carol Tiggs falou. — Nós não usamos a consciência como um meio para viajar, certo?

— Certo — Dom Juan disse e emitiu um suspiro profundo. — A tarefa era surrupiar energia dos seres inorgânicos, e não ser comandados por eles.

— O que vai acontecer agora? — ela perguntou.

— Vocês vão adiar a tarefa de espreitar o espreitador até ficarem mais fortes. Ou talvez nunca consigam. Na verdade não importa; se uma coisa não funciona, outra funciona. A feitiçaria é um desafio infinito.

Explicou de novo, como se tentasse fazer a explicação se fixar em nossas mentes, que para usar a consciência como um elemento do ambiente os feiticeiros precisam fazer primeiro uma viagem ao mundo dos seres inorgânicos. Em seguida precisam usar essa viagem como um trampolim e, enquanto estiverem de posse da energia escura necessária, devem intentar ser lançados, através do meio da consciência, até outro mundo.

— O fracasso da viagem de vocês é que não tiveram tempo de usar a consciência como um elemento para viajar — prosseguiu ele. — Antes mesmo de chegarem à esfera dos seres inorgânicos vocês já estavam em outro mundo.

— O que recomenda que façamos? — Carol perguntou.

— Recomendo que se encontrem o mínimo possível. Estou certo de que os seres inorgânicos não vão deixar passar a oportunidade de pegar os dois, especialmente se vocês unirem as forças.

A partir daí Carol e eu ficamos deliberadamente longe um do outro. A perspectiva de inadvertidamente entrarmos em outra jornada semelhante era um risco grande demais. Dom Juan encorajou nossa decisão dizendo repetidamente que tínhamos bastante energia combinada para tentar os seres inorgânicos a nos atrair de novo.

Dom Juan me trouxe de volta aos exercícios de sonhar destinados a ver energia em estados oníricos geradores de energia. Com o correr do tempo eu *via* tudo que se apresentava a mim. Desse modo entrei num estado muito peculiar: tornei-me incapaz de avaliar inteligentemente o que via. Minha sensação era de sempre chegar a estados de percepção para os quais não possuía vocabulário.

Dom Juan explicou minhas visões incompreensíveis e indescritíveis como meu corpo energético usando a consciência como um elemento. Não para viajar, porque eu nunca tinha energia suficiente, mas para entrar nos campos energéticos da matéria inanimada, ou dos seres vivos.

11

O INQUILINO

Para mim não houve mais exercícios de sonhar como os que eu estava acostumado a ter. Na próxima vez em que vi Dom Juan ele me pôs sob a orientação de duas mulheres de seu grupo: Florinda e Zuleica, suas companheiras mais próximas. As instruções que elas davam não eram sobre os portões do sonhar, mas sobre maneiras diferentes de usar o corpo energético; e isso não durou o bastante para ser uma coisa influente. Elas me deram a impressão de que estavam mais interessadas em me avaliar do que em me ensinar qualquer coisa.

— Não existe mais nada que eu possa lhe ensinar sobre o sonhar — disse Dom Juan quando questionei-o sobre esse estado de coisas. — Meu tempo nesta terra está acabando. Mas Florinda vai ficar. Ela é que vai dirigir, não somente você, como também todos os meus outros aprendizes.

— Ela vai continuar meus exercícios de sonhar?

— Não sei, e nem ela sabe. Tudo depende do espírito. O verdadeiro jogador. Nós não somos jogadores. Somos meros peões em suas mãos. Seguindo as ordens do espírito, tenho de lhe dizer o que é o quarto portão do sonhar, apesar de não poder mais guiá-lo.

— Qual é o sentido de aguçar meu apetite? Eu preferiria não saber.

— O espírito não está deixando isso por minha conta ou pela sua. De modo que tenho de delinear para você o quarto portão do

sonhar, querendo ou não.

Dom Juan explicou que, no quarto portão do sonhar, o corpo viaja a lugares concretos e específicos, e que existem três modos de usar o quarto portão. Um é viajar a lugares concretos neste mundo; dois, viajar a lugares concretos fora deste mundo, e três, viajar a lugares que existem apenas no intento dos outros. Afirmou que o último dos três é o mais difícil e perigoso e que era, de longe, o preferido dos feiticeiros da antigüidade.

— O que quer que eu faça com esse conhecimento? — perguntei.

— Por enquanto, nada. Guarde-o até precisar.

— Quer dizer que eu posso atravessar sozinho o quarto portão, sem ajuda?

— Se você pode ou não, só quem sabe é o espírito.

Abruptamente encerrou o assunto, mas não me deixou com a sensação de que deveria tentar alcançar e atravessar sozinho o quarto portão.

Em seguida Dom Juan marcou um último encontro comigo para dar, pelo que disse, um pontapé final: o toque conclusivo de meus exercícios de sonhar. Disse para eu encontrá-lo na pequena cidade no sul do México onde ele e seus amigos feiticeiros viviam.

Cheguei lá no final da tarde. Dom Juan sentou-se comigo no pátio de sua casa, em desconfortáveis cadeiras de vime arrumadas com almofadas grandes. Riu e piscou para mim. As cadeiras eram presente de uma das mulheres de seu grupo, e simplesmente tínhamos de sentar nelas como se nada nos incomodasse, ele principalmente. Tinham sido compradas nos Estados Unidos, em Phoenix, Arizona, e penosamente trazidas para o México.

Dom Juan pediu que eu lesse um poema de Dylan Thomas que, disse ele, tinha o significado mais pertinente para mim naquele momento.

I have longed to move away

From the hissing of the spent lie
And the old terror's continual cry
Growing more terrible as the day
Goes over the hill into the deep sea...

I have longed to move away but I am afraid;
Some life, yet unspent, might explode
Out of the old lie burning on the ground,
And, crackling into the air, leave me half blind.

*I have longed to move away but I am afraid...**

Dom Juan levantou-se de sua cadeira e disse que ia dar uma volta na *plaza,* no centro da cidade. Pediu que eu fosse junto. De imediato presumi que o poema tinha evocado uma reação negativa, que ele precisava espairecer.

Chegamos à praça quadrada sem dizer qualquer palavra. Demos umas duas voltas ao redor, ainda sem falar. Havia bastante gente junto às lojas das ruas voltadas para os lados norte e leste do parque. Todas as ruas ao redor da *plaza* tinham calçamento irregular. As casas eram atarracadas, construções de adobe com apenas um andar, cobertas de telhas, com paredes caiadas e portas pintadas de azul ou marrom. Numa rua secundária, a um quarteirão da *plaza,* as paredes altas da enorme igreja colonial, parecendo uma mesquita mourisca, pairavam sinistras acima do teto do único hotel da cidade. Do lado sul havia dois restaurantes que inexplicavelmente coexistiam lado a lado, fazendo bons negócios, servindo praticamente

---

* Tradução aproximada:
Quis ir para bem longe
Da mentira gasta e sibilante
E do grito contínuo do terror antigo
Que fica mais terrível enquanto o dia
Atravessa o morro e mergulha no mar...

Quis ir para bem longe, mas lenho medo;
Alguma vida nova pode explodir
Da velha mentira que arde no chão,
E, estalando no ar, me deixar meio cego.

Quis ir para bem longe, mas tenho medo...

o mesmo menu aos mesmos preços.

Rompi o silêncio e perguntei a Dom Juan se ele também achava estranho que os dois restaurantes fossem praticamente iguais.

— Tudo é possível nesta cidade — respondeu ele.

A maneira como falou deixou-me inquieto.

— Por que está tão nervoso? — ele perguntou com expressão séria. — Sabe de alguma coisa que ainda não me contou?

— Por que estou nervoso? Isso é uma piada. Eu fico sempre nervoso junto de você, Dom Juan. Algumas vezes mais do que outras.

Ele parecia estar fazendo um esforço sério para não rir.

— Os naguais não são exatamente os seres mais amigáveis da terra — disse ele em tom de desculpa. — Aprendi isso do modo mais difícil; tendo sido exposto ao terrível Nagual Julian. Sua simples presença costumava me deixar apavorado. E quando ele brigava comigo eu sempre pensava que minha vida não valia um tostão furado.

— Sem a menor dúvida, Dom Juan, você provoca o mesmo efeito em mim.

Ele gargalhou.

— Não. Não. Você está definitivamente exagerando. Em comparação com ele eu sou um anjo.

— Pode ser um anjo em comparação, só que não tenho o Nagual Julian para comparar com você.

Ele riu por um instante, e depois ficou novamente sério.

— Não sei por que, mas realmente me sinto apavorado — expliquei.

— Você acha que tem motivos para estar apavorado? — ele perguntou, parou de andar e olhou para mim.

Seu tom de voz e as sobrancelhas levantadas deram a impressão de que ele suspeitava de que eu sabia alguma coisa que não estava revelando. Ele estava claramente esperando que eu

fizesse uma revelação.

— Sua insistência me deixa espantado — falei. — Tem certeza de que não é você que tem alguma coisa escondida na manga?

— Eu tenho uma coisa na manga — ele admitiu e riu. — Mas essa não é a questão. A questão é que existe uma coisa nessa cidade esperando por você. E você não sabe direito o que é, ou sabe, mas não ousa dizer, ou não sabe absolutamente nada.

— O que me espera aqui?

Em vez de responder, Dom Juan voltou rapidamente a andar, e continuamos rodeando a praça em completo silêncio. Circulamos várias vezes, procurando um lugar onde sentar. Então um grupo de mulheres jovens se levantou de um banco e foi embora.

— Já há vários anos venho descrevendo para você as práticas aberrantes dos feiticeiros do México antigo — disse Dom Juan enquanto se sentava no banco e fazia um gesto para que eu me sentasse junto.

Com o fervor de alguém que nunca dissera aquilo antes, ele começou a contar de novo o que contara muitas vezes, que aqueles feiticeiros, guiados por interesses extremamente egoístas, puseram todo o seu empenho em aperfeiçoar práticas que os afastaram cada vez mais da sobriedade ou do equilíbrio mental; e que foram finalmente exterminados quando seus complexos edifícios de crenças e práticas ficaram tão pesados que eles não puderam mais suportá-lo.

— Os feiticeiros da antigüidade, claro, viveram e proliferaram nesta área — disse ele, observando minha reação. — Aqui, nesta cidade. Esta cidade foi construída sobre as fundações de uma de suas cidades. Nesta área os feiticeiros da antigüidade realizaram todos os seus feitos.

— Tem certeza disso, Dom Juan?

— E você também vai ter, logo logo.

A ansiedade crescente me forçou a fazer algo que eu detestava: concentrar-me em mim mesmo. Sentindo minha frustração, Dom

Juan me instigou.

— Logo logo você saberá se realmente é como os feiticeiros antigos ou como os novos — disse ele.

— Está me deixando doido com toda essa conversa estranha e sinistra — protestei.

O fato de conviver há treze anos com Dom Juan havia me condicionado, acima de tudo, a conceber o pânico como alguma coisa que estava o tempo todo logo atrás da esquina, pronto para ser libertado.

Dom Juan parecia vacilante. Percebi seus olhares furtivos na direção da igreja. Estava até mesmo distraído. Quando falei, ele não ouviu, e tive de repetir a pergunta:

— Está esperando alguém?

— Sim, estou. Sem a menor dúvida. Estava apenas sentindo o ambiente. Você me pegou enquanto eu examinava a área com meu corpo energético.

— O que foi que sentiu, Dom Juan?

— Meu corpo energético sente que tudo está no lugar. A peça vai acontecer hoje. Você é o ator principal. Eu sou um ator com um papel pequeno porém muito significativo. Participo do primeiro ato.

— Afinal de contas, você está falando de quê?

Ele não respondeu. Sorriu astucioso.

— Estou preparando o terreno. Aquecendo você, por assim dizer, repisando a idéia de que os feiticeiros modernos aprenderam uma lição dura. Perceberam que somente ficando totalmente desprendidos podem ter a energia para serem livres. Esse é um tipo de desprendimento peculiar, que não nasce do medo ou da indolência, mas da convicção.

Dom Juan parou e levantou-se, esticou os braços para a frente, para os lados e depois para as costas.

— Faça o mesmo — me aconselhou. — Isso relaxa o corpo, e você precisa estar muito relaxado para enfrentar o que vai chegar esta noite. — Deu um sorriso largo. — Para você, esta noite, vai

chegar o desprendimento total ou a entrega absoluta. É uma escolha que todo nagual de minha linha tem de fazer. — Sentou-se de novo e respirou fundo. O que ele dissera pareceu ter consumido toda a sua energia.

— Acho que consigo entender o desprendimento e a entrega — prosseguiu ele — porque tive o privilégio de conhecer dois naguais: meu benfeitor, o Nagual Julian, e o benfeitor dele, o Nagual Elias. Testemunhei a diferença entre os dois. O Nagual Elias era desprendido a ponto de abrir mão de um dom de poder. O Nagual Julian também era desprendido, mas não o bastante para abrir mão de um desses dons.

— Julgando pelo modo como está falando, eu diria que você vai fazer algum tipo de teste comigo esta noite. É isso?

— Eu não tenho o poder de fazer qualquer tipo de teste com você, mas o espírito tem — ele disse com um riso, e em seguida acrescentou: — Eu sou meramente um agente dele.

— O que o espírito vai fazer comigo, Dom Juan?

— Só posso dizer que esta noite você vai ter uma lição no sonhar, do modo como costumam ser as lições no sonhar, mas você não vai receber de mim essa lição. Outra pessoa será seu professor e seu guia esta noite.

— Quem vai ser meu professor e meu guia?

— Um visitante, que para você pode ser uma surpresa horrenda ou então surpresa nenhuma.

— E que lição eu vou receber?

— É uma lição sobre o quarto portão do sonhar. E é dada em duas partes. A primeira parte explicarei agora. A segunda, ninguém pode explicar, porque é uma coisa que diz respeito somente a você. Todos os naguais de minha linha tiveram essa lição de duas partes, mas não houve duas iguais; elas foram criadas para atender às tendências pessoais do caráter desses naguais.

— Sua explicação não me ajuda nem um pouco, Dom Juan. Estou ficando cada vez mais nervoso.

Ficamos quietos por um longo tempo. Eu estava abalado e agitado, e não sabia o que dizer sem resmungar.

— Como você já sabe, perceber diretamente a energia, para os feiticeiros modernos, é uma realização pessoal — disse Dom Juan. — Nós manobramos o ponto de aglutinação através da autodisciplina. Para os feiticeiros antigos o deslocamento do ponto de aglutinação era conseqüência de sua submissão a outros: seus professores, que realizavam esses deslocamentos através de operações obscuras e os ofereciam aos discípulos como dons de poder.

"Para alguém que tenha mais energia do que nós é possível fazer qualquer coisa conosco — prosseguiu ele. — Por exemplo, o Nagual Julian poderia ter-me transformado em qualquer coisa que quisesse, um criminoso ou um santo. Mas era um Nagual impecável e deixou que eu fosse eu mesmo. Os feiticeiros antigos não eram tão impecáveis, e através dos esforços incessantes para obter controle sobre os outros eles criavam uma situação de escuridão e terror que passava de professor para discípulo.

Levantou-se e examinou com o olhar o ambiente ao redor.

— Como você pode ver, essa cidade não é grande coisa, mas tem um fascínio único para os guerreiros de minha linha. Aqui está a fonte do que somos e a fonte do que não queremos ser. Como estou no fim do meu tempo, devo passar algumas idéias para você; contar algumas histórias; colocá-lo em contato com determinados seres, aqui nesta cidade, exatamente como meu benfeitor fez comigo.

Dom Juan disse que estava reiterando uma coisa com a qual eu já era familiar: tudo que ele era e tudo que ele sabia tinha sido legado por seu professor, o Nagual Julian. Este, por sua vez, herdara tudo de seu professor, o Nagual Elias. O Nagual Elias do Nagual Rosendo; este do Nagual Lujan; o Nagual Lujan do Nagual Santisteban; e o Nagual Santisteban do Nagual Sebastian.

Disse de novo, num tom muito formal, algo que me explicara muitas vezes antes: que tinham existido oito naguais antes do Nagual Sebastian, mas que eles eram muito diferentes. Tinham uma

atitude diferente com relação à feitiçaria; um conceito diferente, apesar de continuarem diretamente ligados à sua linhagem de feitiçaria.

— Agora você deve lembrar, e repetir para mim, tudo que contei sobre o Nagual Sebastian — exigiu ele.

Seu pedido me pareceu estranho, mas repeti tudo que ouvira dele e dos seus companheiros sobre o Nagual Sebastian e sobre o mítico feiticeiro antigo, o desafiador da morte, conhecido por eles como o *inquilino.*

— Você sabe que o desafiador da morte nos oferece dons de poder a cada geração — disse Dom Juan. — E foi a natureza específica desses dons de poder que mudou o curso de nossa linhagem.

Explicou que, sendo um feiticeiro dos tempos antigos, o *inquilino* aprendera de seus professores todas as complexidades de mudar seu ponto de aglutinação. Como tinha, talvez, milhares de anos de uma vida e uma consciência estranha — tempo suficiente para aperfeiçoar qualquer coisa — ele agora sabia como alcançar e manter centenas, se não milhares, de posicionamentos do ponto de aglutinação. Seus dons eram como mapas para deslocar o ponto de aglutinação para locais específicos e como manuais sobre como imobilizá-los em qualquer desses posicionamentos, e com isso adquirir coesão.

Dom Juan estava no auge de sua forma como contador de histórias. Eu nunca o vira mais dramático. Estava convicto de que, se não o conhecesse melhor, poderia ter jurado que sua voz tinha a inflexão profunda e inquieta de alguém que estivesse presa do medo e da preocupação. Seus gestos me davam a impressão de um bom ator, representando com perfeição o nervosismo e a ansiedade.

Dom Juan me olhou, e num tom que sugeria uma revelação dolorosa, disse que, por exemplo, o Nagual Lujan recebera do *inquilino* um dom de cinqüenta posicionamentos. Balançou a cabeça ritmicamente, como se pedisse silenciosamente que eu considerasse

o que ele dissera. Fiquei quieto.

— Cinqüenta posicionamentos! — exclamou pasmo. — Como um dom, um posicionamento do ponto de aglutinação, ou no máximo dois, deveria ser mais do que adequado.

Encolheu os ombros num gesto de espanto.

— Haviam me dito que o *inquilino* gostava imensamente do Nagual Lujan — prosseguiu. — Tinham uma amizade tão grande que eram praticamente inseparáveis. Me disseram que o Nagual Lujan e o *inquilino* costumavam ir toda manhã à igreja, ali adiante, para a missa.

— Aqui, nesta cidade? — perguntei em total surpresa.

— Aqui mesmo — ele respondeu. — Possivelmente sentaram-se neste lugar, em outro banco, há mais de cem anos.

— O Nagual Lujan e o *inquilino* realmente andaram nesta *plaza?* — perguntei de novo, incapaz de superar a surpresa.

— Pode apostar! — ele exclamou. — Eu o trouxe aqui esta noite porque o poema que você estava lendo me deu uma pista de que era tempo de conhecer o *inquilino.*

O pânico me assolou com a velocidade de um furacão. Precisei respirar pela boca durante um momento.

— Nós estivemos discutindo as estranhas realizações dos feiticeiros da antigüidade — prosseguiu Dom Juan. — Mas é sempre difícil quando precisamos falar exclusivamente em idéias, sem o conhecimento em primeira mão. Posso repetir de hoje até o dia do juízo alguma coisa que para mim é clara como cristal, mas que para você é impossível de entender ou acreditar, porque você não tem o conhecimento prático sobre ela.

Levantou-se e me olhou da cabeça aos pés.

— Vamos à igreja — falou. — O *inquilino* gosta da igreja e das redondezas. Estou certo de que este é o momento de ir lá.

Poucas vezes, no decorrer de minha associação com Dom Juan, fiquei tão apreensivo. Estava atordoado. Todo meu corpo tremia quando levantei. Meu estômago estava cheio de nós, e mesmo

assim segui-o sem dizer uma palavra quando ele foi em direção à igreja, meus joelhos vacilando e bamboleando involuntariamente toda vez em que eu dava um passo. Quando percorremos o curto quarteirão da *plaza* até os degraus de pedra calcária do átrio da igreja eu estava em vias de desmaiar. Dom Juan pôs o braço ao redor de meus ombros para me dar apoio.

— Lá está o *inquilino* — falou tão casualmente como se tivesse visto um velho amigo.

Olhei na direção que ele apontava e vi um grupo de cinco mulheres e três homens no extremo oposto do átrio. Meu olhar rápido e cheio de pânico não revelou nada sobre aquelas pessoas. Nem mesmo pude dizer se estavam entrando na igreja ou saindo dela. Mas percebi que pareciam estar reunidos ali acidentalmente. Não estavam juntos.

Quando Dom Juan e eu chegamos à pequena porta recortada nos imensos portais de madeira da igreja, três mulheres já tinham entrado. Os três homens e as outras duas mulheres estavam se afastando. Experimentei um momento de confusão e olhei para Dom Juan, em busca de orientação. Ele apontou com um gesto do queixo para a pia de água benta.

— Devemos observar as regras e nos benzer — sussurrou.

— Onde está o *inquilino?* — perguntei também num sussurro.

Dom Juan mergulhou a ponta dos dedos na pia e fez o sinal-da-cruz. Com um gesto imperativo do queixo me instou a fazer o mesmo.

— O *inquilino* era um dos três homens que saíram? — sussurrei quase em seu ouvido.

— Não — ele sussurrou de volta. — O *inquilino* é uma das três mulheres que ficaram. A que está na fila de trás.

Naquele momento uma mulher na fila de trás virou a cabeça na minha direção, sorriu e assentiu para mim.

Cheguei à porta num salto e corri para fora.

Dom Juan correu atrás de mim. Com incrível agilidade me

alcançou e segurou-me pelo braço.

— Aonde está indo? — perguntou com o rosto e o corpo se contorcendo de riso.

Agarrou-me firmemente pelo braço enquanto eu respirava em grandes haustos. Eu estava realmente sufocando. Uma gargalhada estridente saía dele como ondas do oceano. Puxei o braço com força e fui andando em direção à praça. Ele me seguiu.

— Nunca achei que você fosse ficar tão transtornado — ele disse enquanto novas ondas de riso lhe sacudiam o corpo.

— Por que não me disse que o *inquilino* é uma mulher?

— Aquele feiticeiro é o desafiador da morte — falou em tom solene. — Para um feiticeiro assim, tão versado nos deslocamentos do ponto de aglutinação, ser homem ou mulher é questão de escolha ou conveniência. Esta é a primeira parte da lição sobre o sonhar, que eu disse que você receberia. E o desafiador da morte é o visitante misterioso que vai guiá-lo através dele.

Ele segurou a cintura quando o riso fez com que tossisse. Eu estava sem voz. Então uma súbita fúria me possuiu. Eu não estava com raiva de Dom Juan, ou de mim ou de alguém em particular. Era uma fúria gélida, sem estar direcionada a qualquer pessoa, que me fez sentir como se o peito e todos os músculos do pescoço fossem explodir.

— Vamos voltar à igreja — gritei e não reconheci minha voz.

— Calma, calma — ele disse em voz suave. — Você não precisa saltar para dentro do fogo assim. Pense. Delibere. Meça as coisas. Esfrie a cabeça. Nunca em sua vida você foi posto num teste desses. Agora precisa de calma.

“Não posso lhe dizer o que fazer — prosseguiu ele. — Só posso, como qualquer outro nagual, colocá-lo diante de seu desafio depois de dizer, em termos bastante oblíquos, tudo que é pertinente. Esta é outra das manobras do nagual: dizer tudo sem dizer, ou perguntar sem perguntar.

Quis acabar rapidamente com aquilo. Mas Dom Juan disse que

uma pequena pausa restauraria o que sobrava de meu autocontrole. Meus joelhos estavam em vias de ceder. Solicitamente Dom Juan me fez sentar no meio-fio. Sentou-se ao meu lado.

— A primeira parte desta lição do sonhar é que a masculinidade e a feminilidade não são estados definitivos, e sim o resultado de um ato específico de posicionamento do ponto de aglutinação. E esse ato de rearrumar o ponto de aglutinação é, naturalmente, questão de vontade e treinamento. Como era um tema caro aos feiticeiros da antigüidade, apenas eles podem lançar alguma luz sobre isso.

Talvez porque fosse a única coisa racional a fazer, comecei a discutir com Dom Juan.

— Não posso aceitar nem acreditar no que está dizendo — falei sentindo o calor me subir ao rosto.

— Mas você viu a mulher — respondeu Dom Juan. — Acha que tudo isso é um truque?

— Não sei o que pensar.

—- Aquele ser na igreja é uma mulher verdadeira — ele disse num tom decidido. — Por que isso deveria perturbá-lo tanto? O fato dela ter nascido como homem somente atesta o poder das maquinações dos feiticeiros antigos. Isso não deveria surpreendê-lo. Você já incorporou todos os princípios da feitiçaria.

Minhas entranhas estavam em vias de explodir de tensão. Num tom acusatório Dom Juan disse que eu só estava querendo discutir. Com paciência forçada e pomposidade real expliquei a ele o fundamento biológico do masculino e do feminino.

— Eu compreendo tudo isso — ele disse. — E você está certo no que está falando. Sua falha é tentar universalizar suas avaliações.

— Nós estamos falando é de princípios básicos — gritei. — Eles serão pertinentes para o homem aqui ou em qualquer outro lugar do universo.

— Certo, certo — ele disse em voz baixa. — Tudo que você está dizendo é verdade enquanto nosso ponto de aglutinação permanecer

em seu posicionamento habitual. Mas no momento em que ele se desloca para além de certas fronteiras, e nosso mundo cotidiano não funciona mais, nenhum dos princípios que você nutre com carinho tem esse valor absoluto do qual está falando.

"Seu erro é esquecer que o desafiador da morte transcendeu essas fronteiras milhares e milhares de vezes. Não é preciso ser gênio para perceber que o inquilino não está mais preso às mesmas forças que atualmente governam você.

Falei que a minha pendência, se é que poderia ser chamada de uma pendência, não era com ele, mas com a aceitação do lado prático da feitiçaria que, até aquele momento, era uma coisa tão disparatada que nunca apresentara um problema real para mim. Reiterei que, como sonhador, tinha experiência de que tudo no sonhar é possível. Lembrei-o de que ele próprio patrocinara e cultivara essa convicção, junto com uma necessidade definitiva de manter a mente sã. O que ele estava propondo no caso do *inquilino* não era uma coisa sã. Era um tema apenas para o sonhar; decerto que não era para o mundo cotidiano. Declarei que, para mim, aquilo era uma proposição absurda e insustentável.

— Por que essa reação violenta? — ele perguntou com um sorriso.

Sua pergunta me pegou desguarnecido. Senti-me embaraçado.

— Acho que isso me ameaça lá no fundo — admiti. E estava falando sério. Pensar que aquela mulher na igreja era um homem me deixava nauseado.

Um pensamento de alívio entrou em minha mente: talvez o *inquilino* fosse um travesti. Perguntei a Dom Juan, a sério, sobre essa possibilidade. Ele riu tanto que parecia em vias de um ataque.

— Essa é uma possibilidade mundana demais — falou. — Talvez seus amigos antigos fizessem uma coisa dessas. Os novos têm mais recursos e são menos masturbatórios. Repito: aquele ser na igreja é uma mulher. É ela. E ela tem todos os órgãos e atributos de uma mulher. — Sorriu malicioso. — Você sempre se sentiu atraído

pelas mulheres, não é? Parece que essa situação foi preparada especialmente.

Seu júbilo era tão intenso e infantil a ponto de contagiar. Rimos os dois. Ele com total abandono. Eu com apreensão total.

E cheguei a uma decisão. Levantei-me e disse em voz alta que não tinha qualquer desejo de lidar com o *inquilino* sob qualquer forma ou aparência. Minha escolha era deixar isso tudo de lado e voltar logo para a casa de Dom Juan, e de lá para a minha.

Dom Juan disse que, para ele, a minha decisão estava bem, e começamos a voltar para sua casa. Meus pensamentos corriam loucamente. Será que estou fazendo a coisa certa? Será que estou fugindo de medo? Perguntei a mim mesmo e, claro, imediatamente racionalizei a decisão como a coisa certa e inevitável. Afinal de contas — busquei me tranqüilizar — eu não estava interessado em aquisições, e os dons do *inquilino* eram como adquirir propriedade. Nesse momento a dúvida e a curiosidade me assaltaram. Havia um monte de perguntas que eu poderia fazer ao desafiador da morte.

Meu coração começou a bater tão intensamente que o senti chocando-se contra o estômago. As batidas subitamente se transformaram na voz do emissário. Ele quebrou a promessa de não interferir e disse que uma força incrível estava acelerando as batidas de meu coração com o intuito de me levar de volta à igreja; ir em direção à casa de Dom Juan era ir na direção da morte.

Parei de andar e rapidamente confrontei Dom Juan com as palavras do emissário.

— Isso é verdade? — perguntei.

— Temo que sim — ele admitiu envergonhado.

— Por que não me disse, Dom Juan? Ia me deixar morrer porque acha que eu sou um covarde? — perguntei furioso.

— Você não ia morrer assim. Seu corpo energético tem recursos infinitos. E nunca me ocorreu pensar que você fosse um covarde. Respeito suas decisões e não estou nem aí para os motivos delas.

“Você também está no fim da estrada, como eu. Então seja um verdadeiro nagual. Não se envergonhe do que é. Se você fosse um covarde, acho que teria morrido de medo há anos. Mas se estiver com muito medo de encontrar o desafiador da morte, morra e não se encontre com ele. Não existe vergonha nisso.

— Vamos voltar à igreja — falei o mais calmo que pude.

— Agora estamos chegando ao ponto crucial! — disse Dom Juan. — Mas, primeiro, vamos voltar ao parque, sentar num banco e avaliar cuidadosamente suas opções. Nós temos tempo; é cedo demais para o que deve ser feito.

Voltamos ao parque. Imediatamente encontramos um banco vazio e nos sentamos.

— É preciso entender que somente você pode tomar a decisão de encontrar ou não encontrar o *inquilino,* e de aceitar ou rejeitar seus dons de poder — disse Dom Juan. — Mas sua decisão precisa ser verbalizada para a mulher na igreja, cara a cara e a sós; de outro modo não será válida.

Dom Juan disse que os dons do *inquilino* eram extraordinários, mas que o preço por eles era tremendo. E que ele não aprovava nem os dons nem o preço.

— Antes de tomar sua verdadeira decisão — prosseguiu — você precisa conhecer todos os detalhes de nossas transações com aquele feiticeiro.

— Preferiria não ouvir mais sobre isso, Dom Juan.

— É seu dever saber. De outro modo, como vai se decidir?

— Não acha que, quanto menos eu souber sobre o *inquilino,* melhor eu me safo?

— Não. Isso não é uma questão de se esconder até que o perigo passe. Este é o momento da verdade. Tudo que você já fez e experimentou no mundo dos feiticeiros canalizou-o para este ponto. Eu não queria dizer, porque sabia que seu corpo energético iria contar, mas não há como sair deste compromisso. Nem mesmo morrendo. Compreende? — Sacudiu-me pelos ombros. —

Compreende?

Compreendi tão bem que perguntei se poderia fazer com que eu mudasse de nível de consciência, para aliviar o medo e o desconforto. Ele quase me fez saltar com a explosão de seu não.

— Você deve enfrentar o desafiador da morte a frio, e com premeditação absoluta. E não pode fazer isso por procuração.

Calmamente começou a repetir tudo que já me contara sobre o desafiador da morte. Enquanto ele falava, percebi que parte da minha confusão era resultado do uso que ele fazia das palavras. Em espanhol, o *desafiador da morte* e *o inquilino* denotam automaticamente um homem — coisa que não acontece em inglês — mas ao descrever o relacionamento entre o *inquilino* e os naguais de sua linha, Dom Juan ficava misturando denotações masculinas e femininas da língua espanhola, criando uma grande confusão para mim.

Disse que o *inquilino* deveria pagar pela energia que *ele* tomava dos naguais de nossa linhagem, mas que o pagamento *dele* havia ligado aqueles feiticeiros durante gerações. Como pagamento pela tomada de energia de todos aqueles naguais a mulher na igreja dizia-lhes exatamente o que fazer para deslocar o ponto de aglutinação para algum posicionamento que *ela* própria escolhera. Em outras palavras, *ela* unira cada um daqueles homens com um dom de poder que consistia num posicionamento específico e pré-selecionado do ponto de aglutinação, juntamente com todas as suas implicações.

— O que quer dizer com todas as suas implicações, Dom Juan?

— Falo dos resultados negativos desses dons. A mulher na igreja só sabe de entrega total. Naquela mulher não existe frugalidade, temperança. Por exemplo, ela ensinou ao Nagual Julian como arrumar seu ponto de aglutinação para ser, como ela, uma mulher. Ensinar isso para meu benfeitor, que era um incurável voluptuoso, era como dar bebida para um alcoólatra.

— Mas cada um de nós não é responsável pelo que faz?

— Sim, de fato. Mas alguns de nós tem mais dificuldade do que

outros em ser responsáveis. Aumentar essa dificuldade deliberadamente, como faz aquela mulher, é colocar pressão desnecessária sobre nós.

— Como sabe que a mulher na igreja faz isso deliberadamente?

— Ela fez isso com cada um dos naguais de minha linha. Se olharmos para nós mesmos com isenção, temos de admitir que o desafiador da morte nos transformou, com seus dons, numa linha de feiticeiros muito indulgentes, muito dependentes.

Não pude mais deixar de lado sua inconsistência de linguagem, e reclamei:

— Você precisa falar sobre aquele feiticeiro como homem ou como mulher, não como as duas coisas — falei asperamente. — Estou muito tenso, e seu uso arbitrário dos gêneros me deixa ainda mais inquieto.

— Eu próprio estou muito inquieto — ele confessou. — Mas a verdade é que o desafiador da morte é as duas coisas: homem e mulher. Eu nunca fui capaz de observar com tranqüilidade a mudança daquele feiticeiro. Tinha certeza de que você acharia o mesmo, tendo-o visto primeiro como um homem.

Dom Juan lembrou-me de uma vez, anos antes, quando tinha me levado para conhecer o desafiador da morte e eu encontrei um homem; um índio estranho, que não era velho nem novo; de compleição muito franzina. Lembro-me principalmente de seu sotaque estranho, e do uso que fizera de uma metáfora antiga ao descrever o que supostamente vira. Ele disse: *mis ojos se pasearon...* meus olhos passearam... Por exemplo, ele disse “meus olhos passearam pelos capacetes dos conquistadores espanhóis”.

Para mim o evento fora tão rápido que eu sempre pensara no encontro como se tivesse durado alguns minutos. Mais tarde Dom Juan disse que eu ficara um dia inteiro com o desafiador da morte; um dia do qual não tive nenhuma consciência.

— O motivo pelo qual eu estava tentando descobrir, antes, se você sabia ou não o que estava acontecendo — prosseguiu Dom Juan

— foi porque pensei que há anos você tinha marcado um compromisso com o desafiador da morte.

— Está me dando um crédito indevido, Dom Juan. Neste momento eu nem sei se estou indo ou vindo. Mas o que lhe deu a idéia de que eu sabia?

— Parece que o desafiador da morte gostou de você. E isso significa, para mim, que ele pode já ter-lhe dado um dom de poder, apesar de você não se lembrar. Ou pode ter marcado um compromisso com ele, na forma de uma mulher. Eu até mesmo suspeitava de que ele houvesse dado indicações precisas.

Dom Juan observou que o desafiador da morte, sendo definitivamente uma criatura de hábitos rituais, sempre encontra os naguais de sua linha primeiro como homem, como aconteceu com o Nagual Sebastian, e depois como mulher.

— Por que chama os dons do desafiador da morte de dons de poder? E por que o mistério? — perguntei. — Você mesmo pode deslocar o ponto de aglutinação para onde quiser, não é?

— São chamados de dons de poder porque são produtos do conhecimento especializado dos feiticeiros antigos. O mistério sobre os dons é que ninguém na terra, com a exceção do desafiador da morte, pode nos dar uma amostra desse conhecimento. E, claro, eu posso deslocar meu ponto de aglutinação para onde quiser, dentro ou fora da forma energética humana. Mas o que não consigo, e somente o desafiador da morte consegue, é saber o que fazer com meu corpo energético em cada um desses pontos, com o objetivo de obter uma percepção total, uma coesão total.

Explicou então que os feiticeiros modernos não conhecem os detalhes dos milhares e milhares de posicionamentos possíveis do ponto de aglutinação.

— O que quer dizer com detalhes?

— Maneiras particulares de tratar o corpo energético para manter o ponto de aglutinação fixo em posições específicas.

Tomou o seu próprio caso como exemplo. Disse que o dom de

poder que o desafiador da morte lhe dera fora o posicionamento do ponto de aglutinação de um corvo, e os procedimentos para manipular seu corpo energético para obter a percepção total de um corvo. Dom Juan explicou que a percepção total, a coesão total, era o que os feiticeiros antigos buscavam a todo custo; e que no caso de seu dom de poder, a percepção total vinha através de um processo deliberado que ele precisou aprender, passo a passo, como aprendemos a operar uma máquina muito complexa.

Dom Juan explicou ainda que a maioria dos deslocamentos experimentados pelos feiticeiros modernos são deslocamentos intermediários dentro de um feixe de filamentos de energia luminosa no interior do ovo luminoso, um feixe chamado de faixa do homem, ou o aspecto puramente humano da energia do universo. Para além dessa faixa, mas ainda dentro do ovo luminoso, está o âmbito dos grandes deslocamentos. Quando o ponto de aglutinação se desloca para qualquer ponto daquela área a percepção continua sendo compreensível para nós, mas são necessários procedimentos extremamente detalhados para que a percepção não seja apenas compreensível, mas total.

— Os seres inorgânicos enganaram você e Carol Tiggs, em sua última viagem, ajudando vocês a obter a coesão total num grande deslocamento. Eles deslocaram seus pontos de aglutinação para o lugar mais distante possível, e em seguida ajudaram-nos a perceber aquele lugar como se estivessem no mundo cotidiano. Uma coisa quase impossível. Para ter esse tipo de percepção um feiticeiro precisa de conhecimento pragmático, ou de amigos influentes.

"No final seus amigos o trairiam, e deixariam você e Carol cuidando de si próprios e tentando descobrir medidas pragmáticas de sobreviver naquele mundo. Vocês dois terminariam completamente cheios de procedimentos pragmáticos, exatamente como os feiticeiros antigos mais cheios de conhecimento.

"Cada grande deslocamento tem um funcionamento interno diferente, que os feiticeiros modernos poderiam aprender se

soubessem como fixar o ponto de aglutinação por tempo suficiente em qualquer deslocamento grande — prosseguiu ele. — Somente os feiticeiros da antigüidade tinham o conhecimento específico necessário para fazer isso.

Dom Juan prosseguiu dizendo que o conhecimento dos processos específicos envolvidos nos deslocamentos não estava disponível aos oito naguais que precederam o Nagual Sebastian, e que o *inquilino* mostrou ao Nagual Sebastian como alcançar a percepção total em dez novos posicionamentos do ponto de aglutinação. O Nagual Santisteban recebeu sete, o Nagual Lujan cinqüenta, o Nagual Rosendo seis, o Nagual Elias dois, o Nagual Julian dezesseis, e ele ficou conhecendo dois; um total de noventa e cinco posicionamentos específicos do ponto de aglutinação que sua linhagem ficou conhecendo. Disse que, se eu lhe perguntasse se ele considerava isso uma vantagem para sua linhagem, ele diria que não, porque o peso desses dons colocava-os mais próximos da disposição dos feiticeiros antigos.

— Isso é terrivelmente sério. É nauseante.

— Simpatizo sinceramente com você — ele respondeu com expressão séria. — Sei que não serve como consolo eu dizer que este é o maior desafio de um nagual moderno. Enfrentar uma coisa tão antiga e misteriosa como o *inquilino* não é de causar espanto, e sim revolta. Pelo menos foi para mim, e ainda é.

— Por que eu tenho de continuar com isso, Dom Juan?

— Porque, sem saber, você aceitou o repto do desafiador da morte. Eu obtive uma aceitação sua durante seu aprendizado, do mesmo modo que meu professor obteve de mim, sub-repticiamente.

"Eu passei pelo mesmo horror, apenas de maneira um pouco mais brutal do que você — começou a rir. — O Nagual Julian gostava de pregar peças horríveis. Ele me disse que havia uma viúva muito linda e apaixonada, que estava louca por mim. O Nagual costumava me levar freqüentemente à igreja, e eu vira a mulher me encarando. Achei que era bonita. E eu era um jovem fogoso. Quando o Nagual

disse que ela gostava de mim, fui com tudo. Meu despertar foi bastante rude.

Tive de lutar para não rir do gesto de inocência perdida que Dom Juan fez. Então a idéia do apuro de Dom Juan me assaltou não como sendo engraçado, mas como chocante.

— Tem certeza, Dom Juan, que aquela mulher é o *inquilino?* — perguntei esperando, talvez, que fosse um engano ou uma piada ruim.

— Tenho. Muita certeza. E mesmo se eu fosse tão idiota para me esquecer do *inquilino,* minha *visão* não me enganaria.

— Quer dizer, Dom Juan, que o *inquilino* tem um tipo diferente de energia?

— Não, não um tipo diferente de energia, mas tem certamente características energéticas diferentes das de uma pessoa normal.

— Tem certeza absoluta, Dom Juan, de que aquela mulher e o *inquilino?* — insisti levado por estranha repulsa e medo.

— Aquela mulher é o *inquilino!* — Dom Juan exclamou numa voz que não admitia dúvidas.

Ficamos quietos. Esperei pelo próximo movimento, no meio de um pânico além de qualquer descrição.

— Já falei que ser um homem natural ou uma mulher natural é questão do posicionamento do ponto de aglutinação — disse Dom Juan. — Por natural quero dizer alguém que nasceu homem ou mulher. Para quem *vê,* a parte mais brilhante do ponto de aglutinação, no caso das mulheres, é virada para fora, e para dentro no caso dos homens. O ponto de aglutinação do *inquilino* era originalmente virado para dentro, mas ele mudou-o, girando-o e fazendo sua energia em forma de ovo parecer uma concha que se enrolou.

12

A MULHER NA IGREJA

Dom Juan e eu permanecemos sentados em silêncio. Fiquei sem perguntas e ele parecia ter dito tudo que era pertinente. Não podiam ser mais de seis horas, mas a *plaza* estava incomumente deserta. Era uma noite quente. Naquela cidade as pessoas costumavam passear ao redor da *plaza* todas as noites até dez ou onze horas.

Aproveitei um momento para reconsiderar o que estava acontecendo comigo. Meu tempo com Dom Juan estava terminando. Ele e seu grupo iriam realizar o sonho dos feiticeiros: deixar este mundo e entrar em dimensões inconcebíveis. Baseando-me em meu limitado sucesso no sonhar, eu acreditava que suas afirmações não eram ilusórias. Eram extremamente sóbrias, ainda que contrárias à razão. Eles buscavam a percepção do desconhecido, e conseguiram.

Dom Juan estava certo em dizer que, ao induzir um deslocamento sistemático do ponto de aglutinação, o sonhar libera a percepção, alargando o âmbito do que pode ser percebido. Para os feiticeiros de seu grupo o sonhar não apenas abrira as portas de outros mundos perceptíveis, mas havia-os preparado para entrar nessas esferas com total consciência. Para eles o sonhar tornara-se inefável, sem precedentes; algo a cuja natureza e cujo âmbito só se poderia aludir, como quando Dom Juan dizia que o sonhar era o portal para a luz e a escuridão do universo.

Só havia uma coisa pendente para eles: meu encontro com o

desafiador da morte. Eu lamentava que Dom Juan não tivesse me avisado para me preparar melhor. Mas ele era um nagual que fazia todas as coisas importantes impulsivamente, e sem qualquer aviso.

Por um momento eu parecia estar bem, sentado com Dom Juan no parque, esperando que as coisas acontecessem; mas então minha estabilidade emocional sofreu uma queda, e num piscar de olhos eu me vi em meio a um negro desespero. Fui assaltado por considerações mesquinhas sobre minha segurança, meus objetivos, minhas esperanças no mundo, minhas preocupações. Depois de algum exame, entretanto, tive de admitir que talvez minha única preocupação real fosse com minhas quatro companheiras no mundo de Dom Juan. Ainda que, se eu pensasse bem, nem mesmo isso era verdadeiro para mim. Dom Juan havia-as ensinado a ser o tipo de feiticeiras que sempre sabiam o que fazer; e, mais importante ainda, ele as havia preparado para sempre saber o que fazer com o que sabiam.

Tendo há muito afastado todos os motivos possíveis para minha angústia, o que restou foi a preocupação comigo mesmo. E me entreguei a ela sem qualquer vergonha. Uma última indulgência para a estrada: o medo de morrer nas mãos do desafiador da morte. Fiquei com tanto medo que senti o estômago enjoado. Tentei me desculpar, mas Dom Juan riu.

— Você não é a única pessoa a ter dor de barriga por causa do medo — falou. — Quando encontrei o desafiador da morte eu molhei as calças. Pode acreditar.

Esperei em silêncio durante um momento longo e insuportável.

— Está preparado? — ele perguntou.

Falei que sim, e ele acrescentou, levantando-se:

— Vamos então descobrir como você vai se portar na linha de tiro.

Foi na frente em direção à igreja. E por mais que eu tente, tudo que lembro hoje em dia daquela caminhada é que ele teve de me arrastar por todo o caminho. Mas não me lembro de chegar à igreja

ou de entrar nela. A próxima coisa que soube é que estava ajoelhado num banco de madeira, longo e desgastado, junto da mulher que eu vira antes. Ela sorria para mim. Olhei desesperado ao redor, tentando localizar Dom Juan, mas ele não estava à vista. Eu teria voado como um morcego fugindo do inferno se a mulher não me impedisse, agarrando meu braço.

— Por que você deveria estar com tanto medo da pobrezinha de mim? — ela me perguntou em inglês.

Fiquei grudado no lugar onde me ajoelhara. O que me envolveu total e imediatamente foi sua voz. Não consigo descrever o que, no som rouco de sua voz, tocava minhas lembranças mais recônditas. Era como se eu sempre conhecesse aquela voz.

Fiquei ali, imóvel, hipnotizado pelo som. Ela me perguntou outra coisa em inglês, mas não consegui entender. Ela sorriu, compreensiva.

— Tudo bem — sussurrou em espanhol. Estava ajoelhada ao meu lado. — Eu compreendo o verdadeiro medo. Vivo com ele.

Eu ia falar quando ouvi a voz do emissário em meu ouvido:

— É a voz de Hermelinda, sua ama-de-leite.

A única coisa que eu sabia sobre Hermelinda era a história que me contaram, que ela fora acidentalmente morta por um caminhão desgovernado. Era uma coisa chocante, para mim, a voz da mulher remexer lembranças tão profundas e antigas. Por um momento experimentei uma ansiedade agonizante.

— Eu sou a sua ama-de-leite! — a mulher exclamou em tom suave. — Que extraordinário! Quer o meu peito? — O riso sacudiu-lhe o corpo.

Fiz um esforço supremo para permanecer calmo, mas sabia que estava rapidamente perdendo terreno e que a qualquer momento iria abandonar os sentidos.

— Não ligue para minha brincadeira — disse ela em voz baixa. — A verdade é que eu gosto muito de você. Você está borbulhando de energia. E nós vamos nos dar muito bem.

Dois homens mais velhos se ajoelharam na nossa frente. Um deles virou-se curiosamente para nos olhar. Ela não prestou atenção e continuou sussurrando em meu ouvido.

— Deixe-me segurar sua mão — pediu. Mas seu pedido parecia uma ordem. Entreguei minha mão, incapaz de negar. — Obrigada. Obrigada pela confiança e por acreditar em mim — ela sussurrou.

O som de sua voz estava me deixando louco. Sua rouquidão era tão exótica, tão absolutamente feminina! Em nenhuma situação eu a tomaria pela voz de um homem buscando soar feminino. Era uma voz rouca, mas não gutural ou áspera. Era mais como o som de pés descalços andando suavemente sobre cascalho.

Fiz um esforço tremendo para romper um lençol invisível de energia que parecia ter-me envolvido. Achei que conseguira. Levantei-me, pronto para ir embora; e teria ido, se a mulher também não houvesse levantado e sussurrado em meu ouvido:

— Não fuja. Tenho muita coisa para lhe contar.

Sentei-me automaticamente, preso pela curiosidade. Estranhamente, minha ansiedade se fora de súbito e meu medo também. Cheguei a ter presença bastante para perguntar:

— Você é realmente uma mulher?

Ela riu baixinho, como uma garotinha. Em seguida falou uma frase tortuosa:

— Se você ousa pensar que eu me transformaria num homem terrível e lhe causaria mal, está gravemente enganado — falou acentuando ainda mais aquela voz estranha e hipnotizante. — Você é meu benfeitor, e eu sou sua serva, como fui de todos os naguais que o precederam.

Reunindo toda a força que pude, abri-lhe minha mente.

— Você é bem-vinda à minha energia — falei. — É minha doação para você, mas não quero que me dê qualquer dom de poder. E realmente estou falando sério.

— Não posso tomar sua energia de graça — ela sussurrou. — Eu pago pelo que recebo, este é o acordo. É idiotice dar sua energia

de graça.

— Eu fui um idiota toda a minha vida. Pode acreditar. Certamente posso me dar ao luxo de lhe fazer uma doação. Não tenho problema com isso. Você precisa da energia, tome-a. Mas eu não preciso ser atrelado com coisas desnecessárias. Não tenho nada, e adoro isso.

— Talvez — ela disse pensativa.

Agressivamente perguntei se ela estava querendo dizer que talvez tomaria minha energia ou que não acreditava que eu não tinha nada e adorava isso.

Ela riu deliciada, e disse que poderia tomar minha energia, já que eu estava oferecendo-a tão generosamente. Mas que tinha de fazer um pagamento. Tinha de me dar uma coisa de valor semelhante.

Enquanto a ouvia falar, percebi que era um espanhol com um sotaque estrangeiro muito extravagante. Ela consistentemente acrescentava fonemas extras à sílaba do meio de cada palavra. Nunca na vida eu ouvira alguém falar assim.

— Seu sotaque é extraordinário — falei. — De onde é?

— De quase a eternidade — ela disse e suspirou.

Havíamos começado a fazer contato. Entendi por que suspirou. Ela era a coisa mais próxima da permanência, enquanto eu era temporário. Essa era a minha vantagem. O desafiador da morte tinha se metido num canto apertado, e eu estava livre.

Examinei-a atentamente. Ela parecia estar entre trinta e cinco e quarenta anos de idade. Era uma mulher morena, completamente índia; quase robusta, mas não gorda nem mesmo pesada. Eu podia ver que a pele de seus braços e de suas mãos era lisa; os músculos firmes e jovens. Avaliei que tivesse um metro e sessenta e sete, um metro e setenta, de altura. Usava um vestido comprido, um xale preto e *guaraches.* Em sua posição ajoelhada eu podia ver os calcanhares lisos e parte das pernas fortes. A cintura era fina. Tinha seios grandes que não podia ou não queria esconder sob o xale. O

cabelo era negríssimo e preso numa trança longa. Não era bonita, tampouco sem graça. Suas feições não eram nem um pouco notáveis. Eu sentia que ela não atrairia a atenção de ninguém, exceto pelos olhos, que mantinha baixos, ocultos sob os cílios. Seus olhos eram magníficos, claros, pacíficos. Afora os de Dom Juan, eu nunca vira olhos mais brilhantes, mais vivos.

Seus olhos me deixaram completamente à vontade. Olhos como aqueles não podiam ser malévolos. Tive uma onda de confiança e otimismo, e o sentimento de que a conhecera por toda a vida. Mas também estava muito cônscio de outra coisa: minha instabilidade emocional. Ela sempre me assolara no mundo de Dom Juan, forçando-me a agir como um ioiô. Tinha momentos de total confiança e discernimento seguidos por dúvidas e desconfianças abjetas. Esse caso não iria ser diferente. Minha mente suspeitosa veio de súbito com o aviso de que eu estava caindo no feitiço da mulher.

— Você aprendeu espanhol tarde na vida, não foi? — falei só para sair de meus pensamentos e evitar que ela os lesse.

— Somente ontem — ela respondeu e soltou um riso cristalino. Seus dentes pequenos, estranhamente brancos, brilhavam como uma fieira de pérolas.

As pessoas se viraram para nos olhar. Baixei a cabeça como se estivesse rezando profundamente. A mulher chegou mais perto de mim.

— Existe algum lugar onde possamos conversar? — perguntei.

— Estamos conversando aqui — ela disse. — Conversei aqui com todos os naguais de sua linha. Se você sussurrar ninguém vai saber que estamos conversando.

Eu estava morrendo de vontade de perguntar sobre sua idade. Mas uma lembrança ajuizada veio me salvar. Lembrei-me de um amigo que, durante anos, vinha colocando todo tipo de armadilha para que eu confessasse minha idade. Eu detestava seus interesses mesquinhos, e agora estava quase entrando no mesmo comportamento. Abandonei-o instantaneamente.

Quis falar com ela sobre isso, só para manter a conversa. Ela parecia saber o que se passava em meu pensamento. Balançou meu braço num gesto amigável, como se dissesse que tínhamos compartilhado um pensamento.

— Em vez de me dar um dom, você pode me contar uma coisa que me ajude em meu caminho? — perguntei.

Ela balançou a cabeça negativamente.

— Não. Nós somos extremamente diferentes. Mais diferentes do que eu acreditava ser possível.

Levantou-se e deslizou de lado para fora do banco. Ajoelhou-se destramente ao passar diante do altar principal. Persignou-se e fez um sinal para que eu a acompanhasse até um grande altar lateral, à nossa esquerda.

Ajoelhamo-nos diante de um crucifixo de tamanho real. Antes de eu ter tempo de dizer qualquer coisa, ela falou:

— Eu vivo há muito, muito tempo. O motivo de ter essa vida tão longa é que controlo os deslocamentos e os movimentos de meu ponto de aglutinação. Além disso não fico aqui em seu mundo por muito tempo. Preciso economizar a energia que consigo com os naguais de sua linha.

— Como é existir em outros mundos? — perguntei.

— É como em seu sonhar, só que tenho mais mobilidade. E posso ficar por mais tempo onde quiser. Do mesmo modo que você poderia ficar o quanto quisesse em qualquer um de seus sonhos.

— Quando você está neste mundo, fica presa somente a esta área?

— Não. Eu vou aonde quero.

— E sempre vai como uma mulher?

— Eu já fui mulher por mais tempo do que homem. Definitivamente, eu gosto muito mais. Acho que quase me esqueci de como é ser homem. Sou completamente mulher!

Pegou minha mão e me fez tocar entre suas pernas. Meu coração batia na garganta. Era realmente uma mulher.

— Eu simplesmente não posso pegar sua energia — disse ela mudando de assunto. — Precisamos fazer outro tipo de acordo.

Nesse momento outra onda de raciocínio mundano me assolou. Quis perguntar onde ela vivia quando estava neste mundo. Não precisei verbalizar a pergunta para obter resposta.

— Você é muito, muito mais jovem do que eu — falou. — E já tem dificuldade para contar às pessoas onde vive. E mesmo que as levasse à casa que você possui ou pela qual paga aluguel, isso não é onde você vive.

— Há tantas coisas que eu queria lhe perguntar, mas só consigo ter pensamentos estúpidos — falei.

Eu não apenas tinha pensamentos estúpidos, mas me encontrava num estado de tamanha sugestionabilidade que nem bem ela terminou de dizer que eu sabia o que ela sabia, e senti que sabia tudo, e que não precisava fazer mais nenhuma pergunta. Rindo, falei a ela de minha credulidade.

— Você não é crédulo — ela me assegurou com autoridade. — Você sabe tudo porque agora está totalmente na segunda atenção. Olhe ao redor!

Por um instante não pude focalizar a vista. Era exatamente como se estivesse com água nos olhos. Quando organizei a visão, percebi que havia ocorrido algo portentoso. A igreja era diferente, mais escura, mais soturna e, de algum modo, mais dura. Levantei-me e dei dois passos em direção à nave. O que me atraiu os olhos foram os bancos; não eram feitos de tábuas, mas de troncos finos e retorcidos. Eram bancos feitos a mão, colocados dentro de um magnífico edifício de pedras. Também a luz da igreja era diferente. Era amarelada, e seu brilho fraco lançava as sombras mais negras que eu já vira. Vinha das velas dos muitos altares da igreja. Tive uma noção de como a luz das velas se adequava bem às paredes maciças de pedra e aos ornamentos de uma igreja colonial.

A mulher me encarava, e o brilho de seus olhos era ainda mais notável. Eu soube então que estava sonhando, e que ela dirigia o

sonho. Mas não tive medo dela nem do sonho.

Afastei-me do altar lateral e olhei de novo para a nave da igreja. Havia pessoas ajoelhadas em oração. Muitas pessoas; estranhamente pequenas, morenas, duras. Pude ver suas cabeças baixas ocupando todo o espaço, desde o altar principal. As de perto me olhavam, obviamente, com ar desaprovador. Eu estava boquiaberto com elas e com todo o resto. Mas não conseguia ouvir qualquer ruído. As pessoas se movimentavam, mas não havia nenhum som.

— Não consigo ouvir nada — falei para a mulher; e minha voz soou, ecoando como se a igreja fosse uma concha vazia.

Praticamente todas as cabeças viraram em minha direção. A mulher me puxou de volta para a escuridão do altar lateral.

— Você ouvirá, se não escutar com os ouvidos — disse ela. — Ouça com sua atenção sonhadora.

Parecia que eu só precisava de sua insinuação. Fui subitamente envolto pelo zumbido de uma multidão rezando. Num instante me senti arrebatado. Descobri que aquele era o som mais exótico que eu já ouvira. Quis falar sobre isso com a mulher, mas ela não estava ao meu lado. Procurei-a. Ela praticamente chegara à porta. Virou-se sinalizando para que eu a seguisse. Alcancei-a no átrio. As luzes da rua haviam desaparecido. A única iluminação era a luz da lua. A fachada da igreja também era diferente; inacabada. Blocos quadrados de pedra calcária estavam espalhados. Não havia casas ou prédios em volta da igreja. À luz da lua a cena era fantasmagórica.

— Aonde vamos? — perguntei.

— A lugar nenhum. Simplesmente viemos aqui para ter mais espaço, mais privacidade. Aqui podemos falar até cansar.

Pediu que eu sentasse num pedaço de pedra calcária meio cinzelada.

— A segunda atenção tem tesouros infinitos para ser descobertos — começou. — O posicionamento inicial em que o sonhador coloca seu corpo é de importância vital. E exatamente

nisso está o segredo dos feiticeiros antigos, que já eram antigos na minha época. Pense nisso.

Ela sentou-se tão perto que senti o calor de seu corpo. Colocou um braço ao redor de meu ombro e me apertou contra o peito. Seu corpo tinha uma fragrância extremamente peculiar; lembrava-me árvores ou artemísia. Não que ela estivesse usando perfume; todo o corpo parecia exalar aquele odor característico de florestas de pinheiros. Além disso o calor de seu corpo não era como o meu ou como o de qualquer outra pessoa que eu conhecesse. Era um calor suave, mentolado, até mesmo equilibrado. O pensamento que me veio foi que seu calor pressionaria continuamente, mas sem pressa.

Então ela começou a sussurrar em meu ouvido esquerdo. Disse que os dons que proporcionara aos naguais de minha linhagem tinham a ver com o que os feiticeiros antigos chamavam de posições gêmeas. Isto é, a posição inicial em que o sonhador coloca o corpo para começar a sonhar é espelhada pela posição em que ele coloca o corpo energético, nos sonhos, para fixar seu ponto de aglutinação em qualquer local de sua escolha. As duas posições formam uma unidade, disse ela, e os feiticeiros antigos levaram milhares de anos para descobrir o relacionamento perfeito entre duas posições quaisquer. Comentou, com um risinho, que os feiticeiros de hoje em dia nunca terão tempo nem disposição para fazer todo esse trabalho, e que os homens e as mulheres de minha linha eram felizardos por terem-na para dar esses dons. Seu riso teve um som notável, cristalino.

Eu não entendera direito sua explicação sobre as posições gêmeas. Falei, cheio de audácia, que não queria praticar esse tipo de coisa, mas apenas saber delas como possibilidades intelectuais.

— O que, exatamente, você quer saber? — ela perguntou em voz suave.

— Explique o que quer dizer com posições gêmeas, ou com a posição inicial em que o sonhador coloca seu corpo para começar a sonhar.

— Como você se deita para começar seu sonhar?

— De qualquer jeito. Não tenho um padrão. Dom Juan nunca enfatizou esse ponto.

Ela mudou de posição. Sentou-se à minha direita e sussurrou em meu outro ouvido que, de acordo com o que ela sabia, a posição em que colocamos o corpo é de importância fundamental. Propôs um meio muito fácil de testar isso realizando um exercício extremamente delicado, porém simples.

— Comece o seu sonhar deitando sobre o lado direito, com os joelhos um pouco dobrados. A disciplina é manter essa posição e cair no sono estando nela. No sonhar, então, o exercício é sonhar que está deitado exatamente na mesma posição e cair no sono de novo.

— O que isso faz? — perguntei.

— Faz o ponto de aglutinação ficar fixo, e estou querendo dizer realmente fixo, em qualquer posicionamento em que ele estiver no instante em que você cair no sono pela segunda vez.

— Quais são os resultados desse exercício?

— A percepção total. Tenho certeza de que seus professores já lhe disseram que meus presentes são dons de percepção total, não disseram?

— Disseram. Mas acho que, para mim, não está claro o que seja a percepção total.

Ela me ignorou e prosseguiu, dizendo que as quatro variações do exercício eram: cair no sono deitado sobre o lado direito, sobre o esquerdo, as costas e o estômago. E, no sonhar, o exercício era sonhar que estava caindo no sono uma segunda vez na mesma posição em que o sonhar começara. Prometeu resultados extraordinários que, segundo ela, não se poderia prever.

Mudou abruptamente de assunto e me perguntou:

— Qual é o dom que você deseja?

— Nada de dom para mim. Já falei.

— Eu insisto. Eu preciso oferecer um dom e você precisa aceitar. Esse é o nosso acordo.

— Nosso acordo é eu lhe dar energia. Então pegue. Isso é por minha conta. Meu presente para você.

A mulher pareceu aturdida. E persisti dizendo que não tinha problema que ela tomasse minha energia. Até mesmo disse que gostava imensamente dela. Naturalmente estava falando a sério. Havia nela alguma coisa extremamente triste e, ao mesmo tempo, muito atraente.

— Vamos voltar para a igreja — ela murmurou.

— Se quer de fato me dar um presente — falei — me leve para um passeio nesta cidade, à luz da lua.

Ela balançou a cabeça afirmativamente.

— Desde que você não diga nem uma palavra.

— Por que não? — perguntei, mas já sabia a resposta.

— Porque estamos sonhando. Isso fará você entrar mais fundo em meu sonho.

Explicou que, enquanto ficássemos na igreja, eu teria energia suficiente para pensar e conversar, mas que além das fronteiras da igreja era outra situação.

— Por que isso? — perguntei ousado.

Num tom extremamente sério, que não somente aumentou sua estranheza mas me aterrorizou, a mulher disse:

— Porque não existe lá fora. Isto é um sonho. Você está no quarto portão do sonhar, sonhando meu sonho.

Falou que sua arte era ser capaz de projetar seu intento, e que tudo que eu via ao redor era seu intento. Disse num sussurro que a igreja e a cidade eram resultados de seu intento; elas não existiam, mas existiam. Acrescentou, olhando em meus olhos, que esse é um dos mistérios de intentar na segunda atenção as posições gêmeas do sonhar. Pode ser feito, mas não pode ser explicado ou compreendido.

Contou então que veio de uma linha de feiticeiros que sabiam como se movimentar na segunda atenção projetando seu intento. Os feiticeiros de sua linha praticavam a arte de projetar seus pensamentos no sonhar, com o objetivo de realizar a reprodução fiel

de qualquer objeto, estrutura, paisagem ou cenário de sua escolha.

Disse que os feiticeiros de sua linha costumavam começar olhando para um objeto simples, memorizando cada detalhe. Em seguida fechavam os olhos, visualizavam o objeto e corrigiam sua visualização comparando com o objeto real, até que podiam vê-lo em sua totalidade, com os olhos fechados.

A etapa seguinte em seu esquema de desenvolvimento era sonhar com o objeto e criar no sonho, do ponto de vista de sua percepção, uma materialização total do objeto. Esse ato, segundo a mulher, era chamado de primeiro passo para a percepção total.

A partir de um objeto simples, aqueles feiticeiros passavam a usar itens cada vez mais complexos. Seu objetivo final era todos juntos visualizarem um mundo inteiro; em seguida sonhar esse mundo e, assim, recriar um lugar totalmente verídico onde poderiam existir.

— Quando algum dos feiticeiros de minha linha conseguia fazer isso — prosseguiu a mulher — ele podia colocar qualquer pessoa em seu intento, em seu sonho. É isso que estou fazendo agora com você, e o que fiz com todos os naguais de sua linha.

Ela deu um risinho.

— É melhor acreditar. Populações inteiras desapareceram, sonhando assim. É por isso que eu disse que esta igreja e esta cidade são um dos mistérios de intentar na segunda atenção.

— Disse que populações inteiras desapareceram assim. Como é possível?

— Eles visualizavam e em seguida recriavam nos sonhos o mesmo cenário — ela respondeu. — Você nunca visualizou nada, de modo que para você é muito perigoso entrar em meu sonho.

Avisou que é perigoso atravessar o quarto portão e viajar para lugares que só existem no intento de outra pessoa, já que cada item de um sonho desses é um item absolutamente pessoal.

— Ainda quer ir? — perguntou.

Falei que sim. E ela me contou mais sobre as posições gêmeas.

A essência de sua explicação foi a seguinte: se eu estivesse, por exemplo, sonhando com minha cidade natal e se meu sonho tivesse começado quando eu estava deitado sobre o lado direito, eu poderia facilmente ficar na cidade do sonho, se deitasse do lado direito, naquele sonho, e sonhasse que havia caído no sono. O segundo sonho não seria necessariamente com minha cidade natal, mas seria o sonho mais concreto que se possa imaginar.

Ela acreditava que, em meus treinamentos de sonhar, eu devia ter tido incontáveis sonhos de grande concretude, mas assegurou-me que todos eles eram forçosamente falsos. Porque o único meio de ter controle absoluto sobre os sonhos era usando a técnica das posições gêmeas.

— E não me pergunte por quê — acrescentou. — Simplesmente é assim. Como tudo.

Fez com que eu me levantasse, e de novo me alertou para não falar nem me afastar dela. Tomou gentilmente minha mão, como se eu fosse uma criança, e foi na direção de um agrupamento de silhuetas escuras de casas. Estávamos numa rua calçada com pedras. Pedras de rio que haviam sido socadas no chão. A pressão desigual criara superfícies desiguais. Parecia que quem fizera o calçamento havia seguido os contornos do solo sem se preocupar em nivelá-lo.

As casas eram grandes, caiadas de branco. Construções de um andar, empoeiradas e cobertas de telhas. Havia pessoas andando em silêncio. Sombras escuras dentro das casas davam a sensação de vizinhos curiosos porém assustados fofocando por trás das portas. Eu podia ver também as montanhas baixas atrás da cidade.

Contrariamente ao que acontecera o tempo todo em meu sonhar, meus processos mentais não estavam alterados. Os pensamentos não eram empurrados pela força dos eventos do sonho. E os cálculos mentais diziam que eu me encontrava na versão de sonho da mesma cidade onde Dom Juan vivia, mas numa época diferente. Minha curiosidade estava no auge. Eu me encontrava de

fato com o desafiador da morte, dentro de seu sonho. Quis observar tudo, ficar superalerta. Queria testar tudo *vendo* energia. Fiquei embaraçado, mas a mulher apertou minha mão como um sinal de que concordava.

Ainda me sentindo absurdamente tímido, verbalizei em voz alta meu intento de *ver.* Em meus exercícios de sonhar eu vinha usando sempre a frase: "Quero *ver* energia." Algumas vezes eu precisava repetir e repetir até obter resultado. Dessa vez, na cidade de sonho da mulher, assim que comecei a repetir do modo usual ela começou a rir. Seu riso era como o de Dom Juan: um riso profundo e abandonado, de sacudir a barriga.

— O que é tão engraçado? — perguntei meio contagiado por sua alegria.

— Juan Matus não gosta dos feiticeiros antigos em geral, e de mim em particular — ela disse entre jorros de riso. — Tudo que precisamos fazer, para *ver* nos sonhos, é apontar o dedo mindinho para o item que desejamos *ver.* Fazer você gritar assim em meu sonho é o modo dele me mandar sua mensagem. É preciso admitir que ele é realmente esperto. — Parou por um instante e em seguida disse em tom de revelação: — Claro que gritar feito um idiota também funciona.

O senso de humor dos feiticeiros me espantava além da conta. Ela parecia incapaz de continuar conversando, de tanto que ria. Senti-me estúpido. Quando ela se acalmou e ficou de novo perfeitamente controlada, disse educadamente que eu poderia apontar para qualquer coisa que quisesse em seu sonho, inclusive para ela mesma.

Apontei com o dedo mínimo da mão esquerda para uma casa. Não havia energia nela. Era como qualquer outro item de um sonho comum. Apontei para tudo ao redor, com o mesmo resultado.

— Aponte para mim — ela insistiu. — Você deve confirmar que este é o método que os sonhadores usam para *ver.*

Ela estava absolutamente certa. Aquele era o método. No

instante em que apontei o dedo mínimo ela virou uma bolha de energia. Uma bolha de energia muito peculiar, devo dizer. Sua forma energética era exatamente como Dom Juan descrevera: parecia uma enorme concha do mar, enrolada para dentro ao longo de uma fenda que corria por toda a sua extensão.

— Sou o único ser gerador de energia neste sonho — falou. — Então, a coisa certa para você fazer é simplesmente observar tudo.

Naquele momento fui golpeado, pela primeira vez, pela imensidão da piada de Dom Juan. Ele me fizera aprender a gritar no sonho de modo que eu pudesse gritar na privacidade do sonho do desafiador da morte. Achei esse toque tão engraçado que o riso saiu de mim em ondas sufocantes.

— Vamos continuar o passeio — a mulher disse em voz baixa quando meu riso se esgotou.

Só havia duas ruas, que se cruzavam. Cada uma tinha três quarteirões de casas. Andamos toda a extensão das duas ruas, não uma, mas quatro vezes. Olhei para tudo, e com minha atenção sonhadora prestei atenção a todo tipo de ruído. Havia muito pouco, apenas cães latindo a distância, ou pessoas falando em sussurros enquanto passávamos.

Os cães latindo me provocaram uma saudade estranha e profunda. Precisei parar de andar. Busquei alívio encostando o ombro numa parede. O contato foi chocante. Não porque a parede fosse incomum, mas porque aquilo em que eu me encostava era uma parede sólida, como qualquer outra parede que eu já tocara. Senti-a com a mão que estava livre. Corri os dedos pela superfície áspera. Era mesmo uma parede.

Sua realidade atordoante pôs um fim imediato em minha saudade e renovou o interesse em observar tudo. Eu estava procurando, especificamente, características que podiam estar relacionadas com a cidade de meus dias. Entretanto, não importando o quão atentamente eu observasse, não obtinha qualquer sucesso. Havia uma *plaza* naquela cidade, mas ficava na frente da igreja,

diante do átrio.

À luz da lua, as montanhas ao redor da cidade eram claramente visíveis e quase reconhecíveis. Tentei me orientar, observando a lua e as estrelas, como se estivesse na realidade consensual da vida cotidiana. Era uma lua minguante, talvez um dia depois da crescente. Estava bem alta acima do horizonte. Pude ver Órion à direita da lua; suas duas estrelas principais, Betelgeuse e Rigel, formavam uma horizontal com a lua. Avaliei que fosse início de dezembro. Meu tempo era maio. Em maio, naquela época, Órion não estava à vista. Olhei para a lua o quanto pude. Nada mudou. Até onde eu poderia dizer, era a lua mesmo. A disparidade de tempo me deixou muito agitado.

Enquanto examinava o horizonte sul, pensei que podia distinguir o mesmo pico em forma de sino que era visível do quintal de Dom Juan. Tentei em seguida descobrir onde sua casa poderia ter estado. Por um instante pensei ter descoberto. Instantaneamente fui possuído por uma tremenda ansiedade. Soube que precisava voltar à igreja porque, se não o fizesse, cairia morto ali. Virei-me e fui na direção da igreja. A mulher rapidamente me agarrou a mão e foi atrás.

Enquanto nos aproximávamos quase correndo, percebi que a cidade naquele sonho estava atrás da igreja. Se eu tivesse levado isso em consideração, talvez pudesse me orientar. Do jeito que a coisa ia, eu não tinha mais atenção sonhadora. Concentrei-a toda nos detalhes arquitetônicos e ornamentais da parte de trás da igreja. Eu nunca vira aquela parte do prédio no mundo da vida cotidiana, e achei que, se pudesse gravar suas características na memória, talvez pudesse comparar mais tarde com os detalhes da igreja real.

Esse foi o plano que imaginei no calor do momento. Mas alguma coisa dentro de mim zombou de meus esforços de confirmação. Durante todo o meu aprendizado eu me atormentara com a necessidade de objetividade que me forçara a conferir e reconferir tudo que havia no mundo de Dom Juan. Entretanto não

era a confirmação que estava em jogo, mas a necessidade de usar esse impulso de objetividade como uma bengala que me protegesse nos momentos de distúrbio cognitivo mais intenso; depois, quando chegava a hora de checar o que eu verificara, eu nunca o fazia.

Dentro da igreja a mulher e eu nos ajoelhamos no pequeno altar da esquerda, onde havíamos estado, e no instante seguinte acordei na igreja iluminada de minha época.

A mulher persignou-se e se levantou. Fiz o mesmo automaticamente. Ela pegou meu braço e começou a andar em direção à porta.

— Espere, espere! — falei, surpreso de ainda poder falar. Não conseguia pensar claramente, mas queria fazer uma pergunta difícil. O que eu queria saber é como alguém poderia ter energia para visualizar cada detalhe de uma cidade inteira.

Sorrindo, a mulher respondeu minha pergunta não-verbalizada: disse que era muito boa em visualizar, porque depois de toda uma vida fazendo isso, ela tivera o tempo de muitas, muitas vidas para aperfeiçoá-lo. Acrescentou que a cidade que eu visitara e a igreja onde havíamos conversado eram exemplos de suas visualizações recentes. A igreja era a mesma onde Sebastian fora sacristão. Ela se propusera a tarefa de memorizar cada detalhe de cada canto daquela igreja e da cidade devido à necessidade de sobreviver.

Terminou a fala com uma observação perturbadora.

— Como você sabe um bocado sobre essa cidade, mesmo nunca tendo tentado visualizá-la, está me ajudando a intentá-la. Aposto que você não acreditará se eu disser que esta cidade para a qual está olhando não existe realmente fora de seu intento e do meu.

Encarou-me e riu de meu sentimento de horror, já que eu acabara de perceber totalmente o que ela dizia.

— Ainda estamos sonhando? — perguntei atônito.

— Estamos — falou. — Mas este sonhar é mais real do que o outro, porque você está me ajudando. Não é possível explicar isso,

além de dizer que está acontecendo. Como tudo o mais. — Ela apontou ao redor. — Não é possível dizer como isso acontece, mas acontece. Lembre-se sempre do que eu disse: este é o mistério de intentar na segunda atenção.

Puxou-me suavemente para perto.

— Vamos passear até a *plaza* deste sonho. Mas talvez eu deva me arrumar um pouquinho, para você ficar mais à vontade.

Olhei sem compreender enquanto ela, com enorme destreza, mudava de aparência. Fez isso com manobras muito simples, comuns. Tirou a saia comprida, revelando a saia de comprimento médio que estava usando por baixo. Em seguida enrolou a trança comprida num coque; trocou os *guaraches* por sapatos com três centímetros de salto, que tirou de uma pequena bolsa de pano. Virou pelo avesso o xale reversível e ficou com uma estola bege. Parecia uma típica mulher mexicana de classe média, vindo da cidade grande, talvez numa visita àquele lugarejo.

Pegou meu braço com uma segurança feminina e guiou-me em direção à *plaza.*

— O que aconteceu com sua língua? — falou em inglês. — O gato comeu?

Eu estava totalmente absorto com a possibilidade impensável de que ainda continuava num sonho; e o que é mais, estava começando a acreditar que, se fosse verdade, eu corria o risco de nunca acordar.

Num tom indiferente, que não consegui reconhecer como meu, falei:

— Até agora eu não tinha me conscientizado de que você havia falado antes em inglês. Onde aprendeu?

— No mundo. Eu falo muitas línguas. — Parou e me examinou. — Tive tempo suficiente para aprender. Como vamos passar muito tempo juntos, algum dia vou ensinar minha língua a você — ela riu, sem dúvida de meu ar desesperado.

Parei de andar.

— Vamos passar muito tempo juntos? — perguntei traindo meus sentimentos.

— Claro — ela respondeu num tom alegre. — Você vai, e devo dizer que muito generosamente, me dar sua energia de graça. Você mesmo disse isso, não foi?

Eu estava pasmo.

— Qual é o problema? — a mulher perguntou, voltando para o espanhol. — Não diga que se arrependeu da decisão. Nós somos feiticeiros. É tarde demais para mudar de idéia. Não está com medo, está?

Eu estava mais do que aterrorizado, mas se me pedissem para descrever na hora o que me aterrorizava, eu não saberia. Certamente não estava com medo de me encontrar em outro sonho com o desafiador da morte, ou de perder a mente ou mesmo a vida. Estaria com medo do mal? — perguntei-me. Mas o pensamento do mal não suportaria um exame. Em resultado de todos aqueles anos no caminho dos feiticeiros, eu sabia sem sombra de dúvida que no universo só existe energia; o mal é simplesmente uma concatenação da mente humana, esmagada pela fixação do ponto de aglutinação em seu posicionamento habitual. Em termos lógicos não havia nada de que eu pudesse ter medo. Sabia disso, mas também sabia que minha fraqueza real era não ter fluidez para fixar meu ponto de aglutinação instantaneamente em qualquer posicionamento novo para o qual ele fosse deslocado. O contato com o desafiador da morte estava deslocando meu ponto de aglutinação numa taxa tremenda, e eu não tinha a capacidade para me adaptar ao empuxo. O resultado era uma vaga pseudo-sensação de medo de que eu não pudesse acordar.

— Não há problema — falei. — Vamos continuar nosso passeio no sonho.

Ela grudou o braço ao meu e chegamos em silêncio ao parque. Não era em absoluto um silêncio forçado. Mas minha mente corria em círculos. Que estranho, pensei; há pouquíssimo tempo eu tinha

andado com Dom Juan do parque até a igreja, no meio do medo normal mais aterrorizante. Agora estava voltando da igreja ao parque com o objeto de meu medo, e estava mais aterrorizado do que nunca, mas de um modo diferente, mais maduro, mais mortal.

Para aliviar minhas preocupações, comecei a olhar ao redor. Se isso era um sonho, como eu acreditava, havia um meio de provar ou negá-lo. Apontei o dedo para as casas, para a igreja, para o calçamento da rua. Apontei para pessoas, a quem eu parecia assustar consideravelmente. Senti sua massa. Eram tão reais quanto qualquer coisa que considero real, só que não geravam energia. Nada naquela cidade gerava energia. Tudo parecia verdadeiro e normal, e mesmo assim era um sonho.

Virei-me para a mulher, que estava agarrada ao meu braço, e questionei-a a respeito.

— Nós estamos sonhando — ela disse em sua voz rouca, e deu um risinho.

— Como as pessoas ao nosso redor podem ser tão reais, tão tridimensionais?

— É o mistério de intentar na segunda atenção! — ela exclamou reverente. — Essas pessoas aí são tão reais que têm até pensamentos.

Aquele foi o golpe final. Não quis questionar mais nada. Quis me abandonar àquele sonho. Um repelão forte em meu braço me trouxe de volta ao momento. Havíamos chegado à *plaza.* A mulher parara de andar e estava me puxando para que eu sentasse num banco. Eu soube que estava com problema quando não senti o banco. Comecei a girar. Estou subindo, pensei. Captei um vislumbre rapidíssimo do parque como se estivesse olhando de cima.

— É agora! — gritei. Achei que estava morrendo. A subida em giros transformou-se numa descida em redemoinho, indo para a escuridão.

13

VOANDO NAS ASAS DO INTENTO

— Faça um esforço, Nagual — uma voz de mulher insistiu comigo. — Não afunde. Venha à superfície. Use suas técnicas de sonhar!

Minha mente começou a entrar em funcionamento. Achei que fosse a voz de alguém que falasse inglês, e também pensei que, se fosse usar técnicas de sonhar, teria de descobrir um ponto de partida para me energizar.

— Abra os olhos — disse a voz. — Abra agora. Use como ponto de partida a primeira coisa que enxergar.

Fiz um esforço supremo e abri os olhos. Vi árvores e céu azul. Era dia! Um rosto desfocado me examinava. Mas eu não conseguia focalizar os olhos. Achei que fosse a mulher da igreja olhando para mim.

— Use meu rosto — disse a voz. Era uma voz familiar, mas eu não pude identificá-la. — Transforme meu rosto em sua base de apoio; depois olhe para tudo.

Meus ouvidos estavam clareando, e meus olhos também. Fixei o rosto da mulher, e em seguida as árvores do parque, o banco de ferro batido, as pessoas andando, e de volta o seu rosto.

A despeito de seu rosto mudar a cada vez que eu o olhava, comecei a experimentar um mínimo de controle. Quando recuperei um pouco das minhas faculdades, percebi que havia uma mulher sentada no banco, segurando minha cabeça no colo. E não era a

mulher da igreja; era Carol Tiggs.

— O que está fazendo aqui? — falei com voz entrecortada.

Meu pavor e minha surpresa eram tão intensos que desejei saltar e sair correndo, mas meu corpo não seguia o comando da consciência mental. Seguiram-se momentos angustiantes, em que tentei desesperada e inutilmente me levantar. O mundo ao redor era claro demais para que eu acreditasse ainda estar dormindo, mas meu controle motor alterado fez-me suspeitar de que era realmente um sonho. Entretanto a presença de Carol Tiggs fora abrupta demais, não havia antecedentes para justificá-la.

Cautelosamente tentei forçar-me a ficar de pé, como fizera centenas de vezes no sonhar, mas nada aconteceu. Se em algum momento eu já precisara ser objetivo, essa era a hora. Comecei a olhar o mais cuidadosamente que pude, primeiro com um olho, para tudo em meu campo de visão. Repeti o processo com o outro. Tomei a coerência entre as imagens dos dois olhos como uma indicação de que estava na realidade consensual da vida cotidiana.

Em seguida passei a examinar Carol Tiggs. Percebi que em certos momentos eu podia mover os braços. Apenas a parte inferior do corpo estava verdadeiramente paralisada. Toquei o rosto e as mãos de Carol; abracei-a. Ela era sólida e, acreditei, a verdadeira Carol Tiggs. Meu alívio foi enorme, porque por um momento eu tivera a negra suspeita de que ela fosse o desafiador da morte mascarado de Carol.

Com cuidado supremo, Carol ajudou-me a sentar no banco. Eu estivera esparramado de costas, meio no banco e meio no chão. Percebi então algo totalmente fora do normal. Eu usava uma calça Levis desbotada e botas marrons gastas. Também estava com uma jaqueta Levis e uma camisa de brim.

— Espere um minuto — falei com Carol. — Olhe para mim! Essas são as minhas roupas? Eu sou eu mesmo?

Carol riu e me sacudiu pelos ombros, do jeito que ela sempre fazia para denotar camaradagem, virilidade, como se fosse um garoto

da turma.

— Estou olhando para a sua linda figura — ela disse com seu divertido falsete exagerado. — Ah, cara, quem mais poderia ser?

— Como é que eu posso estar usando calças Levis e botas? — insisti. — Eu não tenho nenhuma.

— Essas são as roupas que você está usando. Eu o encontrei nu!

— Onde? Quando?

— Perto da igreja, há cerca de uma hora. Vim à *plaza* procurá-lo. O Nagual me mandou ver se conseguia encontrar você Trouxe as roupas, só para o caso de precisar.

Falei que me sentia terrivelmente vulnerável e envergonhado por ter andado por aí sem roupas.

— O estranho é que não havia ninguém por perto — ela me assegurou, mas senti que estava dizendo isso só para aliviar meu desconforto. Seu sorriso divertido deu a entender isso.

— Devo ter ficado a noite inteira com o desafiador da morte; talvez por mais tempo ainda — falei. — Que dia é hoje?

— Não se preocupe com datas — ela disse rindo. — Quando estiver mais centrado, você mesmo vai contar os dias.

— Não brinque comigo, Carol Tiggs. Que dia é hoje? — Minha voz estava totalmente rouca, uma voz absurda que parecia não me pertencer.

— É o dia depois da grande *fiesta* — ela disse e bateu suavemente em meu ombro. — Estamos todos procurando por você desde a noite passada.

— Mas o que estou fazendo aqui?

— Eu o levei para o hotel do outro lado da *plaza.* Não pude carregá-lo até a casa do Nagual; você saiu correndo do quarto há alguns minutos e nós paramos aqui.

— Por que não pediu ajuda ao Nagual?

— Porque esse é um caso que só tem a ver com você e comigo. Devemos resolvê-lo juntos.

Isso me fez calar. Ela estava sendo totalmente lógica para mim. Fiz mais uma pergunta incômoda:

— O que eu falei quando você me encontrou?

— Você disse que tinha estado tão profundamente na segunda atenção, e por tanto tempo, que ainda não se sentia muito racional. Tudo que queria era cair no sono.

— Quando foi que perdi meu controle motor?

— Só há um instante. Você vai recuperá-lo. Você mesmo sabe que, quando entra na segunda atenção e recebe um choque considerável de energia, é bastante normal perder o controle da fala ou dos membros.

— E quando foi que você perdeu a sua fala ciciante, Carol?

Peguei-a totalmente de surpresa. Ela me encarou e irrompeu num riso sincero.

— Venho trabalhando nisso há bastante tempo — confessou. — Acho que é terrivelmente chato ouvir uma mulher crescida ciciando. Além disso, você odeia.

Não foi difícil admitir que eu sempre detestara aquela fala ciciante. Dom Juan e eu tínhamos tentado curá-la, mas concluímos que Carol não estava interessada. Seu ciciar tornava-a extremamente graciosa para todo mundo, e Dom Juan achava que ela adorava isso, e que não iria abrir mão. Ouvi-la falando sem ciciar foi uma coisa tremendamente recompensadora e excitante. Provava que ela era capaz de mudanças radicais, uma coisa que nem Dom Juan nem eu tínhamos certeza de ser possível.

— Que outra coisa o Nagual disse quando mandou você me procurar?

— Disse que você estava tendo uma contenda com o desafiador da morte.

Num tom confidencial, revelei a Carol Tiggs que o desafiador da morte era uma mulher. Ela falou, num tom indiferente, que já sabia.

— Como você pode saber? — gritei. — Ninguém sabia disso, a não ser Dom Juan. Ele mesmo falou com você?

— Claro que falou — ela respondeu, sem se perturbar com meu grite. — O que você não percebeu foi que eu também encontrei a mulher na igreja. Antes de você. Nós batemos um papo amigável na igreja durante um bom tempo.

Acreditei que Carol falava a verdade. O que ela estava descrevendo era bem o tipo de coisa que Dom Juan faria. Era bem provável que ele mandasse Carol como um batedor, para tirar conclusões.

— Quando você viu o desafiador da morte? — perguntei.

— Há uns dois dias — ela respondeu num tom casual. — Não foi um grande acontecimento para mim. Eu não tinha energia para dar a ela ou pelo menos não a energia que aquela mulher deseja.

— Então por que se encontrou com ela? Encontrar-se com a mulher nagual também faz parte do acordo do desafiador da morte com os feiticeiros?

— Eu a vi porque o Nagual disse que você e eu somos intercambiáveis, só isso. Nossos corpos energéticos já se fundiram várias vezes. Não lembra? A mulher e eu falamos sobre a facilidade com que nós nos fundimos. Fiquei com ela durante umas três ou quatro horas até que o Nagual chegou e me levou embora.

— Você ficou na igreja durante todo esse tempo? — perguntei porque mal podia acreditar que elas haviam permanecido ajoelhadas durante três ou quatro horas apenas falando sobre a fusão de nossos corpos energéticos.

— Ela me mostrou outra face de seu intento — Carol admitiu depois de pensar um instante. — Ela me fez ver como escapou de seus captores

Carol Tiggs relatou então uma história intrigante. Disse que, de acordo com o que a mulher na igreja a fez ver, todos os feiticeiros da antigüidade caíram, inescapavelmente, presa dos seres inorgânicos. Depois de capturá-los, os seres inorgânicos lhes deram o poder de intermediar entre o nosso mundo e o deles; um mundo que as pessoas chamavam de reino dos mortos. O desafiador da morte fora

preso nas redes dos seres inorgânicos. Carol avaliou que ele teria passado, talvez, milhares de anos cativo, até o momento em que foi capaz de se transformar numa mulher. Ele vira isso como um meio de sair daquele mundo ao descobrir que os seres inorgânicos vêem o princípio feminino como indestrutível. Eles acreditam que o princípio feminino possui tamanha flexibilidade, e que seu âmbito é tão vasto, que seus membros são imunes às armadilhas e ao controle, e dificilmente podem ser mantidos presos. A transformação do desafiador da morte foi tão completa e tão detalhada que ela viu-se instantaneamente cuspida do mundo dos seres inorgânicos.

— Ela disse que os seres inorgânicos ainda estão atrás dela? — perguntei.

— Naturalmente que estão — Carol me assegurou. — A mulher falou que precisa rechaçá-los a cada momento de sua vida.

— O que eles podem fazer com ela?

— Podem perceber que ela era um homem e levá-la de volta para o cativeiro, acho. Creio que ela tem medo deles, mais do que você acha possível temer alguma coisa.

Carol disse num tom indiferente que a mulher na igreja tinha total consciência de meu embate com os seres inorgânicos; e que também sabia do batedor azul.

— Ela sabe tudo sobre você e sobre mim — prosseguiu. — E não porque eu tenha contado qualquer coisa, mas porque ela faz parte de nossas vidas e de nossa linhagem. Ela mencionou que sempre nos seguiu, você e eu em particular.

Carol relatou as situações que a mulher conhecia, situações em que nós dois havíamos atuado juntos. Enquanto ela falava, comecei a experimentar uma nostalgia especial pela pessoa que estava diante de mim: Carol Tiggs. Desejei desesperadamente abraçá-la. Estendi os braços, mas perdi o equilíbrio e caí do banco.

Carol me ajudou a levantar do chão, e ansiosamente examinou minhas pernas e as pupilas de meus olhos, meu pescoço e minhas costas. Disse que eu ainda estava sofrendo de choque energético.

Apoiou minha cabeça em seu peito e fez carinho como se eu fosse uma criança fingindo doença.

Depois de algum tempo me senti melhor; comecei até mesmo a recuperar meu controle motor

— O que você acha das roupas que estou usando? — Carol perguntou de súbito. — Estou arrumada demais para a ocasião? Estou parecendo bem para você[7]

Carol Tiggs sempre se vestia de modo apurado. Se houvesse alguma coisa certa com ela, era seu gosto impecável com relação a roupas. De fato, desde que eu a conhecera, a piada comum entre Dom Juan e o resto de nós era que sua única virtude era a especialidade em comprar roupas lindas e usá-las com graça e estilo.

Achei sua pergunta muito estranha e fiz um comentário:

— Por que você estaria insegura com sua aparência? Isso nunca a incomodou antes. Está tentando impressionar alguém?

— Estou tentando impressionar você, claro.

— Mas esse não é o momento — protestei. — O que está acontecendo com o desafiador da morte é o assunto importante, e não sua aparência.

— Você vai ficar surpreso com a importância de minha aparência — ela riu. — Minha aparência é questão de vida ou morte para nós dois.

— De que está falando? Você me faz lembrar do Nagual programando meu encontro com o desafiador da morte. Ele quase me deixou doido com sua conversa misteriosa.

— A conversa misteriosa dele tinha justificativa? — Carol perguntou com uma expressão mortalmente séria.

— Sem a menor dúvida — admiti.

— O mesmo acontece com minha aparência. Vá, me anime. Como está me achando? Atraente, sem atrativos, mediana, desagradável, poderosa, com ar de chefe?

Pensei por um instante e fiz minha avaliação. Achei Carol muito atraente. Isso era bastante estranho para mim. Eu nunca

pensara conscientemente em sua atratividade.

— Acho que você está divinamente linda — falei. — Na verdade, você está estonteante.

— Então essa deve ser a aparência certa — ela suspirou.

Eu estava tentando descobrir o significado daquilo. Ao falar de novo, ela perguntou:

— Como foi o tempo que você passou com o desafiador da morte?

Contei sucintamente minha experiência; principalmente o primeiro sonho. Falei que o desafiador da morte me fizera ver aquela cidade, mas numa outra época, no passado.

— Mas isso não é possível — ela falou abruptamente. — Não existe passado nem futuro no universo. Só existe o momento.

— Eu sei que era o passado — falei. — Era a mesma igreja, mas a cidade era diferente.

— Pense por um momento — ela insistiu. — No universo só existe energia, e a energia só tem um aqui e agora, um aqui e agora infinito e eternamente presente.

— Então o que você acha que me aconteceu, Carol?

— Com a ajuda do desafiador da morte você atravessou o quarto portão do sonhar. A mulher na igreja levou-o para o sonho dela, para o seu intento. Levou-o para a sua visualização desta cidade. Obviamente ela visualizou-a no passado, e essa visualização ainda está intacta nela. Como também deve estar lá a visualização presente que ela tem desta cidade.

Depois de longo silêncio ela me fez outra pergunta:

— O que mais a mulher fez com você?

Contei o segundo sonho. O sonho da cidade como ela existe hoje.

— Aí está — disse ela. — A mulher não somente levou-o para o seu intento passado, mas além disso ajudou-o a atravessar o quarto portão, fazendo seu corpo energético viajar para outro lugar que existe hoje em dia somente no intento dela.

Carol fez uma pausa e perguntou se a mulher da igreja me explicara o que significa intentar na segunda atenção.

Eu me recordava de ela ter mencionado, mas não de ter realmente explicado o que significava. Carol estava abordando conceitos sobre os quais Dom Juan nunca falara.

— Onde você arranjou todas essas novas idéias? — perguntei verdadeiramente maravilhado com sua lucidez.

Num tom descomprometido Carol me assegurou de que a mulher da igreja lhe explicara um bocado de coisas sobre essas complexidades.

— Agora estamos intentando na segunda atenção — ela prosseguiu. — A mulher da igreja fez nós dois cairmos no sono; você, aqui, e eu em Tucson. E em seguida caímos no sono de novo em nosso sonho. Você não se lembra dessa parte, mas eu sim. O segredo das posições gêmeas. Lembre-se do que a mulher contou; o segundo sonho é o intentar na segunda atenção: o único meio de atravessar o quarto portão do sonhar.

Depois de longa pausa, durante a qual não articulei uma palavra, ela falou:

— Acho que a mulher da igreja lhe concedeu um dom, mesmo você não querendo. Seu dom foi somar sua energia à nossa, com o objetivo de se movimentar para trás e para a frente no aqui e agora da energia do universo.

Fiquei extremamente excitado. As palavras de Carol eram precisas, pertinentes. Ela definira para mim uma coisa que eu considerava indefinível, mesmo eu não sabendo o que ela definira. Se pudesse me mover, teria saltado para abraçá-la. Ela sorriu beatificamente, enquanto eu continuava arengando nervoso sobre o sentido que suas palavras faziam para mim. Comentei retoricamente que Dom Juan nunca me dissera nada semelhante.

— Talvez ele não saiba — Carol disse não de modo ofensivo, e sim conciliatório.

Não discuti com ela. Permaneci quieto, por um instante,

estranhamente vazio de pensamentos. Então meus pensamentos e minhas idéias irromperam como um vulcão. Pessoas andavam pela *plaza,* olhando-nos de vez em quando ou parando em nossa frente para nos encarar. E devíamos estar uma coisa digna de se ver; Carol Tiggs beijando meu rosto e me fazendo carinho, enquanto eu falava sem parar sobre sua lucidez e sobre meu encontro com o desafiador da morte.

Quando pude andar, ela me guiou através da *plaza* até o único hotel da cidade. Assegurou-me que eu ainda não tinha energia para ir até a casa de Dom Juan, mas que todo mundo lá sabia de nosso paradeiro.

— Como eles saberiam de nosso paradeiro? — perguntei.

— O Nagual é um velho feiticeiro muito ardiloso — ela respondeu rindo. — Foi ele quem me disse que se, eu o encontrasse energeticamente estropiado, deveria colocá-lo no hotel, em vez de me arriscar a atravessar a cidade com você a reboque.

Suas palavras e, especialmente, seu sorriso, me fizeram sentir tamanho alívio que continuei andando num estado de beatitude. Dobramos a esquina para chegar à porta do hotel, meio quarteirão adiante, na frente da igreja. Atravessamos a portaria deserta e subimos a escada de cimento para o segundo andar, entrando diretamente num quarto inamistoso que eu nunca vira antes. Carol dissera que eu já tinha estado lá, mas eu não tinha qualquer lembrança do hotel ou do quarto. Estava tão cansado que não quis pensar a respeito. Simplesmente afundei na cama com o rosto para baixo. Tudo que eu queria era dormir, mas estava ligado demais. Havia muitas pontas soltas, apesar de tudo parecer tão organizado. Tive uma súbita agitação nervosa e me sentei.

— Eu não contei que não tinha aceitado o dom do desafiador da morte — falei encarando Carol. — Como você sabia?

— Ah, mas você mesmo me contou — ela protestou enquanto sentava-se ao meu lado. — Você estava tão orgulhoso disso. Foi a primeira coisa que disse quando eu o descobri.

Essa foi a única resposta, até então, que não me satisfez. O que ela estava relatando não parecia coisa minha.

— Acho que você me entendeu mal — falei. — Eu simplesmente não queria nada que me desviasse de meu objetivo.

— Quer dizer que não se sentiu orgulhoso em recusar?

— Não. Não senti nada. Não sou mais capaz de sentir nada, a não ser medo.

Estiquei as pernas e coloquei a cabeça no travesseiro. Senti que, se fechasse os olhos ou não ficasse falando, dormiria num instante. Contei a Carol Tiggs como, no início de minha associação com Dom Juan, eu discutira com ele sobre seu motivo confesso de permanecer no caminho do guerreiro. Ele dissera que o medo o impedira de seguir uma linha reta, e que o que ele mais temia era perder o nagual, o abstrato, o espírito.

— Comparada à perda do nagual, a morte não é nada — ele dissera com um tom de paixão verdadeira na voz. — Meu medo de perder o nagual é a única coisa real que tenho, porque sem ele eu estaria pior do que morto.

Falei que tinha discordado imediatamente de Dom Juan, e que me gabara de que, por ser imune ao medo, a força motriz para mim teria de ser o amor, se tivesse de ficar dentro dos limites de um caminho específico.

Dom Juan respondera que o medo é a única condição valiosa para um guerreiro, quando vem o empurrão de fato. Secretamente me ressenti dele, pelo que pensei ter sido sua disfarçada estreiteza de pensamento.

— A roda deu uma volta completa — falei com Carol. — E olhe para mim agora. Posso jurar que a única coisa que me mantém é o medo de perder o nagual.

Carol fixou-me com um olhar estranho, que eu nunca vira.

— Ouso discordar — falou em voz baixa. — O medo não é nada comparado à afeição. O medo faz você correr feito um louco. O amor faz você se movimentar inteligentemente.

— O que está dizendo, Carol Tiggs? Os feiticeiros são pessoas apaixonadas, agora?

Ela não respondeu. Ficou deitada ao meu lado e colocou a cabeça em meu ombro. Ficamos ali parados, naquele quarto estranho e inamistoso, por longo tempo e em silêncio total.

— Eu sinto o que você sente — Carol disse de modo abrupto. — Agora, tente sentir o que eu sinto. Você pode fazer isso, mas vamos fazer no escuro.

Carol esticou o braço e desligou a lâmpada acima da cama. Sentei-me num único movimento. Um choque de pavor me atravessara como eletricidade. Assim que Carol desligara a luz, passou a ser noite dentro do quarto. Em meio a grande agitação perguntei-lhe sobre aquilo

— Você ainda não está totalmente reintegrado — disse ela para me confortar. — Teve um embate de proporções monumentais. Entrar tão profundamente na segunda atenção deixou-o um pouco estropiado, por assim dizer. Claro que é dia, mas seus olhos não conseguem se ajustar direito à luz fraca dentro do quarto.

Mais ou menos convencido, deitei-me de novo. Carol continuou falando, mas eu não ouvia. Sentia os lençóis. Eram lençóis de verdade. Passei as mãos pela cama. Era uma cama! Curvei-me e corri as palmas das mãos pelos ladrilhos frios do chão. Saí da cama e chequei cada item do quarto e do banheiro. Tudo estava perfeitamente normal, perfeitamente real. Falei com Carol que, quando ela desligou a luz, tive a clara sensação de estar sonhando.

— Dê um tempo a você mesmo — disse ela. — Pare com esse absurdo investigatório e venha para a cama descansar.

Abri as cortinas da janela. Do lado de fora era dia, mas no momento em que as fechei passou a ser noite do lado de dentro. Carol implorou que eu voltasse à cama. Temia que eu pudesse sair correndo para a rua, como fizera antes. Isso fazia sentido. Voltei para a cama sem perceber que em nenhum momento me passara pela cabeça apontar para as coisas. Era como se esse conhecimento

tivesse sido apagado de minha lembrança.

A escuridão daquele quarto de hotel era extraordinária. Trouxe-me uma deliciosa sensação de paz e harmonia. Também me trouxe uma tristeza profunda; um desejo de calor humano, de companheirismo. Senti-me extremamente perplexo. Nunca me acontecera nada assim. Fiquei na cama, tentando lembrar se aquele desejo era alguma coisa que eu conhecia. Não era. Os desejos que eu tinha não eram de companhia humana; eram abstratos; eram mais uma espécie de saudade por não conseguir alguma coisa indefinida.

— Estou desmoronando — falei para Carol. — Estou à beira de chorar pelas pessoas.

Pensei que ela acharia minha declaração uma coisa engraçada. Falei como se fosse uma piada. Ela nada disse; parecia concordar comigo. Suspirou. Como me encontrava numa situação instável, tendi imediatamente para a emocionalidade. Encarei-a na escuridão e murmurei uma coisa que, num momento mais lúcido, teria sido bastante irracional para mim:

— Eu te adoro completamente.

Esse tipo de conversa seria impensável entre os feiticeiros da linha de Dom Juan. Carol Tiggs era a mulher nagual. Entre nós dois não havia necessidade de demonstrar afeição. Na verdade, nós nem mesmo sabíamos o que sentíamos um pelo outro. Havíamos sido ensinados, por Dom Juan, que entre os feiticeiros não havia necessidade nem tempo para esses sentimentos.

Carol sorriu e me abraçou. E fui preenchido com uma afeição tão consumidora que comecei a chorar involuntariamente.

— Seu corpo energético está se movendo nos filamentos luminosos de energia do universo — ela sussurrou em meu ouvido. — Estamos sendo levados pelo dom do intento do desafiador da morte.

Eu tinha energia bastante para entender o que ela dizia. Cheguei mesmo a perguntar se ela compreendia o que tudo aquilo significava. Ela me acalmou e sussurrou em meu ouvido:

— Compreendo; o dom que o desafiador da morte lhe concedeu foi as asas do intento. E com elas nós dois estamos sonhando conosco, em outro tempo. Um tempo que ainda está por vir.

Empurrei-a e me sentei. Era inquietante a maneira como Carol verbalizava aqueles complexos pensamentos de feiticeiros. Ela não era dada a levar a sério os pensamentos conceituais. Vivíamos fazendo piada entre nós, dizendo que ela não tinha uma mente filosófica.

— Qual é o problema com você? — perguntei. — Isso agora é novidade para mim: Carol, a feiticeira-filósofa. Você está falando como Dom Juan.

— Ainda não — ela riu. — Mas isso está chegando. A coisa está em movimento, e quando finalmente me alcançar, vai ser a coisa mais fácil do mundo, para mim, ser uma feiticeira-filósofa. Você vai ver. E ninguém poderá explicar, porque simplesmente vai acontecer.

Uma campainha de alarme soou em minha cabeça:

— Você não é Carol — gritei. — É o desafiador da morte mascarado de Carol. Eu sabia!

Carol Tiggs riu, imperturbável com minha acusação.

— Não seja absurdo. Vai acabar perdendo a lição. Eu sabia que, cedo ou tarde, você iria ceder à sua indulgência. Acredite, eu sou Carol. Mas estamos fazendo uma coisa que nunca fizemos antes: estamos intentando na segunda atenção, como os feiticeiros da antigüidade costumavam fazer.

Eu não estava convencido, mas não tinha mais energia para prosseguir com o argumento. Uma coisa parecida com os grandes redemoinhos do meu sonhar estava começando a me atrair. Ouvi fracamente a voz de Carol, dizendo em meu ouvido:

— Nós estamos sonhando conosco mesmos. Sonhe o intento que você tem de mim. Me intente para longe, me intente para longe!

Com grande esforço verbalizei meu pensamento mais íntimo:

— Fique aqui comigo para sempre! — falei com a lentidão de um gravador sendo desligado. Ela respondeu com alguma coisa

incompreensível. Tentei rir de minha voz, mas o redemoinho me engoliu.

Quando acordei eu estava sozinho no quarto de hotel. Não tinha idéia de quanto tempo dormira. Sentia-me extremamente desapontado por não encontrar Carol perto de mim. Vesti-me apressadamente e desci à portaria para procurá-la. Além disso queria afastar um pouco da estranha sonolência que continuava grudada em mim.

No balcão, o gerente falou que a mulher americana que alugara o quarto saíra há um instante. Corri para a rua, esperando alcançá-la, mas não havia qualquer sinal. Era meio-dia, o sol brilhava num céu sem nuvens. Estava um pouco quente.

Andei até a igreja. Minha surpresa foi genuína, mas apática, ao descobrir que naquele sonho eu realmente vira os detalhes de sua estrutura arquitetônica. Desinteressadamente banquei meu próprio advogado do diabo e me dei o benefício da dúvida. Talvez Dom Juan e eu tivéssemos examinado a parte de trás da igreja, e eu não estivesse lembrando disso. Pensei a respeito. Não importava. Meu esquema de confirmação não tinha qualquer significado. Eu estava com muito sono para me preocupar.

Dali fui andando devagar até a casa de Dom Juan, ainda procurando Carol. Tinha certeza de que iria encontrá-la esperando por mim. Dom Juan me recebeu como se eu tivesse voltado do mundo dos mortos. Ele e seus companheiros estavam numa tremenda agitação enquanto me examinavam com curiosidade indisfarçada.

— Onde você esteve? — Dom Juan perguntou.

Não consegui compreender o motivo da confusão. Falei que tinha passado a noite com Carol no hotel da *plaza,* porque não tinha energia para voltar da igreja até a casa dele, mas que ele já sabia disso.

— Nós não sabíamos de nada — ele quase gritou.

— Carol não disse que estava comigo? — perguntei em meio a

uma suspeita lerda que, se eu não estivesse exausto, seria alarmante.

Ninguém respondeu. Olharam uns para os outros, inquisitivos. Encarei Dom Juan e disse que achava que ele tinha mandado Carol me encontrar. Dom Juan andou de um lado para o outro da sala sem dizer nada.

— Carol Tiggs não esteve conosco — falou. — E você sumiu há nove dias.

Minha fadiga me impediu de ser vaporizado por aquela afirmação. Seu tom de voz e a preocupação dos outros eram prova suficiente de que estavam falando sério. Mas eu estava tão entorpecido que não tinha nada a dizer.

Então Dom Juan pediu que eu contasse, com todos os detalhes possíveis, o que acontecera entre mim e o desafiador da morte. Fiquei chocado por conseguir lembrar tanta coisa, e de poder contar tudo, a despeito da exaustão. Um momento de leveza rompeu a tensão quando contei o quanto a mulher rira quando gritei idiotamente, em seu sonho, meu intento de *ver.*

— Apontar o mindinho funciona melhor — falei para Dom Juan, mas sem qualquer sentimento de recriminação.

Dom Juan perguntou se a mulher teve alguma outra reação ao meu grito, além de rir. Eu não lembrava de qualquer outra reação, a não ser sua hilaridade e o fato dela comentar o quanto ele desgostava dela.

— Eu não desgosto dela — Dom Juan protestou. — Só não gosto da coerção dos feiticeiros antigos.

Falando para todos eu disse que gostara daquela mulher imensamente e sem restrições. E que tinha amado Carol Tiggs como nunca pensei que poderia amar alguém. Eles não pareceram apreciar o que eu dizia. Olharam uns para os outros como se eu tivesse ficado subitamente louco. Desejei falar mais; me explicar. Mas Dom Juan — acho que só para me impedir de dizer idiotices — praticamente me arrastou da casa, levando-me de volta ao hotel.

O mesmo gerente com quem eu falara antes ouviu atento a nossa descrição de Carol Tiggs, mas negou claramente tê-la visto, ou a mim, antes. Chegou a chamar as arrumadeiras do hotel; elas confirmaram suas declarações.

— Qual pode ser o significado disso tudo? — Dom Juan perguntou em voz alta. Parecia uma pergunta feita a ele mesmo. Gentilmente empurrou-me para fora do hotel. — Vamos sair desse lugar maldito.

Quando chegamos do lado de fora, ele ordenou que eu não me virasse para olhar o hotel ou a igreja do outro lado da rua. Pediu que eu mantivesse a cabeça baixa. Olhei para os meus sapatos e instantaneamente percebi que não estava mais usando as roupas de Carol, e sim as minhas. Mas não conseguia me lembrar, por mais que tentasse, de quando havia trocado de roupa. Imaginei que tivesse sido quando acordei no quarto do hotel. Devo ter colocado minhas roupas naquele momento, se bem que a minha lembrança estivesse vazia.

Mas então chegamos à *plaza.* Antes de a atravessarmos para ir em direção à casa de Dom Juan, falei-lhe sobre minhas roupas. Ele balançou a cabeça ritmicamente, ouvindo cada palavra. Em seguida sentou-se num banco, e numa voz que mostrava preocupação genuína, disse que, no momento, não tinha como saber o que se passara na segunda atenção entre a mulher da igreja e meu corpo energético. Minha interação com Carol Tiggs no hotel fora apenas a ponta do *iceberg.*

— É horrendo pensar que você ficou na segunda atenção durante nove dias — prosseguiu ele. — Nove dias é apenas um segundo para o desafiador da morte, mas uma eternidade para nós.

— Antes que eu pudesse protestar, explicar ou dizer alguma coisa, ele me impediu com um comentário: — Pense nisso: se você ainda não consegue lembrar de todas as coisas que eu lhe ensinei e fiz com você na segunda atenção, imagine o quanto mais difícil deve ser lembrar o que o desafiador da morte lhe ensinou e fez com você.

Eu só o fiz mudar de nível de consciência. O desafiador da morte fez você mudar de universos.

Senti-me humilde e derrotado. Dom Juan e seus dois companheiros insistiram para que eu fizesse um esforço titânico e tentasse me lembrar de quando trocara de roupas. Não consegui. Não havia nada em minha mente; nenhum sentimento, nenhuma lembrança. De algum modo, eu não estava totalmente ali, com eles.

A agitação nervosa de Dom Juan e de seus dois companheiros chegou ao auge. Eu nunca os vira tão perturbados. Sempre houvera um toque de alegria, de não se levar muito a sério, em tudo que ele fazia ou dizia. Mas não dessa vez.

Novamente tentei pensar, trazer alguma lembrança que lançasse luz sobre aquilo, e novamente fracassei, mas não me sentia derrotado; uma onda improvável de otimismo me envolveu. Senti que tudo estava acontecendo como deveria.

A preocupação de Dom Juan era que ele não sabia nada sobre o tipo de sonhar que eu tivera com a mulher da igreja. Criar um hotel de sonho, uma cidade de sonho, uma Carol Tiggs de sonho, era para ele apenas uma amostragem da capacidade sonhadora dos feiticeiros antigos, cujo âmbito total desafiava a imaginação humana.

Dom Juan abriu os braços, expansivo, e finalmente sorriu com seu deleite usual.

— Só podemos deduzir que a mulher da igreja mostrou a você como fazer isso — falou em seu tom deliberado. — Vai ser uma tarefa gigantesca para você tornar compreensível uma manobra incompreensível. Foi uma jogada de mestre, feita pelo desafiador da morte na forma da mulher da igreja. Ela usou o corpo energético de Carol e o seu para se libertar, para romper suas amarras. Ela aproveitou sua oferta de energia gratuita.

O que ele dizia não estava fazendo sentido para mim; aparentemente significava muito para seus dois companheiros de feitiçaria. Eles ficaram imensamente agitados. Dirigindo-se a eles, Dom Juan explicou que o desafiador da morte e a mulher na igreja

eram expressões diferentes da mesma energia; a mulher na igreja era a mais poderosa e complexa das duas. Depois de assumir o controle, ela usou o corpo energético de Carol Tiggs, de algum modo obscuro e sinistro — coerente com as maquinações dos feiticeiros antigos — e criou a Carol Tiggs do hotel; uma Carol Tiggs de puro intento. Dom Juan acrescentou que Carol e a mulher devem ter chegado a algum tipo de acordo energético durante o seu encontro.

Nesse instante um pensamento pareceu encontrar caminho até a mente de Dom Juan. Ele encarou os dois companheiros, incrédulo. Os olhos deles dardejaram, indo de um para o outro. Eu tinha certeza de que não estavam apenas buscando concordância, já que pareciam ter percebido algo ao mesmo tempo.

— Todas as nossas especulações são inúteis — Dom Juan disse em voz baixa e calma. — Acho que não existe mais nenhuma Carol Tiggs. E que também não existe mais nenhuma mulher da igreja; as duas se fundiram e voaram nas asas do intento, creio que para longe.

— O motivo da Carol Tiggs do hotel estar tão preocupada com sua aparência é porque ela era a mulher da igreja, fazendo você sonhar um outro tipo de Carol Tiggs; uma Carol Tiggs infinitamente mais poderosa. Não se lembra do que ela disse? “Sonhe o intento que você tem de mim. Me intente para longe.”

— O que isso significa, Dom Juan? — perguntei atordoado.

— Significa que o desafiador da morte viu um caminho de fuga total. Ela pegou carona com você. Seu destino é o destino dela.

— O que isso quer dizer, Dom Juan?

— Que, se você alcançar a liberdade, ela também alcançará.

— Como ela vai fazer isso?

— Através de Carol Tiggs. Mas não se preocupe com Carol — falou antes que eu verbalizasse minha apreensão. — Ela é capaz dessa manobra e de muito mais.

Havia uma imensidão de coisas empilhadas sobre mim. Eu já sentia seu peso esmagador. Tive um momento de lucidez e perguntei

a Dom Juan:

— Qual vai ser o resultado disso tudo?

Ele não respondeu. Encarou-me, me analisando da cabeça aos pés. Então disse lenta e deliberadamente:

— O dom concedido pelo desafiador da morte consiste em infinitas possibilidades de sonhar. Uma delas foi seu sonho com Carol Tiggs em outra época, em outro mundo; um mundo mais vasto, escancarado; um mundo onde o impossível pode ser viável. O sentimento pendente é que você não apenas viverá essas possibilidades, mas um dia irá compreendê-las.

Ele levantou-se, e começamos a andar em direção à sua casa. Meus pensamentos começaram a correr feito loucos. Na verdade não eram pensamentos, e sim imagens; uma mistura de lembranças da mulher da igreja e de Carol Tiggs falando comigo na escuridão, no quarto de hotel de sonho. Umas duas vezes estive perto de condensar essas imagens num sentimento do meu Eu usual, mas tive de desistir; não tinha energia para uma tarefa assim.

Antes de chegarmos à casa, Dom Juan parou de falar e me encarou. Outra vez me examinou cuidadosamente, como se estivesse procurando sinais em meu corpo. Senti-me obrigado a falar direto num assunto sobre o qual pensei que ele estava totalmente errado.

— Eu estive com a verdadeira Carol Tiggs no hotel. Por um momento, eu mesmo acreditei que ela fosse o desafiador da morte, mas depois de avaliação cuidadosa, não posso continuar acreditando. Era Carol. De algum modo obscuro e espantoso ela estava no hotel, como eu também estava.

— Claro que era Carol — Dom Juan concordou. — Mas não a Carol que eu e você conhecemos. Era uma Carol de sonho, como eu disse, uma Carol feita de puro intento. Você ajudou a mulher da igreja a tecer aquele sonho. A arte dela foi transformar o sonho numa realidade totalmente inclusiva: a arte dos feiticeiros antigos; a coisa mais apavorante que existe. Eu disse que você iria receber a lição definitiva sobre o sonhar, não disse?

— O que você acha que aconteceu com Carol Tiggs? — perguntei.

— Carol Tiggs se foi — ele respondeu. — Mas algum dia você vai encontrar a nova Carol Tiggs; a que estava no quarto do hotel de sonho.

— O que quer dizer com ela se foi?

Senti uma onda de nervosismo me atravessando o plexo solar. Eu estava acordando. A consciência de mim mesmo começara a se tornar familiar, mas eu ainda não estava totalmente no controle. Ela começara a atravessar a névoa do sonho; começara com uma mistura de não saber o que estava acontecendo com a sensação de que o incomensurável estava logo atrás da esquina.

Devo ter feito uma expressão de incredulidade, porque Dom Juan acrescentou num tom convincente:

— Isto é o sonhar. Você deveria saber que as transações que ocorrem nele são definitivas. Carol Tiggs se foi.

— Mas, para onde acha que ela se foi, Dom Juan?

— Para onde foram os feiticeiros da antigüidade. Eu lhe disse que o dom concedido pelo desafiador da morte eram as infinitas possibilidades do sonhar. Você não queria nada de concreto, de modo que a mulher da igreja lhe concedeu um dom abstrato: a possibilidade de voar nas asas do intento.

A ARTE DO SONHAR

Depois de seis anos de silêncio, **Carlos Castaneda** retorna com um livro fascinante que revela o misterio mundo dos espíritos na dimensão do sonhar.

"Somos incrivelmente afortunados por termos os livros de Carlos Castaneda... formam uma obra que se situa entre as melhores já produzidas pela ciência e pela antropologia..."

NEW YORK TIMES

"Castaneda se tornou um dos padrinhos da Nova Era... Ele revela as principais questões do nosso tempo."

LOS ANGELES TIMES

"Castaneda nos obriga a acreditar que Dom Juan é uma das mais extraordinárias figuras da literatura antropológica, um sábio neolítico."

LIFE

"É impossível ver o mundo da mesma maneira após lê-lo... Se Castaneda está certo, existe outro mundo, um mundo às vezes lindo e às vezes assustador."

CHICAGO TRIBUNE

ISBN 85-01-04109-2